

Um *homem*
de FAMÍLIA

FINALISTA DO 2º CONCURSO DE AUTORES INDIES DE AMAZON

KRISTEL RALSTON



Um *homem*
de FAMÍLIA

KRISTEL RALSTON

©Kristel Ralston 2022

Um homem de família.

Todos os direitos reservados.

SafeCreative. Código de registro: 2203150723418.

Os trabalhos da autora estão respaldados por direitos autorais, e registrados na plataforma SafeCreative. A pirataria é um crime e é punível por lei.

Designer de capa: H. Kramer ©AdobePhotoStock.

Tradução e revisão: Rosângela M. Vieira e Vanessa Rodrigues
Thiago.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros métodos, sem prévia e expressa permissão do proprietário do copyright.

Todos os personagens e circunstâncias deste romance são fictícios, qualquer similaridade com a realidade é mera coincidência.

“Há duas formas de ver a vida: uma é acreditar que não existem milagres, a outra é acreditar que tudo é um milagre.”
-Albert Einstein

ÍNDICE

[ÍNDICE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMIENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

CAPÍTULO 1

Tracy caminhou decididamente pelas ruas do distrito financeiro de Toronto. Esse dia era muito importante e ela precisava manter uma atitude otimista. Apesar de gostar de dirigir, aquele dia não era adequado para correr o risco de se ver imersa em um engarrafamento. Então chamou um táxi e ele a deixou a apenas dois quarteirões do enorme prédio comercial onde ela teria sua entrevista de emprego. Estava animada como não ficava há muito tempo, especialmente com algo relacionado à sua carreira. Pelo menos não desde que soube que seu ex-namorado, Adrian, a traiu roubando sua convicção profunda de que ainda havia pessoas que valiam a pena arriscar amar. Quem poderia saber que, enquanto ela estava viajando a negócios para Nova York, Washington, DC e Filadélfia, Adrian estava procurando uma maneira de assumir o controle da empresa?

Tracy sentia falta da vida cotidiana de sua vida em Boston, e também das lembranças de seu tempo em Nova York. Esta última foi uma cidade onde viveu apenas algumas semanas na tentativa não só de encontrar novos clientes, mas também de descobrir se a fantasia — que tantas vezes vira nos filmes — sobre a cidade era verdadeira. Seu veredicto? Nova York era charmosa, sim, mas também tinha lados sombrios e trágicos. E talvez esse fosse o atrativo de uma cidade que parecia se identificar mais com as diferenças do que com a homogeneidade que a sociedade tentava manter a todo custo.

Ela gostava da sensação de liberdade e expansão que sentiu em cada uma de suas viagens a Nova York. Uma das vantagens de sua estada naquela cidade foi ter quase tudo ao alcance de suas necessidades a qualquer hora do dia; do mais ridículo desejo gastronômico, à simples maravilha de estar protegida sob as frondosas árvores do Central Park. O emblemático parque oferecia-lhe o abrigo de uma bolha de conforto que afugentava o barulho das buzinas, a fumaça dos carros, os gritos das pessoas, as idas e vindas, a hora do rush e o

estresse quando ela buscava um pouco de tranquilidade.

Sim, sentia falta de Nova York e de outras cidades também, embora não tanto quanto sua Boston natal, onde crescera e fundara sua empresa com Adrian Haunier. HaGo, assim chamado porque era a combinação das iniciais de seus sobrenomes paternos. Tinha sido a aposta perfeita na opinião de Tracy, até que o demônio mostrou suas sombras ocultas por trás da aparência de um anjo.

Muitos meses se passaram desde aquela época... Tracy mudou-se para Toronto, e achou Toronto uma metrópole mais amigável que também lhe ofereceu a oportunidade de ter esperança novamente.

Havia se matado de tanto estudar Publicidade e não desistiria até conseguir o emprego que permitiria que se reinventasse profissionalmente. Tinha como meta um único objetivo: o Grupo SW, uma corporação eleita repetidamente como um dos melhores lugares para se trabalhar no Canadá.

As vagas de emprego na equipe de Executivos de Criação e Conta eram raras, então Tracy decidiu se candidatar à primeira oportunidade de emprego que se abriu: assistente pessoal. O cargo não importava, mas sim o fato de poder entrar na empresa. Estar dentro. Esse era o objetivo principal, e mais tarde encontraria alternativas de trabalho internamente.

Tracy não começaria em um cargo de criação para uma grande e importante conta — como todas as que o Grupo SW tinha —, mas ela poderia incorporar tudo nas operações corporativas. Já havia passado nas três primeiras rodadas de entrevistas, dois longos meses de experiência, porque não era qualquer tipo de assistente pessoal. A descrição do trabalho era sobre colaborar diretamente com o esquivo CEO e Presidente, Sean Winthrop.

Estava muito otimista com a entrevista daquele dia, pois tinha certeza de que essa experiência lhe abriria portas inimagináveis no seu campo profissional. Estava determinada a mostrar que não só poderia ser organizada e ágil como assistente pessoal de um homem da estatura de Winthrop — não que ela gostasse particularmente da ideia de trabalhar em algo em um nível

administrativo —, mas também queria mostrar que ela sabia como funcionava o conceito de uma empresa publicitária em grande e pequena escala.

Ela era a melhor para a posição.

Aos vinte e sete anos, já tinha seis de experiência profissional, entre estágios de trabalho durante a faculdade e mais tarde quando tentou consolidar a sua própria miniempresa, a HaGo, em Houston. Seu pequeno negócio não faliu, claro que não. Teimosa como uma mula e persistente até a morrer, embora talvez não fosse tão esperta quando se tratava de homens, ela lutava todos os dias por seu sonho. Foi precisamente essa ingenuidade, quando se tratava das verdadeiras intenções dos outros, que a levou a perder sua empresa.

HaGo agora era propriedade de Adrian sob o nome de Haunier Corporation. O idiota roubou um sonho pelo qual Tracy havia trabalhado muito. E ele a tinha machucado mais... A magia profissional, a maneira como eles fundiam suas mentes para criar temas magníficos e a maneira como funcionavam tão eficientemente, não era algo que se encontrava com frequência, e talvez fosse isso que ela realmente estava perdendo. Poderia alegar que não amava seu ex-namorado cretino, mas sim se apaixonou pela ideia do que eles representavam juntos. O relato do que realmente sentia falta da HaGo, e de seu relacionamento anterior, era o exemplo mais claro.

Tracy cometeu o grande erro de ter o cérebro nublado por coraçõezinhos estúpidos a ponto de não conseguir pensar com clareza e não perceber que seu ex estava começando a desmontar a empresa pouco a pouco para levar clientes a outra empresa criada exclusivamente por ele. Ela tinha lhe permitido fazê-la se sentir fraca e precisando de sua aprovação. A fraqueza era um luxo que nenhum ser humano, que queria ter sucesso na selva do trabalho, poderia se dar ao luxo.

Adrian Haunier havia decidido separá-la emocionalmente antes de desaparecer com tudo: sua empresa e sua reputação profissional. Ele a havia desacreditado com sutil eficácia, nas suas costas e com sutileza, diante dos clientes para que abandonassem a HaGo e preferissem a nova empresa que ele havia fundado com toda a infraestrutura conceitual, desenvolvimento de

negócios e estratégia de mercado.

Apesar do tempo que passou desde sua decepção profissional e emocional, Adrian continuou a magoá-la à distância. Naquela manhã, Tracy tinha visto no jornal que a Haunier Corporation — emergida do roubo e desmantelamento da HaGo — iria abrir o capital em Wall Street com a perspectiva de ganhar milhões de dólares. Alguns milhões que deveriam ser compartilhados com ela. Ela havia deixado toda a questão legal da HaGo para Adrian, porque confiava nele. "Se eu soubesse...".

Suspirou enquanto olhava para o prédio do Grupo SW.

As possibilidades de reivindicar seu valor profissional — tão necessário ao seu ego — estavam dentro dessa moderna infraestrutura. Com um sorriso, ergueu os olhos da calçada. O céu azul canadense estava claro.

Cuidadosamente, ela tirou os fones de ouvido e os colocou na bolsa Louis Vuitton, um empréstimo especial de Becky Johns, sua amiga corretora de imóveis que lhe dera a ideia de se mudar para o Canadá. Becky estava alugando para ela uma casa incrível por um preço irrisório no bairro de Lawrence Park.

Se encheu de coragem e pensamentos positivos. A lei da atração seria seu novo mantra para iniciar aquele novo período de prosperidade de que precisava. Um ano atrás, sua vida estava um caos. O Canadá estava lhe dando a oportunidade de mudar isso.

"Muito bem, Tracy. Você pode!"

Ela deu um passo, e a próxima coisa que sentiu foi o calor de um líquido derramando-se sobre sua blusa de seda azul-claro. Sua blusa de boa sorte. Horrorizada, ela ergueu o rosto e deixou cair a bolsa na calçada.

— Oh, Deus, sinto muito — disse o estranho. — Não percebi para onde estava indo.

— Que bonito, papai — adicionou uma voz infantil. — Quando eu contar para mamãe, ela vai ficar brava porque vamos nos atrasar com sua torta de framboesa.

Tracy não conseguia acreditar no que seus olhos estavam vendo e não

conseguia acreditar na queimação que o líquido quente havia acabado de deixar em sua pele. Ela poderia começar a pular desesperadamente e tirar a blusa em uma calçada pública de Toronto, mas ela valorizava seu status de residente e não gostava de ser o centro das atenções. Aos poucos, a leve queimação diminuiu.

Por enquanto, apenas se concentrou no fato de que um homem muito bonito estava limpando diligentemente o chocolate da frente de sua blusa com um lenço, e ao lado dele, sua versão em miniatura o olhava com desaprovação por ser tão descuidado. “Um homem muito estressado para não perceber onde pisava”, pensou Tracy.

Ela não deveria se surpreender ao ver caras bonitos, embora parecesse que a nação de Justin Trudeau os tinha feito para todos os gostos e em vários moldes. Pelo menos eram moldes perfeitamente ajustados aos de sua imaginação fantasiosa.

— Minha esposa está esperando gêmeos — disse o estranho começando uma explicação. — Vim com meu filho comprar para ela um daqueles desejos típicos de mulheres grávidas — ele continuou tentando remover a mancha — sabe...

Tracy pigarreou.

— Me deixe, por favor, eu me arrumo sozinha — murmurou, afastando a mão que a tocava, sem intenção de incomodá-la. Ela se abaixou para pegar sua bolsa do chão. — Eu... — ficou com os sapatos de salto manchados — Tenho uma entrevista de... Oh, não! — olhou para o relógio. — Vou me atrasar se não me apressar. E eu estou uma bagunça ...

— Espere! Eu devo a você...

— Não se preocupe. Desejo que tenham bebês saudáveis, e é melhor você ir comprar aquele bolo para sua esposa. — Olhou para o menino: — Tchau para você também.

Sem dar ao homem a chance de falar ou dizer qualquer coisa adicional, Tracy correu em direção à entrada do prédio. Tinha exatamente oito minutos restantes para chegar ao seu compromisso. Se o universo sorria para ela, e não

derramando chocolate quente em sua blusa favorita, cortesia de um estranho, talvez ela alcançasse um elevador vazio e fosse ao banheiro depois para tentar limpar seus sapatos e a mancha de sua roupa.

A blusa estava estragada; sem chance. Teria que ajustar o casaco de maneira que a terrível mancha não aparecesse. "Que começo."

Tracy suspirou quando o elevador começou sua jornada para o décimo sexto andar para a sede do Grupo SW. O trabalho era, para Tracy, uma necessidade emocional, mas não econômica. Não corria o risco de ficar na rua; não era milionária, nem chegava perto, mas seus pais haviam deixado uma herança considerável quando morreram.

Muito desse fundo herdado foi investido no HaGo. Outra perda a adicionar ao desastre com tudo que leva o sobrenome Haunier.

Nesses doze meses que estava no Canadá, Tracy teve alguns empregos ocasionais. Bem pagos, embora chatos. A maioria eram contratos online e um pequeno aconselhamento pessoal ocasional, graças às recomendações que Becky fez a seus amigos influentes. Toronto não era uma cidade barata em termos de custo de vida, então Tracy era muito cuidadosa em como gastava seu dinheiro, especialmente porque ainda tinha várias décadas de vida e queria usar o resto de sua herança com sabedoria.

Assim que saiu do elevador, colocou um sorriso no rosto, embora não estivesse apenas nervosa, mas preocupada com o acidente que ocorrera há poucos minutos na calçada.

— Bom dia — disse, quase sem fôlego, quando estava na recepção no andar da presidência, sorriu para a mulher. — Eu sou Tracy Goldstein. Tenho uma entrevista para o cargo de assistente pessoal.

A recepcionista sorriu antes de verificar os detalhes. Assim que teve certeza de que as informações sobre a pessoa que acabara de chegar correspondiam às informações que tinha em seus arquivos, voltou sua atenção para a jovem.

— Senhorita Goldstein, bem-vinda. Sua reunião está agendada. A senhorita é candidata para substituir Amanda Willows. — Tracy assentiu. Pareceu-lhe curioso que houvesse uma recepção apenas para o presidente da empresa e que, além disso, houvesse uma assistente pessoal. Mais comumente, uma assistente atuaria como recepcionista do CEO da empresa, mas quem era Tracy para julgar os negócios de outras pessoas? — O Sr. Winthrop teve um atraso esta manhã. Me pediu para estender suas desculpas. — “Isso lhe dava algum tempo para tentar usar o banheiro feminino”, Tracy pensou. — Não é normal que ele se atrase — continuou a senhora —, pode esperar meia hora? A menos que já tenha outra reunião planejada em outro lugar, então, dada essa situação inesperada, poderíamos mudar a data sem nenhum problema.

Claro que poderia esperar por ele! Mudar a data? Nem louca. Em mais tempo, quem saberia o que poderia acontecer? Ela esperaria um dia inteiro, não se importava, porque Sean Winthrop tinha nas mãos a possibilidade de abrir um novo leque de oportunidades profissionais para ela.

— Oh, não tem problema — Tracy disse com alívio. Apontando para si mesma: — Eu sofri um acidente esta manhã, está vendo esta mancha feia? Aconteceu há poucos minutos por acaso — sorriu — e acredite, nada seria melhor do que usar o banheiro feminino para ficar um pouco mais apresentável. Pode me dizer onde fica?

— No final do corredor, à esquerda. — Ela verificou algo na tela do computador e olhou para Tracy: — Em trinta minutos, Srta. Goldstein.

Tracy assentiu, aliviada.

— Claro.

— Se quiser uma bebida pode ir a cafeteria aberta e gratuita que os funcionários usam. Está em frente aos escritórios dos diretores de contas e criação da empresa. Dois escritórios à frente está a equipe da área administrativa.

— Muito obrigada. — Ela gostava dessa característica dos canadenses: gentis acima de tudo e solícito com os outros. Ou talvez seja porque, durante todo aquele ano morando no país, teve boas experiências.

— De nada.

Tracy caminhou ao redor e olhou para os escritórios cobertos por vidro transparente. Ela mal podia esperar para sentar-se entre aqueles profissionais que compartilhavam a mesma paixão que ela. Nada era tão importante quanto ganhar fama nos círculos de Toronto, não por vaidade, mas porque precisava reconquistar sua posição profissional.

Percebeu que vários executivos estavam se reunindo para discutir algo, e outro grupo estava se concentrando em seus computadores. O espaço parecia dinâmico, moderno e confortável. Havia uma área de videogame, outra com pufes e uma mesa de centro com jogos de tabuleiro, também uma pequena mesa de sinuca. Tracy imaginou que eles tinham um conceito semelhante ao das empresas do Google. O espaço foi pensado de forma a criar um ambiente descontraído, especialmente para o grupo de colaboradores que tratava dos aspectos criativos.

Quando chegou à área da cafeteria, conteve o desejo de pular de alegria. O cheiro de café imediatamente infiltrou em suas narinas, e ela respirou com prazer. Havia uma prateleira cheia de diferentes tipos de café, diferentes tipos de açúcar; também uma variedade de biscoitos e chocolates.

Os assentos da cafeteria estavam espalhados e dispostos em grupos de três, dois e seis. Tudo estava impecável e não faltavam conexões para diferentes portas de dispositivos.

— Está procurando por alguém?

Ela se virou. Um cara alto com aparência de mal-humorado a observava, fumegando café na mão. Seus olhos eram de um azul muito claro. Cabelo muito preto.

— Oh... Errr... Eu estava indo ao banheiro... — Ela sorriu.

— Fica desse lado — apontou com um gesto de cabeça —, embora possa aproveitar para tomar um café ou alguma coisinha que é oferecida diariamente aqui.

— Obrigada...

— Sou Thomas — ele disse — já sabe qual equipe vai escolher?

— Não sei a que se refere.

— Não se candidata à vaga de hoje?

— Não sabia que tinha outra vaga.

Thomas assentiu.

— Ontem, Eve Neville deixou o cargo. Lidava com pequenas contas, já sabe, temas de papelaria ou material escolar — encolheu os ombros —, pensei que fosse a substituta dela.

— Não, em absoluto. Estou me candidatando ao cargo de assistente pessoal do Sr. Winthrop. — "E não acho que o setor escolar seja 'pequeno'». Guardou esse pensamento.

Thomas deu uma risada que a surpreendeu.

— O quê? — perguntou.

O homem era muito estranho. Não surpreendeu Tracy, pois ela sabia que a área de criação — em qualquer âmbito profissional — era peculiar e imaginava que Thomas pertencesse a esse grupo de trabalho.

— Não somos tão formais aqui. Embora Sean tenda a ser um pouco ranzinza às vezes, ele geralmente é um cara bom e um chefe justo, então não tenha medo de dizer exatamente o que pensa.

Ela sorriu com cautela.

— Bom saber... Agora — limpou a garganta — Tenho que ir.

— Boa sorte.

— Obrigada...

Ele assentiu e continuou até o local onde estavam os biscoitos.

Assim que Tracy abriu a porta do banheiro e se aproximou do enorme espelho de parede a parede, olhou de um lado para o outro, verificando se não havia ninguém ali. Dentro do grande banheiro havia quatro portas — atrás de cada uma, um banheiro privado — e ela esperava não ser interrompida pelo que tinha que fazer. Quando teve certeza de que era a única pessoa por perto, foi até a porta e pressionou a maçaneta.

Ciente de que só tinha tempo necessário, tirou a blusa e lavou-a o melhor que pôde com sabonete líquido. Em seguida, arrumou a roupa molhada em cima da secadora, de forma que a parte mais encharcada ficasse perto do bocal de fluxo de ar. "Como você é inteligente, Tracy!" Ela apertou o botão liga/desliga e certificou-se de colocar uma pequena caixa, que encontrou no canto do grande balcão espelhado, por cima para que a roupa não rolasse e caísse no chão.

Mais calma, aproveitou para prender o cabelo em um rabo de cavalo e ajeitar o batom. Cada vez que a secadora era desligada, pressionava descuidadamente o botão liga/desliga novamente. Ela retocou o delineador até sentir que sua imagem estava muito decente. Ainda teve tempo para sorrir.

Dez longos minutos se passaram e — milagre dos milagres — a blusa estava seca... e queimada! “Droga”, reclamou amargamente. Tinha perdido o olfato ou o quê? Frustrada, ela pensou que certamente estava pagando algum

carma extra. O tipo que se tem que pagar para caridade, porque com pessoas normais não acontecia o que aconteceu com ela. Não pensou que aquele dia pudesse ficar pior...

— Ei! Quem está trancado aí? — alguém perguntou.

— Um momento! — exclamou, envergonhada.

Estava de sutiã. Com uma blusa queimada na mão. Só tinha seu casaco, e se vestisse por cima do sutiã, ia parecer qualquer coisa, menos uma executiva profissional. Oh Deus, por que essas coisas aconteciam com ela?

— Se não abrir agora, vou chamar a segurança — disse a mulher de novo, obviamente irritada.

— Grrrr — murmurou Tracy para si mesmo. — Já vou! Tive um pequeno acidente.

Jogou a roupa inútil na lata de lixo. Agora não tinha uma blusa de boa sorte. Ajeitou o casaco. Ela parecia uma atriz pronta para se despir. "Excelente trabalho, Goldstein!"

Abriu a porta de repente.

— Desculpe — ela disse para a garota de olhos negros que estava a olhando meio zangada, meio zombeteira, enquanto contemplava sua roupa. — Tive um pequeno inconveniente...

— Está com alguém aí? — perguntou, colocando a cabeça para olhar para de um lado ao outro do banheiro. Franziu a testa quando não viu ninguém. — Eu sou Andrea. Atuo na área contábil da empresa. Não te conheço.

— Tenho uma entrevista hoje com o presidente da empresa — disse com amargura por todo o desastre que acabara de acontecer. — Antes de vir... — suspirou —, a verdade é que é uma longa história que me deixou assim como me vê. Eu tive que improvisar.

Andrea riu.

Tracy estava com sapatos limpos agora. A saia levemente manchada não tinha solução, e não poderia fazer milagres. O casaco a cobria o suficiente, embora não o suficiente para esconder completamente o vestígio de um sutiã

de renda preta. Tracy era uma pessoa de gostos simples, mas sua peculiaridade pessoal era a roupa íntima. Ela poderia gastar um salário inteiro em lingerie, e não porque tinha um namorado, não. Era apenas para se sentir bem consigo mesma, e a lingerie exótica e elegante fazia isso. Ao sair daqueles escritórios, estava pensando em parar na loja Agent Provocateur perto do centro. Precisava compensar o terrível começo daquele dia.

— Winthrop é um cara legal, ele não vai levar isso em conta se você já tiver conseguido a entrevista pessoal, mas se estiver em um daqueles dias...

— Espere, ele entrevista todos os funcionários pessoalmente? Andrea concordou.

— Se ele não fizer a entrevista, o vice-presidente, Jackson, fará. A que posição vai se candidatar?

— Assistente pessoal.

— Oh, ok, bem, não há nenhuma maneira de Jackson Luther fazer isso então. Aqui todos nos chamamos pelo primeiro nome, exceto o assistente pessoal dos chefes e isso é relativo também, acho que pelo humor dos sócios — sorriu.

— Entendo...

— Nada aqui é como deveria ser no início. Espero que tudo corra bem para você e, se nos encontrarmos novamente, posso contar um pouco mais sobre a empresa. É ótima e com benefícios que não encontrará facilmente em outro lugar. Entrar na equipe é quase como receber uma carta informando que você foi admitida em Harvard ou em Columbia.

Tracy riu.

— Obrigada, Andrea.

Tracy tinha ouvido falar de Jackson Luthor e sabia o trabalho maravilhoso que ele fazia. O homem era uma máquina de fazer dinheiro e possuía uma mente tão brilhante quanto a de seu sócio, Sean Winthrop.

— Boa sorte — disse a mulher que trabalhava no departamento de contabilidade antes de se trancar em um dos quatro banheiros.

“Sim, boa sorte, Tracy”, ela repetiu para si mesma enquanto voltava para a recepção.

Sean Winthrop, Tracy tinha lido, não gostava de estar na imprensa e era aparentemente um fanático por privacidade, mas nunca negava aos jornalistas um sorriso. Pouco ou nada se sabia sobre sua vida pessoal, mas Tracy só estava interessada em conseguir o emprego.

Tinha visto algumas fotos de Sean na internet e as do site corporativo.

Nenhuma dessas fotos tinha um detalhe pessoal, mas revelavam um sorriso cativante e características faciais viris com lábios sensuais. Ele parecia envolto em uma aura de poder e confiança que atraiu o olhar de Tracy repetidamente para a fotografia. Mas ela não estava naquela rodada de entrevistas para conseguir um encontro romântico ou algo assim. Só queria de volta a carreira e o prestígio que lhe foram tirados em Boston. Ela precisava de um novo começo, mesmo que isso significasse trabalhar como assistente pessoal, em vez de executiva ou gerente de contas. A vida a havia ensinado a ser humilde, então Tracy pouco se importava em começar todo o processo difícil novamente.

O fato de não querer um relacionamento romântico ou um encontro com alguém não significava que sua curiosidade fosse deixada de lado. Então, Tracy fez algumas pesquisas no Google, mas não encontrou nenhuma menção à vida pessoal do presidente do Grupo SW. Imaginou que parte da fortuna Winthrop estava destinada a apagar vestígios de informações que Sean não queria divulgar. Ela considerou isso um curso de ação muito bem-sucedido. Talvez se ela estivesse na posição de uma pessoa rica, teria feito o mesmo. Quem procurasse Sean Winthrop só encontraria dados sobre as conquistas de sua carreira e, no final das contas, era tudo o que realmente importava no mundo dos negócios.

Tracy estava sentada na sala de espera. Uma área agradável onde também ficava a recepção. A decoração era composta por linhas simétricas, sem curvas, em tons de azul com toques de bege. Os detalhes em vidro misturados nas superfícies prevaleciam. O encosto alto era um denominador comum nas poltronas da sala. O espaço parecia pensado para proporcionar tranquilidade a quem esperava muito tempo para se reunir com os gestores da empresa.

Para fazer parte do processo seletivo como assistente pessoal, fizeram com que Tracy assinasse uma cláusula de sigilo. Esse era um requisito não negociável para qualquer cargo para o qual se candidatou no Grupo SW. E quer conseguisse o emprego ou não, essa cláusula expirava depois de cinquenta anos. Nada do que o candidato viu ou ouviu durante sua estada no

prédio podia ser divulgado. Nem sobre o processo de seleção.

Tracy não tinha problemas em calar a boca, ela assinou de bom grado o arquivo eletrônico, embora parecesse uma medida um pouco extrema colocar uma cláusula válida por cinquenta anos. Porém, quem era ela para criticar aqueles pequenos detalhes de uma corporação?

— Srta. Goldstein — disse a recepcionista tirando-a de seus pensamentos.

Tracy ergueu os olhos para Charlotte do sofá. Ela tinha passado os últimos minutos muito silenciosamente ensaiando a ideia de se sentar e ter certeza de que o casaco não revelava seu sutiã ou o início do vale de seus seios. Seios difíceis de esconder, mas quem poderia culpá-la por tentar? Às vezes, invejava mulheres que tinham um sutiã tamanho P, em vez de um G como o dela.

— Sim?

— Pode ir ao gabinete presidencial. O Sr. Winthrop está te esperando — insistiu, sem dar qualquer sinal de empatia em relação às emoções de Tracy.

— Oh. Não o vi passar, porque o teria cumprimentado, não gostaria que pensasse... — começou a dizer, horrorizada com a ideia de que a primeira impressão do dono da empresa era que ela era uma pessoa grosseira. Pigarreou.

— Ele tem um elevador particular e acabou de chegar há alguns minutos — interrompeu sem cerimônia diante do balbúcio de Tracy. — Venha comigo. Vou guiá-la até o escritório do Sr. Winthrop — disse, levantando-se da cadeira e contornando a grande mesa bege.

Tracy se levantou.

— Obrigada — murmurou pegando seus pertences.

CAPÍTULO 2

Sean odiava chegar atrasado ao escritório ou às reuniões de trabalho, mas sua filha de quatro anos, Milla, estava resfriada. Não era a primeira vez que ficava em apuros em lidar com uma gripe e o mau humor de uma criança doente. Odiava se sentir desamparado com a ideia de sua filha sofrendo o menor desconforto. Ele podia ser implacável e desumano nos negócios, mas quando se tratava de Milla, ele era um caso perdido. A garota era seu calcanhar de Aquiles.

O Dr. Phillips, o pediatra, prescreveu uma receita para Milla e ele pretendia cumpri-la à risca. Antes de ir para o escritório, Sean parou na farmácia com a filha nos braços para comprar tudo o que precisava. Quando ligou para a mãe, Eugenia, ela garantiu que poderia ajudá-lo a cuidar de Milla à tarde, não antes, porque tinha consulta marcada há uma semana.

Irritado com tantos inconvenientes, decidiu levar a filha para o escritório. Não foi a melhor ideia, mas foi mais consistente do que perder o dia de trabalho. A babá de toda a vida, Abby Mulligan, havia se aposentado há um mês, deixando-o em apuros. Ele estava sem babá havia trinta dias, e era uma maravilha que não o tivessem mandado para um hospício. Sua vida como pai estava um caos e ele não podia permitir que sua vida profissional se tornasse uma zona de guerra também.

Sean precisava urgentemente de uma babá, mas também de uma assistente pessoal para substituir Amanda. Por ser uma posição-chave na empresa, marcada por um elevado nível de confiança face às informações sensíveis tratadas diariamente, não podia delegar essa responsabilidade a qualquer pessoa. Ele não poderia cancelar a entrevista naquela manhã. A substituição era imperativa.

As responsabilidades às vezes eram compartilhadas com seu vice-presidente executivo e sócio, Jackson Luthor, mas ele também não queria

sobrecarregar Jackson com mais projetos. Apesar de serem melhores amigos e se conhecerem toda a vida, cada um tinha suas responsabilidades profissionais; os problemas familiares não faziam parte da empresa de publicidade de um bilhão de dólares que eles haviam fundado.

Nos últimos cinco meses, para surpresa de ambos, várias contas corporativas que acreditavam ter vencido para o Grupo SW preferiram a concorrência: Ashton Brothers. Sean e Jackson não entenderam, porque todo o processo de trabalho foi marcado — como sempre — por um desenvolvimento metódico. As conversas com os clientes sempre que necessárias, a resposta dos grupos focais à prospecção da campanha publicitária dos produtos ou serviços, com o feedback que procuravam e até mesmo a oferta econômica enquadravam-se nos parâmetros da agência e do cliente. Mas no final tudo parecia dar errado e favorecer os Ashtons.

Se continuassem a perder clientes potenciais para a concorrência, seria um golpe para a reputação do Grupo SW, pois era uma das agências mais rápidas a obter os melhores negócios. Sean tinha a reputação de ser um craque para conseguir novos negócios, e Jackson não estava muito atrás. Eles precisavam descobrir o que estava acontecendo, porque não deixavam nada ao acaso. Era imprescindível fazer uma análise completa de seus funcionários, e a contratação de uma empresa externa de segurança corporativa estava prestes a ser fechada para iniciar um processo de investigação interna.

Com toda essa algazarra sobre o possível vazamento de informações tornou essencial para Sean encontrar um assistente pessoal para cuidar de sua agenda.

— Sr. Winthrop — disse a recepcionista pelo interfone — a senhorita Goldstein está aqui para a entrevista para o cargo de assistente pessoal.

Sean trabalhava com Amanda Willows há sete anos. Como estava grávida de cinco meses, informou-o da decisão que havia tomado de se dedicar integralmente ao bebê, abandonando assim o trabalho na empresa. Em respeito aos sete anos de trabalho conjunto, Amanda fez a concessão de ficar até que Sean encontrasse uma pessoa adequada para substituí-la e treiná-la por uma

semana.

— Sim, claro. Diga a ela para entrar, por favor. Em silêncio, porque estou com Milla.

— Claro, senhor.

Sean observou a filha dormindo no sofá marrom do lado direito de seu escritório enorme. Havia dado a ela a medicação e já tinha feito efeito. Esperava que ela não acordasse a qualquer minuto, porque poderia ser uma grande surpresa. Ou sorrisos ou choro desesperado.

Às vezes, ele tinha sorte com o estado de espírito da filha, e outras vezes apenas tinha que se resignar e dar a melhor cara para o dia. No final das contas, isso não era uma grande parte da paternidade? Ele nunca poderia se arrepender da existência de Milla. Sean só queria um pouco de paz e uma babá, por favor!

Pegou a caneta e terminou de assinar o acordo para um funcionário da área de almoxarifado que acabava de pedir demissão. Ele apenas desviou o olhar de sua mesa quando ouviu a porta de vidro cinza ser aberta.

Ficou absorto na mulher diante dele. Não era um tipo convencional de beleza. Ele poderia qualificá-la como exótica. A pele era branca e parecia suave ao toque. Os olhos eram azuis escuros e Sean não se lembrava de ter visto um tom semelhante antes. Essas duas joias pareciam cintilar com um brilho especial. Esperança, ambição...? Não sabia como avaliá-lo. O cabelo louro da mulher estava um pouco desganhado, mas isso não diminuía em nada a beleza que ela era como um todo. Aquela boca sensual tão sutilmente curvada, que dava a impressão de conhecer os mais ocultos mistérios do prazer, tensionou um determinado músculo de sua anatomia no súbito desejo de saboreá-la. Que diabos?, ele se perguntou, colocando a caneta de lado.

Ser pai implicava em muitas responsabilidades, e sua vida pessoal havia sido afetada, ele reconhecia isso. Às vezes, temia que sua filha tivesse a esperança de sentir-se apegada a uma pessoa que iria embora a qualquer momento, mais cedo ou mais tarde, e Sean não queria que ela sofresse aquela sensação de perda quando era tão pequena. Milla tinha o suficiente com a falta

de uma mãe presente. E com sua vida agitada de trabalho, ele também não tinha tempo para um relacionamento sério.

Recuperando sua indiferença habitual, Sean tentou ignorar o fato de que a candidata a sua assistente era fisicamente cativante, porque isso não o levaria a lugar nenhum. A resposta sexual visceral que ela acabara de despertar nele não era comum, embora isso não significasse que tivesse que liberar sua libido estúpida. Era uma entrevista de emprego e esta mulher, se escolhida, ficaria permanentemente ao seu lado para cumprir a sua apertada agenda de trabalho.

— Sr. Winthrop — Tracy disse cautelosamente e até um pouco nervosa. — Essa empresa é incrível.

Para ela, o CEO do Grupo SW, era um personagem e tanto. Admirava seu trabalho, sua carreira e como ele tinha matizado tantas campanhas publicitárias com um toque original e atraente que não perdia sua validade. Agora que o tinha cara a cara, ia tentar não ficar de boca aberta, porque as fotografias que viu na internet não lhe faziam justiça. O homem exalava virilidade em abundância, e aqueles olhos negros penetrantes pareciam dominar tudo, sem revelar suas emoções.

Ele assentiu.

— Bom dia — apontou para o canto onde Milla estava dormindo profundamente —, não faça barulho e sente-se o mais próximo possível da mesa. Não quero ter que gritar e acordar minha filha.

Tracy imaginou que o sigilo de Sean sobre sua vida pessoal tinha muito a ver com aquele pequeno pacotinho no sofá. De repente, ficou muito curiosa para ver o rosto da menina. Quem seria a esposa de Sean? Em nenhuma fotografia havia uma mulher constante nos braços do publicitário imponente.

— Assim está bem? — perguntou em um sussurro, enquanto puxava a cadeira para mais perto da mesa. — Vou tentar manter minha voz baixa.

Sean esperava que estivesse errado sobre a ideia de que, sob o casaco preto, ela estivesse usando apenas o sutiã. Pelo menos seu cérebro estava tentando não reagir, mas seu sexo era outra coisa. Ele pegou o copo d'água e deu um gole.

Ele olhou nos olhos dela e Tracy prendeu a respiração.

— Sim, mas não precisa sussurrar. Apenas abaixe sua voz. — Ela assentiu com um leve sorriso. — Eu li seu currículo. Impecável. Antes que os candidatos cheguem a esta fase da entrevista comigo, o Recursos Humanos se encarrega de verificar as referências. Então me diga, por que se mudou para este país? — abriu rapidamente o arquivo em seu computador. — Está aqui há um ano e alguns empregos não desprezíveis, mas não muito promissores, para uma aluna da Summa Cum Laude. — Ele desviou o olhar da tela e fixou-o novamente no rosto feminino e acrescentou: — A mudança é bastante radical para um jovem de 27 anos que construiu uma empresa com potencial.

— Como sabe...? — suspirou. Impossível que não a tivesse investigado. Claro que ele tinha conhecimento de HaGo, mas ninguém sabia os detalhes mais pessoais e que haviam roubado mais do que dinheiro. — Digamos que, em poucas palavras, meu sócio não foi totalmente honesto e eu perdi a empresa. No final, tive que encontrar uma nova maneira de sobreviver. Uma amiga me disse que Toronto é uma cidade com muitas oportunidades. Aqui estou — disse este último com um tom que pretendia ser alegre —, tentando conseguir essa grande oportunidade.

Ele não sorriu, mas Tracy não levou isso em consideração. Não estavam em uma reunião de amigos. Sean era o chefe, e ela era uma aspirante ao cargo, embora isso não impedisse suas mãos de sentir uma leve coceira no desejo repentino de cavar os dedos no cabelo preto para ver se era tão macio ao toque quanto parecia. "Concentre-se em conseguir o emprego."

— Por que decidiu se candidatar a assistente pessoal com esse histórico de trabalho que pode lhe dar uma função melhor para o seu currículo? — perguntou sem se preocupar em seguir o humor de Tracy.

Ela tentou não olhar como uma idiota para o rosto daquele homem. Se o descuido que derrubou chocolate em suas roupas momentos atrás podiam ser considerado "bonito", então Sean Winthrop era de outro planeta. Seu cabelo era espesso e muito preto. Um olhar escuro e penetrante que parecia ser capaz de ver através das barreiras que erigiu sabiamente desde Adrian. Aquele

olhar de pirata em um terno moderno fez sua pele formigar. “Mau momento”.

Tudo em Sean parecia estar contido, pronto para explodir se alguém provocasse seus pontos sensíveis. Ele tinha uma boca dura e séria. Olhar para ele causava um impacto que Tracy não conseguia descrever; e era melhor se não tentasse.

Sean parecia um leopardo calmo, observando tudo com cautela medida, mas capaz de devorar o que quer que aparecesse em seu caminho se fosse ameaçado de alguma forma. Tracy se perguntou como seria se ver na posição de presa de um felino como Sean, com uma energia que exalava arrogância e presunção. O único instante em que o olhar negro pareceu amolecer foi quando Sean apontou para o pequeno embrulho dormindo no sofá. Tracy não pôde deixar de ficar curiosa para ver a menina. "Não é da sua conta."

— Eu — limpou a garganta —, o que eu quero é buscar oportunidades e me conectar com esse ambiente, independente do cargo que ocupo, é uma excelente opção. Talvez em algum momento eu possa participar contribuindo para um projeto — sorriu timidamente. — Os procedimentos de assistente pessoal não me são alheias, pois durante anos tive que conseguir ser multifunção, até que finalmente conseguir contratar alguém para me ajudar. Estou preparada para o cargo de assistente e, se isso for um trampolim para estreitar o vínculo com a empresa no campo criativo — no futuro —, vale a pena candidatar-me ao cargo.

Ela sorriu. Ele não.

— Esta não é uma bolha experimental, Srta. Goldstein.

— Não, não foi isso que eu quis dizer...

— Abaix a voz! — ele sibilou ao ver com o canto do olho que Milla começou a se mexer no sofá.

Tracy endireitou-se no assento. Por que teve que lhe dar explicações tão elaboradas quando poderia apenas responder brevemente?

— Uma carta de recomendação trabalhando para o senhor abriria muitas portas para mim — continuou explicando, porque já não podia voltar atrás e ser mesquinha com as palavras —, e se eu conseguir que confie em mim o

suficiente para participar de uma conta, não importa o quão pequena seja, seria incrível — disse em voz baixa.

— Eu não sou uma fada madrinha — olhou para o relógio de parede. — Eu tenho uma reunião dentro de instantes. Se apenas pode me responder que quer que eu realize seus sonhos, então vá a um *reality show*.

Ela abriu e fechou a boca. “Não responda como quer fazer. Hoje não.”

— Eu posso fazer meu trabalho bem, Sr. Winthrop — disse com firmeza.

— Isso é o que todos os candidatos dizem. O que a torna diferente?

— Deixe-me provar — perguntou com convicção. — Posso ser um ativo para esta empresa, ao invés de apenas uma referência para organização e controle administrativo.

Sean estava ciente de que o tempo estava se esgotando para colocar todos os seus negócios corporativos em ordem. Continuar entrevistando mais pessoas conforme programado em sua agenda para aquele dia não seria produtivo. Embora Tracy parecesse super qualificada para o cargo de assistente, ele daria uma chance a ela. Quem era Sean para decidir se um trabalho mais próximo de sua preparação acadêmica seria adequado para ela? Não era problema dele.

— Sou um chefe muito exigente, e é melhor se acostumar com a ideia de que às vezes o cargo de assistente pessoal implica ter um horário indefinido.

— Horas extras pagas?

Sean a olhou com desconfiança. Pelo menos não era do tipo que se intimidava ou se envergonhava de falar o que pensava. Esse era um ponto a seu favor. Ele não precisava de uma assistente incapaz de iniciativa por medo de irritá-lo. Sua assistente tinha que ser alguém com a capacidade de discernir quando abrir a boca e quando fechá-la, mas, principalmente, precisava que ela fosse sincera em suas opiniões. Seria a mão direita deles e trabalhariam juntos todos os dias. O que ele teria dado para convencer Amanda a ficar. Não havia volta, e pelo menos sua atual assistente fez a concessão para treinar quem ele escolhesse como sua substituta.

— Espero que não tenha pensado que exploro a equipe que trabalha para

mim, Srta. Goldstein. Nesta empresa, qualquer pequena gestão fora das diretrizes usuais e fora do horário de expediente é paga e reportada aos recursos humanos — disse ele rigidamente.

Preocupada por ter feito besteira, novamente em tão pouco tempo, Tracy sentiu um arrepio gelado percorrer suas mãos. Era fácil esquecer que não estava negociando um contrato de publicidade, mas seu modo de sobrevivência.

— Eu não queria ofendê-lo...

Sean se endireitou.

— Neste cargo, a sensibilidade não existe mais. Só quero que tenha claro que o Grupo SW é uma empresa zelosa que respeita muito o tempo de seus funcionários. É melhor se preparar lendo o manual que lhe entregarão no Departamento de Recursos Humanos. Espero que não volte a fazer comentários sem primeiro ser devidamente instruída sobre como as coisas são tratadas aqui.

— Sim... Sim... — murmurou corando. — Eu tenho a posição? — perguntou com um leve tom de emoção, pois já havia percebido que Sean era indiferente.

— Não me faça lamentar — respondeu Sean.

Temia que, embora a senhorita Goldstein pudesse ser eficiente, ela se tornaria uma dor de cabeça para ele. Tinha que se concentrar em não fixar o olhar nas curvas esguias, nos olhos azuis expressivos e no jeito que ela sorria sem se dar conta de sua sensualidade. “Eu preciso transar logo”, pensou. Passava muito tempo entre o escritório e a casa. Suas reuniões de negócios fora de Toronto eram cada vez mais raras, porque agora Jackson estava encarregado de cuidar delas, então ele dificilmente tinha a chance de encontrar uma mulher e levá-la para a cama.

— Obrigada pela oportunidade, senhor...

— Não me agradeça. Ganhe seu salário e faça um bom trabalho. Isso é o suficiente.

O tempo que Tracy Goldstein estaria no trabalho era perfeito para Sean reorganizar sua existência e finalmente encontrar uma babá. Se Tracy era

capaz de construir uma empresa e administrá-la com sucesso, então ela poderia cuidar do trabalho administrativo em um escritório movimentado como o dele, pelo menos esperava isso. Ele não tinha paciência para lidar com dores de cabeça.

— Quando eu começo?

— Faça essas perguntas a Amanda.

— Não a conheci...

— Isso não é um evento social — disse com menos paciência a cada vez —, e não sou o anfitrião da festa. Pergunte a Charlotte onde pode encontrar Amanda e espere por ela no escritório.

— Ok...

— E certifique-se de usar roupas menos escandalosas — fez um gesto com a mão apontando para o casaco de Tracy que havia aberto revelando a curva sugestiva dos seios recobertos por seda preta —, porque se trata de um escritório, não de uma passarela. Não temos um código de vestimenta porque nos parece implícito, mas se for desconhecido ou alheio para a senhorita, sugiro que discuta com o departamento de recursos humanos.

Tracy corou e ajeitou o casaco.

— Se me permitir explicar o motivo da minha roupa. A verdade é que esta manhã sofri um acidente enquanto estava prestes a entrar no prédio...

— Não tenho tempo, Srta. Goldstein, para historinhas. Vai perceber que não estou pagando por explicações, mas por soluções. — Sean pegou o telefone e falou brevemente. Em seguida, voltou sua atenção para Tracy: — Estão a esperando no RH para assinar o contrato.

Sean estava ficando desesperado. Primeiro, porque não queria que Milla acordasse, e segundo, porque sua anatomia indiscreta tinha outras ideias antes da fantasia sexual que conjurou a imagem de Tracy em sua cama pronta para deixá-lo descobrir o prazer de seu corpo. "Eu estou ficando louco. Preciso de uma pausa de tanto estresse".

— Claro — disse com um largo sorriso. Sean ficou cego por um breve momento pela maneira como o sorriso de Tracy de repente iluminou a sala. Ou

ele estava pirando, tendo passado dias tremendamente estressantes com tantos projetos e sem a babá de Milla? — Quais seriam minhas funções...? — perguntou, se incorporando e tentando não revelar mais de seu corpo.

— Amanda vai responder a todas as suas perguntas. Bom dia — disse encerrando a reunião segurando a maçaneta.

Tracy piscou por alguns segundos. Estendeu a mão para Sean, que a apertou com a mão livre. Se havia entre eles o reconhecimento de uma sensação semelhante a um choque elétrico, no instante em que seus dedos se tocaram, não perceberam.

— Obrigada.

— Não me agradeça — ele disse com indiferença —, e certifique-se de entender as políticas da minha empresa e ganhar seu salário.

Ela assentiu, não sem antes olhar para o pequeno embrulho que já havia acordado no sofá e estava olhando a cena com grandes olhos verdes. Era uma linda garota com cabelo preto e pele branca. Tracy sorriu para ela, mas a menina permaneceu em silêncio, como se a estivesse analisando. Ou assim acreditava Tracy, porque antes que Sean fechasse a porta do escritório, o choro de uma criança ecoou ao seu redor.

Quando Tracy chegou em casa, a primeira coisa que fez foi dar uma dancinha eufórica no tapete da sala. Tinha conseguido o emprego! Ela pegou o telefone e ligou para sua melhor amiga, Bethany Carrington.

— Deve ser algo muito importante para me chamar no meio do meu turno no hospital, Tracy — disse. — Você conseguiu um amigo de foda bonito que quer me contar? — perguntou com uma risada.

As duas eram amigas desde o colégio. Bethany havia optado por estudar enfermagem, apesar da maratona de horas que todos que atuavam na área da saúde costumavam ter. O magnífico salário compensava as noites ruins, pois com aquele dinheiro tirava férias incríveis em cantos exóticos do mundo. A ideia era que em breve Tracy e Bethany pudessem passar algum tempo juntas em Ibiza. Umas duas noites na famosa ilha espanhola, sem laços com nenhum homem que tornasse as suas vidas amargas, e muita festa.

— Bem que gostaria — Tracy respondeu rindo. — Bethany, pensei que você estivesse livre hoje, acho que me confundi. Terá que me dar sua programação no hospital novamente.

Vestida com seu uniforme de enfermeira no Hospital Infantil de Boston, Bethany sorriu e ajeitou o cabelo preto ondulado. Ela havia sido escolhida anos atrás como Miss Massachusetts, e isso garantia seus bons contatos que continuaram a ser úteis em sua profissão de enfermeira. Com maçãs do rosto salientes, corpo esguio e olhos turquesa combinados com pele de cappuccino, Bethany fazia os homens se virarem para olhar para ela.

O que fez a diferença para Bethany, entre tentar continuar a vida de uma famosa — como marcava as propostas de diferentes empresários que queriam seu rosto para a televisão — e ser uma pessoa longe das câmeras, foi a paixão pela carreira e o desejo de ajudar. Gostava da possibilidade de cuidar de outras pessoas, e isso não seria alcançado se apenas tivesse que sorrir, dizer o que lhe indicavam em um discurso ou tentar ganhar seguidores para uma determinada ideologia. Ela adorava crianças, por isso trabalhar naquele hospital era uma

experiência incrível.

— Vou reenviar minha programação, mas antes que me liguem no alto-falante, diga-me, como estão as coisas na sua nova cidade?

— Não estou reclamando e por acaso é sobre isso que queria conversar com você, — disse emocionada — mas primeiro, por que não vem me visitar nas suas férias?

— Isso seria ótimo, embora eu tenha que verificar com meu irmão. Você sabe que Lucas e eu nos revezamos cuidando da mamãe. Nem sempre posso usar meus dias como quero — disse. A mãe dela tinha Alzheimer.

— Tente, porque tenho uma casa gigante e conheço alguns bares muito divertidos. Toronto é incrível.

— Você não tem ideia do quanto eu quero encontrá-la. Agora, diga-me, que notícia suculenta você tem para mim?

Tracy deu um gole em seu copo de Coca.

— Você está falando com a nova assistente pessoal de Sean Winthrop, o CEO do Grupo SW. Você acredita nisso?

— Adorei! Parabéns, Tracy. Como ele é?

Sexy, interessante e distante, Tracy queria dizer a ela, mas preferiu ficar calada. Sua amiga tendia a usar uma imaginação avassaladora e não queria lhe dar ideias.

— Muito exigente aparentemente, mas sua recomendação abrirá muitas portas para mim. Se eu jogar minhas cartas direito, posso até fazer parte da equipe de criação... se tiver sorte. No momento estou satisfeita com a entrada na empresa. Poderia me estender, mas tenho uma cláusula de confidencialidade. Eles são muito rígidos a esse respeito. É a primeira vez que me deparo com um muro de sigilo empresarial como este...

— Pfff, você sabe que cada empresa é um mundo diferente. Inferno, eles já estão me chamando. Meu tempo acabou, querida Tracy. Espero poder ir vê-la em breve, para que possamos comemorar seu novo trabalho em grande estilo. Quero que você me conte tudo, mesmo que eu leia suas mensagens tarde. Ok?

— Ok — sorriu. — Cuide-se, Bethany.

— Tchau, tchau, baby — disse brincando antes de encerrar a ligação.

CAPÍTULO 3

O toque do telefone a despertou de um sono tranquilo.

Tateando, Tracy estendeu a mão sobre a mesinha de cabeceira ao lado da cama, mas não alcançou o maldito dispositivo eletrônico. Se espreguiçou um pouco mais e não conseguiu manter o equilíbrio. Caiu de bruços no chão.

Soltou uma série de insultos, mas antes que a ligação fosse perdida, respondeu sem fôlego à situação forçada. Deus, não eram nem seis da manhã!

— Alô — respondeu com relutância.

— Srta. Goldstein — cumprimentou o tom de aço de Sean — aprecio que da próxima vez, se estiver no meio de uma tarefa física árdua, tente fazer um esforço para me responder com mais profissionalismo.

Tracy não conseguia acreditar em sua sorte. Antes de dormir, disse a si mesma que gravaria o número do telefone pessoal de seu novo chefe para ficar alerta. Inclusive pensou em atribuir um tom de chamada personalizado, mas estava tão exausta depois da academia, que se esqueceu completamente.

— Errr... bom dia, Sr. Winthrop. Não... — Sentou no tapete e encostou a nuca no colchão da cama. Fechou os olhos porque explicar seria uma perda de tempo. Perguntou: — em que posso ajudá-lo?

Sean não esperava que ela respondesse com aquela voz sexy. A ideia de interromper o interlúdio sexual matinal de Tracy deu-lhe uma satisfação inexplicável. Ele nem mesmo iria questionar o porquê. O que deveria importar se sua nova assistente se deitava ou não com alguém?

— Preciso em minha mesa um relatório completo da tabacaria Ghent com todos os detalhes que foram discutidos de forma preliminar. Hoje me encontro com o CEO às dez da manhã. Também não se esqueça de pedir que tenham meu café quente. Preto. Quero que encontre uma lista de candidatas

para o cargo de babá. Preciso entrevistá-los com urgência. — Tracy poderia pelo menos admitir que ele não era tão ogro como ser humano se ele se importava tanto com sua filha, pensou enquanto tentava fazer uma anotação mental de tudo. — Preciso dos jornais do dia abertos na seção de economia da minha mesa e uma lista das minhas ligações pendentes. Entre em contato com a lavanderia e peça a eles que entreguem meu terno cinza em minha casa hoje até as 16h. Organizar os arquivos pendentes de execução para os próximos dois meses, em ordem alfabética por empresa em um arquivo compactado e enviar para meu e-mail. Oh, e eu quero encontrar Jackson amanhã cedo. Coordene tudo.

Tracy apareceu às oito da manhã e na véspera — depois de assinar o contrato — se encontrou com Amanda para que lhe explicasse os detalhes mais essenciais de sua gestão. A assistente de Sean revelou-se uma mulher muito simpática e paciente. Explicou os pontos mais importantes que tinha que desenvolver como sua substituta sob as diretrizes do CEO da empresa. Também a levou em um tour pelas instalações da empresa e a apresentou a toda a equipe de diretores criativos, designers, consultores, executivos de vendas, executivos de negócios. O vice-presidente da empresa não estava em Toronto, mas estaria de volta em alguns dias, então Tracy não o encontrou pessoalmente.

Jackson Luthor costumava se apresentar em eventos, Tracy bem sabia, e ele também era um conferencista de prestígio em várias universidades ao redor do mundo. O trabalho de Jackson — pelo menos aos olhos de Tracy como publicitária — era ofuscado por aquele que trazia a assinatura única de Sean Winthrop.

Apesar de todas as informações que recebeu no dia anterior, Amanda aparentemente se esqueceu de dizer a ela que Sean tinha o hábito de acordar muito cedo e com o tempero especial de gritar ordens como se sua assistente pessoal recém-contratada tivesse um chip no lugar da memória. Sean, segundo Amanda, era um excelente chefe. Tracy estava começando a suspeitar que a mulher, depois de tantos anos trabalhando com o CEO da empresa, não era

mais capaz de diferenciar os defeitos das virtudes de Sean Winthrop.

Se Tracy se apressasse, não teria nenhum problema em preparar toda a lista de ordens que Sean acabara de dar a ela. Tinha lidado com contas de publicidade mais complexas em Boston do que as ordens de seu novo chefe, então iria mostrar que poderia executar qualquer diretriz perfeitamente desde o primeiro dia.

Pigarreou.

— Às oito horas da manhã terá...

— Não, Srta. Goldstein, — interrompeu, impaciente — oito não funciona para mim. Preciso de *tudo* organizado até as sete da manhã.

Se restou um vestígio de sono em Tracy, ele evaporou.

— Isso é... em uma hora!

— Fico feliz que esteja ciente do tempo. — Ele desligou o telefone.

Tracy não conseguia acreditar no que acabara de acontecer.

O relógio marcava 06:15. Grunhiu, sentando-se. Foi para o banheiro batendo a porta.

Enquanto escovava os dentes, tentou limpar seu cérebro para organizar seus pensamentos sobre como lidaria com a programação do dia. Sua vida havia enfrentado desafios mais complexos, claro que sim, e não achou muito difícil se adaptar à mudança de dar ordens para recebê-las. Por outro lado, quando sua vida foi pacífica e sem desastres?

Ela vestiu a primeira coisa que encontrou combinável em seu guarda-roupa. Uma saia bege com guarnição preta que caía como uma luva. Uma blusa de seda roxa. Casaco bege e salto alto preto. Não conseguiu colocar as meias de náilon, então as colocou na bolsa.

Deixou a comida para sua gata preta, Tallulah, e acariciou sua cabeça por alguns segundos. Agarrou as chaves do carro e correu para a porta.

Y

De sua mesa, e mal recuperando o fôlego, após uma hora frenética para

cumprir o cronograma que havia sido confiado a ela, Tracy viu Sean se aproximando. Enquanto ela estava agitada, seu novo chefe estava perfeitamente barbeado e bem cuidado. Usava um terno de três peças como se governasse o mundo, e uma atitude determinada era marcada a cada passo que dava.

O escritório de Tracy, bastante grande, com uma pequena sala de reuniões, ficava bem em frente ao de Sean. O elevador particular de seu chefe, que dividia com Jackson, de acordo com que Amanda disse a ela, ficava em um corredor pequeno e discreto. Toda a ala esquerda do andar pertencia aos dois sócios. A ala direita era ampla e estava dividida em várias salas para cada um dos funcionários da empresa. A distribuição era harmoniosa, mas ninguém duvidava de quem mandava e a quem pertencia o Grupo SW.

— Bom dia, Sr. Winthrop — Tracy disse com um sorriso radiante. Talvez ele a estivesse apenas testando para ver se ela era forte o suficiente para suportar altos níveis de pressão no trabalho. Ela poderia lidar com isso. — Todos as suas solicitações foram cumpridas.

Sean parou de andar com a pasta de couro na mão e a olhou.

Amanda, que estava sentada ao lado de Tracy, começou a enviar e-mails sem erguer os olhos. Conhecia o CEO da empresa muito bem e sabia que não gostava de conversinha, a menos que ele comesse, porque suas horas de trabalho eram rígidas e os erros tinham um limite de tolerância. Tudo isso, Amanda comunicou a Tracy.

A excelência era uma marca no dia a dia, mas o mais importante de tudo, Sean Winthrop não gostava das primeiras horas da manhã. Havia se esquecido, e não de propósito, de mencionar aquela pequena minúcia a Tracy. Antes de deixar o cargo definitivamente, pensava em fazer uma lista para que a garota fosse cautelosa.

— Não sabia que era uma pessoa capaz de ler o futuro e decifrar o que vai acontecer nas próximas horas para dizer que está tudo resolvido, Srta. Goldstein — disse Sean.

Com a boca aberta, Tracy voltou a sentar-se quando o presidente da

empresa entrou em seu opulento escritório e fechou a porta atrás de si.

— É assim todos os dias? — perguntou a Amanda em um sussurro.

A mulher suspirou.

— Não. Sinto muito, Tracy, deveria ter dito a você que Sean se comporta um pouco... errr, distante pela manhã. Depois das dez horas, quando tiver o dia todo calculado, conhecerá o verdadeiro chefe. Ele é muito amigável, atencioso e - não tenha esperanças - rígido, mas flexível.

— Deus — murmurou Tracy — até o meu gato é mais fácil de entender, e isso que o pobre não tem habilidade verbal para emitir qualquer coisa além de sons.

Amanda riu.

— Foi assim comigo durante um mês, inteirinho, quando comecei a trabalhar aqui. Ele não gosta de pessoas fracas, especialmente se elas também têm que cuidar de seus assuntos pessoais e também os administrativos. Se você tiver qualquer problema, pode confiar que Charlotte sempre poderá ajudá-la. Ela é uma excelente colega e ocupa esse cargo desde a fundação da empresa. Assim, pode imaginar a quantidade de informações úteis que pode ter para lhe dar um empurrãozinho quando estiver com alguma dificuldade — sorriu.

Tracy apoiou o queixo na palma da mão e olhou para Amanda.

— O que você quer dizer com "assuntos pessoais"?

— Seu salário é muito alto exatamente porque ele paga muito bem pela discrição.

— Amantes?

— Ele é pai solteiro e tem muito trabalho. No tempo que estou aqui, não vi nenhuma acompanhante se é a isso que se refere. Sean é extremamente discreto, e se já teve uma relação pessoal com uma mulher, deve ter sido fora deste escritório, mas só faço este comentário porque, como assistente dele, você deve estar preparada para qualquer eventualidade que surja neste âmbito. Estou aqui há sete anos, e quando isso acontece você cria um certo vínculo com seu chefe, então meu trabalho, que agora será seu, é ajudar a controlar os

danos colaterais, se houver, embora Sean, como mencionei, é muito discreto. Acho que durante todo o meu tempo neste escritório, conheci apenas duas pessoas antes da mãe de Milla.

— Onde está a mãe da menina? Procurei informações, mas...

— Você nunca vai encontrar nada nas redes, a não ser que Sean queira se abrir com você...

— Algo muito improvável — Tracy interrompeu com um sorriso irônico

— Muito, — disse Amanda com um aceno de cabeça — mas não impossível se conseguir passar vários anos aqui.

Tracy se perguntou o que teria acontecido com a mãe da menina que conhecera no dia anterior na sala de seu novo chefe.

— Muito informal — disse a nova assistente do CEO com um sorriso.

— Você tem que aprender a ser. Em qualquer caso, sua filha, Milla, é um amor, mas quando ela tem um dia próprio de sua idade, bem...

— Como ontem?

— Ela estava doentinha, geralmente é muito calma, e tem uma babá. Sean não costuma levá-la ao escritório, a menos que seja uma emergência. Ontem foi. Você o pegou em um momento turbulento de seu dia a dia.

Tracy tamborilou os dedos no queixo.

— A propósito, muito obrigada por me salvar com a lista de candidatas a babá para a filha do chefe. Como você conseguiu esses nomes tão rápido?

— Esse é outro detalhe — disse Amanda — você tem que se antecipar às necessidades do Sean. Há dias ele reclama que a filha não tem babá e que é difícil para ele administrar o escritório e sua vida de pai. Quanto mais reclamava, mais rápido eu colhia informações sobre babás em potencial que poderiam cuidar do bebê.

— Por que sua vida fora do escritório é importante para nós?

— Porque você é sua assistente pessoal em todos os sentidos, administrativamente e pessoalmente. Além disso, se você não quer ter um ogro dentro dessas paredes de centenas de milhares de dólares canadenses, é melhor considerar que em sua vida familiar tenha uma folga, principalmente se estiver

dentro de suas possibilidades organizá-la dessa forma. Ele não é um chefe explorador, mas exige o melhor, porque paga bem, e os benefícios em bonificação no final de cada ano são espetaculares.

— Acho que será difícil ser uma executiva como você.

Amanda lhe deu um tapinha amigável no ombro.

— Você vai se sair bem. Apenas tente não dar conselhos quando não for solicitado e seja discreta em todos os sentidos. Todas as informações que estou lhe dando, com base em nossos contratos de confidencialidade, não podem ser discutidas com os outros funcionários, mas discuto com você porque você vai me substituir e precisa ter uma ideia do que vai enfrentar.

— Que é pouco — disse sarcasticamente, e Amanda sorriu. — Desculpe, não queria parecer... É a primeira vez, como mencionei ontem, que trabalho para alguém. Sempre fui muito independente, mas esta é uma grande oportunidade. Eu não quero estragar isso, então agradeço sua ajuda.

Amanda assentiu.

— Você deve saber então, melhor do que ninguém, que os sacrifícios valerão a pena no longo prazo. — Tracy sorriu. — Aos poucos você começará a apreciar Sean e, se tiver sorte, ele poderá até ser seu amigo.

— É seu?

— Tenho o privilégio de chamá-lo assim. Talvez algum dia possamos conversar sobre como comecei a trabalhar aqui. Por enquanto — olhou para o relógio, — é melhor deixar seu laptop pronto para organizar a chuva de tarefas. Durante a sua hora de almoço, mostrarei os arquivos e contaremos a lista dos clientes mais importantes, os contratos a serem assinados, os eventos a organizar, as instituições de caridade para as quais você deve enviar dinheiro e pedir desculpas pela ausência de Sean e convidar Jackson em troca.

Tracy escondeu o rosto nas mãos, os dedos separados.

— Posso morrer agora?

Amanda sorriu.

— Eu não te aconselho.

Naquele exato momento, a linha de Tracy tocou. Ela ergueu o fone.

— Sim?

— Senhorita Goldstein, venha ao meu escritório — a voz masculina de Sean ressoou.

— Claro — murmurou antes de olhar para Amanda. — Levo algumas das folhas para ele revisar?

— Não.

Amanda preocupava-se em deixar tudo organizado naqueles sete dias, para que pudesse viver a sua maternidade em paz. Mãe aos quarenta. É um grande milagre que ela planejava comemorar em paz com o marido. A aposentadoria do mundo corporativo foi um grande sacrifício, mas o estava fazendo por um bem maior: seu bebê. Ia sentir saudades dos escritórios do Grupo SW e também do bom ambiente de trabalho que existia.

Talvez Amanda fosse uma das poucas pessoas que realmente conhecia Sean Winthrop, e ela tinha visto como os olhos negros e cintilantes de seu chefe brilharam por um breve instante no exato momento em que viu Tracy. A garota era jovial, inteligente e carismática, a combinação toda era letal se viesse em um pacote bonito, e Tracy era mais do que apenas bonita. A publicitária era o tipo de mulher que não se deixava intimidar e tinha suas próprias opiniões. Amanda não tinha dúvidas de que deixaria escapar seus pensamentos a torto e a direito assim que dominasse o ambiente de trabalho na empresa.

Sean teve a sorte de deixar Milla com a mãe naquela manhã. Seu padrasto, William, tinha viajado para Edmonton, de onde ele era, e Eugenia decidiu ficar em Toronto.

Milla estava melhor da gripe, no entanto, ainda estava incomodada com espirros e muco. Ele não iria mandá-la para a escola até que ela estivesse totalmente recuperada, então contratou uma professora para os dias em que sua filha estivesse em casa, para que ela pudesse fazer as tarefas escolares.

Ele olhou para Tracy quando entrou no escritório. Esta manhã ela não estava usando nenhuma roupa que pudesse parecer provocante, no entanto, as roupas caíam como uma luva em seu corpo curvilíneo e ele se viu fantasiando querer saber quais segredos ela estava escondendo sob o tecido.

O que diabos havia de errado com ele?, pensou, puto. Era sua assistente pessoal, mas não a tela na qual ele poderia expressar suas fantasias ou desejos físicos. Ele precisava desenvolver suas outras facetas além da paternidade. Uma amante, depois de seis meses de solidão sexual, estava se tornando uma prioridade latejante. Tinha que agir sobre esse assunto o mais rápido possível ou ele faria algo estúpido da qual poderia se arrepender.

— Sr. Winthrop — Tracy disse. Agarrou o MacBook Air contra o peito como um escudo. O cheiro de madeira fresca, com notas de bergamota, no escritório tinha que fazer parte dos detalhes de Amanda, pensou Tracy, e era melhor ela tomar nota para que até o ambientador fosse sempre o mesmo. — Em que posso ajudar?

Atrás da mesa minimalista, Sean parecia governar o mundo. A janela, sem divisões, revelava grande parte da área mais movimentada para homens e mulheres de negócios em Toronto.

— Da próxima vez, não espere que outra pessoa resolva seus problemas. Amanda está lá para treiná-la, não para fazer favores e salvar a sua pele no primeiro dia de trabalho.

— Não sei sobre o quê...

— Mentir não é bom para você — Sean interrompeu — e seu rubor a delatou. A única pessoa que sabe que bebo café com açúcar, mesmo que peça preto, é Amanda. Cometa seus próprios erros.

Tracy contou mentalmente até três. Não entendia a necessidade de testá-la em detalhes completamente estúpidos.

— Noutra ocasião tentarei lhe deixar cinco tipos de café diferentes para que decida qual é o mais saboroso — sorriu.

Sean olhou para ela. Tracy queria bater nas paredes, mas não foi capaz de evitar o sarcasmo. O sarcasmo era uma língua em que ela era fluente. Talvez

deveria pensar em dar algumas aulas sobre isso nas empresas.

— Meu motorista nos levará em quarenta minutos até a sede da Ghent Tobacco Company, nos arredores de Toronto.

Ela olhou para ele com uma expressão única de surpresa.

— Mas não tenho...

— Se não pretende ler as informações que me entrega sobre um potencial cliente, como pensa que vai entender o que vai ouvir nas conferências ou reuniões a que terá que me acompanhar? Como fará anotações úteis? Pedi o relatório da tabacaria porque gosto de revisar certas anotações que deixo nos arquivos. Seu trabalho é ler sobre cada cliente em potencial desta empresa e fazer uma pesquisa profunda para trazer à tona pontos que eu possa perder nessas reuniões. Está claro?

— Como a água mais cristalina — respondeu com um grande sorriso, quando tudo o que mais queria era dar um soco em Sean. Teria que começar a mover as peças de acordo com suas próprias regras. Não podia esperar que Amanda, em menos de vinte e quatro horas, a preparasse totalmente para o cargo. Já fazia o suficiente para lhe dar orientações e alguns conselhos, além, é claro, de a ter salvado aquela manhã com a lista de babás de Milla, o café e os jornais mais importantes, espalhados na seção de Economia, na mesa de Sean.

— Meus ternos da lavanderia?

— Eles estarão em sua residência às quatro horas. Terei que mudar sua lista de chamadas para caber na reunião fora da cidade. Como procederá em relação à lista de babás?

Talvez ela devesse começar a quebrar o gelo chamando-o pelo primeiro nome, pensou Tracy. Era a primeira vez que, como publicitária, que tinha que tratar um colega — independentemente da carreira ou prestígio — como se ele fosse o presidente de uma nação ou o primeiro-ministro canadense. Onde estava o clima descontraído e provocador que vira na sala de criação e gerentes de contas?

— Cuidarei disso mais tarde — respondeu Sean.

Ela assentiu.

— Quer que eu convoque uma reunião de emergência com o diretor que designará para a conta da empresa de tabaco?

Sean se encostou nas costas da cadeira. Ele cruzou os braços. Inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e sorriu.

— Você não recebe seis dígitos como salário mensal para *me* perguntar o que fazer no escritório. E se checou seu e-mail corporativo, então deve ter percebido que Amanda enviou um post ontem no final do dia, copiando você, sobre a reunião de hoje. — Tracy se amaldiçoou por não pensar em verificar seu e-mail do Grupo SW. Sean parecia estar indo a mil por minuto, e ela em passo de caracol. — Não há diretor designado porque primeiro me reúno com o presidente ou vice-presidente da empresa que deseja nos contratar, depois penso no executivo mais adequado para manter a conta, a menos que eu esteja particularmente interessado, então aceito na função. Entendido?

— Compreendido, Sean — ela disse com um aceno de cabeça.

— Sr. Winthrop — a corrigiu.

— Acho que em um ambiente criativo é chato. Pode me chamar de Tracy e não me sentirei melhor ou pior por isso. E eu, quando te chamo de Sean ou você, não vou deixar de ter em mente que é meu chefe, você paga meu salário e dá as ordens — sorriu.

Sean reconheceu que a mulher tinha coragem de se arriscar a ser demitida por seu comentário. No primeiro dia de trabalho nem menos. Interessante.

— Eu não me importo com as opiniões que tenha sobre as políticas da minha empresa. As regras dependem de mim. Se quiser me conhecer, vai ter que conquistar esse direito. Por enquanto, estou começando a questionar se tive meu melhor julgamento ontem ao contratá-la. — Tracy abriu e fechou a boca. — Agora, *Srta. Goldstein*, pode se retirar. — Ele desviou o olhar e se concentrou em seu trabalho.

Deus, como esse homem tinha tanta energia pela manhã?, perguntou-se Tracy. Seu corpo estava sem cafeína.

— Até mais tarde, *Sr. Winthrop* — ela respondeu com otimismo, embora não antes de ouvir Sean gemer baixinho.

Assim que esteve atrás de sua mesa, Tracy respirou fundo. Parecia que tinha passado no meio de um furacão. Se aquelas eram as primeiras horas de trabalho, não queria pensar nas que ainda faltavam.

Tinha sido um começo pouco promissor para um confronto direto com seu chefe, mas isso não iria destruir o resto de suas perspectivas. Ela estava determinada a fazer seu melhor trabalho. Na verdade, se sentia generosa, então iria presentear Sean com um escritório menos frio. Assim que tivesse a chance, adicionaria um toque de sua criatividade para deixar as vibrações mais relaxadas.

Cantarolando uma música baixinho, Tracy começou a juntar as pastas e organizar tudo para a reunião com a Tabacaria Ghent. Imaginou que não haveria almoço com Amanda, nem as dicas que lhe prometeu. "Bem-vinda às horas extras no primeiro dia de trabalho."

CAPÍTULO 4

— Tudo é muito claro — disse Sean apertando a mão de Ollie Munroe, o CEO da Tabacaria Ghent. — Enviarei nosso melhor diretor para coordenar a campanha. Já tem meu número de telefone direto. Monitorarei tudo para que fique satisfeito com os resultados.

— Obrigado por ter vindo até nossa fábrica para conversar. — Ele se virou para Tracy, que até então vinha fazendo anotações em silêncio em uma posição cautelosa na longa mesa de conferência, e disse: — Apesar de sua discrição, sou muito bom em ler a linguagem não verbal das mulheres. Existe algo que gostaria de acrescentar a tudo o que foi discutido aqui?

Pega de surpresa, Tracy franziu a testa para o homem de barba branca e vestido elegante. Era a versão do Papai Noel em um terno executivo.

— Eu... — olhou para Sean, e a indiferença em seu olhar lhe disse que, primeiro, ele achava que não tinha nada a dizer; e segundo, que se ela se atrevesse a estragar tudo, custaria seu cargo — Não, no momento não Sr. Munroe. Talvez outra ocasião eu possa falar mais abertamente — disse com um sorriso, então olhou para a boca tensa de Sean.

Ollie assentiu e observou o resto da equipe de trabalho reunindo os materiais que haviam sido organizados para a reunião prolongada.

— Nossos advogados entrarão em contato com o seu — assegurou Sean.

— Sean, escuta, não podemos deixar você ir sem uma refeição adequada, cara — disse Ollie —, e já são quase três da tarde. Estamos aqui há mais tempo do que o planejado, então pedi para reservar uma mesa no Cosmos, o melhor restaurante da região. Meu filho, Harry, está voltando de Montreal, mas vai almoçar conosco. Eu gostaria que o conhecesse. Ele tem quase a sua idade e um futuro brilhante quando herdar a tabacaria, tenho certeza de que terão muito o que conversar.

— Será um prazer. Obrigado, Ollie.

— A senhorita também é bem-vinda, Srta. Goldstein — disse o empresário rechonchudo antes de conduzi-los aos elevadores particulares dos escritórios da tabacaria.

O motorista de Sean, Coleman, esperava pelos dois publicitários. Assim que os dois entraram no carro, o motorista dirigiu-se ao restaurante.

Tracy começou a cantarolar uma música, mudando de um momento para o outro o tema de sua canção. Às vezes, fazia isso conscientemente, às vezes por inércia. Seu estômago estava literalmente rugindo de fome e mal podia esperar para chegar ao restaurante. No entanto, ela sabia como funcionavam os encontros gastronômicos envolvendo negócios: gastrite.

— Pode parar de fazer isso? — Sean disse, sua voz exasperada.

Ela parou abruptamente. Olhou para seu chefe.

— Parar de fazer o quê?

— Zumbir.

— Eu não sabia que era proibido pelas regras corporativas — respondeu com um encolher de ombros.

— Estou com uma dor de cabeça terrível, e se você não calar a boca estou disposto a deixá-la no meio da estrada para que você possa andar o que falta até o restaurante a pé.

— Meu chefe é um cavalheiro, awww — disse sarcasticamente. — Obrigada, *Sean*, mas não. Vou privar você de minhas habilidades musicais... Uma pena.

Ele abriu apenas um olho e quando a viu sorrir, fechou-o novamente. Que mulher irritante. Se não fosse porque ela realmente parecia disposta a fazer qualquer coisa para manter seu emprego, ele já a teria despedido... Não. Não era verdade. Nas circunstâncias em que a empresa se encontrava, com tantos projetos, ele não poderia perder mais tempo procurando uma candidata a assistente. Além disso, Tracy tinha um currículo impecável. Ele seria um idiota se a despedisse, porque também tinham um problema com a concorrência na empresa: contratos falidos, e isso era imperativo resolver.

— Você é uma pessoa irritante.
— Eficiente e otimista — corrigiu.
— A vida não é fácil — disse ele com relutância. Nem sabia por que estava respondendo a ela.

— Não sou Deepak Chopra, mas fico lisonjeada que tenha uma opinião tão elevada sobre minhas habilidades reflexivas e faça comentários para obter minhas opiniões. Muito sutil da sua parte. Portanto, gostaria de lhe dar um conselho...

— Silêncio, Srta. Goldstein! — decidiu com um tapa no assento de couro. — Deixe meu cérebro em paz por alguns minutos. Não está nem vinte e quatro horas no trabalho e está exibindo uma capacidade incomensurável de me irritar.

Ela encolheu os ombros. Pegou o iPhone e colocou os fones de ouvido.

Doze minutos depois, o motorista estacionou na entrada de um restaurante que parecia ter uma fachada retirada dos anos 1940. Sean saiu do carro e fechou a porta. Esperou que Tracy descesse, mas isso não aconteceu. Ele bateu na janela escura do Lincoln preto.

Tracy baixou o vidro automático.

— Sim, chefe?

Sean respirou fundo. Ele odiava ter reuniões fora da cidade, especialmente quando Milla tinha chorado incessantemente naquela manhã para pedir-lhe que não saísse porque ela estava doente e queria que ele cuidasse dela, e não vovó. As lágrimas da filha exerciam pressão sobre sua calma habitual. Ele sabia que Milla o tinha na palma de sua mãozinha, mas se recusava a ceder às manipulações infantis; era difícil, mas sendo o único com a habilidade de educá-la, então tinha que tomar as decisões mais convenientes.

— Espero que não esteja em busca de um convite especial para sair do maldito carro e entrar no restaurante.

Ela sorriu.

— Claro que não, *Sr. Winthrop*, decidi contribuir para que a sua dor de

cabeça continue a diminuir. Na verdade, enquanto o senhor estava do lado de fora, convidei Coleman para almoçar em um McDonald's. — Moveu os dedos em um gesto de despedida. — Estaremos de volta quando nos ligar. Já tenho todas as notas da reunião e foram enviadas para o seu e-mail. Agora, se estiver tudo bem, espero que pelo menos seja atencioso e deixe-nos desfrutar de um bom hambúrguer gorduroso com batatas fritas.

Sean passou os dedos pelos cabelos. Foi necessária toda a sua atitude para encerrar aquele dia exaustivo fora do escritório. Ele não gostava de fazer uma viagem de negócios, fosse em torno de Toronto, — dentro ou fora — e sua nova assistente não estava facilitando as coisas para ele. Não era precisamente uma de suas funções mais importantes? Ou talvez tivesse a ver com aquela saia que abraçava um bumbum magnífico e a blusa de seda que parecia querer mostrar mais do que estava à vista, mesmo que isso fosse impossível porque ele só conseguiu ver a blusa quando ela tirou o casaco azul para começar a fazer anotações durante a reunião.

Ele precisava transar com urgência, ou essa mulher iria deixá-lo louco com apenas algumas horas por estar perto dele.

— Senhorita Goldstein...

— Bom apetite, *chefe* — ela disse lhe mostrando todos os seus dentes brancos perfeitos com um grande sorriso. Então fechou a janela do carro.

Incapaz de acreditar como foi dispensado repentinamente, Sean viu o Lincoln subindo a rua. Em menos de um dia, Coleman estava sob o feitiço da mulher falante. Incrível, ele pensou, erguendo as mãos para o céu.

Sean estava exausto, mas a mulher parecia ter tomado seis xícaras de café, porque cada vez que abria a boca para dizer algo era como se tivesse acabado de descobrir a capacidade de falar. E talvez tenha sido apenas um dia de sorte para Sean, porque ele considerou quase um milagre Tracy ter ficado em silêncio durante a reunião com Ollie.

Ele entendeu que sua nova assistente estava acostumada a dar ordens, mas não a recebê-las, porque tinha sido dona de uma empresa, e só por esse detalhe ele estava sendo tolerante. As credenciais de Tracy eram impecáveis e,

após várias indagações que pediu para Amanda fazer, sabia que seu trabalho como publicitária era muito bom. Por outro lado, depois da cena que tinha acabado de lhe jogar fazia só uns segundos, ia ter uma séria conversa com ela.

Sean ajeitou a gravata e o maitre o recebeu na entrada do Cosmos.

Ele esperava não ter uma indigestão pelo excesso de paciência que estava sendo forçado a desenvolver.

— Coleman, não sei como você aguenta Sean — Tracy disse dando uma grande mordida em seu hambúrguer.

Aquela mordida foi como entrar no paraíso dos carboidratos, especialmente depois de passar mais de cinco meses tentando uma alimentação saudável. Seu chefe era o culpado, quem mais? Ele a encorajou a quebrar seus bons hábitos alimentares com sua falta de calor. Não entendia como Ollie conseguiu fazer Sean exalar charme em uma sala de reuniões e ter aquele tom de voz agradável. E tudo, sem latir ordens para ela. Quase parecia civilizado. "O que as pessoas fazem por um bom contrato."

— Eu trabalho para a família Winthrop há muitos anos e os anos não foram muito gentis com o jovem Sean. Ele não é o mesmo que eu conhecia antes de a pequena Milla nascer.

Tracy fez uma careta e mergulhou uma batata frita na maionese. "Hmm, yum!" pensou, fechando os olhos enquanto saboreava aquela mistura viciante e letal. Iria morrer um dia, certo? Além disso, não é que quisesse adiantar sua saída deste mundo, tudo o que queria era gozar um pouco dos excessos "levemente saudáveis".

— Ele fundou um império respeitável — ela disse apontando seu comentário acenando com a batata frita. — Não sei como a vida pode ser mais generosa com um profissional.

Coleman, com sua expressão afável, esboçou um sorriso. Fez uma bola de papel com o lixo e colocou-o na bandeja preta de comida.

— Talvez, Srta. Goldstein, por trás das aparências de uma fachada

brilhante existam realidades que são muito difíceis de suportar. Deve saber disso se trabalha no mundo da publicidade.

Ela franziu o cenho. Durante o trajeto até o McDonald's, Tracy falou um pouco com Coleman sobre sua profissão. Omitiu sobre Adrian. Por que lembrar do lixo que deixou na estrada? Não tinha propósito.

— Há algo que preciso saber para evitar cometer erros graves nesta empresa? Ou melhor, com Sean?

Coleman se levantou. Pegou a bandeja com seus resíduos e a de Tracy. Ela se levantou também, mas não antes de limpar os lábios com um guardanapo. Não largou o refrigerante, mas terminou com gosto. Não conseguia se lembrar da última vez que cedeu a seus desejos por fast food.

— O tempo é um grande mestre. No momento em que precisar saber de algo, saberá, Srta. Goldstein.

Tracy sabia quando poderia pressionar para obter o que queria, principalmente informações, e quando era melhor continuar seu caminho. O motorista era leal aos Winthrops e em nenhuma circunstância deixaria de sê-lo por uma pessoa que acabava de conhecer menos de vinte e quatro horas.

— Melhor voltarmos ao restaurante — Tracy comentou com um grande sorriso, gostou do Coleman — porque tenho duas chamadas perdidas do chefe. E cinco mensagens de texto para me dizer que ele está pronto. Como não é permitido desfrutar de uma refeição em santa paz? Parece que comeu na velocidade da luz.

O chofer a olhou espantado, como se ela tivesse permitido que o Big Ben fosse decorado com grafites obscenos, e apressou o passo. Ele verificou o telefone, mas percebeu que o havia deixado no carro, porque Tracy prometeu que o avisaria se Sean ligasse.

— Deveria ter me avisado. Nunca estou atrasado quando o Sr. Winthrop precisa de mim — ele disse com preocupação. — Achei que tivéssemos combinado que me diria se recebesse uma ligação.

Tracy se sentiu culpada.

— Desculpe, Coleman. Deixei o telefone no silencioso de propósito...

Qualquer problema eu assumo a culpa. Só queria terminar de comer minha comida com tranquilidade e que você pudesse fazer o mesmo — murmurou as últimas palavras com pesar. — Eu realmente sinto muito. Não vou fazer algo assim de novo.

O motorista abriu a porta traseira do Lincoln sem dizer uma palavra. Ele se sentou no banco do motorista e ligou o motor do veículo.

— Por favor, aperte seu cinto de segurança.

E então, em um tom distante e monótono, ele estava lhe dizendo que tinha acabado de cruzar uma fronteira. Ela não era uma idiota e, se queria ter o motorista como um aliado, era melhor não tomar decisões arbitrárias novamente que poderiam afetar o trabalho de outras pessoas.

Os escritórios do Grupo SW ainda estavam em pleno funcionamento quando o relógio bateu no início da noite. A maior parte da equipe administrativa não estava mais trabalhando, mas outra história era o grupo de criação que tinha campanhas para polir, organizar, esboçar e apresentar. Os publicitários viviam uma carreira comprometida e investiam muita criatividade em ideias, sempre buscando se diferenciar dos demais. A personalidade de muitos deles era bastante peculiar, alguns poderiam até mesmo serem chamados de exóticos.

Ultimamente, várias empresas pequenas, mas sólidas, entraram na lista de clientes e exigiam um plano de publicidade muito mais detalhado para seus produtos. Não era fácil convencer os gerentes ou presidentes corporativos da necessidade de implementar uma mudança de visão ou formato de apresentação ao levar a imagem da empresa aos consumidores, mas isso fazia parte do trabalho de um publicitário. Às vezes, Sean podia trabalhar como um 'faz tudo' e outras vezes ele tinha que fazer um grande esforço para não se tornar o próximo serial killer do país. “Se a paciência pudesse ser comprada...” esse era um pensamento recorrente em Sean.

Tracy desceu o corredor acarpetado da empresa e foi até a mesa que

dividia temporariamente com Amanda. Colocou a pasta e o Macbook na superfície de madeira polida. Ainda precisava decorar o espaço com seu toque pessoal, e o espaço de seu novo chefe, mas já teria tempo para esses detalhes.

— Você é nova na empresa, imagino — disse um homem que, depois de vê-lo tantas vezes nas revistas, era muito conhecido de Tracy.

Ela não pôde evitar o sorriso brilhante em seu rosto. Estendeu a mão e todo o mau humor da tarde na companhia de um chefe rabugento se foi.

— Sr. Luther, uau, que honra — disse. — Admiro seu trabalho e sempre o considero um exemplo com visão e toques contemporâneos, mas que mantém o impecável estilo conceitual dos publicitários de sucesso de outrora.

Jackson soltou uma risada e apertou a pequena mão de Tracy.

— Obrigado. Sempre é agradável um elogio a esta hora de merda em um dia tão difícil — disse ele descaradamente. — E você é?

— Tracy Goldstein, a nova assistente de Se... do Sr. Winthrop. Comecei a trabalhar hoje.

Ele assentiu.

Apesar de seu tom alegre e postura pessoal, Jackson não era de forma alguma uma pessoa fácil de ler. Inspirava respeito e confiança ao mesmo tempo, e essa era a combinação ideal para um líder.

— Você já fez um tour por todos os escritórios?

— Sim — Tracy sorriu —, é um lugar impressionante. A sala de café parece feito para impedir os funcionários de quererem sair do escritório.

Jackson riu.

— Você também pode entrar pela biblioteca central, lá temos os arquivos de todos os casos em que trabalhamos desde a fundação da empresa. Certamente será muito ilustrativo para você, e ser a nova assistente pessoal do Sean será muito útil para acompanhar um cliente que deseja trabalhar conosco novamente em uma campanha.

— Eu farei isso, obrigada.

— Sean vai com você ou ele ficou na reunião fora da cidade?

Tracy não perguntou como ele sabia sobre a Tabacaria Ghent, porque

ambos os sócios — de acordo com Charlotte — estavam cientes das negociações que estavam ocorrendo. E era o mais lógico a fazer. Na verdade, a única maneira de fazer negócios em um mundo onde prevalecia a concorrência desleal.

— Ele teve que ir ver sua filha — respondeu. — O motorista me deixou, mas saiu imediatamente com Sean — encolheu os ombros. — Eu só vim buscar alguns documentos. A conta da empresa de tabaco é muito promissora.

Jackson assentiu.

— Isso eu ouvi. Em qualquer caso, Tracy, bem-vinda à empresa. Nossa política é de portas abertas, ou seja, pode vir a falar antecipadamente sobre qualquer questão de trabalho que esteja lhe causando desconforto, dúvidas ou até mesmo se tiver novas ideias ou propostas para melhorar o ambiente. Gostamos de ouvir nossos funcionários.

— Essa é uma das razões pelas quais sempre quis trabalhar aqui — Tracy disse com entusiasmo — obrigada, Sr. Luther.

— Somente Jackson. As formalidades não se aplicam a mim.

— Então assim será.

— Tenha uma carreira frutífera conosco — disse o vice-presidente da empresa antes de se afastar para continuar sua ocupada agenda de trabalho.

O humor de Milla não era o melhor naquela noite. Depois que a febre e o desconforto corporal diminuíram, o catarro desagradável apareceu.

Sean se desesperava ao menor desconforto que sua filha pudesse sofrer, e desta vez não foi diferente. Talvez fosse apenas uma gripe, mas ele se sentiu preocupado como se fosse um diagnóstico fatal.

— Papai — disse Milla deitada na cama — não quero ir para a escola amanhã.

— Vou pensar sobre isso, ok?

Não pretendia mandar sua filha ter contato com outras crianças pelo perigo de infectá-las, nem queria que ela ficasse aborrecida em um ambiente sem os cuidados que Milla exigia até sua completa recuperação.

— Ok — disse com um aceno solene. Mas é sério, papai, não quero ir amanhã... — sussurrou este último acompanhado de um beicinho.

— A escola é um lugar importante para você aprender coisas novas.

— Eu gosto do meu quarto — disse com uma expressão desamparada.

— Eu sei, Milla, mas ele não vai a lugar nenhum. Ainda estará aqui até você voltar da escola. Cada dia. Como eu.

O quarto tinha detalhes escolhidos pela pequena. Esses detalhes eram perceptíveis especialmente nas partes onde havia impressões de pequenas mãos com em diferentes cores de tintas, e também nos lugares onde o papel decorativo da princesa da Disney, Merida, não parecia tão impecavelmente impresso. O resto, graças ao trabalho de um perfeccionista como Sean, parecia magnífico.

A decoração convidava a uma fuga da realidade com toques muito artísticos, principalmente a cama de Milla, pois Sean a havia enviado para esculpir cenas do filme Valente. A iluminação era muito clara, exceto pelo abajur na mesa onde Milla fazia suas tarefas. Havia também uma lâmpada de leitura na parte de trás da cama e, no centro da sala, um pequeno projetor de estrelas e constelações que se refletia no teto branco. Às vezes Sean se perguntava o que faria no dia em que sua filha crescesse.

Ele tentava capturar momentos importantes com uma câmera profissional, e guardava vários álbuns de família que guardava em uma linda estante da sala de leitura de sua casa. Adorava tecnologia, mas nada poderia substituir a ideia de passar fotos impressas geração após geração. O digital poderia se perder, o que ficava no papel, dificilmente.

— Estou com um pouco de frio.

Ele a cobriu.

— Melhor?

Ela assentiu e Sean se acomodou ao lado dela. Ele a abraçou enquanto acariciava seus cabelos que tinham o cheiro de xampu infantil de camomila.

— Eu quero ficar com você o dia todo — disse com um tom triste.

— Você é uma menina crescida, Milla — disse docemente — e muito

corajosa como a Princesa Mérida. Então tem que tirar as melhores notas de toda a turma, porque logo você vai se sentir melhor.

Ela olhou para ele e assentiu suavemente antes de começar a fechar os olhos.

Assim que a garotinha adormeceu, Sean saiu do quarto. Eram oito horas. Desceu até a cozinha e começou a fazer um sanduíche de frango com tomate e alface. Sua vida era solitária, exceto pela presença de sua filha.

Ele se acomodou em uma das cadeiras de quatro lugares da sala de café da manhã. Enquanto comia um pedaço de pão, Sean olhou para a cozinha de sua casa acompanhado pelo silêncio do lado de fora.

O projeto da casa foi confiado a um arquiteto com ideias muito pragmática no uso inteligente dos espaços, enquanto a decoração foi feita por um fanático especialista do estilo clássico dos anos 20. O resultado foi uma fantástica mistura de dois estilos que conferiram ao imóvel um ar de sofisticação e clássico ao mesmo tempo.

A cozinha era um dos cômodos onde Sean ficava mais tempo, por causa da filha, e também porque era mais fácil sentar e trabalhar com o computador na mesa de refeições por ser mais perto da máquina de café. Prateleiras de madeira pintadas de branco com suportes dourados adicionavam calor ao ambiente. As prateleiras continham pratos finos — herança materna — e também todos os utensílios inimagináveis para cozinhar, e muitos Sean não tinha ideia de como usá-los. O balcão de mármore localizado no centro e rodeado do mais moderno conjunto de eletrodomésticos, tinha sido ideia da mãe de Milla, anos atrás...

Estava prestes a terminar a quarta mordida no sanduíche quando o bolso da calça jeans que usava começou a vibrar. Ele colocou o sanduíche de lado e correu o dedo pela tela ao perceber quem era.

— Boa noite, Sr. Winthrop.

— Estamos de volta à formalidade — disse Sean —, imagino que seja um grande avanço.

Tracy soltou uma risada e ele não pôde deixar de sorrir também. Estava

em casa, e talvez a atmosfera calma o tivesse relaxado. Mais importante, ela não podia vê-lo, então sua libido estava segura.

— Não se engane — respondeu Tracy. — Estou ligando porque me pediu alguns documentos, mas não sei se pretende voltar ao escritório. Aqui eu tenho um maço de papéis. Posso escaneá-los, embora com toda aquela segurança da informação e blá blá... O senhor me diga o que fazer. — Sean murmurou baixinho uma maldição, pois havia se esquecido completamente dessa parte. — Sei que o trabalho não tem horário fixo, mas pelo menos quero saber se tenho que começar a pensar em trazer uma barraca para dormir à noite no meio do escritório para esperar o senhor me dizer se posso ou não ir embora.

Sean fechou os olhos momentaneamente. A mulher era irritante. Ninguém se atrevia a falar com ele dessa maneira.

— Deveria listar os comentários tão fora de lugar que sempre tem a dizer, Srta. Goldstein, mas tenho outras coisas mais importantes a fazer, como *trabalhar*. Anote meu endereço e traga-me esses documentos agora mesmo. E antes que pergunte, sim, a empresa cobre os custos de transporte ou a gasolina caso tenha carro.

— Eu tenho carro, sim. Vou cobrar a conta — disse. — Tenho tudo aqui para anotar o endereço da sua casa, assim que o senhor falar... — Sean começou a ditar para ela, mas ela o interrompeu: — Ei, espere, espere, disse Bridle Path?

— Pensei que minha dicção fosse muito clara — disse coçando a cabeça. Seu cabelo era preto como as asas de um corvo. Não tinha a sorte de ser fácil de pentear, então Sean lutava com o gel todas as manhãs para manter o cabelo no lugar certo o tempo todo, mas quando estava em casa, seu emaranhado ondulado mostrava seu esplendor. Sua mãe costumava dizer que ele parecia um pirata em um terno de homem moderno, e ele apenas ria.

— Eu moro em Lawrence Park e o senhor mora em Bridle Path, então somos quase vizinhos, e poderei estar aí sem problemas assim que o escritório fechar aqui...

— Ok — Sean murmurou.

— Amanda saiu um pouco mais cedo porque tinha uma consulta médica — continuou sem se incomodar com o tom exasperado na voz do chefe. — Sabe? A equipe de vendas da empresa é muito amigável e a equipe de criação é tão cheia de pessoas peculiares — ela sorriu para si mesma porque se identificou com eles de alguma forma —, tive a oportunidade de conversar com alguns enquanto o esperava voltar e fui tomar um chá no refeitório, que por sinal é bem completo. Ah, e eu também conheci Jackson hoje, e deixe-me lhe dizer que...

Sean esfregou os olhos com os dedos da mão livre. Naquela tarde, mesmo que quisesse, não conseguiu marcar entrevistas com as três candidatas que pareciam mais indicadas para o cargo de babá. No dia seguinte, graças a Deus, sua mãe iria salvar o dia cuidando de Milla. Nos outros dias, tinha uma agenda muito complexa no escritório e levar a filha não era uma opção. Ele precisava organizar as entrevistas esta mesma noite com sua assistente falante ou ele teria uma semana de pesadelo para lidar. Este último não o atraía nem um pouco.

— Senhorita Goldstein — disse em tom impaciente —, não estou lhe pagando para que me faça um relato de sua vida social no escritório. Tem vinte minutos para chegar aqui com os documentos.

— Mas...

— Vinte minutos — ele repetiu, antes de encerrar a ligação. Não conseguia entender como essa mulher tinha tanta energia para tagarelar e sorrir o tempo todo. Só esperava que fosse tudo sobre a emoção de embarcar em um novo empreendimento profissional, porque Sean não tinha certeza se conseguiria manter sua sanidade entre as curvas femininas, sua eficiência e aquele jeito tagarela de se comunicar.

CAPÍTULO 5

Tracy estacionou em frente à casa de Sean.

No caminho do escritório, passou por um drive-thru do McDonald's. Era fã de batatas fritas, e daí? Não que suas curvas fossem diminuir com as aulas de Zumba. Privar-se de um capricho não estava em sua agenda de vida. Verificou a pasta que continha os arquivos que Sean havia pedido. Tudo estava completo. Menos mal.

Gostou do exterior da casa de Sean, embora as propriedades na área fossem arquitetonicamente bonitas. Tudo em seu próprio estilo particular. Não era à toa que era uma das áreas mais ricas de Toronto.

Com um exuberante jardim frontal, iluminado por luzes tênues e uma passarela de pedra que levava a dois conjuntos de degraus baixos e curtos, a casa convidava a ser percorrida. Tinha dois andares e uma enorme porta preta como preâmbulo do que, segundo Tracy, certamente seria um lugar aconchegante e decorado com o maior cuidado. Se pertencia a um publicitário como Sean Winthrop, ela não duvidava que tinha todos os ingredientes apropriados para dar um toque familiar na casa.

Ela saiu do carro e estava prestes a bater na porta quando se lembrou que Sean havia pedido que lhe mandasse uma mensagem para não acordar a menina que morava com ele. Obedeceu e, momentos depois, a claraboia da porta se acendeu.

Acostumada a sempre manter a compostura, Tracy ficou surpresa ao ver que seus nervos pareciam traí-la constantemente na presença de Sean. Ela não esperava a atração repentina que sentiu na primeira vez que o viu pessoalmente, nem esperava a maneira que provocá-lo de propósito — apenas para ver que reação ele poderia ter — a fez se sentir um pouco mais próxima. Estava começando a enlouquecer com apenas 24 horas de trabalho em um escritório que estava indo a mil por hora? Era melhor que não.

Geralmente, quando seu cérebro registrava alguém do sexo oposto sob o rótulo de "trabalho" ou "cliente de negócios", ela se comportava de forma impecável e suas reações eram medidas, e seu cérebro se coordenava com sua boca antes de falar. O último não acontecia quando estava na presença de Sean. Igualmente curioso e preocupante, em especial porque possivelmente existisse uma corrente de atração, mas Tracy estava consciente de que seu chefe tinha coisas mais importantes a fazer do que analisar as reações, desmesuradas ou não, de sua nova assistente pessoal, em especial quando tinha uma filha. O homem dirigia seu império publicitário com mão de ferro e — nas palavras de Amanda — seu único norte era Milla. Tracy estava curiosa sobre a mãe da menina, mas era melhor manter suas inquietações para si mesma. Imaginou que estava em terreno minado. Alguém podia sentir-se atraída por um homem que tinha dona, isso não era mau; o censurável era tentar algo mais que só saudar, conhecê-lo ou ser sua amiga ou empregada. Ela não era esse tipo de mulher. Além disso, experimentou em primeira mão a horrível sensação de ser traída.

A memória daquela época triste em sua vida a fez reagir e sacudir todas as bobagens em sua cabeça quando se tratava de Sean. Sim, ele era um homem por quem qualquer mulher daria tudo para tê-lo ao seu lado. Ele inspirava respeito, causava suspiros com sua masculinidade e tinha uma veia viril que conseguia desconcentrar com facilidade, embora nada se comparasse à sua sagacidade profissional e inteligência, assim como sua história de sucesso empresarial sendo tão jovem.

Com um plano de carreira estabelecido, Tracy não permitiria que suas emoções mais mundanas, como a atração sexual e pungente por Sean Winthrop, arruinassem suas chances de recuperar sua posição profissional. E não porque quisesse mostrar aos outros que poderia abrir caminho com sucesso em qualquer lugar do mundo, não. Neste caso, tratava-se de se validar como profissional no espelho e face ao reflexo mais difícil: o seu.

— Entre, por favor.

Ela levou alguns segundos para reagir. Com uma camiseta branca, jeans,

descalço e cabelo bagunçado, Sean poderia ser a imagem de uma campanha publicitária multimilionária. Tracy engoliu em seco.

— Boa noite, chefe — murmurou claramente lembrando porque não podia deixar suas emoções tomarem o leme do navio.

A porta se fechou atrás dela, e quando Sean passou por ela para guiá-la para dentro de casa, o perfume masculino a sacudiu por dentro. Precisava fazer sexo. Isso era tudo. Claro que sim.

— Vamos ficar confortáveis aqui, a calefação está ligada — disse ele, estendendo a mão para ela se sentar em um dos sofás brancos macios da sala —, mas se estiver frio, posso aumentar um pouco a temperatura. Minha filha está dormindo, então agradeço se falar baixo. — Tracy assentiu. — Posso te oferecer algo para beber?

— Um chá quente seria bom... Obrigada.

— Já volto — disse ele se afastando, enquanto ela dava uma boa olhada na casa. O tom caloroso e amigável de Sean a confundiu completamente. Ele tinha tomado Xanax ou algo assim para controlar o gênio de mil demônios que ele tinha no escritório? Talvez o simples fato de estar em um ambiente mais calmo o tenha levado a agir de acordo. Com o olhar, Tracy começou a procurar vestígios femininos ao redor. Talvez a ideia de que apenas as mulheres possuíssem certos detalhes que levassem os outros a identificar que a "mão feminina" na decoração da casa talvez fosse um pouco machista. Nesse caso, Tracy não poderia deduzir nada, porque o ambiente era sóbrio de todos os pontos de vista... e isso poderia ser tão feminino quanto masculino.

Deixou de lado suas reflexões existenciais e preferiu direcionar sua atenção para as fotos que apareciam em alguns cantos. As únicas fotos eram de Sean com sua filha, e outras, com uma senhora idosa; imaginou que era a avó de Milla. Em nenhum lugar havia uma esposa à vista. "Que curioso." Ou talvez a parte mais pessoal estivesse nos quartos menos acessíveis aos visitantes, por mais conhecidos que fossem. Havia todos os tipos de pessoas; do mais aberto ao mais cuidadoso com a sua privacidade. Ela respeitava isso, embora não significasse que ficou menos curiosa em querer saber o que os outros tentavam

esconder. A avó costumava lhe dizer que, em vez de virar publicitária, o título de detetive teria sido melhor para ela.

Percorreu com a ponta do dedo ao longo da moldura de uma fotografia que estava sobre a lareira. Na foto, Sean sorria ao lado de Jackson, este último segurando um prêmio. Tracy percebeu que era algo importante, mas não conseguia ler. Se inclinou um pouco mais perto e leu: *Paradigma*. A placa mais cobiçada concedida anualmente à melhor empresa de publicidade do Canadá. “Magnifico”, ela pensou com um sorriso nos lábios, e se lembrou por que estava trabalhando como assistente pessoal agora, em vez de publicitária.

Sua carreira profissional estava em jogo e não podia se dar ao luxo de perdê-la. De novo não...

Continuou seu breve tour pela sala imensa. Se perguntou a que distância estaria a cozinha, porque a casa estava em um silêncio mortal.

Tudo o que ela esperava ver em uma propriedade como esta, e muito mais, a cercava agora. Obras de arte discretas e originais penduradas nas vastas paredes. O chão estava coberto com um tapete cinza imaculado. A lareira estava apagada, embora vestígios de cinzas mostrassem que tinha sido usada recentemente. O teto era alto e lâmpadas com gotas de cristal pendiam espalhadas em sequências dinâmicas. A escada ficava no final, e ela supôs que levava aos quartos.

Tracy voltou para o sofá. Estava um pouco cansada. Desde que voltou da ida à tabacaria, Amanda a orientou sobre todos os detalhes que considerou importante antes de sair para a consulta com o médico. A mulher era uma máquina de trabalho, e Tracy imaginou que tudo se resumia a familiaridade com a empresa. Tinha sorte que Amanda foi generosa em sua ânsia de ter tudo organizado antes de sua saída, incluindo instruir sua substituta.

Sean devia ser um chefe excelente quando não estava desempenhando o papel de tirano, porque não se construía facilmente a lealdade de um funcionário com o caráter de Amanda a ponto de se oferecer para treinar uma pessoa que - visto de um ponto de vista lógico - era uma competição profissional. É uma pena que em breve ela não volte a ver a assistente de Sean,

porque a mulher era certamente uma fonte de informação proveitosa. Teria que testar o terreno quase do zero. Um desafio interessante. Tracy passou a mão no rosto. Seus olhos ardiam.

Ela remexeu em sua bolsa e tirou um colírio hidratante. Aplicou duas gotas em cada olho.

Franziu a testa quando percebeu que Sean não voltou. Fazer chá não era nada fora deste mundo. Com um suspiro, se levantou e seguiu o caminho que seu chefe havia seguido. A casa era maior do que pensava.

Enquanto caminhava pelo corredor, encontrou vários quartos. Todos eles estavam com as portas abertas e dava para ver estantes enormes, um piano de cauda, uma sala que parecia um mini home theater. “Interessante”, pensou Tracy, ao passar por aquelas portas que, se a situação fosse diferente, ela teria escancarado para novas explorações.

Não queria forçar seus limites... Não no momento, pelo menos.

Depois de servir o chá, Sean saiu da cozinha com uma bandeja de prata nas mãos. Tinha açúcar e leite, porque costumava beber assim desde que se lembrava. Por outro lado, estava ciente de que Tracy havia apenas tentado fazer seu trabalho e o havia deixado em um momento difícil desde que pôs os pés nos escritórios do Grupo SW. Geralmente, não era tão ácido com as pessoas com quem se relacionava nos negócios, muito menos se uma dessas pessoas ia ser seu braço direito.

Agora, no silêncio de sua casa, Sean se sentia menos pressionado, embora não conseguisse relaxar em relação a babá de Milla. Ele precisava resolver esse assunto com urgência. Poderia pedir a Tracy para fazer algum extra cuidando de Milla, embora paga espetacularmente, mas ele considerou que isso era um limite entre atribuir tarefas e abusar do tempo – mesmo que fosse pago – de um funcionário. Ele não era esse tipo de chefe.

— Pronto — disse a Tracy. — Está confortável?

Ela assentiu e pegou a xícara de chá. Derramou um pouco de leite e acrescentou dois cubos de açúcar. Misturou suavemente. Sentir-se observada, em um ambiente tão pessoal, a fez perceber o quão perto estava de Sean. O cheiro masculino misturado com perfume pessoal, e adicionado à aparência despreocupada, estava começando a deixá-la nervosa. Isso podia ser traduzido em um início de verborragia. Quem gostaria de ouvir todos os seus comentários ditos como se estivesse ditando uma carta urgente?

— Obrigada Sr. Winthrop...

— Talvez eu tenha sido muito obtuso com a senhorita, por favor, me chame pelo meu nome como originalmente tentou fazer. Não faça essa cara de chocada — sorriu. — Não sou um ogro... — Tracy assentiu. — Dizer que tive alguns dias de merda não é desculpa para meu comportamento, mas, por favor, saiba que seus esforços são apreciados, embora não tanto sua tendência para falar demais.

Tracy deu uma risada suave.

— Se te trato informalmente, você pode fazer o mesmo.

— Eu sei, mas obrigado pela permissão — ele respondeu levantando uma sobrancelha, e isso a fez sorrir.

— Podemos revisar a lista de babás de sua filha? — perguntou Tracy. — Imagino que seja outro motivo pelo qual me pediu para vir.

Ele assentiu e se acomodou ao lado dela.

Conversaram por quase uma hora. Prós e contras de cada perfil. Ao ouvir os argumentos de Sean para aceitar ou rejeitar certa candidata, ela entendeu seu amor por Milla e como era protetor com sua única filha. Tracy se perguntou como seria a experiência de ser protegida por um homem como Sean. E esse pensamento foi sua deixa para pegar suas coisas e ir embora. Não queria pisar em bombas-relógio.

— Então está tudo resolvido — Tracy disse, se levantando. Ela alisou a saia do vestido e começou a ajustar o lenço que costumava carregar na bolsa em épocas de clima mais variável. A noite estava fria e não queria pegar um resfriado. — Amanhã à tarde eu limpo sua agenda do escritório para que possa

ter o tempo livre necessário para entrevistar as cinco pessoas que escolheu como as mais adequadas.

Ele a encarou por um tempo, antes de assentir e se levantar.

— Obrigado. Direi ao RH sobre o seu pagamento de bônus hoje. Nem sempre será uma exigência que venha aqui, mas minha filha está doente e eu não poderia voltar ao escritório com ela nos braços e nem esperar mais um dia para deixar essa situação coordenada de uma vez.

— Sem problema, Sean — disse suavemente e ajeitou o casaco. — Eu entendo a situação.

— Obrigado. Eu a acompanho até a saída.

— Espere — ela disse de repente, e Sean ergueu uma sobrancelha — eu sei que não cabe a mim...

— Outra das suas curiosidades — ele murmurou, interrompendo e cruzando os braços. Ele tinha uma expressão bem-humorada no rosto, pois entendia que Tracy poderia estar preocupada com a empresa ou com os processos habituais. Não tinha sido o melhor dia para uma primeira reunião de trabalho, mas ele planejava consertar. Não foi uma grande concessão lhe pedir para tratar-me sem formalidades?

Na calma de sua casa, a pressão do ambiente não existia e Sean podia relaxar um pouco, embora isso não significasse que a ereção latejante, tendo o perfume feminino tão próximo e a curva daquela boca sensual a curta distância, poderia desaparecer apenas por querer. Ele teria que aprender a lidar com isso.

— Pergunte o que deseja saber sobre a empresa — disse em tom tenso.

Ela limpou a garganta e agarrou a bolsa contra seu lado. Era sua ideia ou as faíscas de química elétrica passavam entre os dois em meio ao silêncio e ao leve som do relógio cuco da sala?

— Não tem nada a ver com a empresa — expressou, como se precisasse deixar bem claro, e também não deu tempo para Sean responder nada antes de acrescentar rapidamente: — Vou conhecer a mãe de Milla ou terei que discutir algo com ela em algum momento? Gostaria de saber, porque assim...

— Não continue — interrompeu Sean erguendo a mão direita para reafirmar sua exigência. — Qualquer requerimento te enviarei por correio, Tracy, agora é hora de que vá descansar em sua casa. Obrigado pelo trabalho de hoje, e espero que a partir de amanhã a situação se acelere no sentido de sua adaptação às necessidades da empresa.

Tracy era o tipo de pessoa que conseguia ler facilmente o rosto de outras pessoas, mas não neste caso. Assim que terminou de fazer a pergunta em voz alta, o rosto de Sean tornou-se mais impenetrável. Seus olhos negros pareciam assumir um brilho severo, e a forma como sua boca se torceu deu a ela uma dica de que sua curiosidade não era bem-vinda em um assunto pessoal.

— Obrigada, errr, eu acho... — franziu os lábios e acrescentou: — Tenho um contrato de confidencialidade com sua empresa e é mais do que blindado. Sinto muito...

— Isso é tudo, Tracy — interrompeu com menos paciência a cada vez.

— Você me disse que eu poderia perguntar e...

— Questões empresariais — ele disse severamente. — Minha vida privada, além de marcar entrevistas para a babá de minha filha, é minha, a menos que eu permita o contrário, o que não farei. Agora, se me der licença, gostaria de acompanhá-la até a porta para ver Milla imediatamente.

Ela ficou envergonhada por sua tentativa abrupta de saber mais sobre ele. Assentiu com pesar.

— Sean, eu só queria entender como a dinâmica funciona, e se eu poderia me encontrar em uma situação em que sua esposa... — suspirou relutantemente ao notar a tensão nele. — OK me desculpe. Eu só queria ter uma imagem clara. Obrigada pelo chá.

— Vamos — disse Sean com um suspiro de frustração e colocando a mão na parte inferior das costas de Tracy para guiá-la em direção à porta.

Ela não queria criar um clima hostil.

— A meu favor, devo confessar, Sean, que às vezes fico muito curiosa, porque gosto de deixar claro a perspectiva em que vou trabalhar, principalmente em um trabalho como assistente pessoal, para o qual não tenho

experiência, e para o qual quero ser eficiente. Não era minha intenção causar desconforto.

Ele assentiu bruscamente.

— Minha empresa de publicidade é sua prioridade, Tracy. Ponto. É por ela que você recebe um salário muito mais alto do que qualquer outra assistente em Toronto. Apenas mantenha uma distância profissional.

— Este último é um aviso?

Sean tirou a mão das costas de Tracy e esfregou as têmporas. Ele estava prestes a perder o controle e silenciar aquela mulher tentadora com a própria boca e não com palavras precisamente. Ele respirou fundo.

— É uma ordem — Sean disse.

O perfume de Tracy o prendeu em uma espécie de feitiço maldito que parecia fazê-lo querer beijá-la até ficar completamente alheio à realidade. E isso era só o começo, porque sua curiosidade implicava querer descobrir todos os segredos de Tracy, cujo objetivo principal era saber o que a faria gemer de prazer e como seria deslizar dentro dela. Estava com problemas e ia além de apenas desejar alguém.

Irritado consigo mesmo e com ela por colocá-lo em uma posição como aquela sem nem mesmo perceber o efeito que estava lhe causando, ele balançou a cabeça em um gesto que tentava afastar os pensamentos lascivos sobre Tracy. Havia passado muito tempo sem contato físico com uma mulher. Não só porque quase não tinha espaços livres em sua agenda, mesmo quando estava viajando a negócios, mas porque nunca permitiria que uma mulher se aproximasse o suficiente de Milla para tentar manipulá-la para chegar até ele. Porém, para que alguém pudesse pegá-lo, ele teria que estar livre de todo remorso. E a liberdade era um luxo que ele não tinha em muitos anos, e talvez continuasse dessa maneira, a menos que uma maldita equipe de médicos e advogados decidisse de outra forma.

— Eu... eu entendo, mas você pode falar comigo. É meu chefe, sim, mas também uma pessoa que pode precisar de outra para ouvir. Sou bom em ouvir — sorriu — e não vou cobrar hora extra — disse tentando aliviar um pouco o

ambiente tenso que surgira de repente.

Sean diminuiu a distância, seu rosto a apenas trinta centímetros do de Tracy. As pupilas da mulher dilataram-se, e isso foi uma revelação clara para Sean de que, apesar da eficiência de sua nova assistente, perdê-la por um momento de luxúria criaria um caos em sua vida profissional. Até uma possível ação judicial de assédio sexual no escritório. Ele não precisava se sabotar. Não queria se meter em encrenca. Tinha o suficiente.

Provavelmente era hora de afrouxar as correntes que colocou depois que sua filha nasceu. Talvez fosse o momento certo para procurar uma companhia feminina que não implicasse em compromisso, mas o mais importante era que precisava ser alguém sem vínculos com o seu ambiente de trabalho ou social. Ele precisava de alguém discreto. Precisava remediar seu celibato ou cometeria um erro grave mais cedo ou mais tarde.

— Vou contar até três, Tracy, se não sair por aquela porta logo — ele apontou para a soleira da saída — vai estabelecer o recorde de assistente pessoal que mais rápido foi demitida da história do Canadá. Gostaria disso?

— N... não. Não.

— Foi o que pensei — ele respondeu abrindo a porta, e ela colocou seu corpo sob o amparo da noite. O vento frio soprou na casa como se fosse o rei que governava o mundo, não afetando apenas a temperatura de Sean.

Tracy abriu e fechou a boca para dizer mais alguma coisa, mas nenhuma palavra saiu de sua garganta. Um formigamento começou a percorrê-la, ainda sob as camadas de roupas, com o toque de Sean — minutos atrás — ainda vibrando na parte inferior das costas. O brilho escuro naqueles olhos a manteve imobilizada.

Ciente da química palpável que estava surgindo ao redor, mas aparentemente apenas afetando-a, Tracy engoliu em seco e não protestou contra a reação súbita e violenta de Sean. Ela ficou em silêncio mesmo quando ele fechou a porta, praticamente sob seu nariz, com um leve “clique”.

Boston, Estados Unidos.

Bethany se despediu de Agnes, sua amiga do grupo de enfermeiras do turno da manhã no hospital, e agarrou seu casaco para se proteger do frio. Tremendo, abriu a porta do carro e imediatamente ligou o aquecedor. Quando a temperatura estava decente, relaxou. Ela não se permitia uma pausa há muito tempo, embora o que mais pesasse era não ter sido corajosa o suficiente para se abrir para o mundo como ela queria viver sua sexualidade.

Em uma América mais aberta, o preconceito em relação aos homossexuais continuava a ser marcante. No caso das lésbicas, ainda mais, para Bethany parecia completamente absurdo. A liberdade não implicava desejar e amar quem quisesse, independentemente da orientação sexual? “Enquanto há tanta gente nas ruas fazendo mal aos outros, a humanidade perde tempo olhando a vida alheia”, esse era um pensamento recorrente em Bethany.

Durante sua adolescência, ela considerou se abrir com sua melhor amiga, mas uma reportagem que viu na televisão interrompeu completamente essa ideia. Não conseguia esquecer o quão chocante essa notícia foi para ela. Uma menina de quinze anos foi torturada e morta pelos pais porque se recusou a deixar a namorada.

Naquela noite, Bethany até foi para a cama sem comer. Toda a coragem que acumulou para aceitar sem vergonha nenhuma perante o mundo que ela era lésbica, e que poderia amar outra pessoa do mesmo sexo e por isso não amar menos, desapareceu completamente.

Embora soubesse que Tracy era diferente dos homofóbicos e soubesse, porque não poderia ter sido sua amiga de outra forma, ela não achou a coragem que a notícia tirara dela. A própria ideia de que eram os pais da menina, que deveriam apoiar e dar seu amor incondicional, que a tratavam como se ela tivesse uma doença mental por ser lésbica a ponto de matá-la, lhe colocaram algemas invisíveis na valentia de Bethany.

Por mais que tentasse, não conseguia deixar de se perguntar como um amigo reagiria — no pior cenário — se fosse Tracy ou não. Daquele dia em

diante, Bethany se isolou novamente em seu pequeno mundo onde ela coexistia com sua sexualidade atormentada pela frustração e medo. Infelizmente, este era um mundo em que, aos 27 anos de idade, ainda vivia.

Em uma tentativa lamentável de se encaixar em um círculo social que parecia se expandir a cada dia no colégio, Bethany aceitou um encontro com um garoto muito simpático. Acreditava que talvez o que realmente aconteceu aos quinze anos, independentemente das notícias, foi uma confusão sobre seus impulsos sexuais. Nem discutiu isso com a psicóloga da escola, como a mulher poderia ter reagido a uma pergunta como a dela?

Foi um grande erro ter dormido com Morgan aos dezessete anos. Não somente porque a palavra 'curtir' não estava na equação, mas a penetração doeu muito. Morgan se desculpou, porque soube que também era sua primeira vez e ele tentou fazer com que a segunda fosse melhor. Mas aquela segunda ocasião serviu apenas para Bethany reconhecer que aos quinze anos ela não tinha nenhuma confusão sobre sua orientação sexual. A ideia de um homem penetrando-a, acariciando seus seios ou beijando-a não a excitava. Ela fez sexo com Morgan porque ele parecia fofo para ela, mas a excitação que ela sentiu naquela ocasião veio do pensamento de como seria se fosse uma mulher e não Morgan, e sua vagina molhada - o que facilitou a investida do membro de seu primeiro e único amante masculino - era o resultado da boca inexperiente de Morgan entre seus lábios mais íntimos.

Determinada a quebrar os esquemas mentais que a mantinham presa, a frustração emocional e sexual que a corroía pela solidão opressora em que vivia imersa todos os dias, ela abriu o porta-luvas do carro. Puxou o cartão de Byron Wells, um amigo que conheceu quando ia a shows de jazz há muito tempo. Tracy não o conhecia, e isso permitiu que Bethany se sentisse menos constrangida ao visitar o negócio de Byron.

Ele era o dono do Hotel Cumbria. Como ele mesmo disse a ela, era um lugar muito discreto, onde não havia convidados para fins familiares. Não havia fotos do site espalhadas online. Para acessar o site do hotel, que primeiro aparecia apenas com o nome do hotel e o resto era um belo modelo em tons de

dourado e preto, Bethany teve que digitar o código de barras no cartão de visita de Byron. Um código único, de acordo com o que seu amigo lhe havia dito durante aquele show. Quando Bethany lhe perguntou por que deu a ela aquele cartão, com especificações tão enigmáticas, ele respondeu apenas: “Eu sei que você pode estar interessada em me visitar um dia. Não perca este cartão, pois poucas pessoas o recebem”.

A conversa com Byron foi breve, mas ele deixou claro para ela que, se ela quisesse, poderia discretamente descobrir novos rumos. Depois do show de Jazz, ao chegar em casa, Bethany ficou acordada por longas horas. A forma como seu sexo vibrava e seu coração batia forte com a ideia de ser capaz de se abrir com alguém, abertamente, a mantinha desconfortável. Seu irmão, seu amado irmão, tinha uma imagem pública a preservar em Boston como um jovem arquiteto renomado com projetos promissores na cidade a longo prazo. Bethany também pensava em como isso impactaria se ela “saísse do armário abertamente”, entre os círculos políticos mais recatados em que costumavam se vincular por questões trabalhistas com seu irmão, Lucas.

A última coisa que queria era causar danos colaterais por uma decisão tão pessoal. Talvez estivesse bagunçando sua cabeça? Talvez fosse apenas sua imaginação? O que sabia era que a morte daquela garota, uma década atrás, nas mãos de seus pais por causa de sua preferência sexual, era o ponto de discórdia pessoal de Bethany. O maldito medo...

Quando se formou em enfermagem, com informações que supostamente lhe deram orientações para que seus medos emocionais desaparecessem, Bethany decidiu procurar um psicólogo. O homem, muito respeitado em sua área e recomendado, a atendeu por quase três meses, mas ela sentiu que não era o suficiente para desabafar. Falar com alguém que - por preceitos éticos - não podia discutir nada sobre ela com outras pessoas, apenas acrescentava mais sigilo à situação. Vivia em constante contradição. A falta de conexão emocional em sua vida em um plano íntimo, mais privado, e diferente do que um amigo ou amiga poderia proporcionar, era uma frustração perene em seu dia a dia. A necessidade de ser aceita e de sair sem se conter, de sorrir com o

vento fresco no rosto em busca de sua felicidade sentimental, era uma ansiedade que parecia rasgá-la por dentro.

Encontraria uma maneira de 'sair' de uma vez por todas. O processo deveria ter começado e, se Byron pudesse ajudá-la, ela correria o risco de se abrir com ele. Não sabia o que poderia encontrar na propriedade que ele possuía, mas estava disposta a tentar. O que podia perder? O que poderia ganhar? Ela estava cega para a situação, não ia deixar-se intimidar.

Ligou o carro e foi para casa. Estava quase dormindo. Assim que acordasse, daria um passo que, esperava, mudaria o curso de sua vida.

CAPÍTULO 6

Duas semanas depois, Sean tinha uma nova babá. Finalmente! Embora, é claro, não fosse o suficiente para manter a vida exigente que ele levava sob controle. Não ia reclamar, afinal já havia passado pelo inferno por não ter uma pessoa de confiança com quem deixar sua única filha.

Heather Tyson estava na casa dos quarenta anos, era nativa de Winnipeg, além de ter uma energia transbordante e fazer Milla se sentir à vontade. A mulher era paciente, entusiasmada e responsável. Ele sabia que tinha feito uma boa escolha. No ambiente familiar, podia relaxar um pouco, e isso lhe dava um tempo para focar mais na empresa.

Os planos no escritório ainda estavam em andamento e ele estava farto da carga de trabalho. Teria um derrame se sua taxa de trabalho não diminuísse. Então, contra todas as probabilidades, iria sair à noite, e como Heather concordou em ser babá de Milla no horário extra, ele planejou usar essa oportunidade com sabedoria.

Não queria perder o agradável ritual de colocar sua filha para dormir, mas ele também precisava reviver a sensação de euforia que lembrava ao entrar em um bar e encontrar uma mulher de quem gostasse, e poder tocá-la, beijá-la... Não, iria a um dos bares movimentados ou boates da moda, porque não queria topiar com algum conhecido. Ele contou aos seus dois amigos, Maxwell e Scott, e como ambos eram mulherengos consumados, pouco se importavam com o lugar, desde que houvesse cerveja de boa qualidade e mulheres bonitas dispostas a se divertir sem complicações. Exatamente como Sean naquela noite.

No passado, o grupo de amigos para sair na farra incluía Jackson, mas agora o pouco tempo livre era dedicado aos filhos e à esposa. Compreensível. De alguma forma, Sean o invejava, mas não queria se aprofundar nos motivos e preferia pensar no que o esperava esta noite.

Ele sorriu com a perspectiva, mas primeiro tinha que terminar seu último

compromisso na agenda. Digitou os detalhes para aprovar a apresentação da campanha da marca de calçados Higher. O alvo eram os idosos do país, mas o processo iria começar com foco na província de Ontário.

Seria um trabalho que duraria pelo menos seis meses. Aquela empresa que estava em seu panorama era pouco explorada, e não entendia o porquê, então a ideia chamou sua atenção quando o presidente da empresa ShoeHi, Jonas Hollister, o procurou para que o Grupo SW ficasse a cargo da publicidade.

Sean costumava concordar em trabalhar com empreendedores sempre que possível, porque ele e Jackson também o foram em seu momento. Ambos sabiam da necessidade de apoio externo ou de alguém que acreditasse no potencial de suas ideias quando seus nomes eram novos no mercado.

— Posso entrar? — perguntou a voz inconfundível de Tracy.

A noite interessante que tinha pela frente parecia ainda mais atraente para Sean com a ideia de se livrar dos fantasmas lascivos que o cercavam enquanto sua assistente entrava no escritório deixando o aroma de coco e amêndoas pairando no ar. Ele não se lembrava de quantas vezes se levantou e deitou na cama pensando em maneiras de fazer sexo com Tracy. Naquela noite, sua frustração acabava, porque era só isso.

Ele pegou sua caneca de café fumegante e bebeu. Olhou para sua assistente por cima da borda da caneca e assentiu.

— Imagino que tenha tudo pronto para o encontro com Jonas em quinze minutos. — Ela assentiu. — Bom. Algo mais?

— A equipe se reunirá na sala principal, já está tudo coordenado. Queria saber se quer que eu esteja presente — olhou o relógio de pulso —, são quase sete da tarde e tenho uma consulta médica que não posso mais adiar.

— Eu não sabia que estava doente, porque você já sabe que temos o melhor seguro saúde corporativo, e...

— É sobre outra coisa, Sean — interrompeu mordendo o lábio inferior nervosamente. — Você precisa de mim para outra coisa?

"Se você soubesse." Ele olhou para ela por um longo tempo.

— Não gosto de mentiras — disse ele.

Ela alisou o vinco invisível da calça, que por sinal lhe cabia como uma luva, e fez o mesmo com o casaco. Estava vestindo uma camiseta cinza e seu cabelo estava preso em um coque suave e baixo.

Além dos cílios maquiados, batom coral e blush nas maçãs do rosto salientes, Tracy não precisava de mais nenhum dispositivo feminino para realçar sua beleza. Não porque lhe faltasse vaidade, mas porque todas as manhãs acordava com a sensação de que ia se atrasar para o trabalho. Ela colocava a primeira coisa que encontrava na bolsa de maquiagem, para neutralizar as maratonas que enfrentava na Netflix durante as noites em que estava viciada em uma série, e então bebia uma xícara de café expresso.

Naquela noite, tinha uma consulta que vinha adiando com o médico, mas não porque tivesse problemas de saúde. Após a insistência de Bethany, Tracy abriu uma conta em um site de namoro muito popular, Perfect Click. Ela recusou os três primeiros convites de Lassner Tomlinson, o homem que chamou sua atenção, na semana anterior, mas era hora de parar de dar desculpas.

Um café não faria mal a ninguém e estariam em um local público. Por precaução, mandaria o endereço do hotel para Becky, embora, sendo o Shangri-La de Toronto, não achasse necessário fazer mais do que apenas mencionar o nome dela.

Lassner realmente a atraiu, e o fato de ser doutor em direito ainda mais, embora tivesse confessado que a escultura era sua paixão e que queria levá-la para uma exposição privada. Com apenas trinta anos, o achou um candidato interessante. Se adicionasse a isso que ele se parecia com Jamie Fraser da série Outlander, então já tinha pontos extras. Só esperava que não fosse algum assassino em série.

— Posso lhe trazer a fatura da consulta, se é o que quer — respondeu acidamente, embora esperasse que Sean recusasse, porque estaria em apuros.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Que tudo corra bem na consulta médica — ele finalmente respondeu, relaxando a expressão. — Nem queremos que pensem que sou um tirano e que quero que você morra com um AVC no trabalho.

— Imagino que seria mais trágico do que dizer que posso morrer de susto ligando para o meu telefone às seis da manhã — disse cruzando os braços. — Tenho um chefe que não conhece os limites do horário de expediente.

Ele encolheu os ombros.

— Uma hora prudente que você mencionou — Sean respondeu encostando as costas na cadeira —, e agora, pode me permitir continuar meu trabalho antes da reunião? A verdade é que não tenho caixa de reclamações, mas se tiver, pode ir avisar ao chefe... Oh, ok, o chefe sou eu!

Tracy bufou.

— Um pouco engraçado, é claro. Até amanhã, então — disse ela.

— Tracy — respondeu com meio sorriso e no mesmo tom sarcástico —, espero que tudo corra bem na sua consulta com o médico.

Ela apenas assentiu e fechou a porta atrás dela.

Sean conseguiu respirar novamente. Embora, a julgar pela protuberância pressionando contra o tecido de sua calça cinza-carvão, o ato de respirar tivesse sido um erro. O perfume feminino ficou pairando no escritório. Só mais três horas para ir ao bar, lembrou a si mesmo frustrado. Fazia muito tempo...

O assunto da mãe de Milla foi proibido de ser levantado nas conversas, por pacto tácito entre seus amigos, a verdade é que Sean sentia que realmente não tinha nenhuma responsabilidade. Passaram-se mais de três anos desde a última vez que teve notícias de Sandy ou de seus pais. Nenhum dos Maynard queria se relacionar com Milla e seu crescimento, culpando-a pela bagunça que Sandy ficou depois que deu à luz, uma vez que ela mostrou suas verdadeiras cores.

Para Sean, a distância do casal Maynard foi uma bênção e ao mesmo tempo um exemplo de que ele nunca permitiria que ninguém daquela família se aproximasse da sua filha. Nunca. Como culpar um anjinho por ter uma mãe

irresponsável?

Como poderiam julgar um ser que mal tinha consciência do que era o mal, a raiva, a ganância...? Aqueles três anos que passou sem ver a mulher por quem ele havia se apaixonado, ou pensou que estava, realmente pareciam três séculos. Foi melhor assim. Se ele tinha que fazer alguma penitência, os três anos de celibato pareciam suficientes. E não por Sandy, nunca por ela.

Depois de tomar um banho rápido, secar o cabelo e aplicar maquiagem, em muito mais detalhes do que em seu horário de trabalho, Tracy abriu o armário. Ela optou por uma lingerie de seda em tom azul. Talvez não fosse dormir com Lassner esta noite, mas isso não significava que estava rejeitando a possibilidade de se sentir sexy.

Correu as pontas dos dedos sobre a roupa. Um dos vestidos que eu não tinha usado em muito tempo pendurado envolto na capa plástica da lavanderia. Ela o tirou, colocou na frente do corpo e se olhou no espelho de corpo inteiro. Era um vestido Versace curto turquesa com mangas transparentes que cobriam seus braços e tinha um decote em V.

Deslizou o zíper traseiro para baixo e o ajustou. Alisou a roupa sobre a própria pele e gostou do que viu refletido. Solto um suspiro acompanhado por um sorriso. Lassner poderia não durar mais do que esta noite, mas pelo menos ela estava tentando criar um equilíbrio. Chega de ser solteira.

Uma vez no hotel, mostraram-lhe onde encontrar o famoso restaurante, o Bosk. Apesar de estar em Toronto há 12 meses, esta era a primeira vez que ia a um bar ou restaurante de hotel. Não porque estava fora de seu orçamento, mas porque não a atraía. Ela se considerava uma mulher de gostos simples quando se tratava de restaurantes. Seria hipócrita adicionar o mesmo visual ao seu gosto por roupas íntimas e sapatos.

Conforme avançava, seu olhar procurando pela pessoa que poderia se parecer com as fotos no site de namoro, apreciou o quão sofisticado era o interior. Como era de se esperar, era um hotel cinco estrelas e custava mais de

quinhentos dólares por noite em um quarto individual. Claro, não estava planejando ficar, mas ia considerando que os preços do Bosk seriam de alto padrão. Costumava gostar mais da arquitetura contemporânea do que vintage ou minimalista, porque lhe dava uma sensação de espaço. Odiava lugares que eram muito fechados.

Quando seu olhar caiu sobre o único homem que a observava interrogativamente da cadeira vermelha à mesa para dois, Tracy sorriu automaticamente. Sim, era melhor do que as fotos e a única vídeo chamada que fizeram.

— Presumo que estou me sentando com Lassner — disse com um sorriso, porque gostou da vibração que emanava dele. Não se sentia em perigo, e devia acrescentar que o fato de ele se parecer com o protagonista da série *Outlander* era uma vantagem.

— Prazer em conhecê-la — respondeu ele, puxando a cadeira para que ela se acomodasse —, e devo dizer que estou muito impressionado. Não sei o que faz como assistente quando deveria estar em um outdoor como modelo. — Isso fez Tracy rir alto. — Além de ter uma risada contagiante — adicionou Lassner com uma piscadela.

— A menos que o trabalho de modelo seja combinado com alguma tarefa adicional que envolva o uso do cérebro em vez do sorriso, prefiro permanecer como uma publicitária assistente pessoal por enquanto — respondeu com um sorriso que Lassner imitou. — A propósito, adorei este lugar. Você já veio antes?

— Algumas vezes com colegas de trabalho. O serviço é impecável e a comida deliciosa. Achei que você gostaria também, por isso sugeri. — Ela assentiu. — A propósito, não tenho a tendência de usar o Perfect Click e convidar mulheres dessa plataforma para virem aqui comigo.

— Eu também não...

— Eu sei, você me disse, mas eu só queria te lembrar.

— Para algo em particular?

— Tracy, lembro-me do que você me contou sobre o seu ex, e agradeço

por ter tido essa confiança comigo. Grande parte do motivo pelo qual a convidei para sair é porque é revigorante conhecer alguém sem artifícios. As mulheres ao meu redor costumam ser superficiais e estão sempre planejando estratégias estranhas para conseguir sabe-se lá o quê... — suspirou. — Eu mal tenho tempo para ficar ativo nessas questões de namoro e tal por causa da quantidade de trabalho que eu mantenho. Não pense que sou um mulherengo ou um jogador emocional. Se estou aqui é porque me sinto atraído por você, e acho que vale a pena investir meu tempo e esforço para conhecê-la.

— Declaração de amor no primeiro encontro, awww — disse ela, ciente de que gostava da sinceridade de Lassner, corando.

Ele colocou a mão no coração dramaticamente.

— Sou eu, o advogado que litiga na Justiça para colocar criminosos atrás das grades, sempre pronto para colocar seu coração no primeiro encontro com uma mulher linda e sexy.

Tracy riu.

Esse momento foi escolhido pelo garçom para aparecer, e ambos pediram algumas entradas, até decidirem pelo prato principal.

— Saúde por isso — ela respondeu levantando a taça de Tom Collins.

— Devido ao fato de não ter muitos compromissos no Perfect Click? — perguntou em um tom que fingia estar consternado, depois ergueu seu Classic Whiskey Sour. Tracy gostava de como era fácil conversar com Lassner e também de como era fácil rir alto de vez em quando. Ela não se sentia constrangida e o nervosismo já era inexistente, e isso que levou apenas vinte minutos para se conhecerem pessoalmente. Em suas conversas telefônicas, mantiveram a mesma dinâmica, e ela reconheceu que foram um fator importante para o risco de conhecê-lo em menos de uma semana e meia de conversa frequente. Tracy sabia que não poderia tirar muitas conclusões de um primeiro encontro, mas ela estava começando do céu. Na verdade, não tinha ideia se havia a possibilidade de um segundo encontro com Lassner, então pensou em desfrutar do que tinha.

— Você tem muitos encontros com mulheres em geral? — perguntou em

um tom divertido.

Lassner riu.

— Um ritmo menos usual do que gostaria devido ao meu trabalho, embora a verdade é que não tenho tempo para manter um relacionamento.

— Uma maneira sutil de me dizer que não está procurando nada sério — Tracy disse bem-humorada.

— É isso que você está procurando? Algo sério?

Ela encolheu os ombros.

— Não estou procurando nada em particular para ser sincera. Ter aceitado a ideia da minha melhor amiga de estar na plataforma é um grande passo em frente e sair para um encontro, bem... Uma aventura, vamos chamá-la assim.

— É por causa do seu ex?

— Em grande parte. Não que eu tenha sentimentos por ele, mas espinhos de desconfiança permaneceram embutidas em minha pele. Procuro fazer com que doam menos até que desapareçam aos poucos. Isso é um começo, eu acho...

— É. Estou honrado com a oportunidade. Você é uma mulher linda e eu adoraria ver aonde esse encontro nos leva.

Tracy assentiu suavemente, estudando os olhos verdes de Lassner. Parecia encantador, mas ela não confiava na fachada, e mesmo que não se sentisse em perigo, havia algumas pontes que um homem teria que navegar para que ela sentisse o desejo de se abrir completamente. Só por causa do excesso de cautela e da desconfiança que havia se tornado sua segunda pele, desprezava Adrian.

O amor não era uma prioridade, mas não era por isso que iria parar de se divertir. Ela não deixaria seu ex ter o poder de ofuscar suas decisões quando se tratava de homens. Nem tudo foi um desastre, e é por isso que ela estava feliz por ter uma amiga como Bethany. O que seria sem ela e suas ideias malucas? O que seria dela sem a ajuda de Becky em Toronto? Amigos eram definitivamente a família escolhida.

— Faz muito tempo que não dou a ninguém a oportunidade de me

conhecer em um nível mais... hummm, digamos pessoal — comentou mordendo o lábio inferior —, e acho que hoje é um bom começo para remediar essa situação. Estou apenas explorando minhas possibilidades, Lassner. Podemos ser bons amigos ou não. Talvez outra coisa, que tal vermos? Pelo menos acho que você não é um assassino em série.

— E você não é Mata Hari. Que alívio... — disse rindo.

Tracy, achou que ele tinha uma expressão cativante e uma risada fácil, a ponto de a convidar a sorrir constantemente em vez de ficar apreensiva. Um efeito comum dos advogados que lidam com casos criminais para arrancar a verdade de seus clientes ou quebrar testemunhas? “Muita imaginação, Tracy”, ela se repreendeu. Estava ficando paranoica com sua imaginação floreada.

Por outro lado, não pôde deixar de notar que seu coração não estava batendo fora de controle, nem seus nervos a traindo naquela noite. Ambos os efeitos costumavam surgir quando estava perto de Sean Winthrop. O que estava fazendo pensando no seu chefe em um encontro? Não tinha a mínima maldita ideia.

— Oh, bem, você terá que ver por si mesmo, Lassner — respondeu com humor e enviando o pensamento de Sean para um buraco negro em sua memória. — Pelo menos você pode ter certeza de que, por enquanto, sua cabeça não está em perigo.

Ele riu.

— Eu gosto de como isso soa, então tentarei honrar a ocasião de ser seu primeiro encontro em muito tempo. Vamos brindar, Tracy, por uma noite divertida.

Relaxada, ela assentiu.

CAPÍTULO 7

Depois que Sean se despediu do seu cliente e os executivos do Grupo SW começaram a deixar a sala da diretoria, ele pegou o laptop e voltou ao escritório. Costumava registrar todas as suas impressões de cada cliente da empresa, e a essas notas adicionava as de sua assistente. Nas últimas duas semanas, as de Tracy.

Ele mal podia esperar para começar a abrir a sede da empresa em Winnipeg. Jackson estava encarregado de construir o desenvolvimento da gestão, supervisão, mas a escolha da equipe era responsabilidade de Sean. Em outras ocasiões, sendo sócios, os papéis eram invertidos para combinar o fardo de possuir uma empresa em constante crescimento.

Sean estava com a porta do escritório aberta no momento e, dessa posição, podia olhar para a mesa vazia de sua assistente. Franziu a testa com a ideia de que ela estivesse doente. Embora não quisesse dizer a ele do que se tratava - ela não precisava, todos tinham direito à privacidade - Sean se perguntou se estava tudo bem ou não. Sentia a tentação de ligar para ela, mas não queria parecer um intruso.

Não estava acostumado a ficar distraído quando as pessoas que trabalhavam tão intimamente com ele passavam por alguma dificuldade. Não se considerava um chefe tirano e a saúde de seus funcionários era importante. Por outro lado, Tracy era um caso misterioso para ele, além de fascinante. Num momento parecia controlar tudo e no próximo deixava suas palavras saírem como uma cascata infinita. Às vezes isso o deixava furioso, e outras vezes - que ele tentava controlar - ria. Uma combinação estranha. Ele nem mesmo mencionaria o que havia de errado com sua libido. Manter o foco em assuntos profissionais com ela era uma façanha, porque significava tirar os olhos das curvas sensuais, dos comentários inteligentes e afiados e do maldito cheiro que o deixava louco.

O telefone vibrou sobre a mesa, interrompendo seus pensamentos. Ele passou o dedo pela tela para acessar as mensagens.

Max: Athina me mandou uma mensagem. Você lembra dela?

Sean: Não...

Max: Você não tem mais memória ou seu pênis finge não ter, decida-se.

Sean: Elegante como sempre.

Max: Pense, bobo. Irlandesa. Ruiva. Tetas grandes e uma bunda de matar. Nós a conhecemos naquele fim de semana que passamos em Porto Rico. Você desapareceu com ela sabe-se lá onde, vamos, lembra.

“Mas eu não dormi com ela... tecnicamente”.

Sean: Tão sutil, porque você tem o número de telefone dela?

Max: Lembro que você deu a ela *meu número em* vez do seu, e é por isso que acabei de receber a mensagem.

Sean: Haha. Porto Rico foi há mais de oito meses...

Max: Athina me perguntou o que aconteceu comigo, ou com você, e eu disse a ela que íamos nos encontrar. Eu a convidei, ou seja, você a convidou.

Sean: Que conveniente.

A última coisa que Sean queria era ter algo a ver com uma mulher que sabia quem eram seus amigos e o negócio que dirigiam. Só queria uma noite anônima.

Max: Mano, você precisa transar. A mulher conheceu a cidade e lembrou que você existe. O que isso lhe diz?

Sean: Que não tinha nada melhor para fazer na vida...

Max: Idiota. Vou dizer a Scott para desaparecer mais cedo e eu também vou.

Temos algumas horas para algumas cervejas antes que Athina chegue.

Sean: Te vejo em breve, cara.

Max: Traga preservativos para não ter desculpas.

Ele não respondeu mais e deixou o telefone de lado.

Seus melhores amigos sabiam da situação pessoal em que ele se encontrava, porque conheciam Sandy e todas as complicações que ela causou

depois que Milla nasceu. Talvez o fato de Athina estar em Toronto fosse o destino. “Adeus celibato”.

Durante o fim de semana que ele esteve em Porto Rico, relutantemente porque preferia estar com sua filha, se divertiu com seus amigos. Esse equilíbrio fez bem ao seu ego masculino. Houve beijos apaixonados e carícias muito ardentes com Athina, mas Sean não foi além de alguns amassos, menos depois de deixar seu corpo nas pistas de dança das melhores discotecas de San Juan.

Não foi mais longe com Athina. Que ele se lembrava.

Antes de se envolver com sua ex, a ideia de dormir com uma mulher que conheceu brevemente não importava para ele, e já tinha feito isso inúmeras vezes. Porém, a mãe de Milla havia deixado suas cicatrizes, e o comprovou quando seu corpo se excitou com Athina, mas seu cérebro impediu as possibilidades de se deixar levar pelo calor da irlandesa e de penetrar no sexo molhado. Ele não conseguia se lembrar do rosto dela com clareza, e isso era intrigante para um homem que vivia reconhecendo detalhes que os outros esqueciam. Talvez houvesse muito álcool envolvido em seus encontros com Athina.

Essa viagem foi uma grande perturbação em sua programação habitual em Toronto.

Seu dia a dia não mudou muito; tudo estava claro e transparente. Ele se lembrava de cada rosto, especialmente de seus funcionários. Talvez os nomes escapassem de sua memória em raras ocasiões, mas tentava gravá-los.

Sua melhor hora do dia era quando acordava. Sean iniciava a rotina usual com Milla para prepará-la e levá-la ao jardim de infância, mas não antes de ligar para Tracy às seis da manhã para ditar uma lista de requisitos. Esse era o seu momento de vingança pessoal naquele dia, porque sabia - pelo menos agora - que ela odiava aqueles telefonemas.

Havia outro prazer mais divertido do que provocar a única mulher que o havia tentado a ponto de tê-lo em um perene estado de luxúria, e que ele não podia tocar do modo que desejava? A resposta era 'não', especialmente porque

era a única maneira de acreditar que igualava a pontuação quando - admitia que Tracy não sabia o que estava causando suas emoções masculinas - ela o deixava louco a cada maldito momento que passava diante dele em seu escritório. A maneira como ela se vestia era elegante, feminina e provocante, mas - mais uma vez - Tracy parecia alheia ao afeto que gerava ao seu redor. Este último não era o pior do caso, claro que não.

O que deixou Sean louco foi ver que alguns de seus funcionários pareciam devorá-la com seus olhares quando pensavam que ela não percebia. Sentir vontade de sair do escritório e dar um soco neles para que desviassem o olhar não era muito agradável.

O acúmulo de trabalho parecia interminável, a tensão sexual prestes a explodir e seu nível de autocontrole estava começando a atingir o limite como nunca. Várias mulheres, pelo que ele conseguia se lembrar, tentaram chamar sua atenção. Sean sabia que não era sua personalidade avassaladora que atraía o interesse, como fazia sua próspera conta bancária e as propriedades que os Winthrop possuíam em diferentes partes do Canadá. Ele tinha uma autoestima muito elevada e sabia que era um homem atraente. Somando esses detalhes a sua riqueza financeira, tinha uma boa chance de conhecer várias caça fortunas. No entanto, nenhuma das mulheres que tentaram “caçá-lo” foi capaz de cativá-lo por mais do que alguns minutos. Seu bom senso falhou com Sandy. Ele não ia deixar isso acontecer novamente.

Por outro lado, ele era o tipo de pessoa que rapidamente perdia o interesse quando a beleza era ofuscada por uma falta de inteligência brilhante. E aí veio o elemento mais importante sobre sua atração por Tracy. Além do fato de que cada peça de roupa, mesmo um simples terno executivo, adería de forma sensual aos movimentos do corpo feminino, ela era extremamente eficiente e seus comentários - além de ocasiões inoportunas - eram úteis e revigorantes para o trabalho, e Sean estava convencido de que era uma grande vantagem ela ter experiência na área de publicidade.

Depois da partida de Amanda, dias atrás, parecia que Tracy estava encarregada da posição de assistente desde o início da empresa, em vez de

apenas duas semanas. Sean estava perdido pelos encantos daquela mulher, e era tolice querer negar isso. Não poderia despedi-la, porque seria sexista, absurdo e injusto, principalmente porque ela não era a culpada pelo efeito que tinha sobre ele.

A única maneira que ele tinha de evitar ser estúpido era desafogar com outra mulher como ele planejava fazer esta noite. Chega de celibato autoimposto ou culpa por uma maldita ocasião. Se Athina estava disponível e interessada, que ótimo. Não importava para ele que ela não fosse completamente anônima e que conhecesse seus amigos. No final, ele nunca a veria novamente. Ela tinha que voltar para a Irlanda.

“Talvez tenha sido o destino”.

Ele vivia preso em uma gaiola dourada, com uma aparente possibilidade de fuga, cuja chave ele precisava lembrar estava nas mãos de outros.

Todos eles tinham segredos. Sean não era exceção.

Música badalada soava nos alto-falantes do bar, enquanto Sean e seus amigos compartilhavam uma cerveja. Eles estavam conversando e rindo de bobagens ou anedotas por quase uma hora. Estavam se divertindo muito. Depois de um dia agitado no escritório, a verdade é que Sean sentia falta de poder se dissipar com duas pessoas que o apreciavam pelo que ele era, e não pelo que possuía.

Max foi vice-presidente da Air Canada Top, uma companhia aérea de baixo custo com ótima recepção e excelente reputação entre os viajantes. Scott administrava uma grande base de clientes em seu negócio de painéis solares e coleta de lixo oceânico. Ambos estavam indo muito bem, não apenas financeiramente, e gostavam de estar solteiros, bem como da liberdade que isso lhes proporcionava. Aquela dupla de rufiões estava ciente do caminho da cruz que Sean havia feito com a mãe de Milla e embora zombassem dele de vez em quando, a verdade é que eles estavam preocupados porque seu amigo

era obcecado por trabalho e tinha sua vida amorosa de lado. Eles não pregavam a ideia da monogamia, então tudo o que queriam era que Sean se divertisse em vez de assumir responsabilidades constantes. Pelo menos por aquela noite.

A ideia de ir a Porto Rico para uma farra de fim de semana foi deles, e tiveram o apoio de Eugenia para tirar Sean do escritório e dos cuidados paternos por três dias. Convencer seu amigo foi mais difícil do que conseguir passagens na primeira classe em um voo que estava com excesso de venda. Eles divertiram-se muito.

— Já resolveu o seu problema com a Amanda? — perguntou Scott girando sua Budweiser pelo gargalo. — Não nos falamos há semanas. — Bebeu a cerveja. — A mulher é uma máquina de eficiência. Esperava poder dizer o mesmo sobre Harriet — disse com irritação — porque estou prestes a despedi-la.

— Faça — Max interveio.

— Não posso porque estamos no meio de uma negociação. Ela tem sessenta anos e acha que pode me mandar como se eu fosse seu filho — reclamou Scott — não sei por que diabos a contratei.

— Se você parasse de agir como um imberbe cada vez que um projeto dá errado, talvez a mulher fosse menos chata. É o tempo dela que você consome, mesmo que pague, quando faz hora extra por ser um idiota — Max disse rindo.

— Calma, calma, pessoal — Sean entrou na conversa com um sorriso. — Vamos ver, para os fãs saberem da minha vida — disse sarcasticamente — bem, vou te contar que já tenho uma nova assistente há duas semanas. Vida profissional sobre rodas, sim senhores.

“E a libido fora de controle”, quis acrescentar, mas segurou a língua. Ele não queria discutir Tracy com seus amigos, nem queria mencioná-la. Não fazia sentido, especialmente porque seu encontro era para - precisamente - tirá-la de sua mente. Embora talvez não fosse sobre ela, mas sobre seu tempo sozinho.

Tracy foi apenas o gatilho para sua contenção. Ponto. Ele não precisava mais pensar nisso. Certo?

— Bom para você — Max disse sério. — Ah, e logo é o aniversário da esposa de Jackson. Imagino que, como todo ano, ele vai fazer uma megafesta. Eu não as perco por nada. As amigas de Lucy são gostosas.

Sean e Scott riram.

De todo o grupo, Max era o que tinha histórias mais impensáveis quando se tratava de mulheres. Uma vez ele até acabou na prisão, porque o encontraram estacionado em um local público fazendo sexo. O idiota pensou que não havia alma por perto, mas a verdade é que ele estacionou atrás de uma escola no final da tarde. Naquela escola era ministrado um programa para a terceira idade com poucos recursos, após o término das aulas para alunos regulares.

Os seguranças o pegaram e chamaram a polícia imediatamente.

— Lucy é a melhor — disse Scott com firmeza — e o bastardo Jackson tem sorte. Eu ainda tenho um soco pendente para o dia em que ele a fez chorar.

Max e Sean riram alto.

— Não seja um idiota — Max disse. — Ela estava chorando de alegria quando ele colocou a aliança de casamento nela na igreja. E a situação só te deixa doente porque ela é sua irmã.

— Minha irmã mais nova, inocente e com um coração muito bom para ter prestado atenção naquele idiota — ele corrigiu como se houvesse uma grande diferença em esclarecê-lo. — O idiota — disse entre os dentes, e seus amigos riram de novo. — Eu só o perdoo porque agora tenho três sobrinhos lindos.

— Jackson não é um bastardo como o ex-namorado de Lucy. E eles formam um bom casal — disse Sean.

A situação que a irmã de Scott experimentou nas mãos de um homem abusivo a mandou para o hospital várias vezes, até que ela atingiu o fundo do poço. Um dia aquele bastardo ameaçou queimar seu rosto com óleo fervente. Lucy correu para pedir ajuda, e a primeira pessoa para quem ela ligou foi Jackson. O resto era história.

— Eu sei — Scott respondeu em voz baixa — acho que depois de tudo

posso omitir de socar Jackson...

Max sorriu e olhou por cima do ombro. Atravessando a multidão estava uma tentação envolta em um vestido muito sexy. Ele não tinha dúvidas sobre a identidade.

— Bem, é hora de ir — Max disse, cutucando Scott porque ele parecia muito divertido comendo as entradas que pediram no bar. — Quero fazer algumas ligações para coordenar a nova rota interna que abriremos em breve.

— Não tenho que fazer nada até o meio-dia — comentou Scott, e imediatamente recebeu outra cotovelada nas costelas. — Sim, sim. É hora de ir embora — ele se corrigiu ao perceber o olhar assassino de Max, é claro, não antes de terminar a quarta cerveja que tinha na frente.

— Par de palhaços, o que diabos está acontecendo? — perguntou Sean com uma carranca.

— Oi... Sean? — disse uma voz feminina entusiasmada em resposta. — Uau, você não mudou nada. Ainda continua tão bonito — sorriu.

Ele virou o pescoço ligeiramente para olhar por cima do ombro.

Se Jéssica Rabbit tivesse uma sócia de carne e osso, neste caso em um vestido verde oliva com alças extremamente finas sobre os ombros, então era a mulher que ele estava olhando agora. Devia estar bêbado demais em Porto Rico para não se lembrar de um rosto e corpo assim, pensou Sean. Ele colocou o copo de cerveja de lado e se virou totalmente para encará-la.

— Oi — disse ele. Max o cutucou e Sean acrescentou: — Que bom que você pôde vir hoje à noite.

— Lamento a demora — ela disse sorrindo. — Obrigada por me convidar.

— Um prazer — e naquele momento Sean realmente quis dizer isso. A mulher era uma gostosa, como poderia ter esquecido o rosto dela? Ele definitivamente precisava daquela noite para ele. — Posso pedir algo para você? — perguntou apontando para a quantidade de garrafas de diferentes licores no bar.

— Um Cosmopolitan — respondeu, acomodando-se ao lado do bonito publicitário.

Max e Scott cumprimentaram Athina e trocaram recordações rápidas da viagem a San Juan. Durante a conversa animada, a atmosfera tornou-se divertida e propícia para Sean ficar sozinho com a mulher que sorria para ele ou o tocava sutilmente sempre que podia. Percebendo o que estava acontecendo, os dois amigos de Sean sabiam que era hora de pegar seus casacos e irem embora, e também deixaram claro que aquele passeio tinha um propósito e queriam que seu melhor amigo aproveitasse. Que melhor quando as estrelas conspiraram a seu favor.

— Já temos que ir — interrompido Max. — Tenha uma boa noite. Espero que sua estadia em Toronto seja agradável, Athina.

A garota assentiu com um sorriso.

— Nos vemos em breve, espero — acrescentou Scott olhando para a garota. — Amanhã tenho uma viagem de negócios para Halifax e quero estar tão fresco quanto uma alface. Que continuem se divertindo.

— Que bom ver vocês — disse Athina — talvez durante minhas três semanas na cidade possamos nos encontrar novamente.

— Claro — disseram Max e Scott ao mesmo tempo, mas os dois sabiam que isso não aconteceria, porque Sean estava planejando apenas ter uma noite com Athina e então se esqueceria dela. — Até logo, então.

Assim que abriu a porta da suíte do hotel, Athina deixou de lado qualquer inibição. Sean a pegou pela cintura e a sentiu envolver as pernas em torno de seus quadris. Ele a encostou na porta e eles começaram a se beijar descontroladamente.

A unha vermelha de verniz lutou brevemente antes de remover o cinto da calça masculina. Ela puxou a camisa de Sean para fora de seu caminho e logo enfiou os dedos sob o elástico de sua cueca boxer até que suas mãos sentiram a ereção espessa. Manobrou e acariciou à vontade. A boca de Sean viajou por seu pescoço e quando ele alcançou seus seios, beliscou seus mamilos no tecido de seu vestido.

— Muita roupa — murmurou ele, virando-se com Athina até que cambalearam até a cama.

Ele baixou o vestido até a cintura. Subiu a saia dela até a calcinha. Com um movimento rápido a rasgou, deixando-a completamente exposta.

— Sean, me penetre, agora — ela pediu.

Meio vestido, ele não hesitou em tirar a boxer. Ele pairou sobre o corpo curvilíneo e sorriu. Abaixou a cabeça para lambe seus seios e com a mão começou a esfregar seu clitóris. Gostava de provocar prazer em uma mulher. Ele estava tão excitado que doía e o balanço de seus quadris fez seu membro esfregar contra a virilha de Athina sem realmente penetrá-la.

O telefone começou a tocar.

Respirando com dificuldade, ela segurou o rosto de Sean e o puxou para perto dela para um beijo.

— Não queremos distrações — sussurrou ela, contorcendo-se para fazer o membro masculino tocar sua entrada molhada. Ela ergueu os quadris e passou os lábios pelo queixo de Sean. — Me penetre agora — insistiu, não antes de chupar a pele até deixar uma marca em seu pescoço.

O telefone continuou tocando e Sean começou a ficar impaciente.

Era meia-noite e meia. Sua mãe estava encarregada de Milla. Seus

amigos se foram. O que diabos estava acontecendo?

— Não estou no ensino médio para você deixar marcas em mim — disse ele antes de penetrar Athina com o dedo. Ele mordeu o lábio inferior dela com força e ela ofegou. — Então terei que empatar o assunto.

— Que maduro da sua parte — disse ela rindo, mas logo se transformou em um gemido de desejo quando ele mordeu seu mamilo e depois o chupou com força. Ele desceu o vale de seus seios até os quadris e sugou até ter certeza de que ficaria uma marca por alguns dias.

Ele sorriu.

— Está reclamando?

— Nunca.

O telefone tocou pela quarta vez. E então para um quinto e sexto.

— Demônios — disse relutantemente.

— Não, não se atreva a sair agora — disse apontando para o pênis de Sean que estava bem na abertura de seu sexo, prestes a penetrá-la. Ela se contorceu, mas ele parou de prestar atenção nela.

— Tem que ser algo importante.

Ela deu um tapa nos lençóis.

— Se você sair agora, nunca pensarei em ligar para você de novo — expressou em um tom frustrado e zangado. — Em Porto Rico entendi que não poderia ficar comigo, porque você estava bêbado demais e não queria fazer sexo nessas condições. Embora isso não o tenha impedido de fazer o que fez comigo e a si mesmo.

— Sua reclamação está muito fora de lugar... — ele respondeu desapaixadamente. De repente, a ideia de estar com ela parecia errada. — O que você está fazendo em Toronto?

— Estou procurando informações para minha agência de viagens. Estarei aqui por três semanas e pensei que seria uma boa ideia ligar para você — ela respondeu, sentando-se e muito confortável com sua nudez. — Aparentemente, não.

— Sinto muito — murmurou ele, sem realmente sentir isso. Ele agarrou sua boxer e a vestiu. Sua camisa ainda estava meio abotoada. — Você pode ficar no quarto.

— Idiota. Vou cobrar tudo do seu cartão.

— Faça isso... Tchau, Athina.

Rolando para fora da cama, Sean caminhou rapidamente para a mesa de vidro com metal próxima, onde seu telefone estava. Ele agarrou o dispositivo e deslizou o dedo. Todas as ligações eram de sua mãe.

Um pânico gelado tomou conta dele. Tudo deixava de ter importância, a menos que sua mãe respondesse. Milla. Milla. Milla. O nome de sua filha latejava em sua cabeça. Se algo tivesse acontecido com sua filha, ele nunca se perdoaria.

Ele se vestiu apressadamente e discou o número de sua mãe. Desceu o corredor e apertou o botão do elevador. Seu coração estava batendo descontroladamente. Sentiu que faltava ar. Não podia deixar um ataque de pânico paralisá-lo. De novo não.

Fez os exercícios respiratórios que aprendeu. E se acalmou.

Sua mãe não respondia, e ele - que nunca perdeu a calma - começou a acreditar que aquele era o pior dia de sua vida. Milla era seu mundo inteiro. E se algo tivesse acontecido com ela, ele nunca mais seria o mesmo. Morreria.

Pensou em descer as escadas de emergência, mas então o elevador se abriu. Apertou o botão do andar térreo várias vezes, como se isso pudesse acelerar o movimento.

Quando chegou ao estacionamento com manobrista e ele estava em um lugar seguro, sua mãe finalmente atendeu. Isso acalmou um pouco os nervos de Sean e ele sentiu o ar retornar ao seu corpo.

— Mãe, o que foi? O que aconteceu com Milla? — perguntou angustiado.

— Sean, desculpe, não tive a intenção de aborrecê-lo com minhas ligações insistentes. Milla está bem. Agora ela está dormindo e desfrutando de um sono tranquilo. — Ele sentiu sua alma retornar ao corpo. Franziu a testa, porque sua mãe havia dito algo sobre uma mensagem. — O Hospital St.

Michaels ligou, porque disseram que não conseguiam falar com você pelo celular e ligaram aqui para sua casa.

— Não estou entendendo... — murmurou ele. Colocou a mãe no viva-voz e revisou as ligações perdidas. Tinha dois de um número desconhecido e, minutos depois, era o número de sua mãe quatro vezes. — Por que deveriam me ligar do hospital?

Ele ouviu sua mãe puxar um pedaço de papel ou ao menos pensou pelo som.

— Tracy Madeleine Goldstein tem você como um de seus contatos de emergência. Como eu respondi, eles me deram a mensagem para que eu o fizesse chegar a você o mais rápido possível. Sofreu um acidente de trânsito e está no hospital.

— Meu Deus...

— Quem é ela?

"A mulher que me deixa louco."

— Minha assistente pessoal na empresa. Imagino que tenha meu número entre seus contatos pelo cargo que ocupa comigo e porque a família dela não está aqui... Deus... Isso não pode ser... — disse passando os dedos pelos cabelos.

— Sinto muito. Espero que se recupere.

— Não pode ser... — murmurou de novo pensando na linda mulher, tão vital e desafiadora. Não conseguia conceber a ideia de Tracy em uma cama de hospital. — Acho que vou demorar para voltar, irei imediatamente para o hospital, pode ficar um pouco mais com a Milla caso não chegue a tempo para o café da manhã? Eu sei que você tem que ir para casa com William para fazer uma viagem para Halifax, mas...

— Eu vou ficar — interrompeu. — Meu marido pode esperar por mim como sempre faz quando preciso de seu apoio. Dirija com cuidado, querido. Estou com Milla e sob meus cuidados nada acontecerá com ela.

Ele soltou o ar.

— Obrigado, mãe.

CAPÍTULO 8

Depois de quase quatro horas de conversa, Tracy achou o encontro ótimo. A comida do hotel, deliciosa; seu companheiro, muito bonito e interessante; e ela, finalmente, se sentiu viva de uma maneira que não conseguia expressar em palavras. Não queria parecer que precisava de atenção, prolongando a noite mais do que deveria. "Das coisas boas, um pouco."

— Eu compraria um café para você bem aqui — Lessner disse depois de pagar a conta e atravessar a rua — mas gostaria de passar mais tempo com você em um lugar mais privado, se estiver tudo bem para você.

Ela corou. Devia aceitar ou não? Quais eram as chances de que fosse vítima de um Hannibal Lecter?

— Eu... — olhou para baixo —, bem, gostaria de conversar um pouco mais com você. Podemos encontrar um café nas proximidades.

— Pareceria muito apressado se eu te disser que realmente quero beijar você? — perguntou se aproximando.

Nervosa, Tracy riu baixinho. Eles estavam na esquina próximos de atravessar a rua. Os carros iam e vinham, embora, como era quase meia-noite, o ritmo do tráfego tivesse diminuído consideravelmente desde a hora do rush.

— Não... — sussurrou enquanto a boca de Lessner se aproximava da dela.

— Então posso te beijar?

Ela assentiu suavemente e logo os lábios dele se delinearam nos dela, saboreando-os com cautela, e lentamente Tracy o deixou entrar para explorar seu gosto e conhecer a doçura de sua boca. O ritmo do beijo foi lento e durou alguns segundos, embora tenham sido o suficiente para ela saber que não havia fogos de artifício, e durante todo o encontro ela não sentiu o formigamento que sentia com certa pessoa que não queria nomear. Que tal sua conclusão para um

primeiro beijo depois de mais de um ano sendo solteira? Era lamentável. Ela realmente gostou dele.

Eles se afastaram e ele acariciou sua bochecha, sorrindo para ela. Ela não pôde deixar de sorrir de volta, porque a verdade é que se sentia confortável. Imaginou que era o começo, ou o fim, de uma amizade, porque Tracy não era o tipo de mulher que gostaria de experimentar as emoções de outras pessoas se já tivesse um veredicto. A única que não viu estrelas douradas com o beijo foi ela, e sabia disso. Intuição feminina? Sim, e também a maneira como seu encontro tentava ter contato físico sutil de vez em quando.

— Vou pegar meu carro.

— Esta é a parte em que você me diz "eu te ligo", certo?

Lassner riu.

— Não, vou buscar meu carro porque você me disse que veio de Uber — ele se aproximou — e esta é a parte em que eu te convido para ir ao meu apartamento e você diz 'sim'.

Dessa vez foi a vez de Tracy sorrir.

Sim, o cara era charmoso, mas eles não eram todos charmosos quando tinham apenas um objetivo em mente? O sexo estava na frente deles como um banner publicitário. Era da natureza masculina, e ela não iria julgá-lo por isso. As mulheres também costumavam - como ela teria feito esta noite se não o tivesse beijado - ter suas noites procurando nada mais do que um flerte. Mas aquela questão de homens e mulheres, com a palavra "sexo" no meio, gerava uma discussão interessante com uma taça de vinho na mão, é claro.

Resgatava que sua grande conquista, pelo menos pessoal, tinha sido quebrar a barreira imposta por Adrian para sair com outros homens sem resultar em uma batalha inteira. Embora isso não resolvesse a questão que estava em sua mente, enquanto seu par aguardava uma resposta. Como ele disse a ela que não achava que poderia ir a outro encontro depois de convidá-la para passar a noite com ele? Estava enviando os sinais errados? “Socorro, universo! Ajuda!”

— Concordo em tomar uma bebida com você, mas nada mais do que isso — disse baixinho.

Ele inclinou a cabeça para o lado e balançou as chaves do carro em suas mãos. Sorriu.

— Por agora ou permanentemente?

— Lassner, sua companhia tem sido incrível, e o beijo.

— Não era o que você esperava?

Ela mordeu o lábio inferior e suspirou com pesar.

— Não. Sinto muito.

— Não precisa pedir desculpas, Tracy. Pelo menos me deixe te levar para casa, ok? Não sou nenhum louco e não vou insistir se você não quiser.

— Posso chamar um Uber.

— Que tipo de homem deixaria seu encontro ir de Uber?

Tracy riu.

— Quem procura uma saída fácil para um momento embaraçoso.

— Depois de falar comigo, você deve se acostumar com a ideia de que não gosto de saídas fáceis e que rejeição não é uma derrota.

Ela assentiu.

Começaram a atravessar a rua. Tracy sentiu o casaco afrouxar e parou - luz vermelha - para fechar o cinto. Lassner chegou sem problemas ao outro lado.

— Tracy, corra! — ele exclamou ao ver um veículo se aproximando a toda velocidade.

Ela mal conseguiu olhar para frente e para o lado, mas o carro a atingiu de lado, jogando-a contra a calçada. Ela rolou com o impacto, e a última coisa de que se lembrava era de um rosto embaçado gritando por socorro.

Tracy não conseguia definir o que era mais desastroso: que um encontro promissor depois de tanto tempo para decidir tê-lo tivesse terminado abruptamente ou que Lassner a estivesse observando discutir com a enfermeira porque tinha pavor de agulhas. Além disso, todo o seu corpo doía e só queria descansar.

Quais eram as chances de que, em uma cidade civilizada como Toronto, um estúpido chegasse, ultrapassasse o sinal vermelho e a vítima fosse Tracy Goldstein? Bem, não, se tivesse sorte.

— Você tem que deixar colocar o acesso — disse a enfermeira com pouca paciência. Ela estava tentando convencer Tracy de que havia perdido sangue e precisava hidratá-la por mais de dez minutos. — Tenho quarenta anos de experiência e você é a primeira adulta a ter tanto medo de uma agulha.

Tracy a olhou como se ela se referisse à guilhotina dos tempos franceses do século... O que fazia se lembrando da decapitação durante a Revolução Francesa? Deus. Precisava dormir. Isso era tudo.

— E se me der na forma de uma pílula? — perguntou impaciente.

Lassner riu. Ele estava de pé ao lado da cama e havia meia hora tentando convencê-la de que tudo ficaria bem. A risada dele lhe rendeu um olhar furioso de Tracy.

— Não é opcional — disse a enfermeira novamente.

— Vamos, Tracy, você é a garota corajosa que conheci hoje — disse Lassner acariciando os dedos dela com os seus —, não vai te causar dor.

— Pelo menos não tanto quanto um carro batendo nos meus ossinhos. E você não é médico, mas doutor em leis, que não é a mesma coisa.

— Você ainda tem senso de humor. Isso é muito — respondeu ele, rindo. — Acho que foi uma experiência curiosa para um primeiro encontro.

— E o último —, ela murmurou, mortificada.

— Isso significa que você não quer sair comigo de novo? — perguntou Lassner.

Tracy riu. E imediatamente gemeu porque sua cabeça doía.

— Terei que ver se sobrevivo ao constrangimento de que você me veja reclamando como uma criança de cinco anos porque vão me espetar com uma agulha. Podemos ser amigos...

— Não é o que eu quero de você. Isso deixa bem claro.

— Eu...

— Srta. Goldstein — interrompeu a enfermeira com cada vez menos

paciência —, você vai deixar eu colocar o soro ou eu tenho que chamar todo o corpo de enfermeiras deste hospital? Você não é a única paciente. Isso me ajudaria muito, reduzindo minhas horas extras.

Envergonhada com o papel que estava fazendo, Tracy finalmente concordou.

— Que remédio... — sussurrou, fechando os olhos e virando o rosto para o outro lado para nem sentir o cheiro da agulha, porque é claro que a agulha tinha cheiro. Cheirava a dor e punição insana!

Ok, estava sendo um pouco dramática, mas ei! Por que julgar uma pessoa com fobia de agulha como ela? O hospital deveria ser grato por ela não ter começado a gritar como se tivesse a Inquisição perseguindo-a.

O processo demorou muito, embora ela não fosse da mesma opinião, a julgar pelo suor frio que escorria por sua espinha. Abriu um olho primeiro e depois o outro antes de se voltar para a enfermeira quando ela disse que estava pronta para receber o soro. Sentiu os dedos de Lassner nos dela apoiando-a.

O que mais poderia dar errado naquela manhã?

Alguém pigarreou da porta. Ela virou o rosto e ficou mais pálida do que quando chegou.

— Tracy.

Aqui estava sua resposta, ela pensou, enquanto a voz inconfundível de Sean enchia a sala. Tinha Becky em sua lista de contatos de emergência, mas aparentemente a amiga dela estava com o telefone desligado, disseram as enfermeiras. Como Sean era seu chefe e devido ao tipo de trabalho que fazia no Grupo SW, ela o colocou na lista de contatos. Como ela tinha muita sorte, pois aparentemente foi ele quem atendeu a ligação. Tchaaán! Nunca pensou que iria acabar no hospital, em apenas duas semanas de trabalho. Quais eram as chances de algo assim acontecer com ela? Definitivamente, seu próximo objetivo seria pular no mar, congelado ou não, para que a água salgada levasse embora as coisas inoportunas que lhe aconteciam.

— Oi, — murmurou — você não precisava vir...

Ele olhou para a pessoa que segurava a mão de Tracy e franziu a testa. A

preocupação deu lugar a outra emoção completamente inesperada. Uma onda de ciúme o invadiu e ele teve dificuldade em se conter para não arrancar a mão do homem ao lado de Tracy. Sua noite estava indo de mal a pior.

— Aqui estou, quer me contar o que aconteceu? — perguntou baixinho, aproximando-se da cama e sem se importar que ela estivesse acompanhada. Sua presença tão próxima, e ele sabia disso, fez com que os dedos de Lassner deixassem os de Tracy para que Sean pudesse se aproximar em um ângulo melhor e, assim, não falar da porta.

— Por favor, tente não ficar mais de vinte minutos — a enfermeira interveio. Então olhou para Lassner: — Sinto muito, mas tenho que pedir que você saia porque a paciente precisa descansar. — Lassner assentiu. — As visitas não são comuns à meia-noite, embora eu esteja abrindo uma exceção.

Relutantemente, Lassner beijou sua mão e acariciou sua bochecha, alheio aos olhos escuros de Sean que podiam matar com sua ferocidade. Tracy não fez menção de fazer apresentações. Vamos lá, não era um evento social, e menos ainda queria ouvir os comentários coloquiais e estúpidos quando sua cabeça latejava como se tivesse sido usada como um prato de orquestra.

— Eu te ligo em breve, ok? Tente descansar — Lassner se despediu. Ele puxou um cartão de visita do bolso e colocou-o ao lado da mesa de cabeceira de Tracy. Ele olhou para a enfermeira e disse: — Aqui estão minhas informações — Ele apontou para o pequeno cartão com a assinatura de seu escritório de advocacia — para o caso de a senhorita precisar de alguma coisa.

— Obrigada... — ela sussurrou, incomodada com a presença dos dois homens.

"Demasiada testosterona para uma pessoa ferida."

Lassner assentiu e saiu da sala. A enfermeira fez o mesmo, mas não sem antes lembrar a Sean que voltaria quando seu horário de visita acabasse.

Assim que a porta se fechou, Tracy e Sean ficaram sozinhos.

A primeira coisa que o presidente do Grupo SW fez foi ir até a mesinha de cabeceira e pegar o cartão de visita. Ele olhou, virou-o e voltou sua atenção para Tracy.

— J.D. Lassner Tomlinson — pronunciou, especialmente a sigla de Juris Doctor, como se fosse uma doença terminal —, este é o *doutor* com quem você tinha uma consulta hoje, Tracy?

CAPÍTULO 9

Tracy teve que admitir que seu batimento cardíaco acelerado não tinha nada a ver com o intravenoso, e tudo a ver com a presença de Sean. Alto e imponente, ele preencheu todo o espaço com sua aura presunçosa. Como esse homem podia ser tão desconfiado em um instante e conectar os pontos? Não havia saída.

— Minha cabeça dói — sussurrou fechando os olhos, mas não por isso deixou que sua boca tomasse as rédeas —, mas já que você está aqui vou te contar como acabei neste maravilhoso quarto de hospital. — E, sem lhe dar tempo para recusar, ela começou a lhe contar sobre o acidente.

— Você viu pelo menos a placa do carro?

— Isso teria sido interessante — ela respondeu sarcasticamente —, mas como eu estava descansando na calçada, e inconsciente, ficou difícil para mim.

Ele se inclinou, apoiando uma das mãos no colchão ao lado de Tracy, acariciando suavemente sua bochecha com a outra.

— Deixe de fazer rodeios, Tracy — disse com firmeza.

— Não são rodeios. Minha cabeça dói, mas preciso contar o que aconteceu. Você sabe, caso a curiosidade seja mais poderosa do que seu interrogatório barato no estilo do FBI.

— Tracy — disse segurando seu temperamento —, eu odeio mentiras — Sean murmurou em um tom gelado —, então responda à pergunta. Foi aquele *doutor* que você marcou, sim ou não?

Ela suspirou e olhou para ele com relutância. O brilho daquele olhar escuro a capturou. Queria tirar sua atenção de Sean, para se mover, mas não conseguiu. “Ela tinha ficado parálitica?” Em vez de publicitária, devia ter sido dramaturga, porque a verdade é que seus pensamentos costumavam ter uma

tendência trágica.

A proximidade de Sean a fez notar um detalhe que de repente trouxe imagens que ela preferia não lembrar. O perfume que ele estava usando estava misturado com outra coisa, e não havia nada de masculino nisso. Sim. Outra de suas virtudes era ter um nariz praticamente canino. E se o usassem em antinarcóticos para detectar drogas? Seria um bom trabalho. Era o cheiro de outra mulher. Se naquele momento ela estava um pouco tonta, de repente tudo começou a girar.

— Eu também odeio mentiras... E não é sua preocupação com minha vida pessoal, mas sim, Lassner é o *doutor* com quem eu tive uma consulta. Não sei por que esse detalhe pode ser relevante para você, Sean. Deixei tudo pronto no escritório, nenhum arquivo fora do lugar e a última reunião coordenada. Por que a raiva e essa atitude? — perguntou desta vez irritada com o perfume de mulher que ele usava misturado ao seu habitual - e delicioso - perfume masculino.

Esse mesmo perfume era o usado pela amante de Adrian. E havia certos detalhes que uma pessoa a quem haviam sido infiéis não esquecia. Em seu caso particular, era aquele maldito perfume.

— Não te ocorreu me dizer a verdade? — perguntou Sean. — Eu realmente acreditei que você estava doente e comecei a me sentir culpado por não ter percebido que algo estava errado contigo. Normalmente tenho uma percepção muito boa quando algo acontece entre meus colegas ou colaboradores com quem trabalho lado a lado.

Só por esse detalhe, Tracy se sentiu um pouco mal. Embora não o suficiente. Ela só queria evitar o aborrecimento e o processo de ter que dar muitas explicações, mas, ei, quem foi a rainha do desastre mais inesperado?

— Lamento a mentirinha, mas pelo menos me sinto com a consciência tranquila porque minha saída não teve nada a ver com meu desempenho no trabalho... — engoliu seco. — Obrigada por ter vindo, Sean, e que pena que ligaram para você a esta hora. De agora em diante vou cuidar sozinha e, graças ao plano de saúde da empresa, tudo está coberto.

— Tracy, não é sobre isso, gosto de ouvir a verdade na minha cara.

— A verdade quando se trata de questões trabalhistas, é compreensível, sim. A verdade quando tem a ver com a vida pessoal de um funcionário, não.

— Eu julgo isso, porque são meus parâmetros.

— Como você é difícil... Não, não. Me deixe terminar. Ouça, minha amiga Becky, quando ela receber a mensagem de que estou aqui, com certeza ela virá me ver — pigarreou antes de adicionar: — E também sinto muito por interromper seu encontro. Você pode voltar a ele. Como pode ver, ainda estou viva.

Ele franziu a testa, surpreso com o comentário e irritado com o sarcasmo.

— Como você sabe que eu tinha um encontro? — perguntou sem se virar.

— O perfume. É o mesmo que a amante do meu ex usava... — disse com uma careta. — Além disso, você tem uma marca em seu pescoço que deixa claro que não estava assinando contratos ou enviando e-mails até recentemente. De qualquer forma, Sean, quero descansar... Na segunda-feira voltarei ao escritório como nova.

Dizer que ela estava com ciúme era um eufemismo. Seu sangue, que estava um tanto lento no processo de circulação arterial, começou a ferver. Uma explicação? Negativo. Não existia. Certamente, bater a cabeça na calçada contribuiu para o inexplicável. Talvez fosse uma boa hora para ligar para os agentes Mulder e Scully do Arquivo X.

— Você quer saber por que estava em um encontro hoje? — perguntou ele, sem se virar, até que ela pudesse ler a intenção em seus olhos.

Tracy preferia pensar na mudança repentina da raiva para o desejo que ela pensava discernir que existia na expressão masculina como sua própria imaginação.

— Não, eu não quero — disse fracamente, e virou o rosto novamente.

— Olhe para mim — repreendeu ele, pegando seu queixo e esfregando seu lábio inferior com o polegar. — Desde o dia em que você apareceu no meu escritório não consigo parar de pensar em você, e não precisamente porque você é um membro silencioso da minha equipe de trabalho.

— Não sei o que quer dizer — murmurou a alguns milímetros da boca de Sean. Ela não conseguia se afastar e, se pudesse, a verdade é que não queria. — Só falo o que é necessário e pontual — resmungou tentando defender o indefensável.

Sean sorriu ligeiramente.

— Embora eu te deseje, não posso ter nada contigo devido ao tipo de relacionamento profissional que temos.

— Eu não te pedi — ela disse.

Ele riu, e o ar quente envolveu os lábios de Tracy como uma carícia.

— Eu sei... Eu estava apenas estabelecendo um contexto para dizer por que eu tinha um encontro hoje. Com isso espero que sua preocupação seja resolvida, e também está claro que minhas explosões às vezes têm a ver com o fato de que você me enlouquece todos os dias e não posso fazer nada a respeito — disse com frustração.

Ela franziu o cenho. Seu coração sentiu um remorso. “Então não me enganei. Ele sente a mesma tensão sexual que eu...” Ela não sabia se esse pensamento deveria animá-la ou frustrá-la ao mesmo tempo.

— Como me deseja e não pode me ter, prefere procurar outra mulher para se desafogar sexualmente?

— Isso mesmo...

— Funcionou?

— Estou aqui porque recebi um telefonema que interrompeu o processo — respondeu ele zombeteiramente.

Baixou o olhar.

— Devo deduzir que você não dorme com ninguém há muito tempo? — perguntou e voltou a reconectar seus olhos aos dele.

— Um dos seus pontos fortes são as deduções — Sean respondeu rindo. Tracy pigarreou.

— Posso perguntar o quão longe você foi...? — perguntou relutantemente. Deveria ter mantido essa pergunta para que não saísse de seu cérebro diretamente para as cordas vocais, mas quando teve sorte no

autocontrole de sua verborragia? Nunca. Exatamente.

— Nós, cavalheiros, não temos memória, senhorita.

Tracy fez uma careta, e aquele gesto fez seus lábios roçarem minimamente os de Sean. Prendeu a respiração e começou a respirar com cautela. Estava com medo de chegar muito perto ou perder o contato. Não era uma posição ideal.

— Sim, claro. Devo parabenizá-lo?

Ele riu, mas imediatamente seu rosto ficou sério.

— Você se sente da mesma forma que eu, Tracy? — ele perguntou, e seus lábios não estavam mais distantes. Enquanto ele falava, seus lábios acariciaram os dela. — Pois se for assim, então encontrarei uma maneira de resolver essa situação.

— Não sou um problema para resolver ou uma situação. Não faz sentido para mim dizer 'sim' quando você já sabe a resposta... Além disso — ela disse, recuperando os sentidos —, não quero ofendê-lo, mas esse perfume feminino que você usa é nauseante para mim... Não traz boas lembranças.

Sean cerrou os dentes e se afastou dela lentamente para não sacudir o colchão e causar desconforto.

— Esqueça tudo o que eu disse...

— Impossível, porque tenho uma memória prodigiosa — interrompeu ela.

— Foi inapropriado da minha parte e inoportuno dizer-lhe tudo isto, especialmente quando está com dor e a primeira coisa que deve pensar é na sua saúde — ele suspirou ruidosamente. — Suponho que tenha algum efeito nos meus neurônios... e na minha libido — sorriu sem alegria. — Sinto muito. Eu vou deixar você descansar.

— Sean... espere — ela começou, mas ele se adiantou.

— Quando minha mãe me contou que recebeu um telefonema do hospital informando seu nome, fiquei em um estado incomum de preocupação. As únicas pessoas com quem me preocupo são minha mãe, meu padrasto e minha filha, depois meus três melhores amigos. O resto pode se defender. Não contava com o desespero que experimentei ao pensar em vê-la imóvel em uma cama de hospital ou inconsciente. Eu odeio esperar, e antes que me dissessem

o número do seu quarto eu tive que esperar a enfermeira confirmar minha identidade — passou a mão no rosto. — Seu acidente me lembrou como a vida é frágil. Quão pouco tempo temos e quanto desperdiçamos adiando o que queremos ou dizendo o que pensamos.

— E o que você quer? — ela perguntou em um sussurro, perdida na voz que parecia acariciar seu corpo e confortá-la.

— Você.

— Achei que a atração fazia parte do meu cérebro maluco — murmurou ela.

Ele a olhou docemente e estendeu a mão para acariciar seus cabelos. Parecia tão doce e ao mesmo tempo tão feroz. A combinação da personalidade de Tracy era envolvente.

— Agora você sabe que é mútuo — afirmou. — Minha vida é muito complicada, e não só no trabalho. Tenho que tirar minutos extras dele a cada hora, e a última coisa que quero é perder você como assistente, porque mesmo que você seja muito tagarela — Tracy fez uma careta e ele sorriu — você é autêntica e eficiente, isso quer dizer muito para mim. Embora esse seja o meu debate interno, não o seu. É complexo equilibrar o que eu quero e o que preciso, especialmente quando os dois aspectos vêm de uma pessoa. Eu também tenho uma filha, e ela é todo o meu mundo. Os momentos que passo com ela são primordiais e inegociáveis — exalou. — Não quero comprometer suas emoções, então tento mantê-la fora do alcance das pessoas que querem me alcançar, manipulando as emoções de uma menina de quatro anos.

— É compreensível — Tracy disse suavemente.

— É isso? Não achas que fui muito arriscado para te contar tudo isto...? Inclusive inapropriado? — indagou em uma mistura de incerteza e expectativa.

Ele tinha uma facilidade surpreendente com as palavras e não entendia por que estava repentinamente inquieto com o que ela iria dizer a ele. A cautela com que lidava com seus negócios acabava de voar pelos céus. Era tudo culpa de Tracy, e ela não sabia. Não conseguia se lembrar da última vez em que tudo em sua cabeça e suas emoções entraram em curto-circuito.

Tracy estendeu a mão que não tinha a intravenosa e agarrou o pulso de Sean.

— Não foi inapropriado o que você me disse... Eu entendo que às vezes a vida te faz refletir sobre aspectos que você não tinha ideia de que poderiam ser relevantes...

— É assim...

— Talvez eu tenha alguns inchaços e hematomas, mas meus neurônios, embora um pouco abalados pelo impacto contra o pavimento, parecem funcionar muito bem. Eles fizeram aquela varredura de cabeça e não encontraram nada com que se preocupar, mas vão me manter em observação até amanhã.

Ele assentiu.

— Você deve descansar — disse com uma expressão calorosa. A tensão em seus ombros diminuiu de repente. Ele não sabia se era a voz ou o olhar doce que Tracy tinha. De qualquer forma, ele gostava da sensação dela ao seu redor. Exceto quando sua libido entrava em ação.

— Não acredito que em quinze dias de trabalho todo um turbilhão paira sobre minha existência — disse mortificada interrompendo os pensamentos entre reflexivo e preocupados dele. — Espero que não pense que vou distraí-lo com um acidente a cada passo, porque se assim for, o seguro de saúde vai parar de me apoiar.

Sean riu alto.

— É revigorante conhecer uma mulher sem artifícios e que sabe rir de si mesma — disse com sinceridade.

O que acabava de dizer era muito sincero. O simples fato de acordar e ficar imaginando quais respostas receberia de Tracy em um dia de trabalho provocava-lhe um sorriso absurdo. Ela tinha um humor pesado e distorcido às vezes. Podia fazer piada de si mesma, mas sempre tinha uma ótima ideia que, em um milhão de reuniões, ele nunca teria. Também tinha um grande olho para detectar falhas em um projeto e sabia, com eficiência estonteante, como transformar uma ideia aparentemente boba em uma ideia brilhante.

O melhor de tudo é que ela não tinha medo de confrontá-lo quando considerava que uma tarefa atribuída era demais ou havia alguma falta nos processos. Era uma líder inata e isso era o que mais admirava. Sean tinha certeza de que poderia designá-la para coordenar os estagiários da empresa, e ela o faria com a mesma diligência e profissionalismo como se estivesse organizando uma reunião com os principais executivos de uma empresa internacional multibilionária. Em todo aquele tempo trabalhando lado a lado, parecia-lhe que haviam passado meses e não apenas semanas com sua nova assistente. Devido ao excesso de trabalho incomum, a investigação com Jackson sobre o possível vazamento de informações em relação aos contratos que estavam perdendo sem explicação lógica para a concorrência, o número de horas que passaram juntos não se comparava com aqueles em seus momentos de maior estresse tinha passado com Amanda. Talvez porque ela tinha uma família para cuidar e, depois de deixar sua agenda do fim do dia organizada, Sean ficasse acordado até tarde da noite resolvendo os problemas. Nem mesmo com Amanda conseguiu essa ligação, e isso apesar dos anos de colaboração diária.

Tracy era revigorante, sexy e inteligente... Concluindo, estava em apuros.

— Você não respondeu à pergunta mais importante — disse Sean. Ela não ia fingir que não entendia.

— Também o desejo, Sean, embora a verdade é que ter um caso com você implicaria pôr em risco o meu emprego, e isso não é um luxo que pretendo dar a mim mesma... Tive momentos difíceis, e ser parte da equipe do Grupo SW é minha única maneira de recuperar minha carreira publicitária em algum lugar ao longo do caminho.

Ele olhou para ela com uma expressão cautelosa.

— Meu nível de ética nunca me permitiria tal canalhice, Tracy. Seu trabalho ainda está intacto e assim permaneceria independentemente do que acontecesse ou não entre nós em um nível pessoal.

— O que você está me perguntando exatamente?

— Uma aventura, se você também quiser. Exclusivo, porque não gosto

de compartilhar. A escolha é sua. O que quer que você decida, seu cargo permanecerá sem alterações. Durante o expediente serei seu chefe, e fora dele...

— Seríamos amantes — Tracy completou com o coração pesado —, sem expectativas, claro. E assim que acabar, porque tudo tem prazo de validade, vamos fingir que nunca aconteceu. Estou certa?

Sean tinha certeza de que, depois de provar a doçura de Tracy, nada mais seria o mesmo. Seria impossível esquecê-la. Vamos, mesmo agora, sem tê-la tocado do jeito que queria, era difícil tirá-la da cabeça. Assim que ele estivesse imerso na maciez de suas pernas, acariciasse sua pele e saboreasse o gosto do desejo, toda a experiência ficaria gravada em sua memória. Ela era a mulher mais perigosa que ele já havia conhecido, porque tinha o poder de destruir o padrão de vida com sabedoria e cautela que ele se estabelecera desde seu relacionamento desastroso com a mãe de Milla.

— Você está — ele respondeu bruscamente. A ideia de que ela acreditava que ele poderia ser rejeitado tão rapidamente o incomodou. Mas não fazia sentido deixar esse fluxo emoção. — Mas você não pode apagar algo só porque quer. Aceitaríamos que algo acontecesse entre nós dois e as situações no local de trabalho não perdessem seu foco ou prioridade. Não misturaríamos um campo com outro.

— Entendo — disse Tracy com indiferença, porque tudo parecia muito clínico. Ela preferia a espontaneidade, mas também não ia comentar. — Todos os cenários abrangidos — ela deu um sorriso que não era nada alegre, embora Sean mal notasse.

— Talvez eu tenha me apressado em te dizer tudo isso, mas lembrar o quão incerta é a possibilidade de um novo dia, vivos, foi um gatilho muito poderoso esta madrugada... Você considera a possibilidade de ter algo comigo, pelo menos? Se sua resposta for negativa, eu entenderei.

— Eu... — baixou os olhos para os dedos fortes e elegantes de Sean —, acho que prefiro descansar por enquanto. E sim, vou considerar isso. Deixarei você saber da minha decisão assim que a decidir...

— O doutorzinho, aquele Lassner, é alguém com quem você tem um relacionamento sério? — perguntou ele segurando a mão de Tracy com firmeza. — Ou o golpe que sofreu na cabeça foi muito forte?

— Ah, humor sarcástico depois da meia-noite, que fofo, Sr. Winthrop! Não sei por que a pergunta — disse voltando ao tom leve.

— Um homem deve sempre saber o panorama quando quer estar com uma mulher e se no caminho existem idiotas para afastar.

Tracy não pôde evitar o riso, porque estava começando a conhecer um lado peculiar de Sean. Gostou. "Talvez eu tenha que cair com mais frequência e vir dar uma volta nas salas de emergência de hospitais em um país estrangeiro." Aparentemente, ela também estava com um humor negro saudável.

— Eu ainda não tomei uma decisão, então não acho que você precisa se preocupar em afastar alguém, — disse Tracy.

— Não vamos desviar do assunto do *doutor* — disse Sean olhando para ela com firmeza.

— Com Lassner — ela mencionou o nome só para irritar Sean —, hoje foi nosso primeiro encontro. Isso é tudo.

— Memorável?

— Inesquecível, porque acabei na cama... — riu da expressão feroz do Sean —, de um hospital, nada menos. O que você acha?

Sean acariciou as costas da mão dela.

— Agora que sabe que estou interessado em você de uma forma mais, digamos, pessoal, você aproveita a oportunidade para começar a pressionar meus circuitos masculinos.

— Inevitável — ela respondeu com um meio sorriso.

— Bem, acho que você já bebeu o suficiente por hoje. E eu também, então descanse. Alguém vem buscá-la quando você receber alta? — perguntou, preocupado.

— Sim, minha amiga Becky... — suspirou —, bem, se ela atender o telefone.

— Escreva uma mensagem para ela e diga que irei cuidar do seu bem-estar durante o fim de semana e o resto do tempo até que você esteja 100%. — Sean agarrou o cartão de visita de Lassner, rasgou-o em pedaços e colocou-os no bolso. — Não há discussão.

— Sean...

— É uma ordem direta — disse antes de se inclinar para beijar sua bochecha. — Você tem muito em que pensar, mas não deve se preocupar se seu emprego pode estar em perigo devido ao que acabamos de conversar. Que isso fique claro.

— Ok...

— Não tenho um relacionamento com uma mulher há anos, e o conceito é complicado... Só quero que você considere minha proposta ou vai ter que encontrar um médico que esteja diariamente disponível para mim no escritório.

— Para? — perguntou com uma carranca.

— Bolas azuis, Tracy — murmurou saindo da sala enquanto a risada dela o seguia.

Assim que Sean voltou para a rua, a realidade do que acabara de fazer o intrigou. Ele estava tentando se relacionar com uma mulher que veria todos os dias; uma mulher que conhecia cada minuto de sua programação; uma mulher que havia capturado sua atenção de uma forma incomum, mas especialmente com uma mulher que merecia mais do que ele poderia entregar. Estava sendo egoísta e não podia evitar, porque Tracy havia deslizado sob sua pele de maneira sutil.

Ele não era um homem livre, pelo menos não da maneira convencional, mas teria Tracy de uma forma ou de outra. Porque se ela o rejeitasse, ele faria de tudo para seduzi-la e convencê-la do contrário. E se dissesse sim, então tentaria encerrar o caso antes que tudo ficasse muito complexo e um dos dois se machucasse.

A única coisa que o preocupava era se seria capaz de se afastar de Tracy Goldstein depois de provar mais do que apenas um beijo daquela boca deliciosa.

Boston, Estados Unidos.

Quatro dias antes, Bethany decidiu ligar para Byron.

— Estou feliz que você finalmente ligou, linda Bethany. Você está determinada a entrar em nossa sociedade especial?

— Não sei o que esperar — ela disse roendo as unhas e olhando para o calendário que estava colado na parede de seu quarto. As datas de suas férias estavam riscadas em vermelho. Tinha vinte dias, mais dez acumulados do ano anterior. — Por isso vou pedir os dias no hospital, porque preciso deles, e... não sei...

— Isso é o melhor de tudo no Hotel Cumbria. Não precisa esperar nada e ninguém espera nada de você. Apenas venha. Vou te mostrar o que fazemos e serão as melhores férias que você já teve. Reserve sua estadia por pouco mais de uma semana, se desejar, pode estender seu tempo conosco. O que acha?

— Está bem, farei isso. Obrigada, Byron.

— Não precisa agradecer. Até logo.

Cinco dias se passaram desde aquela conversa e a decisão que ela tomou. Precisava correr riscos, buscar respostas e empatia. Seu destino seria o Hotel Cumbria por uma semana inteira.

Era incomum para Bethany tirar férias fora da cidade, especialmente porque ela costumava se revezar com seu irmão para fazer visitas regulares à mãe com doença de Alzheimer. No entanto, quando falou com Lucas para contar a ele sobre sua decisão de viajar para fora de Boston por alguns dias, ele entendeu, na verdade, seu irmão a encorajou a visitar algum lugar que a desconectaria do mundo por um tempo lhe assegurando que ele cuidaria de todas as necessidades da mãe deles.

Enquanto dirigia pelas rodovias, Bethany se sentia um pouco ansiosa. Não sabia o que poderia encontrar no hotel, nem que experiências a aguardavam. Todos os seus sentidos estavam em alerta, e uma pontada de

curiosidade corria em seu sangue desde aquela manhã em que fez as malas e as colocou no porta-malas do BMW. Tinha uma jornada de mais de uma hora e meia pela frente.

Pensou em ligar para Tracy para contar a ela, mas o que poderia dizer se nem mesmo ela conseguia se entender? Como iria confessar para sua melhor amiga que ela não gostava de homens se nem tinha coragem de se olhar no espelho e dizer em voz alta para seu próprio reflexo que ela era lésbica? Não sabia o que poderia ou não encontrar nessa viagem, mas estar a caminho do Hotel Cumbria já era um grande passo.

Ela precisava ser honesta consigo mesma primeiro.

Quando o longo caminho de árvores, depois de quase duas horas de viagem devido à chuva, começou a desaparecer para dar lugar a uma imensa mansão de pedra que parecia perdida no tempo exceto pelas luzes e os arredores imaculados, Bethany soltou um gemido de espanto. Seu rosto se abriu em um sorriso largo e espontâneo.

Entrou no grande estacionamento e percebeu que todas as placas estavam cobertas por um véu preto. “Tudo é anônimo. Eles podem saber sua identidade uma vez lá dentro, mas uma palavra nunca sai daqui”, ela lembrou as palavras que Byron disse a ela. Não havia muitos carros. Com os nervos ainda à flor da pele, dirigiu e estacionou em um local separado dos demais.

Tirou as malas e fechou o porta-malas.

— Finalmente temos você aqui!

Ela deu pulo e se voltou para a voz masculina.

— Byron — sorriu com a mão no peito — você quase me matou de susto. Como você continua furtivo. — Ela deu-lhe um abraço que ele devolveu.

— Eu vi você entrar no caminho das árvores através das câmeras de segurança em meu escritório, e queria recebê-la pessoalmente. Deixe-me cuidar de suas malas. — Ele discou um número e imediatamente um carrinho de golfe azul e um carregador apareceram ao volante.

— Por favor, leve a bagagem da senhorita para o segundo andar. Ala

Leste. Quarto Centelha — disse ao homenzinho. O carregador assentiu, e em menos de alguns minutos estava descendo um caminho que levava à mansão palaciana.

— Eu... obrigada, Byron — Bethany disse quando ficou sozinha com o amigo de novo. — Vir aqui foi...

Ele colocou a mão em seu ombro suavemente.

— Todos nós temos um lado que precisamos conhecer, resgatar ou reacender. Sou homossexual e me orgulho disso, e minha felicidade se dá pela possibilidade de abrir um panorama para aquelas pessoas que não conseguiram se compreender, que não se sentem aceitas ou que precisam esclarecer suas emoções de várias maneiras. É por isso que criei este hotel para eles, para mim.

— Não sei o que te dizer... — disse baixando o olhar.

— Ei, Bethany, olhe para mim. — Ela fez. — A sexualidade de cada ser humano é única. Não temos que proclamá-la, não temos que escondê-la. É só viver. — Bethany assentiu suavemente. — Não sei quais são seus medos, quais são suas preocupações, mas nas vezes em que saímos juntos em alguma festa, percebi vários detalhes sobre você que me levaram a lhe dar um cartão do meu hotel. Como eu disse, eu não o entrego para qualquer um. Os integrantes são pessoas exclusivas, oriundas dos mais diversos círculos profissionais, nos mais diversos níveis socioeconômicos. Não julgamos pelo que temos, mas pelo que somos capazes de contribuir para o crescimento e aceitação dos outros.

— Julgar é algo que temo.

— Você não tem porque aqui...

— Quais detalhes você notou para decidir me convidar? — perguntou um pouco assustada.

Ele sorriu.

— Calma, Bethany — disse, observando como seus olhos pareciam estar cheios de preocupação. — Não é algo que seja visível para olhos menos diligentes ou treinados. — Ele piscou para ela, e ela relaxou. — Mas vou lhe

contar quais detalhes em você me levaram a convidá-la, apenas no final da estadia. Acha que está tudo bem?

— Não — riu, sentindo-se mais leve —, mas aceito.

Em nenhum momento ele mencionou frases ou comentários que a fizessem se sentir exposta. Byron tinha um jeito único com as palavras, e foi uma das coisas que imediatamente a fez se sentir confortável com ele na primeira vez que se encontraram. Ela não estava intimidada nem constrangida.

Agora que o tinha cara a cara, em um ambiente tranquilo e calmo, ela podia dizer que na companhia de Byron não só se divertia - quando eles costumavam festejar - mas que também se sentia confortável. Ele sabia um segredo que nem mesmo contara a ela. Ele também não estava alardeando sua dedução silenciosa sobre o assunto, em vez disso instando-a a relaxar e desfrutar de um lugar que parecia ter elementos para ajudá-la a sair de seu estado de inquietação. Ela sabia que Byron conhecia seu segredo e a sensação de estar segura era revigorante. "Pelo menos ele não vai me forçar a confessar ou me matar como aqueles pais mataram sua filha por ter uma namorada anos atrás."

Byron deu um tapinha gentil em sua mão.

— Venha, vou lhe mostrar as instalações e depois vou te guiar até o seu quarto. Este processo geralmente é feito por uma recepcionista ou anfitriã, mas decidi fazê-lo pessoalmente — sorriu.

— Obrigada Byron, isso significa muito para mim.

Eles caminharam juntos até a entrada principal. E ela abriu e fechou a boca, maravilhada com o magnífico edifício que continha uma entrada deslumbrante.

Telhado de vidro em forma de cúpula e arredores decorados com madeira. O toque era uma mistura única de modernidade e época vitoriana.

— É aqui que começa o passeio — disse.

— Isso é... Byron, é ótimo.

— Bem-vinda ao Hotel Cumbria, e a um mundo que espero que goste. Junte-se a mim e lhe contarei todas as possibilidades que você tem à sua

disposição ao longo desta semana.

CAPÍTULO 10

Becky, com uma expressão preocupada, chegou ao hospital quando as visitas começaram. Ela moveu-se rapidamente pelo corredor até encontrar o quarto em que sua amiga estava hospitalizada. Tentando não a machucar, e consternada com o arranhão que Tracy tinha na bochecha — produto da queda no asfalto — ela se aproximou e colocou os braços em volta dela. Depois, com lágrimas nos olhos, se desculpou profusamente por não atender o telefone a tempo.

— Eu me sinto tão mal — Becky disse — e olha para você, sentada com essa roupa de hospital, incapaz de se mover normalmente.

— Está tudo bem — Tracy murmurou com um sorriso que tentava esconder a dor nas costelas enquanto se acomodava no colchão —, além disso, você estava em uma festa e nós duas sabemos que, com um copo a mais a última coisa que vai ouvir é um telefone — sorriu. — Por outro lado, uma das duas tinha que passar por algo divertido, além de acidentes de trânsito.

— Ah, olhe para você, tentando fazer graça em uma situação como esta... — — expirou ruidosamente. Da próxima vez estarei mais atenta ao telefone... Ou pelo menos quando sair na rua.

Tracy bufou.

— Quem diabos tem um acidente como o meu na primeira noite em que decide quebrar o celibato e ir a um encontro?

— Alguém especial — Becky disse rindo.

— Ou com um carma de centenas de vidas passadas a reboque — Tracy disparou com relutância. — Mas — pigarreou — acho que não posso ir para casa com você, querida amiga, então preciso que cuide da minha gata enquanto isso. Basta trocar a comida e a água até eu voltar.

— Não entendo... quer dizer, claro que vou cuidar dela, sem problemas.

Você tem que melhorar, mas eu não entendo por que não deveria verificar por si mesma a condição de Tallulah hoje — murmurou com uma carranca.

Tracy soltou um suspiro. Olhou para o relógio azul na parede.

— Dê-me cinco minutos e você verá por que estou incerta sobre quando irei para casa e também por que estou pedindo para você cuidar da minha gata — murmurou em um tom enigmático.

Não passaram nem dois ou cinco minutos porque, segundos depois que terminou de falar, um redemoinho de quase dois metros, músculos atléticos e o rosto de um pirata moderno apareceu na porta. Seu cabelo ainda estava úmido e seu rosto estava inquieto.

Ela nunca o tinha visto em uma pose tão casual. Normalmente ele usava um terno que fazia sua imaginação pensar em várias maneiras de despi-lo em diferentes ambientes. E agora sem a pose de executivo e seu ar descuidado era como uma brisa fresca no meio do deserto. “Chega, Tracy!”, censurou-se.

Talvez os analgésicos tenham um efeito colateral, como desfrutar de vívidos pensamentos eróticos sobre um homem. Bem, não qualquer homem, mas um em particular que por acaso era seu amante fora do horário de expediente. Não, pois, se ela tinha um leque de anedotas para sua velhice que certamente funcionariam para escrever um livro.

— Oi... — Tracy disse enquanto ele se aproximava, ignorando completamente, não de propósito, Becky.

— Bom dia como você se sente? — perguntou. — Eu tentei vir antes, mas minha filha não queria se separar de mim até que eu a deixasse ver um capítulo de seu desenho animado favorito e a levasse para a casa de minha mãe.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Você nem deveria ter se incomodado em vir, então não sei porque...

— Oi, eu sou Becky Johns, a colega de casa desta senhorita com tendência a sofrer os acidentes mais estranhos — interrompeu porque a curiosidade era mais forte que a discrição. — E você quem é?

Surpreso com tal gesto inadequado de seu caráter, de não perceber a

presença de uma pessoa, ele se desculpou. Sempre ensinou a Milla que ela tinha que dizer olá e até logo. Que tal sua falta de educação naquela manhã?

— Desculpe, Becky. Eu mal te vi. Não quis ser rude — ele estendeu a mão firme e ela a apertou, sorrindo para ele. — Sou Sean Winthrop, o chefe de Tracy.

— Prazer em conhecê-lo. Eu acho que você é a razão pela qual ela não quer voltar para casa comigo hoje. Vai leva-la no seu carro?

— Não — disse Sean, desta vez olhando para Tracy —, o que farei é pagar para ela uma semana em um hotel de luxo e com uma enfermeira. Você poderá despachar e trabalhar de lá até que esteja totalmente recuperada.

— Eu tenho voz nesta situação! — ela exclamou da cama. — Achei que você fosse apenas me levar para casa, Sean. Eu não vou para um hotel.

— Claro que posso. Seu contrato diz isso.

— Eu não estou trabalhando!

— A menos que eu diga o contrário.

— Eu cobraria de você horas extras.

— Terei prazer em pagá-las — ele sorriu.

Becky, vendo a troca entre os dois, soube que era hora de ir.

— Tracy — pigarreou e fez com que aquele par finalmente prestasse atenção nela —, me sinto péssima, mas depois de amanhã vou viajar para Melbourne porque existe a possibilidade de um tour de vendas de uma casa de férias e eu quero inspecionar o mercado. Acho que a ideia do seu chefe não é apenas atenciosa, mas também bastante apropriada porque não poderei cuidar de você. Você não tem ninguém na cidade.

Tracy abriu e fechou a boca. Becky estava mentindo para ela? Não sabia, porque o brilho no olhar de sua amiga tinha mais a ver com preocupação do que tramar algum plano distorcido para deixá-la sozinha com Sean.

— Decidido — disse o presidente do Grupo SW — o hotel será o melhor lugar até que sua amiga volte. Quando será isso?

— Em duas semanas — Becky murmurou. Ela tinha um bom sexto

sentido e reconheceu a química avassaladora entre sua amiga e esse Sean. Além disso, só estenderia sua viagem à Austrália por sete dias. Uma pequena semana que ela planejava aproveitar, e esperava que a teimosa Tracy percebesse que um homem como aquele que acabara de entrar na sala não aparecia duas vezes, nem com aquele corpo nem muito menos exalando sexualidade em abundância dirigida, sem filtro, para uma única mulher. Que ele quisesse fingir que era interesse profissional era uma coisa, mas a linguagem corporal dizia outra.

Como era de se esperar, Becky era a melhor vendedora de imóveis; para isso, era necessário ler com *habilidade* as expressões de clientes em potencial. Esperava que em algum momento Tracy a agradecesse. E se algo desse errado ou não acontecesse, sempre haveria Netflix e Ben & Jerry.

— Está decidido — Sean expressou. — Vou ligar para Coleman.

— Não decidi nada — resmungou Tracy cruzando os braços. Becky sorriu.

— Eu vou levar Tallulah para a Austrália. Se estiver tudo bem para você — sugeriu.

— Claro que não — refutou —, ela fica comigo, embora eu fique grata se você cuidar dela antes de partir. Acho que não consigo me mover com agilidade para brincar com ela.

— O hotel aceita gatos — disse Sean resolvendo o que poderia se transformar em um debate inútil —, eu cuido disso. Para que Becky possa ir para a casa dela tranquila e então mandarei buscar sua gata e seus elementos necessários. Você acha que está tudo bem?

— Não... — Tracy disse teimosamente.

Sean riu e ela sentiu seus ossinhos derreterem. “Como você é fácil, Goldstein.”

— Bem, vamos organizar tudo o mais rápido possível, então vou para casa com esse propósito — interveio Becky. — Te espero daqui a pouco. Ok?

— Claro — Sean disse feliz por ter encontrado uma

aliada.

— Obrigada por cuidar dela — Becky disse, olhando para Tracy com carinho. — É uma excelente profissional para atender necessidades em benefício dos outros, mas na vida pessoal esquece que às vezes precisa de cuidados. Esse caso é algo tão pouco convencional... Comecei a entrar em pânico com a ideia de que tinha que ir embora e ela, tão autossuficiente, não concordava em pedir ajuda.

— Que amável, com certeza vão te nomear para o Nobel dos Intrometidos — Tracy murmurou com bufo que arrancou uma risada de sua amiga.

— Você tem uma grande amiga — Sean disse com um sorriso encantador porque havia escapado impune.

— Sei — murmurou Tracy.

Sem mais demora, Becky se despediu dando um beijo na bochecha da amiga e um aperto de mão em Sean.

Quando ficaram sozinhos, Sean se aproximou de Tracy.

— Por que você opõe tanta resistência que a empresa te pague um hotel?

— Porque não sou inválida, Sean. Eu tenho um pequeno dano no sistema motriz. — Ele riu. — Então, estou de folga.

— Ah, é uma resposta antecipada à minha proposta sexual? — perguntou com sensualidade e acariciando sua bochecha com a mão.

— Sempre tão direto... — ela murmurou relutantemente e ciente de que estava corando. “Por que tinha um corpo tão traiçoeiro?” se queixou.

— Gosto que você saiba das minhas intenções — disse inclinando-se para falar no ouvido dela. — Agora, pare de oferecer tanta resistência, ok? Depois de algumas semanas, quando estiver totalmente recuperada, poderá voltar à sua vida normal. Não é difícil aceitar a ajuda de outras pessoas.

— Bem, seria menos complicado se essa ajuda não viesse com um motivo oculto.

— Você acha que é para te levar para a cama? É isso? — perguntou ele, afastando-se um pouco para olhar nos olhos dela.

— Me diga você...

— Eu poderia seduzi-la, mas você sempre terá a última palavra se concorda ou não com isso ou com qualquer avanço de minha parte. Eu te disse que esperaria por sua decisão, e que farei, mas não significa que não tentarei apressar essa resposta, especialmente se quiser que seja positiva.

— Sean...

— Deixe-me continuar — ele disse sério. — Quero que saiba que minha prioridade é que tenha plena saúde, porque preciso de você cem por cento na minha companhia. Em segundo lugar, porque quero dormir com você sem machucá-la, caso decida aceitar minha proposta. — Ela olhou para ele surpresa com a autoconfiança com que Sean estava se comportando fora do escritório. Achou interessante... Emocionante até. — E terceiro, estou fazendo isso porque acredito que se eu tiver os recursos para ajudá-la nessa situação, então os usarei. Eu faria isso com qualquer pessoa que colabora comigo.

— Porque nós somos todos iguais para você — ela sussurrou um pouco magoada, emoção ridícula mesmo, sentindo que talvez não fosse tão especial para Sean.

Ele segurou seu queixo com firmeza, e ela foi cativada por aquele olhar que parecia capaz de penetrar em suas paredes mais intransponíveis.

— Não, Tracy, porque é humanamente correto. Não faz sentido ter uma equipe de funcionários que se sentem robôs, em vez de colaboradores com emoções, necessidades e sentimentos. Sou severo, às vezes até mal-humorado, mas nunca poderia tirar vantagem de um funcionário. Você quer saber se é especial para mim? — Ela abriu e fechou a boca, mas Sean não a deixou continuar, acrescentando: — Vou te responder com um fato: Meus funcionários são importantes e em uma circunstância como a sua eu os teria visitado, contratado uma equipe de acompanhamento médico, mas nunca teria me oferecido para levá-los pessoalmente para suas casas ou tentar acomodá-los com seus animais de estimação em um hotel de luxo. Você sabe porquê?

Ela engoliu em seco.

— Por que? — perguntou em um sussurro.

— Porque a única mulher especial na equação é você.

"Merda. Como diabos ele iria resistir quando o homem surgia com respostas daquele calibre?

Tracy terminou de organizar seus pertences na suíte do hotel. Não poderia ser de outra forma, ela já estava escondida embaixo da cama, exercitando as unhas no tapete caro. Era culpada disso? Claro que não. Quem pagaria pelo conserto da peça suntuosa seria Sean.

— Pelo menos poderia se mostrar um pouco agradecida — disse o próprio diabo.

Sentado em uma poltrona na sala de estar da suíte, Sean a observou resmungar baixinho enquanto caminhava de um lugar para outro. Não queria nada mais do que ajudá-la, mas a mulher era teimosa como uma mula.

— Já te disse 'obrigada', o que mais quer depois de me sequestrar? — perguntou olhando para ele. — Terei que ser escrava de segunda a sexta-feira e prisioneira nos fins de semana.

Ele não conseguiu conter uma risada. Se pôs de pé.

— A chave eletrônica está na mesinha de cabeceira — apontou sem perder o sorriso —, e tenho certeza de que você é uma mulher muito inteligente que sabe apreciar um gesto gentil quando o recebe.

Tracy o confrontou, com as mãos nos quadris, fechando a distância, não muito perto. Quem queria queimar suas asas de cera ao lado do sol? Ela não. Mais uma vez, alguém deveria recompensá-la por suas comparações e seu talento para o drama.

— Agora eu preciso descansar, você pode me dar esses dias sozinha?

Ele negou com a cabeça e tirou o telefone do bolso de trás. Discou e esperou que o outro lado atendesse. Falou tão rápido e curto que Tracy não teve tempo de descobrir o que ele estava dizendo ou para quem.

— Claro. Em quinze minutos, uma enfermeira virá para ver se você não faz nada estúpido.

— Como o que, por exemplo, oh, mestre magnânimo? — perguntou sarcasticamente, mas o brilho no olhar de Sean deixou claro que ele havia sido interpretado de uma maneira diferente, ou que talvez gostasse da ideia de estar no comando de uma maneira particular em um lugar que não tinha nada a ver com o escritório. Tracy pigarreou antes de acrescentar: — Não estou discutindo, já tive o suficiente. Obrigada pela sua preocupação...

Essa última frase rendeu-lhe um sorriso muito largo do mais insuportável, sexy e inteligente que conhecia. Só esperava que não estivesse corando. Era o chefe dela! "Que quer entrar na sua calcinha", disse uma vizinha estranha. E para ser honesta, quisesse ou não, também desejava poder ver Sean Winthrop sem nada para impedi-la de verificar se suas fantasias eram iguais à realidade.

— Agora preciso ir ver Milla. Eu estarei de volta à noite.

— Para que...?

— Quero ver como você está.

— Você não pode ligar? — ela perguntou nervosa, e isso lhe rendeu outro sorriso. — Além disso, você me contratou uma enfermeira, não vejo necessidade.

— Espero que você não tenha medo de mim, Tracy — disse baixinho. — Quando você entrou em meu escritório, parecia bastante confiante em suas habilidades profissionais, e sempre que sua boca se abre para emitir sarcasmo, também não tem dúvidas. Por que teme minha proximidade quando você e eu sabemos que só precisa dizer uma palavra para acabar com essa tensão?

Ela encolheu os ombros.

— Estou apenas cansada — ela disse — e, sim, você também me deixa um pouco nervosa. Isso te satisfaz? — perguntou com rebeldia.

Sean estendeu a mão para acariciar suavemente sua bochecha machucada.

— Claro que não — respondeu —, o mínimo que quero é que fique nervosa com a minha proximidade fora do escritório — baixou a mão —, de qualquer forma, vou deixar você descansar. E vou te ligar para saber como você está. Não se esforce mais do que o necessário.

Tracy se sentiu um pouco boba, porque na verdade queria que ele se

aproximasse e talvez a beijasse. Ela queria se perder na sensação daquela boca e permitir-se descansar as mãos na força física de Sean. Sabia que não poderia tomar uma decisão tão repentinamente. Precisava de tempo. Por que sua vida tende a ficar complicada de um momento para o outro?

— Obrigada pela preocupação...

Com um aceno de cabeça, Sean saiu da sala. Passaram-se apenas alguns minutos, pouco antes de Tracy ter tempo para uma de suas decisões impulsivas — como ir atrás dele, fazer com que olhasse para ela e depois o beijasse até que deixasse a sensualidade assumir —, quando uma mulher de meia-idade entrou com um sorriso cauteloso.

— Bom dia, sou a enfermeira Mariam Winehouse — estendeu a mão — e terei o maior prazer em ajudá-la a melhorar. O Sr. Winthrop me contratou.

— Bom dia — resmungou Tracy —, não me leve a mal, mas não preciso de uma babá. Posso sobreviver a alguns pequenos golpes.

A mulher, como se acostumada a lidar com gente teimosa, apenas devolveu um sorriso amigável. Colocou de lado uma pequena bolsa.

— Claro. Vou apenas me acomodar na cadeira — apontou para onde Sean se sentou momentos antes —, e se precisar de ajuda para tomar banho ou trocar de roupa, estarei aqui. O que não é negociável é que a lembre de tomar os medicamentos prescritos.

— Ok... Sente-se.

— Obrigada, você pode me mostrar os detalhes da prescrição médica, por favor? Gostaria de verificar sua pressão mais tarde e também revisar sua lista de medicamentos, bem como os horários.

— E se disser a Sean que não pode fazer o trabalho porque estou em perfeitas condições para cuidar de mim mesma?

A loira inclinou a cabeça para o lado sem perder o bom humor em sua expressão. Talvez ela estivesse acostumada com pacientes complicados, não que Tracy fosse, mas a verdade é que ela não gostava de ficar à mercê de outra pessoa. Ao menos quando se considerava perfeitamente capaz de ficar em pé.

— Eu lamentaria muito ter que devolver o generoso adiantamento que

recebi para vir por um fim de semana e o restante do pagamento prometido para os dias que virão. Sabe? Tenho um neto de sete anos que está morrendo de vontade de ir para a Disneylândia Paris. Estamos economizando um bom tempo e acho que esse trabalho será ideal para completar a última meta de despesas que faremos juntos. Você sabe, o tempo de uma avó é contado, então temos que criar tantas memórias quanto possível.

Tracy riu com alegria sincera e também com dor nas costelas ao fazê-lo. Ela dissimulou.

— Imagino que sei por que Sean a contratou.

— Não me diga...

— Você e eu, talvez possamos nos dar bem. Afinal, a tendência ao drama pode ser um fator que une massas no mundo.

— Não é drama — disse a mulher com uma seriedade surpreendente.

— O que é, senão? — Tracy perguntou acreditando que a tinha ofendido.

— A dura realidade — respondeu Mariam rindo, e Tracy não pôde deixar de imitar o gesto quando percebeu que estava brincando com ela. — Agora pare de perder tempo, Srta. Goldstein, e traga-me o que pedi. Posteriormente, verificaremos se é verdade que pode cuidar de si mesma.

— Como você fará tal coisa? — perguntou cruzando os braços.

— O que eu mencionei. Me chamará pedindo minha ajuda, porque vai ter que tomar banho. A menos que seja o Hulk, eu conheço aquele homem verde pelo meu neto, e tome banho sem reclamar de dor quando suas mãos não conseguem abrir o sutiã, porque suas costelas parecerão facas contra seus órgãos mais próximos. Ou talvez se pensar que é Viúva Negra, que não é nada mal com seu traje de couro e habilidade marcial, e tentar tirar essas calças sem acreditar que alguma criatura alienígena está conspirando para quebrar seu braço.

— Você vai falar comigo agora com metáforas de super-heróis da Marvel?

— Só se agir como meu neto ao rejeitar a ajuda da avó em certas tarefas.

Algum dia vou precisar dele, claro, mas no momento, Allan está amarrado ao que eu digo a ele.

— Como eu? — perguntou abaixando os ombros.

O antibiótico para as dores e a pílula que tomara para descansar melhor começavam a fazer efeito. Ela se sentia irritada, dolorida e exausta. Não tinha vontade de continuar lutando.

— Claro que não, porque no seu caso particular pode escolher entre se torcer como um contorcionista do Cirque Du Soleil tentando se mover sem dor ou me permitir ser seu ponto de apoio.

Soltou um suspiro. Não tinha ideia de como Sean conseguiu uma mulher assim em tão pouco tempo. Como iria se livrar da enfermeira se ela parecia destinada a reagir da mesma forma que faria se os papéis fossem invertidos? Estava começando a se preocupar com o fato de que seu chefe não era apenas um homem que sabia organizar uma campanha para mover as massas com um objetivo: comprar, receber, aceitar, amar ou odiar um produto, mas ele também era um predador capaz de conhecer a mente de seu oponente de dentro para fora. E, claro, ela não era uma oponente, mas algo pior: um ponto de interesse sexual para um homem que tinha a capacidade irritante de que conseguisse esquecer seu foco profissional.

— Serão uns longos dias — resmungou Tracy.

— Só se você insiste em acreditar que ser mulher independente implica ser forte quando pedir ajuda é sinônimo de maturidade e não de força.

— Está me chamando de imatura?

Mariam sorriu. Ela conhecia a família Winthrop há muitos, e o fato de Sean a ter chamado para atender alguém que não fosse seu círculo mais pessoal dizia muito sobre o interesse do garoto na jovem teimosa que estava diante dela. Sabia como a descrição era importante e gostava muito da mãe do publicitário de sucesso, então simplesmente faria seu trabalho.

— Estou lhe dizendo que depender dos outros não é uma fraqueza, principalmente quando não é fisicamente possível se sustentar.

Tracy suspirou.

— Eu sei.

— Estou feliz que finalmente começamos a concordar em algo.

Resignada com seu destino, Tracy foi atrás da receita e começou a contar a Mariam todas as suas enfermidades. Foi um alívio saber que tinha uma profissional que poderia cuidar dela. Não tinha tendências a acidentes, pelo menos não no calibre da noite anterior, então talvez não fosse tão ruim aceitar que não era invencível.

Boston, Estados Unidos.

Bethany abriu o envelope que estava na cama king-size de seu quarto. Não poderia dizer que foi uma estadia luxuosa, porque foi além disso. A atmosfera era cativante, sensual e confortável também. Os móveis foram dispostos para atender a todas as necessidades dos hóspedes. O minibar que ficava em um canto tinha uma variedade de bebidas alcoólicas e copos. Ela não achava que iria beber tudo isso, mas ela podia provar um pouco. O que a estava impedindo se já havia pagado muito dinheiro para gastar toda a semana naquele lugar celestial?

Os tons lilases e brancos espalhados pelas paredes, decoradas com desenhos ousados e ténues das diferentes poses do Kama sutra, convidavam a observar sem pudor, a corar e até a desejar que a aura de mistério que envolvia o silencioso hotel caísse para descobrir os segredos. Bethany não era uma mulher tão paciente, embora um pouco de segredo também não a incomodasse.

Após deixar seus pertences cuidadosamente colocados nos locais correspondentes, notou uma poltrona que era totalmente preta. Era em forma de N, mas com curvas em vez de ângulos retos, e o final da letra, neste caso, era alongado. Uma cadeira tantra. A arte do sexo que não buscava o orgasmo, mas apenas o prazer dos sentidos. Sim, a identificou porque tinha lido sobre isso. A ideia do que a presença daquela cadeira de tantra poderia significar causou uma umidade surpreendente entre suas pernas.

Correu para abrir o envelope lacrado com um selo decadente de cera

vermelha.

Cara Bethany,

*Obrigado por se hospedar no Cumbria Hotel. Esperamos que a sua estadia seja inesquecível e corresponda às suas expectativas. Detalhamos a seguir as atividades diárias para as quais você é convidada, mas não obrigada, a participar. Agradecemos que nos confirme em *609, com pelo menos três horas de antecedência, se comparecerá a alguma, ou a todas, para tomar as devidas providências.*

- a) Véu de sussurros.*
- b) Jubileu dos Sabores ao pôr do Sol.*
- c) Massagem à meia-noite.*
- d) Festa de máscaras.*

*Cordialmente,
Hotel Cumbria.*

Intrigada, ela começou a analisar qual das quatro possibilidades parecia mais atraente para ela. Não tinha ideia do que cada um poderia oferecer, mas tinha certeza de que seria uma experiência que nunca esqueceria. Respirou fundo. Ela sentiu uma onda de excitação percorrer sua pele quando pegou o telefone e discou * 609.

CAPÍTULO 11

— Papai, por que você não me deixa ir na casa da Hannah? — perguntou enquanto comia outra bola de sorvete em um shopping.

Passaram a manhã toda na rua, desde que Sean deixou Tracy instalada no hotel, e sua filha de vez em quando lhe pedia a mesma coisa: ir brincar com a amiga da escola. Ele não podia explicar a ela que a mãe de Hannah, Ophelia, fazia avanços sexuais para ele sempre que estavam no mesmo ambiente social.

Não tinha nenhum problema em rejeitar avanços indesejados, mas com essa mulher estava muito constrangedor e a pior parte é que isso geralmente acontecia nas atividades escolares. Sean não queria abrir mais espaços de interação que pudessem levar a encontros a sós com a mãe de Hannah. Ficou muito triste por Milla, mas estava ciente de que esses comentários com duplo sentido de Ophelia poderia chegar aos ouvidos da pequena menina, e não tinha vontade de explicar algo que ela só conseguiria entender depois de adulta. As crianças tinham apenas uma missão: de se formar, ser amado e ter divertimento. Isso era tudo, e é assim que ele pretendia que fosse para Milla.

Sean estava ciente de que, como um dos poucos — se não o único — pais solteiros na escola de Hannah, com uma empresa muito lucrativa e uma aparência física atraente, se tornou um alvo para aquelas que o viam como um marido em potencial. Não tinha intenção de se casar novamente, nem pretendia ser um pai substituto. O psicológico de uma criança era muito frágil, e se cansou do fato de que Milla teve que nascer sem a proteção de uma mãe amorosa.

— Hoje não, princesa, porque você e eu temos uma agenda a cumprir para que nossa casa esteja muito bonita. Vamos limpar, fazer compras e depois

iremos ao cinema. O que você acha? — Ela encolheu os ombros. — Além do mais, — disse ele em tom animado — vou deixar você escolher o filme, e na segunda-feira que a Sra. Tyson vier contaremos o que você fez. E se eu não chegar em casa cedo, pode tomar sorvete de sobremesa.

— Ok... — murmurou baixando o olhar.

Milla não começou a chorar. Agarrou a colher colorida com firmeza, enfiou-a de volta na enorme bola de sorvete e continuou a comer em silêncio. O silêncio foi um sinal inequívoco de que ela estava furiosa. Sean preferia aquela atitude tranquila, aos gritos habituais das crianças. Ele agarrou a mão da filha e saiu do shopping.

Doeu dizer ‘não’ a Milla, embora ele também soubesse que ela tinha que aprender que não poderia ter tudo, nem ser satisfeita com os pequenos detalhes que pedisse. Ser pai não era uma tarefa fácil e cada dia era um novo desafio. As noites sem dormir, a angústia de não saber se estava desempenhando um bom papel, a preocupação perene com o bem-estar físico e emocional de Milla o consumiam quando acrescentava o estresse do escritório. Ele estava tentando criar um equilíbrio, embora não fosse fácil.

Uma vez no carro, colocou o cinto de segurança na cadeira de criança e ele se acomodou no banco do motorista.

— Papai...

Sean baixou o volume da música infantil. Olhou para sua filha no espelho retrovisor brevemente.

— Diga, minha querida.

— A mãe de Hannah faz bolos de aniversário... Onde está minha mãe?

Graças a Deus, ele ainda não tinha saído da garagem, porque a pergunta acabara de atingi-lo como um balde de água fria. Não era a primeira vez que ouvia Milla lhe fazer uma pergunta como essa, mas já fazia muito tempo que não tocava no assunto.

Ele tirou o cinto de segurança e foi para trás para se sentar ao lado de sua filha. Ela olhou para ele franzindo o nariz.

— No ano passado, a vovó fez um bolo delicioso de morango e amora

para nós. Você se lembra? — perguntou acariciando sua mão. Ela parecia tão delicada e frágil na dele.

— Sim, mas a vovó não é minha mãe — respondeu olhando para o pai com aqueles olhos que faziam Sean querer navegar pelos mares enquanto Milla sorria. Se ele pudesse mudar o curso das circunstâncias que levaram sua filha a crescer sem mãe, o faria mil vezes.

— Quer que aprendamos a fazer bolo juntos? — perguntou em resposta e tentando não tocar no assunto que, mesmo para ele, parecia difícil de abordar. Talvez pudesse continuar a insistir nesse assunto enquanto sua filha era pequena, mas o que ela faria quando chegasse o momento em que ela não se distraísse tão facilmente ou fosse crédula de qualquer desculpa de Sean para poupá-la do sofrimento?

Milla passou os dedinhos pela palma grande e levemente calosa de Sean. Olhou para ele com uma expressão que ele só via quando ela queria algo que a deixava muito entusiasmada.

— Não, papai... Você sabe o que eu quero?

Ele temia muito o que o esperava a seguir.

— Diga-me, princesa.

— Eu gostaria de ter uma mãe. Você pode se casar com minha professora? A Sra. Rossy é muito boa e sabe muitas coisas — disse com entusiasmo.

Sean reprimiu uma risada. A professora de sua filha era uma mulher bonita e charmosa — não podia negar —, e ela poderia se encaixar em uma fantasia para qualquer adolescente, mas ele não era um. Em uma ocasião, ela insinuou a possibilidade de se verem em um ambiente mais pessoal, fora da escola, mas Sean não se envolvia com nenhuma mulher que tivesse contato com o ambiente de crescimento de sua filha. Regra de ouro, e ele planejava mantê-la.

— Não, princesa, casar com sua professora não é algo que vou fazer.

Milla suspirou como se fosse uma adulta terrivelmente desapontada. Sean beijou sua bochecha e acariciou a cabecinha de cabelos com cheiro de

camomila.

— Nunca terei uma mãe?

— Esta conversa é só porque você quer fazer um bolo, certo? — Perguntou novamente com um sorriso, embora por dentro seu coração se entristecesse porque sua filha não teria a experiência de ter uma mãe que se preocupa em lhe dar o amor que todo bebê merece.

— Não... É porque sou a única na minha classe que não tem mãe...

— Mas você me tem, e tento ser sua mãe e seu pai ao mesmo tempo. Você acha que estou fazendo um bom trabalho agora? — perguntou carinhosamente.

Ela assentiu fervorosamente.

— Sim, papai, mas você não sabe fazer bolos...

— Então está decidido, vamos encontrar os ingredientes para aprender a fazer um bolo completo. Bolo do que minha princesa gostaria?

A expressão de Milla ficou completamente alegre, o que aliviou Sean. O que ele daria para que sua filha sempre fosse pequena para que ele pudesse protegê-la dos desastres que existiam no mundo...

— Chocolate, papai!

Sean sentou-se no banco do motorista e olhou para a filha pelo espelho retrovisor.

— Aqui o motorista vai ao supermercado comprar todos os ingredientes para o melhor bolo de chocolate que a senhorita Milla Winthrop já provou.

— Yupiii! — Ela bateu palmas e quando a música voltou pelos alto-falantes vermelhos do Toyota Highlander, ela começou a cantarolar a música de seu desenho animado favorito.

“A batalha do dia está salva no momento”, Sean pensou enquanto ligava o motor e saía para a rua.

Quarenta e oito horas depois, Tracy sentiu que a claustrofobia se tornaria um novo problema em seu prontuário. Embora, se fosse confessar, também tinha muito a ver com o fato de Sean não ter ligado para ela e prometido

perguntar sobre sua saúde. Portanto, a ansiedade também estava na lista. "Ele deve ter encontrado alguém para se divertir no fim de semana." E não, não era um pensamento que a ajudasse a melhorar seu humor.

Empurrou o laptop do colo e olhou para a enfermeira. A mulher era na verdade bastante divertida, embora reclamasse quando Tracy não queria tomar seus remédios porque preferia enviar alguns e-mails de trabalho. E cara, tinha muito o que resolver. Talvez tivesse sido melhor instalar uma cama no porão do escritório, porque de repente entrar em contato com Sean parecia o passatempo de fim de semana de diferentes empresários ao redor do mundo.

— Não está planejando sair? — Mariam perguntou enquanto Tracy assistia mal-humorada ao noticiário do dia na TV. — Tem apenas 27 anos e, apesar dos hematomas, é muito bonita. Vestir-se um pouco e dar um passeio certamente fará maravilhas para o seu humor.

— Minhas costelas doem ao andar e minha cabeça um pouco também — resmungou.

— Se tomou o comprimido para dor de cabeça...

— Não sei por que você quer que eu saia, não é seu trabalho ser uma carcereira?

Mariam riu e deixou de lado a Cosmopolitan que estava lendo. Durante seu tempo como enfermeira de Tracy, ela reservou uma suíte ao lado de sua paciente, saindo apenas ao meio-dia para visitar seu neto.

— Não seja tão dramática, sim, você pode sair, mas deve fazer isso com cuidado para não tropeçar. A menos que sua perna não tenha parado de doer. Continua assim?

— Tenho um hematoma, como você bem sabe, mas nada além disso.

— Eu a ajudo a se vestir, tudo bem? Gostaria que você me trouxesse um café.

Tracy cruzou os braços.

— Você pode pedir serviço de quarto...

— Ah, mas se eu fizesse isso significaria que você vai ficar aqui. Pelo menos estou lhe dando uma desculpa para sair um pouco. Há um shopping

center nas proximidades e até mesmo uma nova cafeteria que foi inaugurada há alguns meses.

Tracy tinha medo de fazer perguntas que revelassem sua curiosidade. Mas que diferença isso fazia?

— Sean não ligou? — perguntou como se não estivesse interessada.

— Claro que sim — Mariam respondeu, voltando sua atenção para a revista e ciente do interesse por trás da questão inofensiva.

— E?

— E o quê? — perguntou colocando a revista em seu colo e olhando para a paciente peculiar.

Tracy suspirou.

— Quero saber o que ele disse e se vem ou porque não me ligou.

Mariam, a muito malandra, sorriu.

— Ele me disse que estava tentando fazer um bolo com a filha e que provavelmente não conseguiria vir hoje. Ele também me disse que seu telefone está desligado. — Tracy lembrou que tinha esquecido de carregá-lo. "Merda." — E ontem o manteve ocupado com tarefas pessoais. Por que você não o convida para vir?

— Porque... — pigarreou —, porque estou ocupada.

— Decidindo se quer ficar trancada ou se quer sair? Uau, você tem grandes decisões a tomar nos finais de semana.

— Pare o sarcasmo.

— Só se você parar de bobagens — respondeu Mariam com o mesmo espírito alegre. — De qualquer forma, Srta. Goldstein, posso ligar para o Sr. Winthrop e dizer a ele que seria bom se passasse e dissesse oi. Sabe, um puxão de orelha pela falta de delicadeza em te deixar esquecida quando está convalescendo.

Tracy esboçou um sorriso. Sim, estava tomando um pouco do seu próprio remédio.

Não iria reclamar.

— Está com sua filha...

— Crianças não mordem, a não ser que você as provoque, e mesmo assim... A menina Milla é uma fofa. Talvez seja bom conhecer alguém que, estando doente, age como alguém da sua idade. Quatro anos de idade.

— Como a senhora é engraçada.

A mulher riu.

— O jovem Winthrop é uma boa combinação e, embora a filha seja um fator importante a se considerar, não acho que seja algo que possa deixar uma mulher corajosa como você desconfortável — disse rindo. — Afinal, namorar é apenas isso: comer, passear, fazer sexo... Você não tem que brincar de família feliz — disse a Tracy.

— Eu não brinco — respondeu irritada, sentando-se na beirada do colchão. — É complicado.

— A vida, geralmente, é. Você deve saber. Se tem interesse no Sr. Winthrop, é melhor interromper um pouco o drama.

— Ele é meu chefe...

— Não é a primeira pessoa a ter um caso com o chefe ou a se apaixonar por um, Srta. Goldstein. E acho que o interesse é bidirecional.

— Você está me encorajando a ter um caso com meu chefe?

— Não, estou apenas colocando em cima da mesa uma decisão que - aparentemente - você já tomou, mas não é corajosa o suficiente para aceitar.

— Só porque lhe disse que ele quer ter algo comigo fora do escritório, um lapso devido à sua maneira insistente de querer obter informações de mim e porque me faz perguntas quando estou prestes a adormecer, não quer dizer que quero concordar. Entende?

Mariam encolheu os ombros.

— Claro.

Tracy, irritada, foi até o armário onde havia colocado muitas roupas com a ajuda de Becky na noite anterior. Sua gata estava se adaptando a um novo ambiente e mexendo nos tapetes.

Sim, ela estava um pouco dolorida — era normal — mas podia se mover. Trabalhar incansavelmente estava começando a afetar seu estado de espírito.

Ela não queria pedir à enfermeira para ajudá-la a tomar banho ou trocar de roupa, então — o orgulho primeiro — agarrou várias roupas e se trancou no banheiro.

Levou quase uma hora para se vestir e outra hora para esconder as olheiras e o hematoma na bochecha. Quando ficou satisfeita com o reflexo que o espelho lhe proporcionou, sorriu. Iria aproveitar aquela noite de domingo para ir à livraria para encontrar algum romance interessante para limpar sua mente, e então iria tomar um café. E sim, compraria uma bebida para a enfermeira.

Não conseguia se lembrar da última vez em que dependera de outra pessoa para fazer sua rotina pessoal, ou seja, se vestir e tomar banho. Tentaria ser menos dramática, porque a pobre enfermeira — embora ela brincasse — não precisava ouvir seu lamento trágico de vez em quando. Não importa o quão bem a pagaram.

— Está muito bonita. O tom azul combina muito bem contigo — disse Mariam olhando para ela da cadeira. — Você quer que eu te acompanhe?

— Não, obrigada, eu posso ir sozinha. — Mariam assentiu. — Vou até a cafeteria que está a cinco quarteirões de distância e trago seu café.

— Muito bem, Srta. Goldstein. Obrigada pela minha bebida.

— Se Sean ligar...

— Eu direi onde pode encontrá-la. Não se preocupe.

Com um aceno de cabeça, Tracy agarrou sua bolsa e decidiu aproveitar um tempo sozinha.

CAPÍTULO 12

Enquanto Milla misturava a farinha com o leite e lambuzava a cozinha inteira com os ingredientes do bolo, ele não pôde deixar de pensar em todos os momentos de sua filhinha que Sandy estava perdendo. Ela destruiu muitas expectativas em seu rastro, especialmente as dele. O pior era que ele não podia nem culpá-la por fazer isso completamente, pelo menos não a coisa toda.

Ele ainda não conseguia definir se o que sentiu pela mãe de Milla era amor ou mera luxúria disfarçada de ilusões típicas da juventude.

Depois, havia Tracy e a maneira como ela ocupava seus pensamentos.

Ainda não conseguia encaixar suas emoções ao redor dela. Ele a queria, sim, e de forma visceral, embora houvesse também a curiosidade de conhecer suas outras facetas como mulher fora do escritório. A química era inegável e queimava todos os poros de sua pele quando estava perto dela. Ele não sabia como conseguiu manter sua luxúria sob controle na empresa, especialmente com o maldito cheiro de Tracy perseguindo-o.

Se sentia tranquilo ao saber que estava bem cuidada com Mariam. Bendita fosse a enfermeira e amiga da família. Ela havia deixado claro que a paciente não cooperava, mas sabia que precisava descansar e por isso concordou em tomar a medicação. Isso não o surpreendeu, porque Tracy era muito teimosa nos mínimos detalhes. Se ele não fosse o responsável pelo escritório, tinha certeza de que ela insistiria em tentar fazer as coisas do seu jeito.

Ele imaginou que não seria fácil para Tracy seguir ordens quando, bem ou mal, dirigiu sua própria empresa por vários anos nos Estados Unidos. A curiosidade sobre o que realmente havia acontecido dentro de HaGo costumava despertar seu interesse, e esperava em algum momento ser ela a contar a ele por sua própria vontade. Ele sabia que o colapso de um negócio

tinha muito mais arestas do que aparentava. Embora, é claro, ele pudesse lidar facilmente com aquela leve ignorância dos fatos.

Sean passou o sábado e a maior parte do domingo fazendo deveres infantis e brincando com a filha. Quando Milla cochilava, era a vez dele atuar como governanta: lavar a roupa, limpar os quartos, lavar a louça, arrumar a roupa de Milla para a escola e também arrumar toda a bagunça na garagem. Cada dia era um novo desafio, principalmente aos sábados e domingos, quando ficava sem babá.

Pedir ajuda à mãe era um recurso para questões de emergência ou casos extremos em que ele não conseguia lidar. Não queria que sua mãe parasse de sair com William, ou de jogar bridge com as amigas dela no clube, para cumprir uma responsabilidade que era inteiramente dele.

Embora Sean pudesse contratar alguém para limpar ou cozinhar nos fins de semana, ele preferia ensinar sua filha — desde tenra idade — que não importava quanto conforto ela possuísse, também precisava ver como as coisas eram feitas. Milla não tinha um pai inútil — bastante catastrófico na cozinha e na hora de cerzir roupas, sim —, mas tinha um que procurava festejar qualquer ajudinha que a menina oferecesse para motivá-la a ser proativa.

No meio de sua selva pessoal, Sean não queria ligar para Tracy, embora várias vezes tenha se sentido tentado a ouvir a voz melódica e as réplicas sarcásticas. Ele considerou que deixá-la sozinha no fim de semana era o melhor. Não queria sobrecarregá-la também, especialmente quando eles tinham uma conversa pendente e muito pessoal envolvida.

— Papai! É hora de colocar no forno — disse Milla com um sorriso exultante.

Seu cabelo era claro, seu nariz estava polvilhado com açúcar de confeitiro e seus sapatos estavam manchados de um tom de azul. A cor do merengue, porque nada melhor do que o delicioso açúcar que se salpicou com granulado e que podia ter qualquer cor que a cozinheira quisesse. Nesse caso, à escolha de Milla, azul.

— Eu sei, querida, eu sei — Sean murmurou, enquanto pedia para a

garota se afastar para aquecer o forno. — Vá ao banheiro que vou em um minuto para te livrar de toda essa sujeira.

— Quero ver como você coloca o bolo naquele espaço... — disse colocando as mãos na cintura.

Ele escondeu um sorriso.

— Trato feito, senhorita. Fique longe do forno, Milla. Agora ajustamos a temperatura correta... Voilâ! Estaremos de volta em quarenta minutos.

— Já? Tem certeza?

Desta vez ele tinha muita certeza, pois havia seguido vários tutoriais no YouTube e lido várias receitas. Não ia permitir que a filha acreditasse que lhe faltava talento na cozinha. Já tinha bastante tratando de fazer os melhores penteados nas manhãs para que ela fosse à escola.

— Claro que sim. Vamos tomar banho, e a sineta do forno nos avisará quando é hora de descermos para retirar nossa obra de arte — sorriu.

A garota bateu palmas com entusiasmo.

— Que legal, papai! — disse com um sorriso radiante que, para Sean, compensaria a hora e meia que certamente levaria para limpar toda a bagunça que eles fizeram na cozinha.

O ar fresco fez muito bem para Tracy, e desfrutar de uma xícara de café fumegante longe do luxo do hotel — e da enfermeira — clarearam sua cabeça. Imaginou que Becky devia estar fazendo as malas para a viagem à Austrália, embora provavelmente ela já tivesse ligado para a companhia aérea para antecipar o voo. Becky era a mulher mais impaciente que conhecia e sentiria falta dela, embora não tanto quanto sentia falta de Bethany.

Não era o mesmo manter sua rotina em Boston do que falar ao telefone de dois países diferentes. Na verdade, ela não falava com sua melhor amiga há dias, e não queria pegar o telefone apenas para lhe contar sobre seu acidente. Preocupá-la com uma situação que não terminou em desgraça, felizmente, era perda de tempo. Pelo menos sabia que Bethany estava bem e que ela havia

tirado férias do hospital. Este último era desconhecido, porque sua amiga teimosa era workaholic, então Tracy ficou feliz por finalmente ter recobrado o juízo. Esperava que se saísse bem naquele SPA especial fora de Boston, talvez até lhe pedisse para recomendá-lo.

— Posso lhe servir outra coisa? — perguntou o garçom, interrompendo o último gole de Tracy.

— Basta me trazer a conta, ah, e um cheesecake de framboesa com café. Para viagem. — Com isso dito, o garçom se afastou e ela aproveitou para checar o telefone.

Não havia mensagens de Sean. Nenhuma chamada.

Ela franziu a testa, um pouco desapontada. Estava falando sério sobre a proposta de serem amantes? Ou talvez fosse um impulso com a ideia de perder uma assistente quando havia muitas negociações importantes no horizonte? Ela fez papel de tonta com Adrian uma vez. Repetir esse erro seria sua lápide profissional.

Por outro lado, Tracy estava ciente de que a ideia de ver Sean todos os dias estava se transformando em um vício sutil, mas potente. Sua voz, o perfume da colônia masculina e a maneira diligente de trabalhar todos os dias. Embora às vezes ele pudesse ser muito sério, a verdade é que ela admirava a tenacidade com que ele dirigia a empresa. Era um chefe rígido, mas justo; essa combinação costumava ser incomum, porque presidentes ou vice-presidentes corporativos tendiam a cair na tirania.

Talvez fosse melhor manter distância. E se Sean havia se arrependido de tudo o que haviam discutido no hospital, ela, embora a própria ideia a entristecesse, não ia tocar no assunto quando o visse novamente. Certamente a próxima comunicação com ele seria baseada em tópicos profissionais e por videoconferência. Agora que ela não teria que enfrentá-lo cara a cara nas próximas semanas — por causa de sua residência temporária em um hotel — nem seria tentada por aquela aura de segurança masculina no escritório, seu batimento cardíaco seria mais inclinado a carregar um ritmo menos frenético. “Saúde primeiro”, pensou sombriamente.

Resignada e pronta para retornar ao hotel, ela deixou a cafeteria. O céu estava começando a ficar cinza. Ela estava perdida em pensamentos por quase duas horas. Suspirou e continuou pela calçada, enquanto os murmúrios silenciosos de uma típica tarde de domingo ecoavam.

Tracy não acreditava em coincidências, então, quando uma figura familiar acenou para ela da esquina, ela ficou genuinamente surpresa. Ficou estática até que o homem a alcançou.

— Como você é difícil de encontrar — Lassner disse com um largo sorriso. — Eu liguei para você insistentemente. Sinto muito pelo que aconteceu contigo, Tracy.

— Como você me achou? — perguntou.

— Você me deixou uma mensagem de voz dizendo que seu chefe cuidaria do seu bem-estar. — Ela franziu a testa, porque ela não se lembrava disso. Talvez tenha feito isso sob a influência de medicamentos. — E estava se hospedando em um hotel. Liguei para você ontem, mas como só atendia a secretária eletrônica, achei que você gostaria de passar a primeira noite sem ter que lidar com visitantes.

— Não sei o que te dizer...

— Fui te ver no hotel, mas a enfermeira me disse que com certeza você teria saído para dar um passeio. Foi um golpe de sorte encontrá-la tão cedo porque esta área tem muito movimento.

— Não em um domingo ...

Ele assentiu.

— Tem razão — disse —, já comeu ou vai levar para comer no hotel?

— Eu... — baixou os olhos —, escuta, Lassner, a verdade é que não quero dar a você uma ideia errada. Talvez não seja melhor continuarmos a nos ver.

Esse comentário apagou o bom humor do advogado.

— Por quê? Achei que tivéssemos química. Gosto muito de você, Tracy. E o que aconteceu ontem...

— Talvez seja um presságio — ela o interrompeu —, e eu já comentei

que sou um pouco supersticiosa. — Ele a olhou com interesse. — Não acho que um acidente no primeiro encontro seja um bom presságio. Você sim? — perguntou isso em um tom leve.

Ele optou por outra estratégia. Não iria pressioná-la, mas não permitiria ser dispensado como se fosse um idiota. Gostou de Tracy e queria manter contato. Talvez não tenha sido o melhor começo para um primeiro encontro, e não era por isso que ele ia abrir mão da possibilidade de estar com uma mulher tão interessante como ela. “Apenas dê tempo a ela”, Lassner pensou.

— Deixe-me acompanhá-la ao hotel. Você pelo menos me permitiria isso?

Ela não viu nada de errado no detalhe. “Um encerramento limpo e justo”, pensou.

O fato de ter se esquecido de Lassner tão cedo apenas deixou claro que ele não era alguém para repetir um encontro, mesmo que pudesse ter pensado o contrário em primeiro lugar. A confissão de Sean deixou claro que Lassner não era o homem para ela. Como poderia estar com um homem se fosse realmente outra pessoa que poderia fazer seu sangue ferver com apenas uma frase ou sua proximidade sensual?

— Obrigada Lassner — disse ela. — Então você vai me contar um pouco sobre o que tem feito nessas horas, enquanto eu dormia tentando esquecer a dor.

— Ah, a garota trágica voltou.

— Dramática, para ser mais preciso — disse rindo. — O hotel fica a quatro quarteirões de distância, que tal ficarmos no saguão conversando um pouco? Então terei que subir para descansar. — Essa foi a maneira mais sutil de dizer a ele que, depois da conversa no hotel, tudo seria esquecido em um ambiente romântico para os dois. Ela esperava que Lassner usasse sua astúcia da Corte para obter a dica. Ser amigos? Provavelmente também não seria uma boa ideia.

Boston, Estados Unidos.

Véu de sussurros. Bethany estava prestes a descobrir do que se tratava. No momento, só tinha certeza de que o hotel tinha muitos hóspedes.

Ela acreditava, ao colocar um pé no gramado perfeitamente aparado, que virariam a cabeça para olhar para ela. Grande erro. Ninguém percebeu sua chegada, nem a examinaram com curiosidade, e muito menos cochicharam olhando para ela de lado. Isso tirou seus nervos. Tentou discernir o que estava acontecendo, mas não tinha elementos para fazer deduções.

Foi até a mesa do maitre, e ele lhe deu um número. Aquele em seu quarto, mas também continha uma chave em forma de diamante.

— Para que serve esta chave?

— Nos fornecem os roteiros de atividades dos hóspedes para orientá-los da melhor maneira possível. A senhorita se inscreveu para as quatro atividades principais que oferecemos a todos os hóspedes. Certo? — Ela assentiu. — Essa chave será usada para obter acesso à Sala Cumbria, onde acontece o evento do *Jubileu dos Sabores ao pôr do Sol*. Deve ser pontual, caso contrário, não conseguirá entrar.

— Vai me explicar em que consiste cada atividade?

— Não estou autorizado a divulgar as atividades. Existem, em segredo, como parte da política do nosso hotel — disse o homem sério.

— Ok... — murmurou, mantendo a chave. — Pode me dizer pelo menos quais requisitos devo cumprir para ir a Sala Cumbria?

— Só querer ir.

— Posso fazer isso agora?

— Não, porque é uma atividade em conjunto, e nós nos encarregamos de que a senhorita se divirta.

— Tem certeza de que não pode antecipar nada para mim?

— Bem-vinda ao pátio do Danúbio — ele respondeu de volta, e encerrando a conversa. — Espero que tenha uma estadia lucrativa. Nossa camareira a atenderá, Jane.

Naquele momento, uma negra alta se aproximou com um sorriso resplandecente e com os olhos indicou que deveria segui-la. Bethany apenas obedeceu.

O pátio interior do Danúbio, pintado com motivos das cidades mais emblemáticas do Leste Europeu, tinha muitas mesas de ferro branco e cadeiras a condizer; estavam todos ocupados, mas não foi possível identificar se eram homens ou mulheres, ou apenas um sexo, pois cada mesa estava forrada com um véu macio — embora de tecido consistente — que não permitia identificar quem estava atrás ou o quê estavam fazendo. Flores multicoloridas, música que simulava os sons da natureza africana, e também lareiras externas estrategicamente colocadas, criaram um ambiente que parecia perdido no tempo com um toque exótico.

— Senhorita Carrington, estarei ao seu serviço enquanto estiver no pátio Danúbio. Qualquer pequeno detalhe está a apenas uma campainha de distância. Cada mesa tem um dispositivo. Se precisar da minha ajuda, pressione-o.

— Sim... obrigada — disse um pouco nervosa. Ela havia se trocado para um vestido de algodão cor de oliva e botas pretas baixas. Seu cabelo estava preso em um coque baixo e ela tinha acabado de aplicar um pouco de delineador nos olhos. — O que se faz aqui?

A camareira sorriu para ela e levou os dedos aos lábios.

— Eu irei guiá-la em sua jornada. Aqui, falamos em sussurros apenas com a pessoa necessária. Há uma mesa disponível para você. Vou levá-la — disse em um tom muito baixo.

— E o que devo fazer? — insistiu perguntando o que a preocupava tanto.

A mulher tinha traços finos e lábios carnudos. Seus olhos eram expressivos e usava um uniforme azul-celeste, exatamente como os outros funcionários do hotel que Bethany tinha visto. Sorriu gentilmente para ela.

— Aproveite uma conversa com sua companhia.

— Mas eu não tenho nenhuma...

— Siga-me, por favor — a camareira a interrompeu e Bethany fechou a

boca.

Caminharam entre as mesas, sem interromper nem com o farfalhar de seus sapatos na grama, nem com suas palavras. Era proibido desviar o olhar, aparentemente, de acordo com o que Jane estava dizendo, uma vez que ela se acomodou em uma das confortáveis cadeiras de ferro com almofadas coloridas.

Jane acenou para que ela se sentasse.

— Vou trazer suas bebidas e um menu mediterrâneo. Sua acompanhante chegará em alguns instantes. Siga as regras. Não tente olhar para outras pessoas ou descobrir quem são. Concentre-se apenas na sua companhia hoje. Se não seguir o protocolo, não poderá voltar para o pátio do Danúbio. — Ela disse e começou a se afastar, mas a mão de Bethany a deteve.

— Espere...

— Sim?

— É só falar, é isso?

Jane sorriu discretamente e se inclinou para Bethany a uma distância segura.

— Em sussurros, sim. — Se ergueu em seguida e acrescentou: — O que faça após essas duas horas de conversa é sua vontade total.

Assim que a cortina sutil que cobria a mesa, como uma elegante marquise, fechou deixando apenas uma linha tênue por onde a luz externa se filtrava, Bethany começou a se sentir ansiosa. Não conseguia ver nada além do brilho externo filtrando-se pelo tecido que, como o resto da mobília que cercava o hotel, devia ter custado centenas de dólares o metro.

Não teve permissão para levar nenhum item eletrônico. Era apenas ela e sua expectativa.

Talvez outras pessoas pudessem chamá-la de covarde, porque como, no século 21, era difícil para ela aceitar sua própria sexualidade? Como era tão difícil se livrar do medo de enfrentar o mundo sem se importar, principalmente quando morava nos Estados Unidos? E que nenhuma dessas pessoas poderia entrar na cabeça de outro ser humano. Foi tão ousado para Bethany tentar

encaixar o que poderia ou não ser sentido em um parâmetro social; o que poderia e não poderia ser desejado; o que poderia e não poderia ser.

Sua luta era consigo mesma, porque o ambiente que importava para ela era sua família e sua melhor amiga. O resto não pagava suas contas ou oferecia um ombro amigo para chorar quando ela precisava. E por isso, pelas pessoas a quem tanto devia de coração, e por si mesma, aceitara o convite para o Hotel Cumbria. Ela não se sentia capaz de seguir em frente sem primeiro enfrentar seu maior medo: ela mesma.

Bethany estava prestes a beber da xícara de chá quando a cortina se abriu. Imaginou que fosse Jane, mas não foi ela quem entrou na tenda de tecido semitransparente. A figura que estava olhando contra a luz era mais alta e mais magra. Usava um suéter branco e um decote vertiginoso no peito. Seios pequenos e eretos. Sem sutiã, pois Bethany podia ver como as pontas de seus mamilos se agarraram ao tecido. A cascata de cabelo era loira e caía sobre os ombros em ondas suaves. Embora estreitasse os olhos, não conseguiu identificar o rosto.

Quando a cortina se fechou novamente, finalmente puderam ver o rosto uma da outra sem nenhum problema.

— Oi — disse a estranha para Bethany com um largo sorriso —, não é a minha primeira vez no hotel, mas é a primeira vez que encontro uma mulher tão bonita.

Ruborizada com a maneira direta da mulher falar, Bethany engoliu em seco. Tentou esconder o tremor em suas mãos colocando as palmas sobre os joelhos, sob a toalha de mesa de linho. Entrelaçou os dedos e apertou.

— Oi... — baixou os olhos —, eu... Obrigada.

— Eu sou Peyton, tudo bem se eu me sentar contigo? Não há regras que digam que devemos aceitar a presença de outra pessoa, então...

— Não, não... Por favor, sente-se. Que pena. É que é um pouco difícil para mim ter você aqui e — pigarreou — bem, não sei o que dizer — murmurou.

Com uma confiança que Bethany invejou, Peyton sentou-se à sua frente.

Ela usava um perfume delicioso e brincos de ouro nas orelhas. Parecia exótica e atraente. Sentiu seu coração batendo forte. Não entendia se era apenas nervosismo ou excitação. Talvez um pouco de ambos.

— Bem, Bethany, o que a traz ao hotel?

— Estou tentando descobrir um pouco mais sobre mim — encolheu os ombros — e Byron me convidou para vir algum tempo atrás. Eu gostei do que vi até agora. É luxuoso e discreto. Parece que cada um está cuidando de seus próprios assuntos... Digamos apenas que não me sinto julgada.

— Não há nada pelo qual devam julgá-la. Estamos aqui para nos divertir, conhecer outras pessoas e desfrutar de um lugar longe da agitação normal de Massachusetts. — Peyton recostou-se na cadeira. — Você se importa se eu fumar?

— A verdade é que sim — disse. — Trabalho em um hospital com crianças e a saúde é importante para mim. Sinto muito, mas prefiro que não fume enquanto estamos aqui... O sorriso de Peyton se alargou. Ela largou o maço de cigarros e se inclinou sobre a mesa com os cotovelos. Olhou para Bethany.

— Eu gosto de uma pessoa que não tem medo de falar o que pensa em uma situação social. Em todas as situações, mas social é um pouco revigorante. As pessoas costumam me dizer que posso continuar fumando, embora então eu veja seus rostos de aborrecimento — riu. Foi uma risada sensual que fez a pele de Bethany arrepiar.

— Foi um teste, Peyton?

— Nah, na verdade eu fumo, mas sempre prefiro fazê-lo com o consentimento da pessoa com quem estou socializando. É bom ouvir a verdade, para variar — sorriu.

— Então, você já esteve aqui antes?

Peyton pegou a xícara de chá vazia e despejou um pouco do líquido fumegante da jarra de vidro temperado.

— Sim. Gosto de vir pelo menos uma ou duas vezes por ano. Às vezes faço isso para relaxar e outras vezes para socializar. Nem sempre participo

dessas atividades, mas hoje tive um palpite. A equipe que aqui trabalha tem uma intuição muito apurada para organizar determinados eventos em pares ou grupos.

— Entendo...

— Sou advogada criminal, caso esteja se perguntando, então posso ler facilmente a linguagem não-verbal. Isso me ajuda muito nos meus casos.

— Você está me lendo agora?

— O que você permite ler, sim. O resto — Peyton abaixou a voz e os expressivos olhos azuis brilharam de malícia —, prefiro que você me diga.

Bethany riu, relaxada.

— Qual é o propósito de estar neste pátio elegante e misterioso hoje? Ninguém quis me esclarecer isso.

— Faz parte da experiência do hotel. Ninguém lhe diz as diretrizes sobre o que você deve ou não esperar, simplesmente abrem o espectro para que você tire suas próprias conclusões. No meu caso procuro conhecer pessoas, e se não gostar delas, posso sempre ir embora. Mas eu gosto de você.

— Você é sempre tão direta? — perguntou, seus olhos turquesa se arregalando. Tracy costumava dizer a ela que era uma das características físicas que mais se destacavam à primeira vista e que ela deveria destacá-las mais com a maquiagem.

— A vida não tem sentido se você se perder dizendo frases que não têm um ponto específico. Não acredita?

— Você está certa — Bethany concordou.

— Por que você está aqui? — Peyton perguntou suavemente.

— Há muito tempo tenho um conflito comigo mesma — disse ela com desenvoltura, encorajada pelo ambiente e pela sinceridade que percebeu da advogada à sua frente. — Tenho dificuldade em conciliar a ideia de que gosto de mulher e ao mesmo tempo poder viver livremente me aceitando. Tenho medo da rejeição das pessoas que amo, mas principalmente de como isso é difícil para mim.

Peyton franziu a testa.

— Se aquelas pessoas que são importantes para você realmente a amam, saberão como aceitar suas decisões. Em última análise, você não está causando nenhum dano a ninguém. O dano pode ser para você, porque não pode ser livre com sua própria sexualidade.

— Você... — pigarreou —, teve dificuldade em aceitar a sua?

— Claro, Bethany. Chega um ponto em que todo o seu ambiente diz que as meninas gostam de meninos e vice-versa. Ninguém te diz que se apaixonar por outra garota é uma opção e que faz parte do seu livre arbítrio como ser humano neste mundo. Amar não é pecado, por que escolher quem amamos tem que ser?

— Como você conseguiu aceitar e viver do seu jeito com o que sente e quer como mulher, Peyton? — perguntou, não apenas intrigada com a mulher à sua frente, mas com as respostas simples e precisas que estava recebendo.

— Eu faço isso todo dia. Que tal começar a fazer isso sozinha?

Bethany sorriu. Suspirou.

— Não sei fazê-lo.

— Claro que sim. Você só precisa responder a uma pergunta. Como se define sexualmente?

— Não é tão simples... Você... eu...

— Ouça, menina bonita — disse Peyton séria —, só estou aqui para conhecer pessoas. Gosto de mulheres sim. Eu tenho uma parceira, não. E se eu quisesse ficar mais tempo com você e conhecê-la melhor? Claro. Não se trata apenas de sexo e prazer, Bethany. É sobre estar em paz consigo mesmo. Tenha certeza do que você quer, seus limites e seus desejos, mas o mais importante, vá encontrar o que você precisa para se complementar e poder sorrir. Um pouco ingênua, dirão alguns, mas eu que trabalho com criminosos o tempo todo, e posso garantir que não importa o que os outros digam, a única pessoa que pode decidir como viver sempre será você.

— Peyton...

— Foi um prazer conhecê-la — disse levantando-se.

— Espere — interrompeu Betânia —, por favor espere.

— Estou ouvindo.

— Obrigada por suas palavras, eu as aprecio... Estou tentando fazer um esforço para encontrar esse lado perdido de mim mesma. Quero conhecer mais pessoas e me inscrevi para todas as atividades que me foram enviadas na tabela de opções do hotel. Estarei aqui por uma semana, e esta foi uma ótima primeira experiência. Conhecer você fez o meu dia.

Peyton sorriu.

— Lembre-se de que as palavras são apenas palavras, o que elas precisam é de ação para que possam ter um significado verdadeiro — disse com uma piscadela. Colocou a mão na abertura do pano que cobria o encontro íntimo e olhou para Bethany com intensidade. — Eu sou lésbica, Bethany, e tenho orgulho de ser; se fosse heterossexual, diria com o mesmo orgulho. Também sou uma advogada de sucesso, uma amiga leal, uma amante entusiasta e uma conselheira um tanto intrometida com maus hábitos alimentares. Quando você descobrir o que a deixa orgulhosa de si mesmo, independentemente de sua sexualidade ou apesar dela, e estiver disposta a admitir isso, espero continuar pelo hotel. Eu gostaria de vê-la novamente.

Quando Bethany ficou sozinha, olhou para o relógio de pulso que estava usando. Fazia exatamente duas horas. Em que ponto o tempo "voou"? Ia se inscrever para a próxima atividade. De repente, ela se sentiu menos temerosa e mais imprudente. Isso já era o bastante devido à sua personalidade cautelosa.

Bethany, por fim, entendeu que *Véus de sussurros* não apenas era sobre um evento diário de um hotel para conhecer alguém, mas também entender como as palavras ditas em um tom baixo e sutil conseguiam penetrar mais fundo do que aquelas frases diziam, com uma voz enérgica. Claro, ela poderia ter sido a companhia de alguém que estava um pouco desafinado ou com falta de química, mas, como Peyton havia dito a ela, neste hotel tinham uma capacidade única de gerar interações entre os hóspedes com sucesso surpreendente.

Ela se levantou e deixou seu espaço discreto. Tudo ao redor ainda estava calmo e, enquanto caminhava na grama, a brisa de fora balançava seus cabelos.

Bethany estava ciente de que suas curvas eram pequenas, mas naquele instante se sentiu mais confiante. Talvez ela estivesse um pouco assustada com Peyton.

A verdade é que ela também esperava vê-la novamente.

Sorriu e se dirigiu para seu quarto. Tinha algumas coisas em que pensar. Aproveitaria para ir à piscina, nadar um pouco e quando voltasse para sua suíte discaria *609 para confirmar sua presença no *Jubileu dos sabores ao pôr do sol* nos próximos dias, porque — aparentemente — a lista para aquele dia estava completa. "Interessante."

CAPÍTULO 13

— Mais alguma coisa, Sean? — Tracy perguntou em tom profissional, por meio da vídeo chamada. Estavam lidando apenas com questões de escritório por cinco dias. Em nenhum momento houve o menor comentário que tivesse algum toque pessoal. O que também incluía uma lista nula de visita.

Que ela era especial? Ha! Ele a estava tratando da mesma forma que o resto dos funcionários da empresa. Tola aquela que acreditava em qualquer palavra dita por um homem bonito... Bem, Sean era mais do que apenas 'bonito'. Mas também não era importante listar as razões.

Ela gostaria de vê-lo desgrenhado, estressado e com sua maldita barba de três dias parecendo horrível, mas é claro, ela não tinha aquelas habilidades de bruxa de Hollywood de filmes ruins. Ele parecia impecável na chamada de vídeo. Ainda bem que Tracy não estava mais tomando analgésicos, porque a sensação de sentir o cheiro da colônia cara de Sean — à distância — poderia ser atribuída aos medicamentos. Mas não. Era sua vez de atribuir a sua frustração com aquele homem.

Agora ela estava começando a se arrepender de ter dito a Lassner que não tinha um interesse romântico por ele. Que bom que sua conta na plataforma de namoro ainda estava ativa. Porque naquele fim de semana planejava começar a navegar pelas distrações românticas online. Ha!

— Tente me enviar amanhã cedo os registros financeiros que a Contabilidade deu a você com os bônus pendentes — ele disse com firmeza. — Quero ter certeza de que todos que trabalharam com eficiência recebam uma quantia justa, caso contrário, não assinarei os cheques. Envie-me a agenda da reunião que tenho amanhã, por favor, e reorganize todas as atividades que

começam depois das cinco da tarde. Está claro?

Ela estava ferida, embora muito melhor agora, mas não surda, nem os neurônios que clicam e a ajudam a criar pensamentos coerentes foram removidos. Claro que estava tudo claro!

Tracy assentiu com um sorriso falso. Se ele percebeu ou não, não se importou.

Olhou de relance para a enfermeira.

Mariam parecia alheia a seus constantes resmungos e comentários em voz baixa, reclamando, espirituosamente, de seu chefe. Era o último dia de trabalho da enfermeira porque Tracy já havia conseguido tomar banho sem gemer de dor; desabotoando o sutiã e colocando-o de volta sem atentar contra sua arte ruim como contorcionista de circo barato e movendo-se com mais agilidade. Disse a Mariam que dobraria o salário que Sean pagava se parasse de cuidar dela como se estivesse com paralisia física. Em meio a toda a confusão e argumentos, a mulher recusou-se a aceitar o pagamento, dizendo-lhe que Sean lhe deu o pagamento com a condição de que não fosse reembolsável. Tracy pouco ou nada se importava com o acordo que fizera com Sean, ela não tinha ideia de quanto estava pagando a ela. Ele a forçou a ficar em um hotel. Ela não ia devolver o dinheiro pela semana em que Mariam não trabalharia e que ele já havia acertado com ela! Merecia por tê-la abandonado ao seu destino, num mar de triste solidão...

Tudo bem, não era uma triste solidão, porque o hotel era luxuoso, ela podia ir à piscina, a cafeteria ou divertir-se depois de seu horário normal de trabalho, embora acreditasse que trabalhava mais no hotel do que no escritório. Se o seu chefe soubesse que havia despedido Mariam, nem mencionou, e a conversa com a enfermeira ocorreu há dois dias.

— Sim, não há problema. Até amanhã — respondeu encerrando a vídeo chamada sem dar tempo para Sean dizer mais nada. Em seguida, removeu o fone de ouvido de sua orelha e jogou-o ao redor sem um ponto fixo.

Ele perguntou como ela estava, mas ela sabia muito bem que a enfermeira lhe deu todos os relatórios. Queria dizer a si mesma que não se

importava que houvesse uma distância física entre os dois e que ele havia decidido fingir que nenhuma das palavras que disse a ela foi realmente dita. Talvez apenas tenha sentido que teria que passar por um novo e complicado processo de seleção de um novo assistente se Tracy decidisse se afastar por um longo período de tempo.

Fechou a tampa do laptop e recostou-se nos travesseiros.

— Finalmente é quinta-feira! — Disse Tracy.

A mulher apenas sorriu e assentiu. Começou a recolher seus pertences com a mesma delicadeza com que se movia.

— Que bom que está se sentindo melhor, Srta. Goldstein.

— Você não vai ter problemas com o Sean porque te pedi para deixar de vir cuidar de mim, certo? — perguntou com preocupação.

— Claro que não. Ele me avisou que isso poderia acontecer.

Tracy franziu a testa.

— O que você quer dizer com isso? — ela quis saber, olhando para Mariam com a testa franzida e os braços cruzados.

— Que você decidiria que estava bem e que poderia passar sem nenhuma ajuda, nesse caso me pediria para deixar de vir ou me ofereceria dinheiro para ir embora — disse rindo. — No entanto, ele me pagou antecipadamente por duas semanas, sem opção de reembolsá-lo, como mencionei. Ele sabe que desta vez separei este tempo, rejeitando outros empregos, para vir cuidar de você. É uma grande pessoa.

— Percebi — Tracy disse se sentindo mal. — Estou feliz por você, estou mesmo. Não pense que sou ingrata, por favor. Estou realmente melhor. Não quero perder seu tempo quando não precisa mais estar aqui. Sean é exagerado e controlador. Isso é tudo. Além disso, estou feliz que você tenha seu pagamento integral e gostaria que aceitasse um bônus meu.

Mariam foi até a cama. Olhou para ela com apreciação.

— Não é necessário, nem eu aceitaria. Saber que está melhor é uma compensação suficiente para mim. Já fui paga pelos serviços profissionais que

prestei. Não preciso de mais, mas obrigada. — Tracy assentiu. — Ouça, Srta. Goldstein, você é uma mulher capaz e independente. Fico feliz que seja assim, mas se realmente quiser conquistar o jovem Sean, terá que aprender a confiar um pouco mais e ceder. Nem todo mundo está tentando te machucar e nem todo mundo está tentando ajudá-la, então não use o medo para tomar decisões.

— Obrigada...

— Não tem porque, foi um prazer conhecê-la.

— Enfermeira — chamou.

— Sim?

Tracy pigarreou.

— Eu não quero conquistar ninguém.

— Espero que você não esteja tentando me convencer — respondeu com um largo sorriso e uma piscadela, antes de pegar a bolsa para sair da suíte.

Tracy aninhou-se sob as cobertas e programou o despertador para as seis da manhã do dia seguinte. Precisava dormir para digerir os comentários da enfermeira e também para aceitar a indiferença do chefe.

Ao fechar os olhos, pensou no novo apelido que usaria na plataforma de namoro online. Talvez ela encontrasse um daqueles homens sobre os quais lia nos romances históricos. Ela não tinha o direito de fantasiar sobre um Highlander defendendo-a de todos os ogros e pesadelos? Sim, era capaz de pedir ajuda, claro que era... Em seus sonhos, pelo menos.

Com um suspiro, ela recostou a cabeça no travesseiro.

Sean entrou no saguão do hotel vestido com calça cinza carvão sob medida, combinando com uma camisa branca imaculada. Ele havia tomado banho antes de sair de casa e se sentia como novo.

Às sextas-feiras, ele geralmente levava Milla para tomar sorvete, mas desta vez decidiu variar a rotina, especialmente desde que o inverno se aproximava do seu lado mais forte e ele não queria que a menina pegasse um

resfriado novamente. Além disso, precisava daquele dia para ele.

Sempre colocava a filha antes das próprias necessidades, que pai não colocava? No entanto, estava ciente de que não era saudável esquecer-se de si mesmo. Fazia isso há quatro anos e era hora de tentar aceitar que a filha nem sempre teria o mesmo tamanho ou idade e que ela deveria aprender a não ter o pai o tempo todo. Um grande desafio, certo? Tomar a decisão era uma coisa, executá-la era outra completamente diferente. Na verdade, ele já estava sentindo falta de seu terremoto pessoal e só estava há quarenta minutos sem vê-la.

Milla estava na casa de Eugenia, então ele tinha o resto do dia para fingir ser um homem sem responsabilidades. Não podia negar que estava louco pela necessidade de pegar o telefone e ligar para a mãe para perguntar sobre a criança, mas se conteve. Ele se perguntou se todos os pais se sentiam um pouco culpados por deixar os filhos sozinhos, mesmo que estivessem sob os cuidados de pessoas de extrema confiança.

Em outro cenário, um tempinho longe dos limites do escritório e reuniões intermináveis faria bem para ele. Tinha sido uma semana de trabalho brutal e, além disso, assistir Tracy em uma tela de vídeo não fez nada para diminuir sua frustração com ela, muito pelo contrário. A mulher não poderia estar mais ancorada em sua mente como agora. E não se surpreendeu com o telefonema de Mariam comentando que, tal como ele suspeitava, ela tinha sido demitida. O que o tranquilizou, entretanto, foi saber que, apesar dos leves hematomas, Tracy agora gozava de perfeita saúde. Graças a Deus, agora sabia que todos os seus compromissos estavam finalmente em ordem. Novos clientes tinham uma proposta a caminho para suas necessidades e, junto com Jackson, estavam investigando se havia vazamento de dentro de seus escritórios para a concorrência ou não. Nas últimas semanas, não houve incidentes a esse respeito. Na verdade, todos os contratos que deveriam ser fechados com sucesso, o fizeram. O anterior não isentava ninguém da empresa de se submeter a uma entrevista pessoal para detectar possíveis imprudências que, como poderia ser de outra forma, lhes custariam o emprego imediatamente

para serem verificados.

— Boa tarde — disse ao maitre —, eu tenho uma reserva. Winthrop.

— Claro — respondeu o homem gentilmente ao verificar as informações da tela —, por favor me siga.

O homem o guiou até uma mesa discreta. Naquela noite havia um festival de comida francesa e também um grupo de jazz tocava ao vivo. O clima do local era agradável e aconchegante. Com sua influência, providenciou para que Tracy ficasse no saguão do hotel naquela noite, aproveitando o festival.

Ele dera à teimosa tempo suficiente para se decidir, e ele não era uma pessoa particularmente paciente. Não a estava perseguindo agora? Ele se perguntou onde diabos tinha se metido.

— Tracy Goldstein já chegou? — perguntou ao maitre.

O homem assentiu e, com um gesto discreto, apontou para a bandeja de frutas. O olhar de Sean imediatamente seguiu o gesto.

O que viu inicialmente gerou pulsações em seu membro, inquieto e com pouco autocontrole quando se tratava de Tracy, porque a mulher era espetacular. E suas tentativas de ficar longe dela falharam. Quem o culpava? Deus. Naquela noite, ela estava usando um vestido preto aberto nas costas. O tecido marcava a curva de seus quadris e aquele traseiro delicioso que ele estava morrendo de vontade de acariciar. “Foco”. Ele não conseguia andar por aí com uma ereção. Envergonhar-se não estava nos planos para aquela noite. Embora, se tivesse que admitir, ele não tinha nenhum plano.

Então percebeu que ela não estava sozinha. Um homem parecia muito interessado na boca com lábios de framboesa e em olhar para o decote de Tracy. Um decote que, pela posição que Sean estava, não era possível para ele observar, mas que não o impedia de se irritar a atitude daquele idiota.

Sem pensar duas vezes, se levantou da cadeira e começou a abrir espaço entre as pessoas para se aproximar dela.

— *Uma mulher tão sexy e solitária, me permite acompanhá-la enquanto você escolhe o que comer no jantar? Talvez eu possa até sentar ao seu lado.*

Ouvir as palavras do estranho e ver a maneira como ele se inclinava para Tracy fez Sean cerrar os punhos.

— Não pode fazer isso — interrompeu colocando a mão na parte inferior das costas nuas que o vestido preto não cobria. Tracy se virou, olhando para ele, surpresa. — Ela está comigo — Sean disse com firmeza, sem olhar para ela.

— Uma pena — respondeu o homem, sorrindo para Tracy e se afastando.

Uma vez a sós, pelo menos foi a percepção de ambos, quando se entreolharam, o tempo pareceu parar. A intensidade da presença de um e do outro deixou a pele de ambos arrepiada.

Ela pigarreou quando uma senhora pediu permissão para continuar colocando frutas em seu prato. Se desculpou e se afastou do prato de comida. Sean a seguiu até que os dois estivessem perto da mesa que ele reservara.

— O que faz aqui? — perguntou. — Me fez deixar sua agenda livre para o resto do dia, depois das cinco, porque queria tratar de outros assuntos não relacionados ao escritório. Eu imaginei que você tinha um encontro importante neste momento. E se quer que eu faça hora extra, deveria ter me avisado quando me deu o resto da tarde de folga, porque já fiz planos. — Ele apenas riu. — Eu não sei o que é engraçado.

— Você é meu encontro da sexta à noite, Tracy — respondeu acariciando sua bochecha, um pouco aliviado ao ver que o hematoma do acidente estava desaparecendo. — Muito importante, devo acrescentar.

Ela engoliu em seco. Ia sorrir, mas lembrou-se de que ele nem havia perguntado sobre sua saúde. Isso tirou o absurdo sentimental do caminho.

— Não me diga...

— Certamente — respondeu sem perder o bom humor. — Na próxima vez que alguém fizer avanços indesejados, sugiro que não sorria, porque isso pode passar a mensagem errada. Uma sugestão.

Tracy estreitou os olhos.

— Você não pode me dizer o que devo ou não fazer, Sean. Agora, o que exatamente você quer?

— Acho que já respondi a essa pergunta antes, — ele respondeu satisfeito em saber que havia conseguido surpreendê-la naquela noite. Geralmente, costumava se antecipar na jogada — a nível profissional isso era inestimável —, mas ele preferia que em uma área fora do horário de expediente suas cartas não estivessem inteiramente na mesa, menos com Tracy.

— Ah, sim? Fora do horário de expediente, tenho ataques repentinos de amnésia.

Sean reprimiu uma risada.

— Junte-se a mim para o jantar. Não a convidei para este restaurante francês para que morresse de fome. O que você acha?

— Então você é o responsável por esta noite. — Ele assentiu e Tracy baixou um pouco a guarda. O nervosismo a levava agir na defensiva ou gerava uma verborragia sem fim que poderia levá-la a dizer bobagens ou imprudências que seriam usadas contra ela. — Agradeço o detalhe, embora teria gostado de saber que estava zerando sua agenda para passar um tempo comigo... Por que não me convidou para jantarmos juntos? Hoje eu poderia ter rejeitado o convite do hotel, que agora sei que você estava por trás disso e ido para outro lugar. O que você teria feito então?

— Nesse caso, eu teria ligado para você e ido te buscar.

Tracy exalou suavemente.

— Nestes dias você tem sido... diferente. Então pensei que você...

— Teria esquecido a proposta que te fiz? — completou.

— Sim... — Sean a pegou pelo cotovelo com delicadeza e a guiou até a mesa. Eles se acomodaram um em frente ao outro. — Exatamente.

Ele olhou para ela com franqueza.

— Eu estava tentando dar a você algum espaço para pensar, Tracy. Não queria que tomasse uma decisão com base em sua condição médica, mas com clareza. Se for útil para você, a semana tem sido um inferno sem você no escritório.

— Ser um ditador por meio de teleconferências e fingir que não tinha

interesse pela minha saúde?

Ele acariciou a mão dela na mesa. Ela não o rejeitou.

— Das oito às cinco eu sou seu chefe — disse baixinho —, e embora eu quisesse perguntar em detalhes sobre sua saúde, já tinha a enfermeira Mariam para me dar esses relatórios. A propósito, pouco gentil da sua parte despedi-la tão cedo, embora não esteja surpreso.

— Não era necessário ter a pobre mulher como se ela fosse minha governanta pessoal. Me sinto muito melhor e posso fazer as coisas com mais agilidade.

— É assim?

— Sim... — murmurou. — Vamos jantar?

— Você ainda não me respondeu, Tracy.

— Talvez você se lembre da pergunta com o estômago cheio — respondeu levantando-se e dando a Sean um vislumbre de suas costas nuas quando ela foi para o prato de carnes e queijos.

Ele não deu a ela a chance de andar mais do que três passos, porque agarrou seu pulso e puxou-a contra seu corpo. Ela ergueu o rosto para olhar para ele, confusa e depois com raiva. Como ele ousava? Tentou fugir, mas não conseguiu.

— Você me deve uma resposta — Sean insistiu. — E não vou deixar você ir até que me responda.

Tracy olhou em volta. A sala estava tão lotada que ninguém estava prestando atenção neles. Dizer que ela não teve tempo de pensar em poder beijá-lo e encontrar aquele homem sensual era mentira. Uma vez acreditou que Adrian tinha uma palavra de honra, disse a ela que a amava e a desejava. Naquele caso, Sean não estava prometendo seu amor, apenas prazer.

— Vou te dar uma resposta em troca de você me fazer uma promessa — disse ela.

Sean sorriu amplamente.

— Seu prazer sempre virá primeiro — disse ele descaradamente.

— Ha-ha. Que generoso — respondeu Tracy. — Vou manter isso em

mente, mas não é sobre isso, Sean. Prometa que você não vai se apaixonar por mim.

Ele franziu a testa.

— Somente se você prometer exatamente o mesmo no que me diz respeito. Tracy sorriu.

— Não será difícil cumprir essa promessa — disse com confiança. — Tenho certeza do que posso e não posso esperar de você.

— O mesmo digo. — Sean sentiu o momento preciso em que os braços de Tracy relaxaram e ele a libertou, mas não a afastou. — Qual é a tua resposta?

— Eu vou te mostrar — Tracy sussurrou maliciosamente.

Ela deu uma risada suave ao ver a expressão de incerteza de Sean, tão incomum. Trouxe a cabeça dele para mais perto dela e o beijou. Era um toque suave, leve, mas permeado por um rastro de fogo que ameaçava estourar.

Ele poderia estar em um lugar público, com as risadas ao seu redor, as conversas, o cheiro de comida cara e o ritmo do jazz ao fundo, mas nada disso importava para ele naquele momento. Alguns casais que não jantaram dançaram no ritmo da música. Nenhum deles percebeu que estavam se movendo ao ritmo do grupo musical ao vivo.

Antes que Tracy se afastasse, ele a puxou para mais perto, sua língua invadindo sua boca habilmente. Ela não resistiu, pelo contrário, soltou um leve gemido antes de se entregar totalmente ao beijo. Sean teve a estranha sensação de que suas bocas se fundiram tão naturais quanto respirar. Ele avidamente buscou a doçura de Tracy, suas mãos apertando a pele macia de seus quadris, sentindo seu calor e sensualidade.

Nunca a beijaram com autoridade e erotismo ao mesmo tempo. Ela sentiu como se o beijo a estivesse consumindo, colocando-a em chamas, derretendo todas as suas barreiras e medos. Ela soltou um ronronar suave, e a ereção óbvia de Sean pressionou mais contra seu centro feminino coberto pelo vestido que ela estava usando esta noite. Ela estava feliz por ter escolhido essa roupa.

— Tracy — sussurrou Sean mordendo o lábio —, vamos sair daqui ou

vou enlouquecer completamente.

Ela abriu os olhos lentamente, como se saísse de um transe delicioso, e jogou a cabeça para trás. Pararam de se mover e ele aproveitou o momento para agarrar Tracy pela cintura e arrastá-la para fora do salão.

— O que...?

— Não há mais uma palavra se não quiser que eu faça amor com você aqui mesmo.

— A conta — ela murmurou.

A confirmação de que ele ainda estava interessado em um relacionamento mais pessoal lisonjeou seu ego feminino e descartou toda a teia de ideias sobre os motivos da indiferença de Sean ao longo da semana.

— Deixei um voucher aberto para você no hotel quando você fez o check-in no último fim de semana — Sean respondeu levando-a por um caminho que ela mal viu, porque estava muito absorta nele. — Aqui — disse abrindo a porta de um banheiro, que Tracy nem sabia que existia, e a fechou com firmeza.

— O que está fazendo? Meu quarto...

— Muito tempo para esperar para tentar algo que eu queria há muito tempo — ele murmurou antes de beijá-la novamente, sem se preocupar com nada além de saboreá-la de novo e com mais ímpeto desta vez.

Ele a agarrou com firmeza e a sentou no balcão elegante. O banheiro parecia nunca ter sido usado, e Sean agradeceu aos hotéis cinco estrelas por terem uma equipe que limpava cada minúsculo metro quadrado em um frenesi - em particular, ele agradeceu mentalmente aos arquitetos que tiveram a grande ideia de construir um banheiro em um lugar discreto. Pelo menos para os menos detalhistas. Ele, é claro, não estava naquele grupo.

— Sean... — ela sussurrou enquanto ele puxava o vestido dela até a cintura, e ela mordiscou o lábio inferior dele e o chupou. Logo ela sentiu o ar frio em seus seios nus, fazendo sua pele arrepiar.

— Você tem seios magníficos — disse ele, antes de pegar um na mão e esfregar o mamilo ereto, enquanto com a boca chupava o outro. Tracy gemeu e

jogou a cabeça para trás, envolvendo as pernas em volta da cintura de Sean e puxando-o para mais perto, levando-o a continuar a acariciando. — Tão macio e delicioso — ele murmurou lambendo sua aréola antes de chupar o botão rosa pálido novamente.

— Oh, isso está atrapalhando — ela sussurrou tentando tirar a camisa dele, mas seus dedos estavam muito trêmulos. — Depressa...

Ele sorriu contra o peito de Tracy, mas uma batida na porta o fez perceber que não poderia fazer sexo com ela em um maldito banheiro. Na primeira vez, pelo menos, merecia um lugar mais confortável e memorável. Embora não fosse por isso que ele iria parar de lhe dar um prazer que desejava generosamente.

— Não faça barulho — ele disse — e segure o seu peso com as mãos. Incline-se ainda mais. Abra suas pernas para mim, Tracy. Assim — sorriu —, gosto quando você consegue obedecer a alguns pedidos sem questionar — disse tirando a calcinha.

— Não se acostume com isso... — ela engasgou com a última palavra porque as mãos de Sean agarraram suas nádegas para colocá-la bem na beirada do balcão, e então ele teve total acesso e visão de seu sexo molhado.

— A ideia de ter um orgasmo em um lugar público te excita?

— Sean... — sibilou quando ouviram uma batida na porta de novo. — Não acho que seja uma boa ideia.

— Tente não fazer barulho — ele respondeu acariciando seu sexo com o dedo, umedecendo mais entre as dobras. — E tranquilize quem está do lado de fora, porque não penso em parar.

Ela pigarreou.

— Um momento! — ela gritou com quem estava lá fora, e naquele exato momento, Sean esfregou seu clitóris. Não permitiria que ninguém interrompesse este momento glorioso. Mais tarde, quando ela tivesse se libertado da angústia de alcançar o êxtase, só então o mundo poderia desabar e poderia se preocupar... ou pelo menos tentar. — Ou vá para outro banheiro! — exclamou em um tom firme, o que até a surpreendeu porque ele a acariciava

enquanto ainda olhava nos olhos dela maliciosamente.

Sean riu baixinho, não antes de morder a boca de Tracy, e então — para que ela não tivesse tempo de protestar — ele moveu suas pernas femininas sobre os ombros para que ela ficasse mais confortável e tivesse acesso total. Ele lambeu a parte mais íntima. A sentiu prender a respiração e começou a prová-la. O sabor único parecia viciante e não conseguia satisfazer sua fome.

Definitivamente iria morrer, Tracy pensou, observando a cabeça de Sean trabalhar seu sexo, e ela sentiu as mãos masculinas sob suas nádegas apertando-as enquanto ele a devorava por inteiro. Não era a primeira vez que fazia sexo oral, ela não era uma puritana, mas era a única vez em que sentia que sua realidade estava começando a se confundir para apenas dar lugar ao prazer inconfundível que era o prelúdio do clímax.

Agarrou o cabelo de Sean e se agarrou a ele, enquanto apoiava o equilíbrio com a outra mão no balcão. Sentiu a sucção, as longas, então curtas e fluidas lambidas pouco antes de dois dedos entrarem nela.

— Ah — gemeu —, sim, assim... — murmurou enquanto os movimentos de Sean se tornavam intensos. No exato momento em que ele colocou a língua em seu clitóris novamente, chupando-o habilmente, ela mergulhou em uma névoa de prazer delicioso, deixando-se levar por completo.

Longos segundos se passaram antes que Tracy recuperasse a consciência. Sean a observava com um brilho inconfundível de orgulho masculino. Ele se levantou, mas não antes de beijar cada virilha, e ir até a boca.

— Tudo bem? — perguntou com voz rouca. Ele estava prestes a explodir dentro da calça, assim como faria um homem inexperiente. Não podia acreditar que ela o afetou de tal forma.

— Você sabe que sim — respondeu acariciando sua bochecha, e ciente de sua nudez quando ele tomou seu seio para acariciar seu mamilo com o polegar. — Você...?

— Estou tentando manter o pouco autocontrole que me resta para sair desse lugar e te levar para a cama — disse ele com firmeza.

Ela riu.

— É impossível.

— Isso me torna sexy? — ele perguntou beijando-a longa e profundamente, até que os dois estivessem ofegantes novamente.

— Eu não sabia que você estava procurando elogios — ela murmurou enquanto ele a ajudava a descer do balcão e ajeitar suas roupas.

Então, sem lhe dar tempo para adicionar outro comentário espirituoso, Sean deu-lhe um beijo sensual e intenso que deixou os dois com o coração disparado.

— Seu orgasmo é tudo de que preciso — ele disse piscando para ela, e agarrando sua mão, enquanto ela ria, para abrir a porta do banheiro. Somente quando tiveram certeza de que a aparência de ambos era decente, eles se aventuraram a misturar-se com o povo.

Para o alívio de ambos, quem estava esperando o banheiro ser desocupado havia sumido. Como dois adolescentes em seus hormônios fervendo, eles praticamente correram para os elevadores.

Chegaram ao décimo primeiro andar e, quando a porta da suíte que Tracy ocupara por tantos dias se fechou, tudo deixou de ter importância. Sean pretendia realizar sua fantasia de ouvi-la gemer seu nome quando estivesse completamente ancorado em seu corpo delicioso.

CAPÍTULO 14

— Eu quero ver você nua — disse Sean beijando o pescoço dela. Inspirando seu cheiro inconfundível de coco e amêndoa — sorriu. — Conhecer cada canto do seu corpo, e fazer amor com você tantas vezes que a única coisa que lembrar seja o meu nome.

— O desejo é recíproco — responde, estendendo as mãos para começar a desabotoar a camisa de Sean.

Não queria nada em seu caminho. Ela queria, tanto quanto ele, estar pele a pele. Absorver cada detalhe de masculinidade disponível e desfrutar de tomá-lo com a boca, assim como ele tinha feito com ela minutos atrás. Havia perdido a cabeça, a luxúria ou a necessidade de aliviar, e deixaria as consequências de suas ações para depois.

Tracy ainda estava um pouco tonta com o que acontecera no banheiro.

Um banheiro de hotel, pelo amor de Deus! Ela não tinha dezoito anos ou estava no ensino médio, mas os beijos de Sean a fizeram se sentir cheia de adrenalina e pronta para mergulhar em qualquer proposta incomum que ele fizesse.

— Eu gosto de como você pensa — disse se desfazendo do vestido até ficar de lingerie.

A calcinha estava úmida, visivelmente molhada, e ele ficou satisfeito por ser o responsável por isso. Ela tinha os seios mais lindos que ele conseguia se lembrar de ter visto em uma mulher. Altos, cheios e com mamilos deliciosos rodeados por grandes aréolas. O melhor de tudo, como eram sensíveis ao toque.

— Mmm — murmurou quando a camisa caiu no tapete. Se inclinou para beijar o peito de Sean e arrastou a língua sobre seu abdômen definido.

Suavemente a pegou pelos cabelos para que ela olhasse para ele. — É a minha vez — disse em resposta ao seu pedido silencioso para esperar. Ela o olhou maliciosamente enquanto agarrava o cós da calça dele até que a vestimenta caísse, então cravou os polegares no elástico da boxer preta até que o membro ereto vibrou em toda a sua glória. — Acho que você tem que esperar... — ronronou quando percebeu o tamanho.

— Não é minha maior virtude — disse com um grunhido de aprovação quando o sorriso de Tracy foi a antecipação das mãos dela em suas nádegas arranhando-as como uma travessura suave, antes de lambe a glândula com a língua, provando-o. — Eu quero primeiro...

Ela negou com a cabeça.

— Cale a boca, Sean. Eu dou as ordens agora — murmurou antes de sugar a glândula com firmeza para calá-lo. E conseguiu.

Passou os lábios pela ponta e começou a chupá-lo aos poucos, enquanto suas mãos não paravam de acariciar as nádegas firmes, para depois se plantarem ao redor do membro grosso. Sua boca desfrutava torturando-o, e suas mãos se moviam para cima e para baixo, aprendendo a forma do membro grosso que lhe dava prazer. Acariciou seus testículos e logo sua boca começou a lambe aquela parte sensível. Ela o sentiu prender a respiração, e isso fez com ela que o levasse mais fundo em sua boca. Ter Sean em suas mãos, em sua boca, excitou-a tanto quanto o pensamento de saber que logo poderia tê-lo dentro dela, enchendo-a. Se sentiu corajosa e fraca ao mesmo tempo, de desejo. Seus lábios íntimos estavam altamente umedecidos com seus próprios fluidos, e a vibração em seu sexo era consequência de seu desejo de que Sean preenchesse esse vazio. Em breve.

— Tracy... — sibilou ele, prestes a perder o controle. Ele não queria gozar em sua boca. Não era um idiota em presumir que era algo que poderia gostar. — Se você não recuar agora, vou gozar na sua boca.

— Essa é a ideia — ela respondeu com um olhar brilhante de prazer. Não entendia como alguém poderia dizer que dar prazer a um homem assim era humilhante. Nunca havia sentido seu poder feminino de forma tão vibrante.

Estar ciente de sua capacidade de gerar tal nível de êxtase em um homem, não qualquer tipo de homem, mas aquele que se considerava imune a perder o controle, a tornou mais temerária no nível sexual. — Goze.

Ele prendeu a respiração, mas o comando de Tracy quebrou seu último resquício de sanidade e controle.

— Deus, mulher... — ele murmurou pouco antes de ela sentir os espasmos contra sua garganta, e ouvir o gemido gutural vindo dos lábios de Sean.

Lentamente, ela se levantou, não sem a ajuda de Sean quando ele foi capaz de recuperar a consciência, e se sentou na cama. Ele a seguiu, mas com força suficiente para acomodá-la no centro do colchão enquanto se posicionava em cima, tomando cuidado para não a sufocar com seu peso.

Tinha que admitir que foi o melhor boquete que ele lembrava em muito tempo. O entusiasmo de Tracy, o olhar sincero e a maneira de assumir o controle eram um afrodisíaco incomparável. E principalmente porque se tratava da mulher protagonista de suas fantasias sexuais mais recorrentes.

— Sean? — ela perguntou de repente corando. — Você... — pigarreou — gostou?

Ele sorriu deslizando a mão sob as costas de Tracy e desabotoando seu sutiã. Sua expressão de expectativa era encorajadora. Colocou a peça de lado, então agarrou a calcinha para puxá-la para baixo, mas não antes de deixar um rastro de beijos enquanto a peça descia até se perder longe deles.

— Mais do que gostei — disse ele se abaixando para morder seu lábio inferior —, eu adorei.

— Oh... — ela respondeu arqueando as costas quando o membro de Sean estava bem na entrada de seu sexo. — Sean? — perguntou perdida no olhar escuro.

— Diga-me, baby.

— Preservativo — sorriu, enquanto amaldiçoava seu descuido e ia procurar a calça. Ele tirou o pacote prateado e o abriu. Voltou instantaneamente e Tracy arrancou-o de suas mãos. — Espero que não seja

uma presunção de sua parte que acabaríamos assim hoje — disse rodeando seu membro até que o látex estivesse perfeitamente colocado.

Nunca aconteceu a ele esquecer a proteção, e isso tinha a ver com o fato de ser celibatário há muito tempo.

— Os cuidados são importantes — respondeu inclinando-se para lambe um seio e depois fez o mesmo com o outro. — E caso você esteja se perguntando, eu não tenho estado com ninguém há muito tempo. Anos — ela franziu a testa — e, embora eu gostaria de explicar mais detalhes, só posso dizer que ser pai solteiro é um grande impedimento.

Tracy concordou com a cabeça.

— Eu... — limpou a garganta —, também não estive com ninguém desde o meu ex, há mais de um ano. — Tracy fez uma nota mental para retomar seu ciclo de pílulas anticoncepcionais.

— Bem, agora esclarecido o cenário — disse rindo e ciente de que não aguentaria mais a conversa necessária —, agora é hora de fazer o mais importante.

— Sim? — ela sussurrou. — Sean, Sei que pode se encaixar em meu corpo, mas você é bem grande e...

— Vou fazer devagar, você vai me receber com facilidade.

— Eu sei... — Envolvendo as pernas em volta dos quadris masculinos, Tracy balançou sensualmente, os seios balançando no ritmo dos movimentos dele enquanto ela se ajustava para que ele ficasse mais perto. — Confio em você.

Sean se inclinou, colocando um mamilo entre os dentes, e seus dedos esfregaram seu clitóris. Ela gemeu e ele sorriu. Aplicou a mesma carícia no outro seio, e quando a viu mexer os quadris com força e puxá-lo para beijá-lo desesperadamente, começou a penetrá-la. Ele fez isso devagar.

Tracy ofegou de prazer quando o sentiu alargando-a, abrindo-a com perícia e também cuidado. Ela agarrou seus ombros, e ele agarrou nádegas dela, ergueu-a ligeiramente para melhor acesso e deslizou fundo. Ela arqueou as

costas.

— Tudo bem? — Ele perguntou com suor escorrendo em sua testa pelo esforço de não a tomar como uma brutalidade desesperada. O olhar febril de Tracy e as curvas deliciosas acabariam com ele. Uma fantasia tornada realidade era melhor quando a realidade excedia a imaginação. Como neste caso.

— Sean — disse a ele como se tivesse lido seus pensamentos —, não se contenha comigo. Eu posso aguentar você por inteiro... Me tome por inteiro.

Ele assentiu e com um suspiro, empurrou novamente até que estava profundamente ancorado nela. Deslizou com facilidade pelo interior escorregadio e começou a se mover lentamente, girando às vezes, parando outras, mas finalmente a enchendo.

Tracy suspirou de alegria e se agarrou aos ombros firmes com mais força, enquanto seus corpos balançavam ao ritmo da dança mais antiga do mundo. Ele se inclinou e mordeu seus mamilos, e ela não conteve o suspiro que emitiu. Ela gostou da sensação de senti-lo nas profundezas de seu corpo, cobrindo cada espaço como nunca antes.

— Sean... Ah sim, rápido, faça assim... — ela gemeu enquanto ele movia os quadris gerando atrito e o delicioso choque de seus corpos que se reproduzia em um eco no quarto repleto de paixão.

— Você é tão sexy que me deixa louco... — confessou entrando nela repetidas vezes, sempre em profundidade.

Ele não queria que Tracy se esquecesse daquela noite, porque tinha certeza de que não conseguiria, mesmo que tentasse.

— É mútuo... — ela murmurou com uma respiração irregular mordendo o ombro dele e as unhas agarrando-se às suas costas. Sob o contato de seus dedos, ela podia sentir claramente os músculos flexionados, e era uma sensação tão erótica quanto tê-lo dentro dela pulsando cada nervo para levá-la ao orgasmo.

Sean podia seguir os suaves tremores das contrações de Tracy latejando ao redor de seu pênis, sugando-o da maneira mais carnal possível, e quando ela se

arqueou, quase à beira do orgasmo, ele empurrou uma última vez com uma emoção tão intensa que o superou; nunca experimentou a sensação de plenitude daquele instante. Foi aterrorizante e ao mesmo tempo um consolo para um corpo que esteve longe do sexo com uma mulher por tanto tempo.

Ela ofegou seu nome como um mantra, e aquele apelo quase gutural quebrou a última corda de restrição e ele não aguentou mais, porque seu corpo tremia de uma forma colossal. Em segundos, os dois explodiram em um êxtase impressionante que os consumiu, deixando-os tremendo e saciados.

O sol da manhã filtrou-se suavemente pelas cortinas da suíte. Com um sorriso preguiçoso, Tracy abriu os olhos e espreguiçou-se até perceber que não havia nada próximo a ela além de um travesseiro vazio. Se apoiou nos cotovelos. Franziu a testa e esperou ouvir a água correndo no banheiro. Inclinou a cabeça para o lado, mas o silêncio era eloquente.

Um, dois, seis segundos. Nada.

Resignada, ela se jogou no colchão e suspirou. Não poderia ficar desapontada. O acordo que ela tinha com Sean era claro, e em nenhuma circunstância pedir que ele a abraçasse ou passasse a noite fazia sentido. Embora fosse difícil conciliar a ideia de como uma aventura sexual funcionava, não fazia parte de seu repertório usual, mas aceitaria da melhor maneira possível. Sim, uma ou duas vezes — quando estava no colégio — o fez, mas a sensação de vazio a impedia de repetir. Não era para ela.

Gostava de um relacionamento em que houvesse pelo menos confiança e respeito. Sean era diferente, porque cumpria esses dois aspectos.

Fazer sexo com um estranho podia ser interessante, mas mesmo quando ela tentava — ou pensava nisso — um carro chegava de repente e a enviava direto para um hospital. Que tal isso como um sinal do destino? Ela se acostumaria com isso enquanto durasse seu caso com Sean.

Pelo menos teve a deliciosa sensação de que alguns lugares de seu corpo,

que estiveram intactos por mais de um ano, agora estavam mais... exercitados. Sorriu. Depois da primeira vez, saíram da cama para tomarem banho juntos. Sean fez magia em seu corpo novamente, e ela se encontrou as mãos apoiadas na parede, quando a água caía sobre os dois, e ele a tomou por trás com firmeza. Dessa posição, podia o sentir ainda mais profundamente, se fosse possível. A névoa do vapor de água, seus gemidos derretendo sem contenção, e o orgasmo que oprimiu seus sentidos, a deixaram exausta.

Quando terminaram de tomar banho, ele a secou suavemente e acariciou cada parte de seu corpo que não estava deixando nenhuma gota d'água. Eles se beijaram intensamente, mas os rosnados em seus estômagos os incentivaram a pedir serviço de quarto. Conversaram, comeram, riram, mas nenhum tópico era importante. Tracy viu o lado mais pessoal, despreocupado e charmoso de Sean. Gostou, e muito, tanto ou mais do que a maneira deliciosa de lhe dar prazer.

Sean era insaciável e ela não estava muito atrás. Fizeram uma maratona de sexo, porque nenhum deles parecia se saciar do outro.

Tracy se sentia completamente desinibida. Gostou que ele a deixasse assumir o comando quando ela tinha vontade, e se sentia livre para gemer, perguntar e exigir quando quisesse algo entre os lençóis. Deixou sua luxúria assumir, e essa liberdade foi revigorante. Porém, era impossível não pensar nos seus amantes anteriores, que não eram muitos, mas ela era sincera ao admitir que, embora os conhecesse e tivesse uma relação com eles, nenhum deles era do tamanho de Sean. Isso poderia ser perigoso, mas ao mesmo tempo encorajador porque havia tantas sessões de sexo interessantes e versáteis à sua frente.

O simples fato de os dois terem criado um ambiente propício à expansão à vontade parecia mais do que interessante, revelador. Nunca um homem conseguiu percorrer sua pele, em cada cantinho, fazendo-a gemer e uma vez saciada, fazendo-a querer cada vez mais.

Ela poderia passar o resto do dia pensando em Sean, mas isso não seria saudável. Portanto, era melhor considerar que tinha o sábado todo para se divertir, e planejava começar sua rotina com um banho quente, depois iria

descer ao SPA do hotel para fazer uma massagem, e à tarde iria às compras. Iria aproveitar a semana que havia sobrado em um lugar luxuoso com tudo pago. Além disso, iria encontrar uma livraria porque precisava preencher o horário. A única certeza que Tracy tinha era que ela estava gostando do que havia acabado de começar com Sean e até acreditava nisso apenas por lembrar de todas as posições em que tinha feito sexo a fazia corar. Por outro lado, achou o mais interessante de tudo que seu objetivo de carreira permaneceu no topo de sua lista de prioridades. "Fantabuloso."

Como seriam suas próximas reuniões ou quando? Não tinha a menor ideia. Levaria isso com leveza.

Miauuu

Tracy sorriu. Tallulah se comportou muito bem. Ao contrário dos tempos selvagens que sua gata costumava ter, destruindo tudo quando era deixada sozinha, em nenhum momento ela interrompeu sua maratona de sexo com Sean. Só por isso compraria para ela um pacote de petiscos especiais.

Miau

— Eu sei, Tallulah, eu sei. Você tem sido boazinha — Tracy sorriu, enquanto a gata subia na cama e se aninhava ao lado dela.

Depois de notar que Tracy estava dormindo, Sean saiu da suíte. Parecia muito íntimo e não em um plano físico. Cada vez que ele se fundia com ela, a sensação de conexão e pertencimento era esmagadora. Ele atribuiu isso à forma chocante como os orgasmos ao lado dela varreram sua consciência, mas mesmo quando a observou dormir, completamente nua sob as cobertas, não conseguiu se livrar do fio invisível que havia amarrado entre eles. Talvez fosse sua imaginação. Talvez fosse devido ao longo período de celibato. Portanto, a necessidade de sair da sala quando o sol estava começando a acariciar o horizonte era mais uma medida de sobrevivência do que de covardia.

Ao sair do saguão do hotel, seu coração continuou a bater com força incomum, como se ao se afastar dela ele tivesse cometido alguma

transgressão. Não era apenas inexplicável, mas também frustrante.

Ele dirigiu sem rumo até que seu estômago começou a roncar com a necessidade do café da manhã. Estacionou em uma Starbucks e se acomodou em uma cadeira com uma xícara de chá na mão e também um muffin de chocolate com baunilha. Essas eram indulgências de fim de semana, e ele geralmente não permitia que Milla comesse doces como café da manhã. Estava esperando sua mãe ligar para ele.

Quando o telefone vibrou em seu bolso, ele sorriu. Nove da manhã. "No tempo exato." Sua filha já devia ter trocado de roupa e estava esperando que ele a pegasse para ir para a aula que faziam juntos. No entanto, o nome que apareceu no identificador de chamadas era de seu sócio e não de Eugenia. Ele franziu a testa, mas respondeu imediatamente.

— Jackson, o que aconteceu? — perguntou em um tom preocupado. Era incomum que seu amigo ligasse para ele em uma manhã de sábado, ao menos tão cedo se eles não tivessem negócios agendados para tratar.

— Temos um grande problema. O encanamento do banheiro quebrou com a força da pressão da água, e o zelador ligou para avisar que os escritórios estão praticamente inundados. Estou indo para o prédio e achei que você gostaria de saber. Entendo que já existe uma equipe de manutenção trabalhando, mas não é suficiente. Vou ter que coordenar outros tipos de ajuda, já conhece a questão da água e do comércio da cidade, então vou precisar da sua ajuda.

— Merda... Como diabos isso aconteceu?

— Acidentes infelizes — Jackson murmurou em óbvio desconforto. — Vejo você lá, parceiro.

— Claro — ele respondeu sem hesitar. — Já chegarei até você.

Com o pulso acelerado, perguntando-se o nível de danos materiais causados pela água e o estado da catástrofe, Sean ligou para sua mãe para pedir que ela o substituísse na classe de pai e filha com Milla. Eugenia disse-lhe que, por mais que quisesse, o hotel para o fim de semana onde faria o retiro de ioga com William e outros casais não só estava pago, mas também o

transporte particular dos organizadores viria buscá-los em quarenta minutos.

Milagrosamente, Sean não bateu o carro em algum lugar da cidade, tentando coordenar sua programação com Milla e o que acabara de acontecer no trabalho, enquanto tentava manter as regras de direção inalteradas. Ele tentou negociar com Eugenia, mas ela insistiu que não poderia ajudá-lo neste momento.

Por fim, Eugenia perguntou-lhe porque havia contratado uma assistente pessoal se em momentos de emergência não podia contar com ela. Esse foi um ponto excelente, então Sean fez o que tentou adiar — pelo menos até segunda-feira — e isso era ligar para a mulher com quem ele passou toda a noite de sexta-feira e madrugada para pedir que ela o ajudasse.

Ele já estava a quatro quarteirões do escritório. Tracy atendeu no quarto toque.

— Eu preciso te pedir um grande favor — disse Sean assim que ouviu a voz melódica cumprimentando-o. — Não tenho tempo a perder explicando muito para você.

— Este é um problema pessoal ou profissional? — Perguntou ela, vestida para sair para curtir o final de semana, mas era evidente que não poderia. Não quando Sean, em seu tom de ditador mandão, estava do outro lado da linha.

— Profissional e pessoal. Houve um acidente no escritório e tenho que ir até lá com Jackson. Minha mãe tem que viajar, Milla não pode ficar sozinha e também não pode faltar a sua aula, porque só acontece uma vez por mês. Aí você tem os dois cenários.

Ela franziu a testa porque ele não estava lhe dando muitas informações.

Colocou a bolsa no ombro, porque o telefonema de Sean a pegou com a mão na maçaneta da porta. Claro, a princípio ela pensou que ele a estava ligando para perguntar como ela estava ou se estava livre naquela noite ou com algum plano para os dois. Obviamente, todos os seus preconceitos viraram fumaça quando ele começou a lhe dar ordens.

— Vou cobrar horas extras porque é um fim de semana, não porque tenha algo a ver com Milla. Só para esclarecer.

— Eu não preciso que você tente fazer concessões, Tracy — disse com severidade desnecessária. — Agora, anote o endereço da minha mãe, ela vai lhe dar as instruções de segurança para crianças no carro. Você vai chegar na academia sem problemas, minha mãe também vai cuidar de te dar os detalhes.

— Algo mais? — perguntou pressionando o botão para chamar o elevador.

— Liguei para você quando estiver livre. Minha filha é a coisa mais preciosa que tenho na vida, se algo acontecer a ela por algum descuido seu, não hesitarei em mover céus e terra para tornar sua vida miserável.

— Wow, que bela manhã você acordou — ela sussurrou. — Não sou estúpida. Sei cuidar de uma menina, minha melhor amiga é enfermeira e tenho amigas com crianças. Agora, se você está tão preocupado que de repente eu me tornarei uma assassina em série ou traficante de drogas, então deixe-me fazer o trabalho no escritório e vocês vem cuidar da Milla.

— Este é um assunto que compete aos sócios, devido à situação inusitada. Do contrário, não estaria perdendo meu tempo tentando fazer você parar de ser tão faladora quando o que preciso é de pragmatismo, e você estaria no escritório, e eu com minha filha.

— Você é um amor, chefe — disse sarcasticamente. — Algo mais?

— Informe-me de quaisquer pequenos detalhes. Eu sei que ser babá não está em suas funções, mas esta é uma emergência, então eu agradeço por você estar fazendo isso. — Fez este último comentário com suavidade, como se estivesse ciente de que estava perdendo a paciência diante dos comentários de Tracy e ela não tinha culpa de nada.

— Eu tenho alternativa? — perguntou ao telefone sem sinal, pois Sean já havia cortado a comunicação.

Como não tinha vontade de dirigir e não queria correr o risco de perder tempo dirigindo para casa para pegar o seu carro, decidiu tomar a liberdade de ligar para Coleman. Sabia que Sean estava tão estressado que nem se importaria em entrar em contato com o motorista da família Winthrop. A situação justificava que ela tomasse certas decisões sem consultar, especialmente se fossem para o bem-estar da filha de Sean.

Tinha que confessar que a deixava um pouco nervosa não apenas por encontrar a garota cara a cara, mas também a mãe de Sean. Outra das situações bizarras que aconteceram com ela, especialmente quando agora era a amante de um homem que era vital na vida das duas pessoas que ela conheceria em breve. Que tal isso para um caso discreto, e uma assistente depois da escola que incluía a família de seu chefe e que — coincidentemente — agora era sua amante também?

“Ela tinha tanta sorte...”, pensou sarcasticamente enquanto Coleman a conduzia pelas ruas de Toronto.

CAPÍTULO 15

Boston, Estados Unidos.

Bethany aplicou brilho labial e, em seguida, delineou delicadamente os olhos. Ela decidiu usar um vestido jumper cinza e sandálias. O aquecimento do hotel era perfeito, e a piscina onde a próxima atividade que participaria ficava no andar inferior. Não teve que sair ou pensar em botas ou roupas adequadas para o frio.

Os dias passaram rapidamente desde que ela conheceu Peyton.

Não foi a primeira mulher por quem sentiu atração, mas foi a primeira que lhe causou mais do que alguns pensamentos e com quem acreditava que poderia estabelecer um relacionamento mais profundo se estivessem em um plano cotidiano e não em um hotel com o tempo contado. E isso foi bastante revelador.

Deu uma volta completa e ficou olhando para o seu reflexo no espelho da suíte. Adorava ter tido tempo de fazer um tratamento nas mãos e nos pés. Suas unhas foram pintadas de esmalte azul escuro. Um pouco de ousadia nas cores não fazia mal a ninguém, além disso, se sentia exatamente assim, ousada.

Ao contrário do evento matinal, a piscina não tinha ninguém para recebê-la. Ficou surpresa com o detalhe, mas não iria reclamar. Caminhou ao longo do corredor iluminado de vidro e piso de madeira escura, então abriu a porta que dava para a fabulosa piscina.

Ela teria ficado boquiaberta de admiração pelos arredores, mas uma voz se fez presente atrás dela, e teve que seguir em frente. Alguém viu o filme *Alice no País das Maravilhas*, da mão de Tim Burton? Pois a piscina era

cercada por uma vegetação densa, como os jardins da Rainha de Copas, e em vez de paredes densas do mesmo material de que era feito o hotel, havia cristais. Parecia impossível que houvesse um lugar assim em uma infraestrutura que lembrava o vitoriano e o moderno em uma fusão extraordinária. Mais uma vez, Bethany estava maravilhada.

Quando o espanto e a surpresa com os arredores deram lugar a uma visão mais detalhada, quase tropeçou. Ela estava vestida, sim, mas nem todos os visitantes estavam. Uma área de nudismo?

— Então, aqui estamos novamente.

A voz inconfundível de Peyton fez Bethany voltar sua atenção para ela. À sua esquerda, sem nada para cobrir uma figura feminina espetacular, a mulher sorria de orelha a orelha.

Não conseguiu esconder sua apreciação física. Peyton tinha um corpo esguio. Abdominal plano e mamilos pequenos e escuros. Seus seios eram de tamanho médio e orgulhosamente eretos. Estava totalmente depilada e parecia tão confortável em sua pele como se estivesse usando um traje Mulberry.

— Eu — limpou a garganta —, oi...

— Você pode olhar o quanto quiser — Peyton abaixou a voz —, mas tente não deixar que os outros percebam, porque podem se sentir desconfortáveis. — Bethany corou e a outra mulher riu. — Vamos, você vai se acostumar. — Olhou para ela com interesse, de cima a baixo: — Essa roupa ficou muito bem em você. Mostra suas curvas e oferece mais sensualidade da que pensa que possui — piscou para ela. Algo chamou sua atenção, e quando olhou de volta para Bethany, o sorriso havia sumido. — Tenha uma noite interessante.

Bethany foi deixada sozinha e tentou acompanhar Peyton com os olhos. A mulher era espetacular. “Então, um local colorido e especial para nudistas”, ela pensou enquanto se dirigia ao bar, balançando a cabeça levemente com um sorriso. A piscina era gigantesca, e o lugar tão espaçoso que dava muita privacidade para quem não queria ser incomodado. Talvez seja por isso que a natureza situada intencionalmente causava a sensação de estar protegido do

resto do mundo. Se não fosse pela ventilação extraordinária e a vista para o exterior, não diria estar dentro de um hotel incrível nos arredores de Boston.

Ela não tinha ideia do que diabos iria fazer naquela tarde.

— Podemos te servir algo especial?

Bethany se virou para olhar para o garçom. Não. Ele não estava nu. Aparentemente, a ideia de se despir ou não ficou a critério exclusivo do hóspede. Interessante.

— Martini duplo, por favor.

— Já trago, está em algum local específico?

Ela franziu o cenho. Não iria ficar de pé como uma idiota, enquanto todos pareciam estar se divertindo dentro da piscina ou conversando ou exibindo seus atributos físicos como se fosse uma praia de nudismo europeia. Ela não estava pronta para andar nua, vamos, não era sobre isso. Pelo menos não para ela. Preferia continuar especulando em sua cabeça sobre sua sexualidade, e isso não incluía tirar a roupa... mas talvez incluísse dar uma espiada e apreciar a vista.

Bethany viu três cadeiras de aparência confortável bem no centro da janela. Havia uma fonte de frutas e doces, não só na área das mesas, mas espalhadas. O bar estava a uma distância segura. Ainda tinha que percorrer os arredores, mas no momento queria se sentar e se aventurar para ver o que poderia achar interessante. Ou talvez "alguém" poderia encontrá-la.

— Na mesa posterior. Aquela com três cadeiras pretas — apontou e o garçom assentiu. — Obrigada.

— Estamos aqui para servi-la — respondeu o homem, bastante jovem e com barba perfeitamente aparada.

Momentos depois, com o copo de Martini na mão, Bethany sentiu a necessidade urgente de se conectar em outro nível com alguém. *Júbilo de sabores ao pôr do sol* era uma atividade peculiar, mas agora a entendia. As pessoas que viu passando, vestidas ou não, dificilmente se encaixavam em um determinado molde. Algumas eram bonitas e outras nem tanto. Outras tinham corpos espetaculares, outros não causavam tanto impacto visual. O cenário, o

arranjo da maravilhosa decoração, as diferentes cores das flores, fundidas em um amálgama tão diferente e uniforme ao mesmo tempo, era a metáfora perfeita. Sorriu

Um espaço tão diverso no qual pessoas de todas as origens e inclinações sexuais podiam desfrutar da mesma visão e experimentá-la de maneira diferente, representava a vida cotidiana na sociedade. A vida não era assim em todos os âmbitos? Não era a ideia poder usufruir do mesmo ambiente sem julgar, sem reprimir apenas o “ser”? A escolha da preferência sexual não precisava mudar isso. Os direitos humanos eram iguais para todos, sim, e assim como não podia exigir amar, desejar ou escolher os outros, também não podia tentar fazer uma sociedade pré-estabelecida mudar da noite para o dia. Ela entendia e também não concordava em forçar os outros a aceitar a diferença.

A questão, em sua opinião muito particular, era apenas respeitar e conviver em paz. Por que isso era tão complicado? Por que sempre havia pessoas tentando dizer aos outros como viver? Era exaustivo.

— Posso te fazer companhia? — perguntou um homem alto com olhos escuros.

Ela piscou para retornar sua mente ao hotel. Tinha ido longe demais com suas reflexões. Costumava acontecer muitas vezes.

— Olá — sorriu —, claro que sim. Eu sou Bethany.

— Kensal — disse ele. Tinha um rico sotaque estrangeiro. Talvez um toque de italiano ou talvez ela estivesse errada. — Esses dias o hotel está mais vazio. Gosto mais assim do que nas altas temporadas.

Nu? Sim, o homem estava nu. Ela tentou muito não olhar para o membro masculino. Era curiosa, e em algum momento de sua existência ela teve um pênis bem fundo dentro dela, então comparar com o passado também não era um mau hábito, especialmente quando estava começando a se forçar a aceitar isso poderia simplesmente ser livre para desejar outra mulher e não ter que se recriminar por isso. Não era algo que ela pudesse alcançar em poucos dias, mas estar ciente disso — clara e firme — era um grande avanço para ela.

— Então você é um hóspede regular — destacou o óbvio.

— Algo assim — sorriu. Ele tinha dentes muito brancos. — As festas de máscaras são espetaculares. Acho que, de todas as opções, uma vez que já veio várias vezes, é a melhor. Aliás — baixou a voz em tom de confiança — é a única noite que tem um convite exclusivo, e não geral como acontece nas atividades restantes.

Ela sorriu também, porque a energia que emanava daquele homem era contagiante de uma forma otimista.

— Uma confissão interessante, eu não sabia. E tenho uma — disse — e, como você diz que é uma das melhores noites, comparecerei sem hesitar.

— Faça isso, querida — Kensal disse. — E me diga uma coisa, por que está sozinha? Há algumas pessoas que já te notaram você e você nem a percebeu. Não mostra sinais de estar interessada em socializar.

— Por que você diz isso? Às vezes gosto de ter meu próprio espaço. Fiquei um pouco surpresa quando percebi o conceito dessa piscina — ela riu baixinho — mas eu já entendi, acho — sorriu.

— Quando cheguei mais perto, você parecia muito interessada em algum ponto à distância, sem ofensa.

— Está tudo bem — ela disse —, mas estou feliz que você tenha se aproximado. Começar a primeira abordagem não é fácil e eu lhe atribuo pontos por isso. Embora, se você está se perguntando — pigarreou — bem, eu não estou interessada em homens. — Dizer em voz alta causou uma leveza em seu peito que ela não esperava. Um pouco de franqueza de dentro para fora. — Eu prefiro mulheres. — Mais leveza ainda. — Apenas no caso... — encolheu os ombros — caso esteja se perguntando.

Kensal riu.

— Bem, eu queria chegar mais perto porque estou tentando fazer um pouco de vida social com as mulheres. Os homens, cá entre nós, também podem ser bastante intensos e acabei de sair de um relacionamento doloroso. — Ela abriu e fechou a boca. — Esta visita ao hotel foi para desligar um pouco. Por que você está surpresa com o meu comentário? — perguntou

curiosamente.

Ela inclinou a cabeça para o lado, examinando a expressão de Kensal.

— Normalmente, e não estou tentando fazer julgamentos, os homens tendem a se aproximar de uma mulher que está sozinha porque ela os interessa, não apenas para ter uma conversa banal.

— Em algumas ocasiões, mas não desta vez — ele disse baixinho e com uma piscadela.

— Eu posso... Seria muito ousado da minha parte perguntar o que aconteceu com o seu relacionamento?

— Estou aqui, com gente por aí, pelado — comentou rindo. — O que você acha que posso te responder?

Ela riu também.

— Bem, a verdade e nada mais do que isso, certo?

Ele assentiu.

— Foi um relacionamento falso. — Bethany franziu a testa, mas apenas esperou que ele continuasse. — Sou arquiteto e trabalho com as maiores redes de hotéis dos Estados Unidos.

— Foi assim que conheceu Byron?

— Sim. Um grande amigo, realmente. — Ela assentiu. — Uma tarde, no meio de um dia de trabalho em um iate de luxo em Washington, no rio Potomac, fui apresentado a Frank. Estive em relacionamentos de curto prazo, mas nenhum homem realmente causou tanto impacto em mim quanto ele. Era extrovertido, bem-sucedido e lindo.

— Eu posso imaginar — Bethany murmurou. Parecia tão fora do mundo poder falar fluentemente com um homem nu sobre tais assuntos pessoais.

— Iniciamos um relacionamento apaixonado. Durou meses. Até pensei em o pedir em casamento. Nunca tinha sido tão cativado.

— Apaixonado? — ela perguntou suavemente.

— A paixão é uma espécie de loucura, mas sim, vamos apenas dizer que estava. Fiquei cego de uma forma que nem mesmo meu melhor amigo conseguiu me fazer ver o motivo quando minha empresa começou a receber

ações judiciais por quebra de contrato. Foi um pesadelo, mas eu não queria ouvir.

— Frank era arquiteto?

— Não, ele gerenciava escopos de construção. Fizemos uma sociedade separada, na qual Frank levava os materiais, eu fazia os projetos e outra empresa manejava os contatos para gerenciar um *networking* de sucesso. Era tudo perfeito para uma expansão corporativa, algo que eu estava procurando. Parecia a realização de um sonho — confessou com um tom amargo.

— Promissor.

— Era... Até que meus advogados começaram a se afundar em processos judiciais, que não são incomuns no meu mundo de trabalho, mas podem ser administrados, e perceberam que Frank estava fazendo negócios extras pelas minhas costas, pegando dinheiro e não cumprindo o que era prometido.

— E a outra empresa que tratava dos contatos? Frank também estava por trás disso? — ela perguntou, sentindo pena pelo que ouviu.

— Sim. Ele me enganou. Danificou meu nome. Quase me afundou emocionalmente e financeiramente. Levei muito tempo para aceitar que havia passado por um idiota. Quando o confrontei, ele me disse que não merecia ser amado e foi embora.

— Não sei o que mais poderia ser mais doloroso — Bethany murmurou, pensando em sua melhor amiga. Tracy estava desconfiada e, depois das traições de Adrian, ela não era a mesma. Pelo menos não no que dizia respeito aos homens.

Ele suspirou.

— É fácil falar com você — Kensal disse com um meio sorriso —, geralmente não sou tão aberto.

— Bem, estou lisonjeada por você ter falado assim comigo. E lamento muito o que aconteceu... Imagino que você vai encontrar outra pessoa que te ame pelo que você é, e não pelo que é capaz de gerar financeiramente.

— E você, além de férias, o que mais procura no hotel? — perguntou mudando completamente de assunto.

— Na verdade, não tenho certeza. Mas vou descobrir... Pelo menos tenho que fazer isso antes de deixar este lindo lugar.

Ele sorriu e assentiu.

— Acho que é hora de ver o principal motivo pelo qual esse lugar é tão bonito ao pôr do sol, e o que me trouxe aqui esta tarde, claro. — Se virou para o vidro que dava para o extenso jardim e o lago. Bethany seguiu seu olhar. — Veja como o céu muda. Não é impressionante?

— Majestoso...

— Somos todos luz e pôr do sol, Bethany. O corpo é apenas o brilho do que está dentro de você.

— Eu gosto dessa metáfora — ela disse. — É interessante que os arquitetos também tenham um pouco de sutileza que vai além do design.

Ele riu.

— Bem, sou um arquiteto com bastante flexibilidade mental e aficionado em compartilhar com uma estranha, passagens da minha vida que normalmente não compartilho. — Ela sorriu. — Na verdade, a vida me ensinou com tantos golpes que cabe a nós aprender a valorizar os dois lados do dia. O brilho e a escuridão. É a vida — disse olhando para fora —, não acha?

Ela alargou o sorriso, satisfeita com o que estava vendo através do vidro imaculado. O horizonte começava a tingir-se de rajadas de laranja, pinceladas de vermelho, detalhes lilases e um inconfundível cinza-preto que indicava o pôr do sol.

— Acredito. Sim...

Quando ficou sozinha, Bethany foi ao bar. Achou muito mais fácil ser a primeira a puxar conversa, conhecendo pessoas adoráveis e não outras tantas. Ela gostou de um casal polonês muito eloquente e também de um casal lésbico hilário. Estava começando a acreditar que era um hotel apenas para a comunidade LGBTI, mas se enganou ao conversar com uma garota e um garoto heterossexuais que eram especialistas nas áreas de tecnologia e estavam no hotel para curtir um ambiente diferente, longe de Boston.

O Hotel Cumbria não era um local para definir quem era, longe disso,

mas era um local para encontrar peças que pensava perdidas ou que nem sabias que existiam em você. E o cerne da questão era a contribuição que cada hóspede, cada pessoa que trabalhava no hotel, dava ao ambiente, graças às atividades que — estava começando a descobrir com prazer — foram planejadas com meticulosa antecipação considerando os perfis daqueles que estavam indo para se hospedar.

O júbilo dos sabores ao pôr do sol era uma ode à beleza da natureza vista através dos filtros e da arquitetura humana. Uma ode às nuances que representavam a variedade que existia em uma sociedade. Interessante, Bethany pensou, quando a sala ficou completamente escura por alguns segundos, então deu lugar às luzes internas mais poderosas.

Ela se perguntou para onde Peyton tinha ido.

E com isso em mente foi jantar no restaurante do hotel.

CAPÍTULO 16

Tracy esperou na varanda da frente da casa até que, finalmente, apareceu uma menina com uma expressão um tanto curiosa no rosto, seguida por uma mulher mais velha com cabelos curtos e bem penteados. A impressão de ambas lhe trouxe um sorriso sincero, embora isso não significasse que os nervos estavam ausentes.

Sim, ela havia feito apresentações corporativas para bilionários em Boston, mas nenhum deles tinha laços de sangue com o homem com quem estava dormindo. A missão tampouco estava próxima nas horas seguintes. Sean praticamente disse a ela que se algo desse errado, ele iria atrás de seus ossinhos e não em um plano sexual, não. Portanto, é melhor ir com todos os seis sentidos em órbita e funcionando para cuidar de Milla.

Com cabelos castanhos ondulados, rosto em formato de coração e olhos azul-acastanhados, a menina era uma boneca de carne e osso. Eugenia, por outro lado, era alta, estava elegantemente vestida e tinha um amplo sorriso no rosto.

— Bom dia — disse com um pouco de nervosismo —, meu nome é Tracy. Sou a assistente de Sean. Prazer em conhecê-las. — Sorriu.

— Oh, claro, querida. — Eugenia cumprimentou-a apertando sua mão. — Que pena estragar seu fim de semana com essa emergência. Que bom que veio cuidar da minha neta. A babá da Milla não trabalha nos fins de semana, pois tentamos criar lembranças em família, e em uma situação inesperada tivemos que recorrer a você...

— Por favor, não precisa se desculpar — interrompeu gentilmente. — O chefe paga horas extras — disse com um largo sorriso que a mulher imitou.

Tracy se agachou e foi até Milla.

— Olá, bonita. Como vai?

— Cumprimente, querida — instou Eugenia. — Ela vai te levar para a aula. E então vai esperar seu pai pegar você. Tenho que ir logo, então seja legal com Tracy.

— Olá... — a garota murmurou relutantemente. — Por que meu pai não está aqui? — perguntou ressentida.

— Ele teve uma emergência no trabalho, mas solucionará logo para que você possa passar o resto do fim de semana com ele — Tracy disse. — O que você acha? Será pouco tempo longe do seu pai.

Em resposta, Milla encolheu os ombros.

— Leva tempo para ela construir confiança — comentou Eugenia tentando animar Tracy, enquanto William aparecia na porta com duas pequenas malas de viagem, embora com um peso aparente de mais. A mãe de Sean fez as apresentações.

— Tem certeza de que não pode vir? — perguntou Milla olhando para a avó com pesar.

— Querida — interveio William —, pode ter certeza de que vai se divertir muito com Tracy. Assim você terá uma nova amiga e que, além disso, poderá levá-la para comer uma sobremesa se você se comportar bem durante o tempo que seu pai está trabalhando.

Milla ergueu os olhos para ver se a expressão de Tracy correspondia às palavras de incentivo do avô, que embora não fosse o pai biológico de Sean, era quem a tratava como sua neta favorita.

— Claro que vai ser assim — Tracy disse sorrindo para Milla.

— Ok... — murmurou a garota.

Assim que a menina esteve segura em sua cadeira de viagem, Tracy voltou-se para Eugenia para se despedir e garantir que ela tinha tudo sob controle. Pelo menos estava tentando acreditar em tal mentira para controlar sua vontade de fugir. Carecia de experiência com crianças. E era nesses momentos que sentiu falta de sua amiga enfermeira, Bethany.

Tracy estava pronta para ir com Milla no banco de trás do Lincoln, quando de repente a mãe de Sean bateu em sua janela.

— Aqui está, quase me esqueci — disse Eugenia, entregando-lhe um chaveiro. — Então você pode entrar na casa do meu filho quando a aula de Milla terminar. Se houver urgência, há números de emergência na mochila da minha neta. O meu, de meu marido e, claro, de Sean. Embora eu tenha certeza de que se você passou por aqueles filtros de segurança ridículos da empresa do meu filho, não é apenas uma grande profissional, mas uma pessoa confiável.

— Obrigada, senhora — respondeu com um sorriso.

— Oh, por favor, me chame de Eugenia. Eu me sinto velha — piscou para ela — e eu não estou. Riu e William revirou os olhos, colocando o braço em volta dos ombros dela. Então, você está no comando, Tracy.

— Certamente que sim, Eugenia — respondeu sorrindo. — Mais uma pergunta, qual é exatamente a aula que irei frequentar como substituta do Sean?

— É para pais solteiros aprenderem a fazer penteados em suas filhas.

— Como é isso? — perguntou.

— Foi implementado por Edwin Montmer, um homem que perdeu sua esposa em um acidente, e ficou encarregado de duas meninas da idade de Milla — explicou Eugenia. — Ele não sabia como mandá-las para a escola com um penteado decente, como o que sua esposa costumava dar a elas antes de morrer, então ele pensou que talvez não fosse o único pai solteiro na cidade. Ele organizou, não sei como, um evento que reuniu vários pais nas mesmas condições e começou a montar uma oficina de como fazer penteados para meninas. Foi um sucesso fenomenal. Quando Sean descobriu, quis se inscrever. É uma atividade para pais e filhos, mas vão entender que você vai hoje. A ideia é que o que você aprender na aula de hoje seja replicado na próxima, antes de aprender alguma nova técnica. Então — sorriu — é melhor você prestar atenção para que Sean não fique mal no próximo mês, quando ele tiver a próxima aula.

O queixo de Tracy caiu. Sean Winthrop aprendendo a fazer penteados? O

estranho é que quando ela o imaginava, carrancudo e concentrado, não parecia tão fora do lugar. Uma parte de seu coração gelado pareceu derreter com as coisas que ele costumava fazer por sua filha. Mas tinha que se lembrar que não iria cair na mesma estupidez novamente. Seu ex a castigou no departamento de expectativas quebradas.

Adrian tinha sido muito especial em suas maneiras de surpreendê-la e, no final, isso acabou criando uma imagem de que ele era um homem que valia a pena amar e com o qual se arriscava a se comprometer emocionalmente. O saldo de sua ingenuidade tinha sido contra ela. Se se falasse de bancos, pois iria direto à central de risco com tentativa de prisão. Ficando sem a empresa, com uma reputação despedaçada, um coração partido e ilusões no lixo... Ela havia perdido tudo. Não confiaria novamente. Ela e Sean eram apenas amigos com benefícios. Ou, como diria uma de suas amigas espanholas, *amigos que transam*. Ponto.

— Sem dúvida é um pai que pensava em tudo. Que projeto interessante. Estou curiosa sobre isso.

Eugenia assentiu.

— Meu filho quer dar a Milla o melhor e se ele tiver que aprender a pentear o cabelo dela ou mesmo a costurar roupas de criança, acredite, ele o fará. A mãe da minha neta...

— Eugenia — repreendeu William com voz firme, e a mulher calou-se.

— Compreendo — murmurou Tracy mudando de assunto, embora não menos curiosa sobre o que Eugenia poderia ter dito. Se perguntou sobre a mãe da garota, porque aqueles olhos castanho-azulados obviamente não eram dos Winthrop. Não se dizia nada se ele era casado ou viúvo. Nada. Um mistério completo, mas Tracy preferia manter a cabeça fora desses labirintos. Não queria sair escaldada. Cada família com seus cadáveres no armário. — Farei o possível para prestar atenção e evitar causar calvície infantil — sorriu.

Eugenia assentiu, retribuindo o sorriso, e William riu.

— Tchau, meu tesouro — disse a mulher para a neta, passando o queixo pela janela do carro que ainda estava com as janelas abertas. Coleman já tinha

o motor ligado. — Seja legal com Tracy. Certo?

A garota assentiu.

A agitação na pequena sala de estar de Edwin Montmer e suas gêmeas de oito anos parou quando Tracy apareceu com Milla na porta. Os nove pais, que escovavam os cabelos em todos os tons e texturas das diferentes meninas, olharam para elas. Percebendo que era a filha de Sean, acenaram para ela à distância e as outras meninas sorriram.

— Bem-vinda, querida Milla — disse Edwin. A versão de Hugh Jackmann, mas com alguns anos a mais e uma barriga levemente proeminente. Quem trouxe com você hoje? — perguntou olhando para Tracy gentilmente.

— Sou a assistente de Sean, Tracy Goldstein — apertou a mão dele. — Houve uma emergência no escritório e ele me disse que essa aula é obrigatória. Há algum problema se eu ficar?

Edwin riu.

— Venha e seja bem-vinda. Vou te apresentar os rapazes e começaremos a rotina. Embora já estejamos esquentando os motores — disse guiando-a para o centro da sala —, começamos com escova a seco para ficar mais brilhante e fácil de manipular. Você trouxe a sacola de suprimentos?

— Oh, sim, claro, — Tracy disse. No carro de Sean havia uma sacola com suprimentos coloridos para cabelos, diferentes tipos de escovas, um secador de cabelo, um modelador e um spray antialérgico para crianças. — Aqui está nossa equipagem — expressou com entusiasmo, mostrando a bolsa pendurada em seu ombro direito e agitando a mão de Milla com um sorriso.

— Magnífico. Vou apresentá-la à tropa. Nossa aula é informal e a academia é realmente gratuita. — Tracy assentiu e nunca largou a mão de Milla. — Quer alguma coisa para beber?

— Eu quero água — disse a voz de Milla de repente.

Edwin sorriu para ela e acariciou sua cabecinha.

— Agora mesmo, princesa. Você gostaria de mostrar a Tracy onde você e

seu pai costumam se sentar para que possa se familiarizar? Afinal, você é a especialista — ele disse com uma piscadela. Tracy murmurou um silencioso "obrigada", porque aquele impulso de confiança de Edwin tirou completamente a expressão de incerteza de Milla. — Hoje você vai representar seu pai na sessão também, então precisa instruir Tracy como fazer isso da maneira certa.

— Ok — sorriu Milla olhando para Tracy. — Farei isso.

— Somos uma ótima equipe — A assistente de Sean disse para a menina — e na próxima semana você e seu pai vão provar que sabem melhor do que ninguém como conseguir um lindo penteado para a escola.

Exultou quando a menina assentiu com um olhar determinado, e não voltou a lhe dar o tratamento indiferente com que havia começado o dia. “Pelo menos era um progresso”, pensou Tracy, tentando não notar os pais solteiros. Havia pais de todas as idades e muito bonitos em dois casos específicos. Alguns continuaram olhando para ela sutilmente, mas Tracy podia sentir olhos nela. Isso não a incomodava, e se talvez suas cabecinhas a estivessem imaginando, se talvez ela se encaixaria no perfil de uma mãe substituta em potencial, então estavam indo pelo caminho errado.

— Vamos, Tracy — disse Milla, puxando-a pela mão para conduzi-la para a lateral da sala. Aparentemente, todos sempre se sentavam nos mesmos lugares. — Aqui eu sento, e atrás de mim você senta. Edwin vai começar a nos explicar os estilos de cabelo que aprendeu este mês, para que nós saibamos — sorriu —, não é ótimo? Então posso ir para a escola com algo diferente. Papai gosta disso.

Tracy duvidava disso, mas como desinflar a ilusão da garota? Apenas assentiu e se acomodou onde ela havia indicado. Segundos depois, Edwin levou suas duas filhas para o centro da sala. Uma encarregava-se de lhe passar os materiais e a outra usava como modelo para que explicasse o que estava fazendo com seu cabelo. Os outros pais foram posicionados em semicírculo para que a classe pudesse ser vista de todos os ângulos.

— É ótimo, Milla — disse com os olhos em frente para conseguir todos os detalhes —, e não vamos decepcioná-lo.

A garota assentiu e Tracy não conseguiu ver seu rosto porque já estava de costas com o cabelo pronto para ser trançado. Ah, porque naquele dia parecia que iam aprender a fazer tranças. Por que diabos as pessoas complicavam tanto?

O fato de ser mulher não a colocava entre as melhores maquiadoras ou estilistas do planeta. Portanto, quer seus colegas acreditassem ou não, a verdade é que mal sabia como puxar um rabo de cavalo. É por isso que preferia cabelos soltos. Rezava para não queimar o cabelo ou machucar o couro cabeludo da pobre Milla. “Seres celestiais, por favor, não deixem esta criança como uma Bratz eletrocutada misturada com Troll”.

Na sede do Grupo SW, Sean deveria entrar com uma ação judicial contra a empresa de gestão e manutenção de edifícios. Ele estivera com Jackson por cinco horas tentando fazer com que eles se responsabilizassem pelo rompimento do cano que, como administradores do conglomerado, era responsabilidade deles cuidar.

As tubulações explodiram em áreas que não eram reformadas há pelo menos oito anos, segundo a fiscalização, deixando os escritórios da corporação cheios de água. Sean imaginou que seus vizinhos nos andares inferiores não estavam enfrentando a mesma miséria que ele. Mas ia fazer com que as outras empresas entrassem na ação coletiva, porque naquele sábado talvez ele fosse o afetado, mas qualquer um poderia conseguir da próxima vez. Precisavam de um novo provedor de serviços de gerenciamento e manutenção no prédio.

— Que dia de merda — disse Jackson passando os dedos pelos cabelos.
— Pelo menos os CEOs das outras empresas concordaram em se reunir para discutir o assunto na segunda-feira. O que nos resta? — perguntou a Sean enquanto bebia da garrafa Heineken. Eles estavam em um restaurante perto dos escritórios. A fome havia adicionado gasolina ao mau humor dos dois.

— Tenho certeza de que nossos advogados vão tirar esses inúteis. Temos outras coisas mais importantes com que nos preocupar do que o maldito

encanamento — respondeu ele com aborrecimento. — Imagino que teremos que habilitar o último andar para que os escritórios da criação sejam instalados nas próximas duas semanas, até que tenham trocado os tapetes, pintado novamente a parte inferior das paredes. Acho que a equipe administrativa terá que trabalhar remotamente de casa, porque a água chegou a esses cubículos. Tivemos sorte, porque a sala dos arquivos está intacta.

— Vamos mandar verificar de qualquer maneira, Sean. Direi a minha assistente que coordenar tudo. Acho que a sua já tem o suficiente para tolerar você — disse ele rindo.

— Ela está cuidando de Milla... — suspirou —, uma longa história. Vamos pagar a conta e vou direto para casa. Nada disso estava esperando por mim. Minha filha deve sentir muito a minha falta, ela não conhece Tracy, e minha mãe está fora da cidade com William. Se eu não tivesse feito uma seleção exaustiva, minha filha estaria aqui comigo agora.

Jackson riu. Ele terminou o último pedaço do bolo de amaretto com uma mordida.

— Aposto que tem câmeras de segurança em casa...

— O único segurança é Coleman. Ele me ligou para dizer que é o encarregado de levar minha filha e Tracy para onde quiserem. Pelo menos não preciso pensar em tudo em tempos de crise.

— Então, Coleman é o segurança de Milla.

— Exatamente.

— Hmm... Achei que você confiasse em sua assistente.

— Nenhuma segurança será suficiente para Milla. Conheço Coleman há mais anos, embora confie em Tracy. É apenas uma precaução. Como pai, você deve me entender. Ou não? Às vezes ficamos um pouco paranoicos.

— Hmm, aquela garota Tracy é diferente — ele comentou em retorno.

— Em que sentido? — perguntou Sean com uma carranca.

— Tem um efeito especial em você. Você ainda é um chute na bunda, não se engane, mas sua expressão é menos sombria. Tem sentido?

Sean riu alto.

— É apenas eficiente.

Jackson o estudou por alguns segundos. Ele assentiu. Então tirou algumas notas de cem dólares e as colocou sobre a mesa.

— Coloquei esse almoço na minha conta, porque acho que quem quebrou o celibato merece comemorar — disse rindo, e Sean deu um soco no ombro dele.

— Cala a boca. — Não ia perguntar como ele suspeitava, porque Jackson o conhecia das coisas sujas que eles costumavam fazer no colégio e na faculdade. Não era à toa que ele era um de seus melhores amigos.

— É melhor você tomar cuidado com suas decisões — Jackson disse enquanto eles saíam do restaurante. — Eu entendo que Tracy é uma mulher atraente e com uma faísca que você não encontra facilmente, mas você pode machucá-la ao longo do caminho.

Ambos estavam alheios aos olhares que as mulheres lhes davam nas instalações. Sim, eles eram bonitos e bem-sucedidos, tinham corpos matadores e os ternos sob medida se destacavam, mas nenhum tinha interesse em ninguém além daquela que invadia todos os seus pensamentos. Uma esposa no caso de Jackson e uma amante no caso de Sean.

— Então o quê? — Sean perguntou acidamente, aceitando a dica de Jackson de que estava dormindo com Tracy. — Devo passar o resto da minha vida me preocupando com uma ligação que talvez nunca chegue?

— Há quanto tempo você não tem notícias dos Maywards, Sean? — perguntou ele em tom preocupado, enquanto esperavam pelos carros. — Eu acho bom você deixar sua libido fluir, vamos lá, é normal e saudável. Somos jovens, porém, você tem que pensar que Tracy não é uma mulher qualquer.

— Eu não sabia que você era um estudioso quando se tratava dela — disse ele com aborrecimento, porque não gostava que o amigo se referisse a Tracy. Era completamente estúpido sentir ciúme de um comentário de Jackson que também era casado e tinha filhos, por favor! O que estava acontecendo com ele? — E é claro que ela não é qualquer pessoa, nem tem o mesmo padrão das outras mulheres — resmungou ele.

— Sean, se você tiver que usar esse tipo de comentário comigo, acho que terá que repensar a ideia de continuar a dormir com ela.

— Não sei o que...

— Bastaram apenas alguns minutos, quando falei com Tracy na empresa, e mais alguns minutos aqui e ali quando nossos caminhos se cruzam por questões de negócios — já sabe disso — para perceber que ela tem carisma e é capaz de entender muito mais do que outros profissionais com anos de experiência no ramo de publicidade. Uma joia para a empresa. Não estou interessado em saber quando algo aconteceu entre vocês ou que acordo vocês têm. Só quero que pense que não vale a pena machucá-la por causa de tesão... muito menos perder um elemento humano como ela na empresa.

Sean cerrou os punhos ao lado do corpo.

— O que acontece entre mim e Tracy não é da conta de ninguém. Será que devo passar o resto da minha vida olhando por cima do ombro para ver se meu passado decide voltar a me assombrar? Quanto mais tenho que pagar, Jackson?

Ser sócios tinha sido apenas uma consequência. A amizade dos dois era sólida e havia se formado desde que eram pirralhos querendo ir a uma festa, conseguir um diploma e realizar sonhos. Jackson foi, mais do que o resto do grupo de amigos, aquele que ouviu e apoiou tudo o que dizia respeito a Sandy. Foi seu ponto de apoio e Sean nunca poderia agradecê-lo o suficiente.

Graças a Jackson e sua impecável equipe de advogados, Milla ainda estava ao seu lado, sob sua custódia. Ninguém iria mudar isso.

— Não se trata de pagar qualquer penitência. Nada do que aconteceu foi sua culpa. Basta obter o laudo favorável do médico. Repito, há quanto tempo você não tem notícias dos Maynards?

Sean coçou a cabeça com o cenho franzido.

— Desde que Milla tinha cinco meses... — ele respondeu tentando afastar todas as memórias dolorosas do passado. — Eu paguei os Maynards, Jackson. Certo? Eles assinaram um maldito contrato de confidencialidade e concordaram com todas as cláusulas. *Todas*.

Jackson exalou. Ele franziu os lábios, frustrado, porque os dois sabiam o que ele ia dizer a seguir. Algo que, claro, fez a diferença e também a frase de Sean.

— Sim, mas ela não faz.

Nenhum dos dois precisava esclarecer o que queriam dizer com apenas mencionar "ela".

— Eu sei, Jackson... maldito o tempo que pensei com meu pau e não com minha cabeça! Se eu pudesse voltar no tempo, o faria, sem hesitação. Mas isso não teria me dado minha filha e, acredite, Milla é a única coisa boa nessa bagunça.

— Sean — disse o vice-presidente do Grupo SW colocando a mão no ombro do amigo —, não é uma situação fácil, nunca foi. Agora, se você realmente se preocupa com Tracy, diga a ela a verdade. Se você realmente aprecia isso, e não tem nada a ver com estar emocionalmente envolvido. Ela parece forte em sua fachada externa, mas sabemos que todo mundo tem um lado sensível. Ninguém gosta de mentiras e acho que ninguém sabe disso melhor do que você.

— Eu não menti para ela — respondeu ele entre os dentes.

— Você está escondendo informações muito importantes dela. É equivalente a mentir.

A perspectiva de que o olhar apaixonado daquela mulher vital e sexy se apagasse, e que aqueles beijos não fossem mais saboreados pela boca dele, causou um mal-estar terrível em Sean. Por outro lado, ele não poderia se comprometer com mais... o que tinham era tudo o que era capaz de dar a ela.

— É apenas a mulher com quem estou dormindo, Jackson, por que tenho que complicar mais minha vida conversando com ela sobre questões que não a preocupam além do que fazemos? — perguntou ele, sentindo-se um canalha por ter dito tal estupidez ao amigo. No fundo, sabia que, independentemente de quanto tempo Tracy estava na empresa, a mulher tinha rastejado sob sua pele desde o primeiro dia em que apareceu com sua conversa bombástica, as roupas mais estranhas e réplicas diretas. — Somos adultos. Temos um acordo.

Isso é tudo que existe. Se acabar, acabou. Ela continuará a trabalhar para mim e eu continuarei a dirigir a empresa. E se não gostar da ideia ou não suportar me ver, você pode contratá-la em seu escritório. Prometi a ela que, se as coisas não dessem certo, nunca comprometeria seu trabalho. Eu pretendo cumprir a promessa.

Jackson apenas olhou para ele, com aquele olhar de águia, e então assentiu. Eram esses gestos que irritavam Sean, porque — embora ele não admitisse — sabia que não estava sendo realmente honesto com Tracy. Na realidade, estava escondendo uma parte muito importante de sua vida e que talvez tivesse sido um fator — para ela pelo menos — a considerar em sua decisão de serem amantes fora do horário de expediente. Ou simplesmente, sua amante sem mais... Mas não podia. A verdade é que a ideia de não provar aquela boca, saborear a essência da mulher da sua fonte do prazer, o impeliu a omitir.

Talvez, mais tarde, pudesse se arriscar a falar sobre seu passado. Não era algo que ele pudesse fazer levianamente. Além disso, sabia que Tracy era capaz de guardar segredos. Ele simplesmente não sabia se o tamanho do seu poder poderia causar mais danos do que indiferença.

— Ok, Sean, eu entendo — ele disse solenemente, mas não convencido.
— Tivemos um dia muito difícil hoje, acho que ambos merecemos uma pausa.

— Jackson, entenda isso...

— A propósito, Lucy e os meninos estão te esperando para jantar com Milla na próxima sexta-feira — disse interrompendo e mudando completamente de assunto. Era melhor para o amigo digerir o que tinha que fazer, ou não, sozinho. — Você acha que pode vir? Minha esposa me disse que ela vai fazer costela de cordeiro assado. Sua especialidade.

Sean sorriu genuinamente. Gostava da família de Jackson, e Lucy tinha conseguido domar o espírito selvagem e aventureiro de seu marido. Era uma das poucas senão a única amiga em que Sean podia confiar. Devido ao fardo familiar que Lucy carregava, cuidando dos dois filhos e trabalhando como dona de uma loja de materiais para hospitais infantis, mal tinham tempo para

conversar. Ele estava feliz por Jackson ter encontrado uma mulher que foi feita para ele.

— Claro, cara — ele disse com um sorriso. — Milla e eu ficaremos felizes em participar. Claro, certifique-se de que Lucy faça de sobremesa pão-de-ló, porque minha filha não vai perdoar que não haja seu doce favorito.

Jackson riu.

— Vou falar com minha Lucy sobre isso.

Eles se despediram com um abraço fraternal e, em seguida, cada um entrou em seu carro. Pelo menos eles resolveram a crise. As instruções de como proceder nos próximos dias, a organização, a transferência de alguns funcionários e toda a equipe de criação para o arquivo e depósito, já foram atribuídas a assistente de Jackson e ao pessoal de recursos humanos.

Sean e Jackson moravam em direções opostas. Era uma analogia engraçada com suas personalidades e formas de trabalhar. No entanto, eles sempre encontraram o meio-termo para manter uma amizade de tantos anos.

CAPÍTULO 17

A casa de Sean era aconchegante.

Tracy não achava que poderia ser de outra forma, especialmente quando o proprietário tinha grande afinidade com questões estéticas ao longo de sua carreira profissional. Os pisos eram de madeira escura, as paredes cálidas e pintadas de maneira uniforme.

A sala principal tinha grandes poltronas brancas e, no centro, uma mesa baixa e de madeira mais clara com dois vasos transparentes com muitos girassóis. Natural, sabia porque estendeu a mão para tocá-los. Ao passar, guiada pela mão de Milla porque ela insistia em mostrar a casa inteira, também notou uma sala menor com móveis cinza e uma TV de tela gigante embutida perto de outra janela que dava para o jardim. O home theater e, aparentemente, o lugar favorito da garota para brincar também, já que havia vários brinquedos espalhados pelo carpete, bem como algumas peças de Lego.

A sala de jantar era um sonho, mas ao contrário de uma casa sem filhos, esta tinha em um canto livretos e alguns lápis de cor. A mesa tinha lugares para oito pessoas e do teto pendia um lustre feito de cristais de ouro antigo; uma tendência em toda a casa, aparentemente.

Milla a conduziu escada acima e mostrou seu quarto. Contou a ela sobre cada uma das bonecas. Mostrou os carros de corrida de brinquedo com os quais costumava brincar de vez em quando com seu pai. Também lhe mostrou os títulos de suas histórias favoritas, um a um. Então a fez deitar no colchão para que ela percebesse o quão confortável a cama era. A conduziu pelo banheiro anexo e disse que seu pai costumava lhe dar banhos de espuma quando se comportava bem. O fervor com que Milla falava de Sean derreteu seu coração.

No entanto, depois de visitar a biblioteca e o que parecia ser a sala de estar de Sean, Milla interrompeu o passeio.

— Quero mostrar o quarto do meu pai, mas ele sempre diz que é território proibido — riu e deu de ombros —, não sei o que é, mas imagino que os adultos às vezes usem palavras estranhas. É apenas um quarto!

— Então, é melhor me levar para outro lugar, para não entrarmos no quarto do seu pai — Tracy disse a ela, não por isso com menos curiosidade em saber onde Sean dormia. Isso estava fora dos limites para ela, e não podia tirar vantagem da ingenuidade de uma criança de quatro anos.

Considerando que era um pai solteiro, Sean mantinha a casa bem decente, quase impecável, na verdade. Ou foi o que Tracy acreditou até que Milla a levou para a cozinha. Fim do passeio, pois a menina não tinha acesso ao grande quintal, atrás do casarão. A propriedade não era nada pretensiosa, no entanto, o impacto visual da incrível organização das peças em cada local era avassalador.

— Essa é a cozinha! — disse Milla com um sorriso.

— Obrigada por me mostrar, querida.

O balcão central era feito de granito e tinha um tamanho que podia acomodar várias pessoas comendo, mas estava cheio de vários ingredientes. Chocolate em pó, leite em pó, potes abertos de geleias e alguns utensílios para o que, pelo menos era óbvio, eram suprimentos para fazer doces.

Tracy sabia que Sean usava um serviço de limpeza — era ela quem pagava esse tipo de conta online —, que era monitorada pela babá de Milla, então manter a casa arrumada não era algo que pudesse tirar o sono de seu chefe. Ainda assim, era engraçado como a cozinha era o lugar onde — independentemente de ser um pai solteiro — todos os desastres pareciam se condensar. Afinal, a cozinha não era o local de maior convergência nas residências?

Todo o espaço ao redor estava cheio de enormes armários altos, Tracy os imaginou cheios de porcelana e utensílios. A geladeira dupla ficava ao lado do fogão elétrico e havia uma janela que dava para o pátio. O micro-ondas ficava

do outro lado, próximo a uma prateleira onde havia apenas canecas com legendas de pai e filha e xícaras para café ou chá, além de uma Keurig de última geração e uma incrível cafeteira industrial. Achou que eram brinquedos de Sean, porque o resto das coisas — pelo menos as que estavam na pia meio lavada — foram feitos para uma menina. Tudo estava protegido contra acidentes ou incidentes que poderiam levar uma criança a um pronto-socorro de um hospital.

Da cozinha tinha passagem para o quintal, com portas de correr que estavam fechadas com cadeado. Do lado de fora havia uma jacuzzi, que aparentemente estava ligada, e uma piscina cercada por uma cerca de vidro alta o suficiente para uma criança não conseguir escalar. Sean teria a chave com certeza, e a cerca era uma medida de precaução no caso de Milla mergulhar sem supervisão. Considerando que Milla parecia conseguir desenvolver uma interação hiperativa ao ganhar confiança, ela imaginou que em casa era um tornado.

— Meu papai não sabe fazer bolo — disse Milla, chamando a atenção de Tracy que desviou o olhar do pátio. — Usamos todos esses materiais na quinta-feira... — suspirou como se fosse uma hecatombe pessoal... aos seus quatro anos. — E não quis comer nada porque ele deixou queimar. Ele não sabe fazer doces, então fomos a um restaurante e ele me comprou um sorvete grande — sorriu.

Sorriu e se agachou ao lado da criança.

Depois do curso de penteados, a levou para tomar sorvete, depois para passear com Coleman no carro, e à medida que o tempo passava conversou com Milla até que aos poucos a menina começou a ficar mais relaxada. E, claro, isso melhorou muito o panorama. Considerando que a menina ainda estava com todos os ossos no lugar, o cabelo em ordem, e não havia sido sequestrada por um grupo extremista, já que ela não estava fazendo o trabalho improvisado de babá tão mal.

— Não me diga, como isso é possível? Todos os pais deveriam saber fazer um bolo delicioso para as filhas — pegou as mãozinhas dela.

Milla encolheu os ombros. Ela era um pouco gordinha e Tracy resistiu à vontade de abraçá-la. Também não queria que pensasse que ela era uma daquelas pessoas estranhas que agarravam crianças gordinhas pelo rosto sem motivo. Ou com razão... Em todo caso, não queria ganhar um processo de bullying infantil. Era um pensamento extremista? Mmm, talvez, e sim. Então era melhor deixar seus dramas de lado, porque não sabia a que horas Sean voltaria e era melhor ela manter seu cérebro pronto para cuidar da garota.

— A última vez que o bolo afundou e o merengue ficou aguado. Mas eu comi, porque depois ele podia chorar de tristeza, sabe?

Tracy guardou um sorriso. Sean chorando por um bolo? Nem em mil anos!

— Claro, você se saiu muito bem, querida. É a melhor filha que um pai pode pedir. — Tracy olhou para o penteado que havia feito para ela. Ter tido que desfazê-lo três vezes, ouvir vários gritos de dor da pobre garota e, inadvertidamente, borrifar seus próprios olhos, pois tinha que dizer que a aula de pais solteiros tinha sido um grande sucesso. — Sou boa em fazer bolos. Você quer tentar fazer algum? Embora primeiro — olhou em volta — terá que usar seus superpoderes como filha no comando da casa para me ajudar a limpar essa bagunça que seu pai deixou. O que você acha, parceira? Somos uma equipe para fazer bolos? — perguntou levantando a mão para que a menina desse um high five.

— Certo — exclamou batendo na mão de Tracy com a dela.

"Pelo menos conquistei a boa vontade de Milla pelo resto do dia."

Quando Sean entrou em casa por volta das seis da tarde, a primeira coisa que sentiu foi o impacto nas narinas do delicioso aroma de bolo recém-saído do forno. Não era um aroma queimado, muito comum em suas tentativas de agradar Milla. Havia um toque de baunilha flutuando no ar. Coleman tinha estacionado fora da mansão — tal como estava previsto que fizesse —, e uma

vez que Sean lhe deu um cheque pelas horas extras, pegou um táxi para casa. Ele gostava muito de seu motorista e tinha grande confiança nele.

Ele colocou o telefone no console de entrada, franzindo a testa enquanto entrava. A próxima coisa que ele ouviu foi uma risada.

Sua mãe tinha cancelado seu fim de semana de ioga com William de repente? Hmm, ele não achava que isso fosse possível, porque ela teria ligado para contar sobre isso e até alguns minutos atrás não tinha nenhuma ligação perdida de Eugenia. Ia ligar para Tracy, mas não precisava, porque então ouviu sua voz.

— Então o que você acha? — ouviu ela perguntar.

Sean se aproximou de onde vinham as vozes. A cozinha. Ele ficou perto o suficiente, mas não muito perto para ser visto.

— Deliciosíssimo! — exclamou Milla com a boca cheia. — Devíamos deixar alguns para o papai.... Ele come muita comida... É porque ele é um homem muito grande... — ficava mastigando de boca cheia —, mas ele é meu pai e eu o amo muito.

Tracy riu.

— Deixaremos alguns para quando ele chegar.

— Eu não tenho mãe... — a garota disse de repente, e Sean sentiu como se seu coração tivesse sido esfaqueado —, mas minha melhor amiga da escola sim. Minha melhor amiga se chama Hannah. Posso pegar alguns cupcakes para ela? Você deixa?

— Absolutamente. Você sabe, Milla? Você é uma garota muito sortuda porque seu pai cuida de você por dois e isso é superespecial. Não acha?

Sean fechou os olhos esperando a resposta da filha e grato pelo comentário. Uma leve sensação de calor se instalou nele enquanto ouvia a maneira como ela falava com a filha. Ela não podia saber que a estava ouvindo, então tudo o que saía de Tracy agora era genuíno.

— Suponho que sim... Mas Hannah disse que sua mãe quer se casar com meu pai. Isso nos tornaria irmãs, certo? Uma vez — ela abaixou a voz como se estivesse conspirando — Eu os vi se beijando, uggg! Que nojo! Não é, Tracy?

— Eu...

“Suficiente”, pensou Sean. Não tinha ideia de onde sua filha tirou isso, porque nunca tinha beijado Ophelia Higginston, nem estava planejando. Ele precisava interromper a conversa naquele momento. Se aproximou até ficar no campo de visão de sua filha. Quando Milla o notou, ela se jogou em seus braços e Tracy apenas olhou para ele. Não podia culpá-la pela expressão destemida, não depois que sua filha fez tal comentário. Não que isso importasse, ou que devesse alguma explicação, no entanto, o machucou que ela pudesse acreditar que poderia estar com outro homem, e ele com outra mulher enquanto durava o romance deles. O simples pensamento de Tracy nos braços de outro homem o deixava com raiva.

— Olá princesa! — disse girando com Milla e dando-lhe beijos na bochecha. — Como você se comportou?

— Muito bem — ela respondeu, e se virou em seus braços para olhar para Tracy. — Ela fez os melhores cupcakes e guardamos alguns para você não chorar, papai.

— É verdade? — perguntou retoricamente e sorrindo para a filha, que assentia com entusiasmo, depois olhou para Tracy e acrescentou: — Obrigado por cuidar dela.

— Está tudo bem — ela murmurou, tirando o avental e levando as tigelas em que havia misturado a massa do cupcake para a máquina de lavar louça. Programou e então se afastou. — É hora de ir — limpou a sujeira inexistente da calça preta que estava vestindo —, minha missão acabou.

— Nããão! — exclamou Milla surpreendendo os dois, Sean a colocou no chão. — Fique esta noite, por favor, Tracy. O papai tem que comer os cupcakes e dizer que estão deliciosos.

— Na verdade, não acho que...

— Pai — olhou para Sean com olhinhos do gatinho do Shrek e interrompeu Tracy que tentava não rir. Uma menina de quatro anos tinha a seus pés o dono de uma empresa multimilionária e com um carácter de aço —, ela pode passar a noite em casa, por favorzinho?

Sean suspirou e acariciou seus cabelos.

— Tracy tem uma casa, princesa, e ela não pode passar a noite conosco.

— Um pouquinhooooo? — perguntou esperançosamente.

Sean e Tracy se olharam, pela primeira vez desde que entrou na cozinha, e de repente o fluxo sexual pareceu inflamar e aquecer a atmosfera. Ambos fingiram não notar.

Ela pigarreou.

— Vou ficar até você dormir, Milla, tudo bem? — Perguntou amavelmente para a garota. Graças a Deus pagou um extra à pessoa da recepção para enviar uma pessoa, uma vez por dia, para verificar se Tallulah não estivesse aprontando nada. Um gato sem supervisão era um desastre certo. "Obrigado hotel cinco estrelas pelos serviços adicionais aos hóspedes."

— Sim, claro que sim. — Agarrou a mão de Sean para que a olhasse: — Papai, me leve para tomar banho para que Tracy possa ler uma história para mim! Mostrei meu quarto para ela e ela gostou, sabe? Eu também disse para se deitar na minha cama, porque minha cama é muito confortável. E ela gostou também. É por isso que digo que você deve ficar para dormir.

— Milla, filhinha...

— Mas não fomos no seu quarto, papai, porque você me disse que é território proibido — ele riu —, mas eu não entendo isso e ainda não entramos — sorriu.

Sean olhou para ela com ternura e Tracy não pôde deixar de sorrir.

— Vamos conversar mais sobre o seu dia, mas primeiro o banho. Ok?

— Sim! — disse a garota e imediatamente começou a puxar Sean em direção à saída da cozinha, enquanto ele olhava para Tracy.

— Fica, por favor, precisamos conversar. Tudo bem?

— Ok... — Tracy murmurou de volta, antes de sair da cozinha para se sentar na sala por um tempo.

Não tinha ideia de quanto tempo durava o banho de uma menina de quatro anos, mas a julgar pela hiperatividade daquele dia, imaginou que alguns minutos... Adicionando o açúcar? Um pouco mais de tempo. Então ela poderia

aproveitar para satisfazer uma curiosidade: procurar fotos da mãe de Milla.

Ficou intrigada em saber quem era a mulher que fizera Sean Winthrop baixar suas defesas o suficiente para que eles tivessem um relacionamento formal. O que teria acontecido com a mulher? Onde estava? Viva ou morta? Inferno, tantas perguntas e ninguém para respondê-las!

Não era impróprio bisbilhotar a casa de outra pessoa, especialmente se fosse seu chefe? Claro que sim! E era exatamente por isso que iria fazer isso.

A ideia de que Sean estava namorando outra mulher, beijando-a como Milla havia dito, deu-lhe carta branca para fazer o que lhe parecia melhor. As crianças não tinham a ideia real de tempo, e aquele beijo de "uma vez" podia muito bem ser uma coisa recorrente. O fato de Tracy não ter muita experiência em ser amiga com direitos era uma coisa, mas ser visto como estúpida, era outra.

— O que você está procurando?

Concentrando-se no álbum de fotos ao lado da mesa do telefone ao lado do sofá, Tracy se assustou. Ao fazer isso, o álbum caiu no tapete.

— Ven... Vendo as fotos — respondeu pegando e colocando o álbum em seu lugar. — Lembranças muito boas.

Sean cruzou os braços.

Era muito babona dizer que estava lindo naquela calça cinza carvão e a camisa combinando enrolada até o cotovelo? Bem, não se importava. O homem era um sonho... sexual, claro que era. De repente, ela se sentiu um tanto intimidada, porque estava fora de seu elemento. Em um território, pelo menos físico, que era completamente estranho para ela.

— Obrigado por cuidar da minha filha hoje, agradeço o tempo que você investiu. Vou pagar o triplo de sua hora de trabalho normal.

— O que aconteceu no prédio? — Sean contou-lhe tudo de forma concisa e disse-lhe que, a caminho de casa, os advogados do Grupo SW tinham

confirmado que iriam processar a empresa de gestão do edifício e contratar uma nova em acordo com os restantes empresários proprietários dos outros andares de escritórios. — Portanto, a maior parte do pessoal administrativo e todos os de criação terão que se deslocar para o andar superior até que limpemos toda a área inundada.

— Wow, que bagunça! Seu escritório?

— Graças a Deus não está em perigo, e tudo está como de costume. Ficarão poucos no andar. Na segunda-feira, você terá que coordenar algumas coisas extras com a assistente de Jackson. Agora, ela está trabalhando nisso. Não pude carregar mais coisas, porque você estava com a Milla, mas na segunda-feira vou pedir seu apoio.

— Claro que vou apoiá-lo, afinal sou sua assistente, e colocar toda a responsabilidade sobre Edinne é injusto.

— Ok, muito bom.

Ela pigarreou.

— Aliás, em nenhuma das fotos desse álbum a mãe de Milla aparece. Por quê? — perguntou em um tom casual e ignorando o comentário de Sean.

— Não é uma informação que eu queira compartilhar com você.

Tracy engoliu em seco e se sentou. Estavam separados apenas pela mesa de centro da sala principal de sofás brancos. Imaginava que a mulher havia falecido, não havia outra explicação para Milla dizer que ela não tinha mãe. Se doeu pela criança, mas não gostou da resposta de Sean.

— Claro — disse batendo na testa com os dedos —, às vezes sou meio idiota e esqueço que, aparentemente, não tenho o direito de perguntar nada porque somos apenas amigos com certos privilégios físicos. Tem noção? Até parece elegante. Eu imagino que, com seus relacionamentos formais, você faça isso ou talvez com seus amigos. Eu entendo, está tudo bem. Mudando de assunto...

— Tracy — disse Sean a interrompendo, e em tom de advertência.

Ela encolheu os ombros como se não se importasse que ele não compartilhasse mais com ela, mas ela fez. Não podia fazer nenhuma exigência

também, porque não tinha contado a ele sobre Adrian de uma forma mais pessoal e como sua perspectiva sobre os homens havia mudado. Então, em teoria, eles estavam iguais. O passado era passado.

— Você já conhece meus honorários profissionais, que não incluem sexo porque isso me tornaria outra coisa, então pode transferir o valor das horas de hoje para minha conta. Ah, e se você estiver interessado na aula de penteados com os outros pais e na trança que fizemos durante um longo tempo — olhou para o relógio —, você vai ter que me contratar por horas adicionais, e a taxa já será quádruplo. São quase oito da noite.

— Tracy...

— Milla já adormeceu? Pois senão gostaria de subir e cumprir minha promessa de ler uma história para ela — perguntou passando por Sean, mas ele a segurou pelo pulso e o que eram faíscas se transformaram em chamas. — Me solte.

— Minha filha, acabou de colocar a cabeça no travesseiro e adormeceu. Agora, não vou te soltar até que pare de tagarelar assuntos aqui e ali — disse ele sério. — Por que está tão ofendida? É por causa do que Milla disse sobre a mãe de sua amiguinha?

Tracy agitou a mão e ele a soltou. Mas ambos sabiam que Sean poderia ir atrás dela, se fosse necessário.

— Pelo que entendi, o acordo que temos é exclusivo — encolheu os ombros —, mas se não for esse o caso, culpa minha, porque não é que eu tenha um mestrado em relações sexuais esporádicas. Então, presumo que posso dormir ou beijar com qualquer outra pessoa sempre que quiser e que está tudo bem entre nós dois. Verdade?

Sean cerrou os dentes. Ele queria gritar não, porque ela pertencia a ele. Que se alguém ousasse beijá-la, até mesmo tocá-la, o destruiria com os punhos. Segurou a língua, porém, porque lhe dizer essas coisas seria colocar-se na linha de fogo sem saber realmente o que diabos havia de errado com Tracy.

Sabia que deveria deixá-la ir, mas não podia. Ele era um bastardo egoísta

e provavelmente um dia pagaria sua ganância por esta mulher, mas não ainda. Ele esperava que ainda não.

Ele não queria deixá-la ir. Sentia a necessidade estúpida e primitiva de marcá-la com fogo com seus beijos, com suas carícias, porque só poderia oferecer isso, e nada mais... Ele odiava a situação, mas nunca pensou que se encontraria naquele cenário. A ideia de Jackson de contar a ela sobre seu passado era tentadora, embora muito arriscada.

Este era um ponto dolorido em sua vida, e estava no meio de uma milha. Talvez, com o passar do tempo, ele pudesse aprofundar seu relacionamento com Tracy. Embora fosse uma probabilidade bastante remota. Confiava nela, e isso bastava para alguém tão cínico e acostumado a sofrer contratempos como ele.

— Não faço sexo com outra mulher, há quatro anos, mais do que você. Isso responde à sua pergunta?

— A verdade é que não, pode ser mais específico em sua resposta? — perguntou com seu tom sarcástico de sempre e olhando para ele desafiadoramente.

Não perdeu tempo em responder com palavras.

Ele a puxou contra seu corpo e fundiu sua boca com a dela. Consumiu seus lábios com intenso fervor, agarrou seus quadris com firmeza e a sentiu tremer em seus braços. Ela colocou as mãos em volta do pescoço dele e cedeu ao beijo tentando emular a paixão que os envolvia. As palavras não eram necessárias, porque suas carícias bastavam para dizer o que suas bocas, em beijos febris, não eram capazes.

Sean a segurou pelas nádegas e ela envolveu sua cintura com as pernas. Ele estava excitado e seu pau duro contra o corpo de Tracy era a prova disso.

Ela não pôde deixar de se render ao sabor único de Sean e mergulhou a língua na boca pecaminosa que a estava devorando impiedosamente. A cada beijo, parecia sugar o ar de seus pulmões, e o único oxigênio capaz de enchê-los era o gosto da paixão de Sean. Ela nunca tinha sido beijada de forma tão profunda, e sempre, sempre, a lembrança dos beijos daquele homem tão sensual

e mandão acompanhava suas tentativas de compará-lo com outro. Como se ele fosse o único que a tivesse beijado, perturbado seu mundo erótico de maneiras inesperadas, e cativado seu corpo com cada toque, com cada lambida e cada penetração de seu membro duro.

— Preciso ver você — disse ele deixando-a no chão, tentando não parar de se esfregar em seu corpo em nenhum momento. — Fique nua para mim, Tracy.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Um strip-tease? Não sou muito boa nisso — disse ela, ainda sorrindo enquanto desabotoava a camisa de Sean.

— Eu te desafio a tentar — ele murmurou contra seu ouvido, antes de mordiscar seu lóbulo e descer por seu pescoço deixando um rastro de beijos, e então assumir sua boca feminina novamente. — Faça.

Tracy se afastou.

— Milla está lá em cima — disse com a voz quebrada pelo esforço de manter a sanidade durante aquele momento. Alguém tinha que usar o cérebro, e Sean obviamente não estava responsável por esse departamento agora.

— Minha filha dorme profundamente e tenho ouvido atento para ouvi-la... Agora, aceita o desafio ou não?

Ela balançou a cabeça, rindo baixinho.

Pegou Sean pela mão e fez um gesto para que ele se sentasse no sofá. Quando obedeceu, ela sorriu. Começou a tirar a blusa. A deixou cair no tapete. Colocou os dedos no cóis da calça e começou a se mover para deslizá-la para baixo, inclinando-se para que Sean pudesse apreciar a maneira como seus seios pareciam transbordar do sutiã. Cerrou os dentes e seus lindos olhos escuros pareciam agitar os mais antigos caldeirões de desejo. Ela ficou satisfeita.

Então pensou em um pequeno detalhe. Aquela manhã. Franziu a testa.

— O que foi? — ele perguntou, percebendo como a expressão em seu rosto mudou de determinada para duvidosa.

— Esta manhã — começou a dizer —, você me ligou sem perguntar

absolutamente nada sobre como eu estava. Não sou prostituta...

— Pare aí, senhorita! — disse com firmeza. — Jamais pensei, nem pensarei, isso de você. Portanto, não faça comentários desse calibre novamente. Isso está claro, Tracy?

A seriedade nele era tão forte que ela assentiu.

— Eu entendo que não há sentimentos envolvidos, embora isso não implique que você deva ser tão indiferente. Só que eu queria te dizer...

Ele entendeu a que ela estava se referindo.

— Desculpe — Sean disse sinceramente —, não deveria ter sido tão rude e imprudente. Eu fui dominado por muitos pensamentos que me oprimiram naquele momento, e então a ligação de Jackson me deixou completamente fora de controle. Você me perdoa, por favor?

— Porque — apontou para a ereção óbvia de Sean —, você quer dormir comigo?

— Não só isso, mas principalmente porque você tem razão — disse ele.

— Ok... eu acredito em você. Desculpas aceitas — murmurou com um sorriso. — Onde paramos? — perguntou mudando completamente seu tom de voz para um mais brincalhão —, você e eu agora há pouco?

Ele riu alto.

— Você é única — ele murmurou maravilhado com a beleza física dela, mas também com a facilidade com que ela podia mudar de um assunto para outro.

Sim, sabia agora que costumava ter seus momentos de drama, mas além das cenas, eram os pensamentos espirituosos que ela costumava expressar quando acreditava que ninguém estava ouvindo. Às vezes, pensava em voz alta. Muito curioso, e nada agradável quando Tracy tinha esses comentários durante uma reunião em que seu papel era tomar notas ou assessorá-lo de alguma forma, em vez de emitir alguma opinião profissional.

— Eu sei, mas obrigada — riu.

Ela estava de sutiã e calcinha. Se aproximou um pouco mais. No momento em que Sean estendeu a mão para tentar tocá-la, ela se afastou.

— Você disse um strip-tease, ninguém falou em tocar — disse ela, enquanto Sean estava murmurando sobre o quão tortuoso ela estava sendo.

— Apresse-se — ele a encorajou.

Tracy continuou se contorcendo e a tentá-lo. Então colocou as mãos atrás das costas e soltou os colchetes. As alças caíram sobre seus braços e, cobrindo-se com as duas mãos, deixou o sutiã deslizar para o lado. Se aproximou de Sean.

— Quero te ver *agora*, Tracy — disse pegando-a pela cintura. Afastou as mãos dela dos seios e soltou um assobio. — Você é tão provocante e bonita.

— Obrigada — ela respondeu trêmula enquanto os dedos de Sean agarravam o elástico da calcinha e começou a deslizar a peça para baixo. Ela o deixou fazer isso, porque gostava de sentir o hálito quente beijando cada pedacinho de sua pele por onde a peça ia deslizando. Quando chegou aos pés dela, ele a jogou de lado sem cerimônia. — Sean... — ela murmurou empurrando-o pelos ombros.

— Você planeja assumir o comando? — ele perguntou esticando a mão até que seus dedos alcançassem um mamilo ereto. Apertou com força e ela gemeu.

— Sim... — disse olhando em seus olhos. — Te incomoda?

— Eu adoro — respondeu ele, deslizando o dedo entre o vale dos seios dela e descendo, sem tirar os olhos dela, pela sua barriga lisa. Quando alcançou o vértice que escondia seus segredos, ele abriu espaço e a tocou. — Deus, você já está molhada — disse esfregando seu casulo macio.

— Eu... — pigarreou — Eu estou no comando.

Imediatamente, ele puxou a mão e o suspiro de Tracy disse a ele que gostaria que a tortura continuasse. Mas as decisões não tinham consequências? Pensou ele com malícia. Olhou para ela e lambeu o dedo que acabara de tocá-la intimamente.

— Depois, quero saboreá-la por completo.

Ela piscou para ele e Sean riu.

— Shhh, agora é a minha vez — disse ela com um sorriso enquanto

colocava os joelhos ao lado dos dele. Em seguida, desceu lentamente. — Ah, ah, sem tocar, Sr. Winthrop.

— Bruxa...

Tracy se inclinou sobre Sean sensualmente até que seus seios estivessem alcance da boca masculina.

— Chupe-os, Sean — ordenou a ele.

— Um prazer — disse ele, agarrando-lhe a cintura e abrindo ligeiramente as pernas para que, ao mesmo tempo, as dela ficassem levemente abertas.

Ele pegou o mamilo esquerdo com a boca e o lambeu, sempre olhando Tracy nos olhos. Gostava de ver as reações que seu toque criava. Sua mão agarrou o outro seio e, enquanto seus lábios sugavam um mamilo, seus dedos apertaram o outro. Ele a sentiu estremecer de prazer e aumentou a aspereza de suas chupadas, depois lambeu suas aréolas.

— Sean... — gemeu quando a mão que ainda estava em sua cintura abaixou até ser colocada em seu sexo exposto, graças à maneira como ele abriu suas pernas musculosas e ao fazer isso ela não teve escolha a não ser abrir as dela também para não perder o equilíbrio.

— Estou ouvindo — disse esfregando seu sexo, e então ele a penetrou com um dedo. Girou suas carícias, umedecendo-a com seus próprios fluidos. Com o polegar, esfregou seu clitóris, enquanto seu dedo se movia dentro e fora de sua intimidade suave. — Sem palavras? — perguntou, provocando-a.

— Tire a roupa, Sean — ordenou com uma voz ofegante —, não é justo...

— O que seria justo? — murmurou deixando o sexo de Tracy para pegar seu rosto em suas mãos e devastar seus lábios com outro beijo ardente. Ele encheu as mãos com os seios firmes e generosos, acariciando-os enquanto esfregava as pontas eretas com os polegares. Tracy passou por cima dele.

— Que você tire a calça e me penetre agora — respondeu mordendo o lábio inferior com força. — Agora, Sean, agora!

Sean assumiu o comando e logo a virou de costas no sofá. Ele tirou as roupas a toda velocidade e a cobriu com seu corpo. Se inclinou para beijá-la. Adorava beijá-la. Se pudesse ter um vício, seria ela. Sempre ela.

— Tracy, não vou conseguir ir tão devagar...

— Tudo bem, mas se você não se apressar pego as rédeas nas mãos.

— Isso eu gostaria de ver.

— Se continuar me enrolando, provavelmente vai me ver ir embora, antes de tocar a mim mesma na sua frente.

— Você é impossível.

— O bom, nunca é fácil — ela respondeu, mas logo perdeu a noção do que estava dizendo porque Sean deslizou as mãos sob seus quadris para se acomodar e então empurrou nela suavemente.

— Deus, é tão bom — disse começando a se mover dentro dela. Gostava de penetrá-la cada vez mais fundo, e o balanço de seus corpos. O som de seus corpos colidindo era a melhor música que podia tocar indefinidamente.

O sexo entre eles os consumia inteiramente.

As pélvis de ambos se juntaram a ponto de criar sensações que os impediam de saber onde um começava o outro terminava. Apesar do nível de luxúria, a maneira como os dois se conectavam não acontecia tão facilmente entre um homem e uma mulher. Era aterrorizante, chocante e ao mesmo tempo extático.

Tracy cravou as unhas nos ombros dele e o apertou contra ela. Se fosse possível, Sean a enchia mais fundo e investia várias vezes, sempre a beijando ou dizendo a quão bonita ela era, o quanto a queria quando ela não estava por perto... Quando ele a sentiu se contrair em torno dele, a sensação que o invadiu era plenitude. Antes que tivesse tempo para se analisar mais profundamente, teve um orgasmo para varrer todos os sinais de sanidade.

— Sean — ela ofegou, arqueando as costas, enquanto ele abafava um gemido de prazer contra seu pescoço, e o sentia derramar dentro dela.

— Sim... — murmurou antes de se soltar sobre ela por alguns segundos, até perceber que a estava esmagando.

Ele apoiou-se nas palmas das mãos, colocando-as de cada lado da cabeça de Tracy, e olhou para ela com atenção.

— Isso foi...

A sede de um pelo outro de repente se tornou insaciável, podendo até ser considerada em limites destrutivos; destrutivo para a sanidade, a consciência do que estava ao seu redor e as razões para continuarem juntos, independentemente da natureza de seu relacionamento, era uma bomba-relógio.

— Papai! Por que há roupas em todos os lugares?

Com medo, Tracy e Sean ficaram pasmos, olhando um para o outro. Ela, imediatamente estendeu a mão e agarrou a blusa que, graças a Deus, estava perto. Ele recuperou todos os cinco sentidos de uma vez e falou com Milla, tomando o cuidado de fazê-lo no encosto do sofá. Sua filha estava abraçando um bicho de pelúcia.

— Querida, o que aconteceu?

— Eu não consigo dormir, há monstros e eu quero que você me dê beijos antimonstros.

— Monstros não existem, querida. E é claro que vou te dar beijos. Dê-me um momento para...

— Isso é roupa de mulher? — perguntou apontando para o sutiã de Tracy que não tinha como esconder. Como ele acabou a vários metros de onde os dois estavam? Era um mistério da lei da gravidade.

— Sim, minha vida, acontece que Tracy tem que lavar a roupa suja dela. Milla olhou para ele com olhos sonolentos.

— Ahhh, e por que você está sem camisa? Vai ficar doente.

Sean baixou os olhos. Claro, pelo menos sua filha não o encontrou nu. Isso era algo pelo qual agradecer. O trauma para sua filha naquela idade era imperdoável.

— Eu também ia lavar minhas roupas — respondeu ele, porque não conseguia pensar em mais nada. — Que tal você subir para o seu quarto e eu te ver em apenas três segundos? Vou te dar muitos beijos e conversar...

— E a Tracy vem com você? Está aí com você? — perguntou interrompendo.

Tracy cobriu a boca com as mãos, respirando pesadamente, pega por uma criança de quatro anos enquanto transava com o papai! Não é bem assim, outra

anedota para seu livro de recorde do Guinness, de Tracy Goldstein. Quais eram as chances de uma criança, que geralmente dormia muito e profundamente, acordar no exato *momento* em que seu pai estava fazendo sexo com uma mulher? E que essa mulher fosse Tracy. Quais?

— Oh, não, ela está na lavanderia configurando a máquina para lavar suas roupas. Que bom que você encontrou essas roupas para que eu possa levá-las para ela. Garotinha, espere por mim, por favor, no seu quarto? Acenda as luzes de que nada vai acontecer com você.

— Certeza...?

— Você é corajosa. Lembra? Você é minha princesa Merida.

A garota pareceu meditar pelo que pareceu uma eternidade, enquanto Sean orava a todos os deuses do passado, presente e futuro, para que não corresse até onde eles. A imagem não seria absolutamente digna de uma menor de idade. Ele ainda estava dentro de Tracy, então moveu lentamente sua pélvis para desenlaçar seus corpos. Ele sentiu a perda, mas o medo de que Milla os encontrasse nus era muito maior.

— Ok, papai, claro que sou a princesa Merida. Eu sou corajosa! Mas então você diz a Tracy, quando ela lavar as roupas, que posso emprestar a ela uma blusa Barbie e calças dos Trolls?

Sean quase, quase ouviu Tracy respirar fundo para tentar não rir alto e arruinar sua chance de sair ileso da vista de Milla.

— Uma promessa, minha princesa.

— Bem... Tá bom papai — murmurou a garota e subiu as escadas que circundavam a sala, enquanto acendia todas as luzes.

Tracy, como se movida por uma mola automática, se afastou e começou a se vestir freneticamente. Sean, menos apressado, fez isso em um ritmo rápido.

— Só para constar — disse, quando Tracy acabou de abotoar a calça —, nosso relacionamento é exclusivo. E eu deixo isso muito claro, senhorita.

Ela inclinou a cabeça para o lado. Franziu a testa.

— Mãe de Hannah, amiga de Milla...?

— Uma longa história. Pare de franzir a testa. A mulher acredita que eu

serei o pai de sua filha e me casarei com ela. Não sei de onde Milla tirou que nos beijamos, mas essa bobagem não aconteceu.

Tracy encolheu os ombros, mas Sean gentilmente agarrou seu queixo. Ela olhou para ele. Seus lábios ainda estavam inchados de seus beijos.

— Ok, acredito em você, embora não tenha o direito de perguntar.

Sean suspirou. Era a única mulher que conhecia a filha e tinha acontecido de Milla gostar de tê-la por perto, em sua casa. Sim, tinha o direito de perguntar a ele. Todos os limites estavam começando a se confundir tão abruptamente que o intrigou.

— Mas eu quero te responder, e acabei de te dizer a verdade. Eu só queria deixar isso claro para você. Nenhum homem vai colocar a mão em você.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— O mesmo acontece com você — respondeu ela.

— Eu não gosto de homens — disse ele tentando irritá-la.

Tracy apontou o dedo contra o peito de Sean, pressionando.

— Que espertinho você é, olha, fico feliz, porque enquanto durar o nosso acordo, você também não vai gostar de nenhuma outra mulher. O que você acha?

Ele riu e se inclinou para beijá-la rapidamente. Mas o beijo foi longo o suficiente para deixar os dois ofegantes. Ele se afastou, encostando a testa na de Tracy, e assentiu.

— Não sei o que você faz comigo, mas você tem um acordo. Agora tenho que subir para ver Milla. Quer ficar mais um pouco...?

Ela ficou tentada a aceitar, mas acreditou que era o suficiente por um dia. Tinha que organizar seus pensamentos. Conhecer a família de Sean, lidar com sua filha por horas, percebendo que o homem apaixonado na cama e frio no escritório era um pai exemplar, e também, tendo estado prestes a ser flagrada nua em plena atividade sexual por uma menina de quatro anos, pois preenchiam o cardápio de aventuras existenciais para qualquer um. Pelo menos em sua vida, sim.

— Eu adoraria, mas acho que devo tomar um banho — sorriu — e Sean...

— Sim? — perguntou olhando para ela com intensidade.

Ela era a mulher mais linda e peculiar que ele conseguia se lembrar de segurar em seus braços. E mexeu com as emoções nele que acreditava estar morta... Deus. Ele começaria a ter sérios problemas se continuasse a pensar dessa forma sobre Tracy.

— Na próxima vez que estivermos juntos, eu me tocarei para você — murmurou antes de pegar sua bolsa e se dirigir para a saída, deixando-o sem palavras.

Ele estava prestes a responder, mas um grito vindo de cima o interrompeu.

— Papai, veja, existem monstros!

Sim, a voz de sua filha foi o suficiente para que sua ereção nascente morresse e sua fome sexual fosse substituída pelo amor incondicional que sentia por Milla.

— Estou indo agora, Milla — gritou com voz firme enquanto subia as escadas correndo e ouvia a porta da frente se fechando atrás dele.

Quando Tracy voltou para o hotel após o banho, ficou deitada por um longo tempo pensando em quão intenso foi aquele encontro com Sean. Não só isso, mas, no final, continuou com a mesma incógnita sobre a mãe de Milla.

Imaginou que para Sean enterrar a mulher que amava era algo difícil de suportar. Ficou de repente com ciúmes. Estava louca, pelo amor de Deus! Devia descer para beber uma taça de vinho ou pedir no quarto. Assim, poderia continuar sua cascata louca de ideias nas quais se perguntava coisas como: Há quanto tempo havia morrido?

Do que morreu? Por que retirar todas as fotos da mulher se tinham uma filha de quatro anos que precisava conhecê-la, mesmo que fosse em papel fotográfico? Mesmo em uma fotografia digital ou digitalizada!

Se a mulher estivesse viva, mesmo que fossem divorciados, Milla teria sua mãe e nãoalaria sobre ela como se não a tivesse por perto. "Pobre garota." Mas cada pai criava sua filha como queria. Ela não tinha voz nem voto.

Os homens podem ser um mundo muito estranho, mas a verdade é que o

mundo das mães solteiras também conseguia ser uma competição difícil.

Por enquanto, ela estava feliz por Sean ter deixado claro que o relacionamento deles era exclusivo. Não se divertiam? Não era um relacionamento formal, porém, mantinham esse privilégio.

Nesse ritmo, com tantas contradições, iria acabar no hospício. Pelo menos sua vida sexual tinha ficado fabulosamente animada. Não poderia ter tudo, certo?

Com um suspiro, Tracy pegou o telefone, pronta para solicitar o serviço de quarto. Vinho, queijo e um pouco de carne para o jantar seria ótimo. O melhor? Tudo na conta de Sean. Sorriu

CAPÍTULO 18

Na semana seguinte de trabalho, estiveram no máximo. As equipes de manutenção, incluindo arquitetos e a empresa de decoração, iam e vinham entre os escritórios do Grupo SW. Havia barulho, construção, poeira, para tentar consertar as áreas afetadas pela água. A assistente de Jackson, Edinne e Tracy se certificavam de que tudo estava em ordem.

Pelo menos conseguiram que a conta de despesas, na íntegra, fosse paga pela administradora anterior. Bom para a equipe jurídica de todos os proprietários de andares do conglomerado.

O mais difícil foi realocar os clientes da agenda antes de alugar um andar inteiro que, graças a Deus, acabava de ser desocupado por uma empresa de implementos de alta gastronomia do prédio. Eles o haviam alugado por um preço muito baixo pelas três semanas seguintes. Esse era o tempo que, na opinião de Sean e Jackson após conversarem com os representantes das empresas responsáveis pela limpeza do desastre do fim de semana, teriam os escritórios como novos.

Tracy não podia reclamar da experiência profissional que representa todo o seu trabalho. Aos poucos foi se aproximando da equipe de criação e até mesmo em algumas ocasiões — quando souberam que seu interesse ia além de checar agendas de reuniões com Sean — pediram sua opinião para uma grande campanha que estavam executando.

Apesar do fato de que as manhãs continuavam a começar com um toque às seis da manhã em seu telefone, a voz do outro lado do receptor havia deixado de ser aguda e fria. Agora ela até sorria ao ver o nome de Sean na tela do celular, porque as conversas costumavam se arrastar até que ela chegasse ao orgasmo com os próprios dedos, ouvindo todas as coisas sujas que ele queria fazer com ela quando estivessem sozinhos à noite.

Depois que saiu do hotel para voltar para casa, as horas roubadas eram a parte mais divertida para Sean, especialmente quando terminavam as longas horas de trabalho. Eles tinham uma nova conta para ganhar e, novamente, os concorrentes eram da agência Ashton Brothers. Uma grife parisiense, que queria entrar no mercado canadense, era o cliente na ocasião.

Por outro lado, Tracy não queria se acostumar com a deliciosa rotina noturna que tinha com Sean. Ela tinha medo de se envolver emocionalmente, porque o homem que conheceu não era conhecido do público no mundo dos negócios. Parecia um privilégio conhecer o lado engraçado, charmoso, até doce e sempre apaixonado de Sean Winthrop.

A melhor parte do dia era quando eles finalmente podiam se beijar e se tocar sem quaisquer restrições. Assim que Milla adormecesse, Tracy pegaria o carro para ir para a casa dele. Estavam tão próximos que ficar sempre tentando fazer o menor barulho, até tarde da noite conversando havia se tornado um ritual com vinhos, beijos e sexo apaixonado.

No caso de Milla, a verdade é que passou a gostar dela. Era impossível não fazer isso, não importava o quanto se esforçasse para se distanciar. Alguns dias atrás, ela foi à casa dos Winthrop e a menina ainda não estava dormindo. Ela a cumprimentou com um abraço como se a conhecesse desde sempre, e Tracy não conseguiu se afastar. Devolveu o abraço, e teve que cumprir a promessa pendente de ler uma história para ela dormir. A garota era educada e brilhante.

O coração de Tracy derreteu ao ver os olhos de Sean brilharem de amor por sua filha. E estava com medo de começar a amolecer, mas gostava de sua vida como era agora. Poderia desfrutar de seu trabalho, um chefe justo e inteligente, e passava noites trilhando o caminho do desejo de diferentes maneiras com ele.

— Tracy — disse a voz de Sean pelo interfone do escritório.

Ela olhou para o relógio da parede. Passavam dois minutos das oito da manhã.

Ele tinha acabado de entrar no escritório, cento e vinte segundos atrás,

deixando um rastro de sua colônia deliciosa no ambiente e a fazendo se lembrar, quisesse ou não, a sessão de sexo da noite anterior. Tracy havia aprendido outros usos interessantes de uma jacuzzi.

Colocou de lado a caneta-tinteiro que estava usando para assinar o recibo usual de vários documentos e remessas diversas. Só esperava que, com o passar dos meses, pudesse encontrar uma maneira de se infiltrar em um projeto interessante de corte publicitário. Ela ainda não havia tocado nesse assunto com Sean, pelo menos não com tanta insistência, mas planejava fazê-lo em breve. Precisava da oportunidade e da experiência para seu currículo.

— Sim? — perguntou um tanto hesitante.

Sabia por que a estava chamando, embora esperasse que não explodisse com algum tipo de comentário bobo que a irritasse. Ele já havia aprendido que, empregada ou não, amante ou não, ela sempre dizia o que pensava. Com filtro, claro, mas só quando merecia... o que acontecia em pouquíssimas vezes.

— Eu preciso que você venha ao meu escritório, por favor. Agora mesmo. — Cortou a comunicação imediatamente. Ela respirou fundo antes de se levantar de sua confortável cadeira executiva. Ativou a secretária eletrônica, porque nenhuma mensagem podia ser perdida. Tudo era importante.

Ela alisou a saia vermelha e ajustou o casaco combinando. Usava salto alto para combinar com suas roupas, e seu cabelo caía em uma cascata brilhante presa de um lado por um lindo aplique de borboleta.

Entrou no escritório ricamente decorado. Pelo menos tinha sido até o dia anterior. Sean estava com a bunda contra a mesa, os pés cruzados um sobre o outro, enquanto se apoiava com as mãos na superfície. Ele parecia tão bonito que ela prendeu a respiração. Então o olhou nos olhos e sorriu para ele. Ele não.

— Explique-me — ele disse lentamente pronunciando cada sílaba.

— Não sei do que você está falando — respondeu, fingindo ser ignorante, embora a prova estivesse ao seu redor.

As paredes foram retocadas no domingo e as bordas dos cantos eram de um tom verde-água. Havia também uma nova estante onde repousavam os prêmios conquistados pela empresa e, do outro lado, todos os elogios pessoais

de Sean por sua carreira. O sofá havia sido substituído por um novo conjunto vermelho vinho. Delicados, mas precisos, toques de cor no escritório o faziam parecer mais vibrante. Quem foi o culpado? Tracy, sem dúvida.

Ele avançou olhando para ela, passou por ela sem tocá-la, e ouviu enquanto ele colocava a trava de segurança. Posteriormente, Sean voltou à posição inicial.

— Por quê? — perguntou Sean levantando uma sobrancelha.

Ela engoliu em seco.

— O escritório de um executivo de criação deve ser vibrante e é isso que consegui. Todo mundo sabe o quanto você é rígido e comprometido com a carreira, mas você não precisa ter um espaço, no qual passa tantas horas por dia, que seja tão cinza. Não está com um pouco de inveja que seus criativos têm escritórios fabulosos, e você tem um... sóbrio?

Ele escondeu uma risada.

— Hmm... Então, eu sou chato?

— Eu não disse isso — ela respondeu franzindo a testa e alheia ao tom de brincadeira, porque estava tão determinada a deixar claro que acabara de dar uma excelente contribuição para o ambiente de trabalho e que só se importava em fazer Sean ver a razão. — Além disso, caso você esteja se perguntando, essa reforma não representou nenhuma despesa para a empresa...

— Como assim? — perguntou inclinando a cabeça para o lado.

— Paguei com o meu próprio dinheiro, bem, não com dinheiro-dinheiro, mas em troca de fazer uma campanha publicitária para o designer de interiores. Um empresário com potencial — respondeu mordendo o lábio inferior e, em seguida. — Portanto, foi uma troca justa. Ela vai ganhar clientes, e eu bem — abarcou a sala com os braços — só esperava que meu chefe gostasse. Aproveitando as reformas que estão fazendo, por mais específicas que sejam, queria acrescentar um detalhe ao que é sem dúvida o cargo mais importante: o de CEO.

Sean se aproximou dela, segurou seu queixo com o dedo e a fez olhar para ele. Foi a primeira vez que a tocou durante o expediente. Ele não estava

bravo com o que Tracy tinha feito, estava apenas surpreso que ela tivesse se dado ao trabalho de fazer algo assim e, especialmente, de oferecer serviços gratuitos para pagar por algo assim.

— Tracy, não era necessário. Eu gostava do meu escritório do jeito que estava.

Ela desviou o olhar, mas ele continuou segurando seu queixo com firmeza.

— Você quer que eu coloque tudo de volta como antes? — perguntou como se tivesse furado o balão preferido de uma criança recebido em seu aniversário.

— Obrigado — disse ele surpreendendo-a com um sorriso. — A verdade é que é uma mudança refrescante e elegante. Não precisava, mas obrigado.

— Sim...? Você gostou? — perguntou esperançosamente.

— Nós estamos no horário comercial, mas, Tracy... Que diabos.

Ele pegou o rosto dela nas mãos e a beijou longa e fortemente. O beijo foi sensual e intenso, também possessivo. Os gemidos de Tracy o excitaram ainda mais e sua boca começou a se mover sobre a dela, saboreando-a. Ela deu acesso a e ele com sua língua a explorou. A adrenalina fluía por sua corrente sanguínea como uma droga potente. Ela ergueu as mãos para envolver o pescoço de Sean, pressionando seu corpo contra o dele. Cravou os dedos em seu cabelo masculino espesso e macio, gemendo quando sua boca foi atacada com erotismo paciente e ela retornou o mesmo impulso.

A mão de Sean não se cansava das curvas de Tracy. Tocá-la em suas roupas era magnífico, mas tocá-la nua era a glória. Ele começou a tirar o casaco dela, enquanto ela fazia o mesmo com o cinto dele. Acariciou seus seios no fino tecido de sua blusa de seda branca e com os dedos esfregou seus mamilos, que imediatamente se animaram. Ele agarrou a barra da saia dela e puxou-a facilmente até a cintura. Então sentiu as mãos dela em seu membro, esfregando-o sobre tecido de sua calça, depois desabotoando e baixando o zíper.

— Sean — ofegou assim que ficou sem sua blusa e sem sutiã.

— Deus, é o melhor começo de manhã. Com você, no meu escritório, e

com esses seios deliciosos — disse antes de deixar cair a cabeça para que sua boca encontrasse seus mamilos rosados.

— Oh... — Tracy murmurou com os dedos agarrando os cabelos de Sean, ela não queria se mexer, porque gostava do que a boca dele fazia em seus seios. Ela o sentiu sugar e provocar um mamilo com entusiasmo porque, agora que ele conhecia seu corpo e seus desejos perfeitamente, sabia que isso a excitava. Tracy arqueou as costas e ele sorriu antes de voltar sua atenção para o outro seio. Passou a língua pelos bicos delicados e suaves, e deu beijos ao seu redor, sempre chupando as pontas rosadas e suaves.

— Segure-se em mim, boneca — ele disse enquanto a levantava para colocá-la sobre a mesa. Com uma mão ágil, varreu tudo o que o impedia de acomodá-la. Ele a deixou perto da borda, arrancou sua calcinha e a beijou mais uma vez. — Você me deu uma vista agradável com meu escritório — sorriu — e agora tenho uma que quero homenagear com carícias — disse ele olhando para a entrada macia e úmida de seu sexo feminino.

— Sean, estamos no horário comercial.

— Revisamos a agenda do dia? — perguntou ele, enquanto abaixava a calça para que depois sua boxer seguisse o mesmo destino. Seu membro ereto e vibrante apareceu, e Sean ficou satisfeito ao vê-la molhar a boca com a língua.

— Não...

— Então o dia ainda não começou oficialmente — ele murmurou antes de inclinar as costas dela para que Tracy apoiasse os cotovelos na mesa, e se ajoelhou para colocar as coxas em seus ombros. — E esta é a melhor vista que já tive o privilégio de observar. Agora, senhorita Goldstein, aproveite seu agradecimento pelo gesto desinteressado de hoje com meu escritório — disse antes de lambe seus lábios mais íntimos e começar a traçar os caminhos que fariam Tracy explodir de prazer com sua língua hábil.

Ela sentiu os dedos de Sean separarem lentamente as dobras de seu sexo, enquanto aquela língua pecaminosa continuava a lambê-la habilmente. Ele acariciou sua abertura sensível e logo o sentiu penetrá-la com os dedos.

Movendo-se dentro dela. Na posição em que estava, com os quadris na beira da mesa, ele poderia acariciar seus seios. E foi exatamente isso que ele fez com os dedos livres.

— Mmm, você está pronta para mim? — perguntou quando ela pensou que não poderia aguentar mais antes do clímax.

— Você sabe que sim... Pare de me torturar assim... Inferno... — ela ofegou quando o polegar de Sean acariciou seu clitóris. — Sean ... Sean, por favor!

— O que?

— Quero que você goze. Quero que você me penetre, por favor.

Ele sorriu e se afastou, não antes de cobrir toda a sua vulva macia com a boca para chupá-la pela última vez. Então deu mais duas lambidas que a deixaram pronta. Rapidamente, Sean a acomodou e a segurou pelos quadris. Ele se acomodou bem no ápice de sua entrada e deslizou dentro dela.

Tracy, com a respiração entrecortada, mudou levemente de posição até que suas pernas estavam em volta da cintura de Sean. Ele pegou o rosto dela, banhado em suor e beijou-o como se fosse seu último dia na Terra.

Sean bateu forte, com desejo, mas também com amor. Porque independentemente do que ele havia concordado no início, Tracy era a mulher que queria para ele. Fosse livre ou não para ter tudo o que quisesse, cuidaria para que nunca fosse censurado ou se arrependesse de ter aceitado sua proposta. Ele iria ganhar sua total confiança.

— Te sentir ao meu redor é tocar o céu com as mãos, Tracy — disse a ela, quando com um último impulso soltou um gemido abafado no pescoço de sua amante. Espasmos de liberação varreram os sentidos de Tracy, embora não o suficiente para impedi-la de sentir o repentino instinto de posse que experimentou por Sean. De repente, ela estava com medo de se sentir muito apegada, mas não podia negar que sentia aquele homem como seu. Todos os seus músculos mais íntimos, naquele momento em que se contraíam em torno do membro duro, o reconheciam como o único homem capaz de levá-la ao ponto de tensão máxima e dolorosa antes do clímax.

E o maior de seus medos queria aparecer em meio ao seu êxtase da maneira mais clara, pois reconhecia em Sean o potencial de conseguir ser capaz de quebrar todos os medos de seu passado e transformar toda a paixão que sentiam em um novo começo. Com confiança indelével. Em uma possibilidade que ela tentou rejeitar a todo custo. Devia se lembrar que Sean não era Adrian. Nunca poderia ser.

— Isso não deveria ter acontecido — murmurou ela, enquanto arrumavam as roupas. — Foi...

Ele sorriu para ela. Eles haviam se lavado no banheiro privativo de Sean. Agora pareciam como se nada tivesse acontecido. O único detalhe era que Tracy teria que encontrar uma maneira de sobreviver sem calcinha pelo resto da jornada de trabalho.

— Não vamos usar adjetivos para algo que não tem, Tracy — disse ele se aproximando para lhe dar um beijo suave nos lábios. Um beijo com gosto de ternura e não de luxúria, porque esta foi a única linguagem que falaram entre eles e servia como uma lembrança mútua do que haviam combinado semanas atrás. Um mecanismo de defesa que Tracy usava com bastante regularidade.

Cada vez que ele fazia um gesto caloroso ou a beijava suavemente, ela transformava aquele impulso em algo lascivo e apaixonado. Porque não queria se confundir, errar e cair no mesmo erro do passado. Porque precisava daquele emprego, e se sabia de alguma coisa era que Sean era um homem honrado e que nunca poria em risco o seu emprego por causa da aventura que estavam empreendendo. Ela passou a conhecê-lo melhor e sabia que podia confiar nele a esse respeito.

Mesmo uma noite, Sean confessou que, se terminasse o relacionamento, e ela se sentisse desconfortável trabalhando para ele, não hesitasse em dizer, porque Jackson a contrataria imediatamente no escritório oposto ao de Sean. Um escritório do qual não podia ver ou ouvir o que acontecia no do CEO do Grupo SW.

— Se você diz — respondeu, corando.

Ele acariciou sua bochecha, então se afastou. O olhar cheio de paixão

mudou para um mais sério. Ambos sabiam que era hora de começar o dia e redesenhar os limites que acabaram de cruzar. O efeito, no entanto, ainda não era possível sentir. Tracy foi até a porta e destrancou-a. Então se virou para Sean novamente.

— Hoje sairei pontualmente às seis da tarde. Você pode sair mais cedo se achar que deixou tudo em ordem — comentou indo até sua mesa. Sem olhar para ela, ele decidiu, mas estava claro que estava se lembrando do que acontecera minutos atrás. Em seguida, se sentou em sua cadeira confortável, as mãos sobre a mesa, olhou para ela: — Agora, o que temos na agenda hoje?

Ela manteve um sorriso. “Entrou no modo de chefe. Meu dia começa aqui.”

Naquele fim de semana, após terem organizado uma nova campanha para uma linha de eletrodomésticos, aprovado orçamentos para despesas de viagens e bônus e a coordenação de reuniões com clientes dentro e fora do centro da cidade, chegaram ao restaurante. Separadamente. Este último a pedido específico de Tracy. Sean imaginou que era uma tentativa de se distanciar depois do que acontecera no escritório.

Ele não se arrependia daquele encontro sexual memorável em particular, embora entendesse sua relutância e, em honra a isso, tentaria se conter. Ele não podia negar que tinha sido um encontro muito emocionante.

Milla estava passando o sábado com Eugenia e William, curtindo um fim de semana dos avós e da neta. Portanto, Sean e Tracy tinham o dia inteiro para eles. Pelo menos até a manhã seguinte.

Eles haviam discutido que a resposta da empresa de moda parisiense DuMour ainda estava pendente se entregavam o contrato a eles ou aos irmãos Ashton. Isso deixou os principais publicitários da empresa a todo vapor, e Jackson também se envolveu no projeto e foi algo que Sean gostou muito, pois o amigo era muito astuto. Esse projeto seria a chave definitiva entre saber se os estavam sabotando ou se talvez algum elemento de suas estratégias estivesse

falhando sistematicamente. Foram muito claros sobre os perfis daqueles que participaram do projeto, e tentaram incluir aqueles que já trabalharam em projetos anteriores para ganhar a licitação contra a agência Ashton Brothers.

— Há algo que está te incomodando e eu gostaria de saber o que é, Tracy — Sean disse a ela sem preâmbulos.

Naquela noite ele estava comendo algo mais leve do que o normal porque, horas atrás, havia jantado na casa dos Luthor.

— Eu gostaria que demorássemos um pouco... — suspirou —, ou seja, para não nos vermos fora do horário de expediente.

Tracy estava preocupada nos últimos dias sobre a forma como Sean parecia estar se apropriando de seus pensamentos e emoções de uma maneira que ela não esperava. Quando contou a Becky sobre seus medos, ela disse que não podia permitir que Adrian continuasse a ser uma sombra em seu relacionamento com outros homens ou medi-los acreditando que poderiam traí-la como ele o fez.

Depois daquela longa conversa, as duas tiveram uma noite de garotas em um bar e relaxaram. No entanto, quando Tracy voltou para casa, não achou que haveria qualquer mudança. No dia seguinte, na casa de Sean, apenas conversaram, se beijaram, mas nada mais. Até Milla, para surpresa de Tracy, estava — ao invés de na casa de Eugenia — brincando e pedindo que se juntasse a ela na piscina. Isso foi muito divertido. A garota havia roubado seu coração. E ela estava com muito medo de que, se não desse um passo para o lado a tempo, Sean logo começaria a fazer o mesmo.

— Há uma razão? — perguntou olhando para ela, tentando soar calmo quando na verdade não estava.

A última coisa que esperava era um comentário como aquele, pelo menos no dia em que contaria a Tracy que se apaixonara por ela. Achava que, depois de ser um controlador obsessivo do bem-estar e da privacidade de Milla, permitiria que qualquer mulher interagisse com sua filha? Ou mais claramente, uma mulher? Tracy acreditava que envolveria Milla conscienciosamente para interagir em um plano próximo com alguém com quem só queria fazer sexo?

A facilidade com que Tracy se relacionava com Milla não era fingida. As crianças tinham um sexto sentido. Elas percebiam tudo. E o carinho que sua filha sentia era evidente. Mesmo quando um dia falaram ao telefone, em videoconferência com a ajuda da babá, perguntou se Tracy era sua namorada. Sean, incapaz de mentir para ela, mas também incapaz de criar falsas esperanças, apenas disse que ela era uma amiga muito especial. E de qualquer maneira que quisesse parecer, ela era.

— Eu preciso de espaço... Para pensar.

— Em que? Talvez possamos resolver isso juntos — disse com calma. — Exceto por aquela manhã em meu escritório, porque acho que mantivemos nosso acordo bem discreto e... — Ela suspirou. — O quê?

— Sei que você não queria nada com expectativas e que Milla não deveria estar envolvida em nós. E eu sinto que de alguma forma isso deu uma guinada que eu não esperava.

— Te incomoda que minha filha tenha estado por perto durante algumas inesperadas ocasiões? Você poderia ter dito — expressou seriamente.

Tracy ficou mortificada. As palavras, quando tinham que sair direito, pareciam se enredar em seu cérebro. Maldita seja. Até ensaiou o que iria lhe dizer.

— Eu adoro a Milla — confessou com uma sinceridade brutal. — Ela é uma garota inteligente e é fácil amá-la.

Sean relaxou e mexeu o vinho na taça antes de beber.

— Então...?

— Você tem se comportado muito carinhosamente, interessado no que eu faço da minha carreira...

— Você é minha funcionária das oito às seis, ou às cinco, dependendo de como encara as coisas. Tenho todo o direito de querer saber o que você faz da sua carreira, pois isso afeta o meu dia a dia.

Ela fechou os olhos com firmeza por um segundo, depois os abriu.

— Você se preocupa com meus objetivos de longo prazo. Você sabe quais são os meus sonhos...

— Fundar sua própria pequena agência em Toronto e forjar um portfólio de contatos com o respaldo que te dá trabalhar para mim — concluiu. — Eu sei, Tracy. Você me disse desde o primeiro dia, então não sei o que isso tem a ver com nada.

— Você me faz acreditar que se preocupa comigo em outro plano, longe do âmbito sexual! E não era essa a ideia, nunca foi — exclamou com os dentes cerrados. — Deus... — cruzou os braços, exalou —, é isso, e o compromisso me apavora. Eu até gostaria que você tivesse continuado como na primeira semana em que fiquei no hotel, e você saiu sem deixar rastros até que nos encontramos no escritório.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Tentei ser menos déspota. Na primeira semana fiquei um pouco preocupado porque você foi a primeira mulher com quem eu estive em muito tempo e que eu teria que te ver todos os dias, isso era incomum para mim. Se você quer que eu pare de te abraçar ou prefira ir embora logo, diga na minha cara. Mas não minta para mim. Não minta para mim quando seu corpo me diz algo, mas sua boca nega — disse olhando para ela rigidamente.

— Não tenho dois pesos e duas medidas... É só que...

— Sim? — a instou a continuar.

Tracy pressionou a ponta do nariz com o polegar e o indicador. Não que fosse um catalisador de ideias, mas era um gesto que às vezes a ajudava a se reorientar. Até agora, funcionou.

— Estou morrendo de medo de confiar em um ambiente diferente do que temos. Gosto de você, adoro estar com sua filha, sexo com você é indescritível, mas...

— Você não quer se apaixonar e tem medo de que talvez eu esteja fazendo isso por causa da maneira como me importo com você? — perguntou sentindo seu coração disparar. Ele viu a verdade e o medo no rosto de Tracy. — A meu ver, não existe confusão da minha parte. Não estou apaixonado por você — mentiu descaradamente. Se essa fosse a única maneira de impedi-la de fugir, ele o faria.

Era a vez de ele ser paciente.

Dada a perspectiva, Sean sabia que teria de adiar contar a Tracy sobre a mãe de Milla. Tampouco era um episódio que quisesse se lembrar de vez em quando, mas ele sabia que — agora mais do que antes — era necessário encontrar uma maneira de falar sobre Sandy. Em vez de sua vida ser mais fácil, o oposto estava acontecendo.

Tracy gostaria de dizer que a confissão de Sean, dizendo que ele não sentia nada por ela, não a machucava, mas seria hipócrita. Não era isso que ela queria ouvir para se sentir menos presa em seu próprio medo? Não foi o medo da traição que levou sua boca a reproduzir verbalmente seus medos irracionais? Ele a confundiu e desestabilizou todo o seu mundo como nunca antes com um homem. Nem mesmo com Adrian. “Cretino Adrian.”

— Fico feliz então que você tenha entendido, porque também não sinto nada por você. — Ele apenas assentiu, assim como fazia nas reuniões quando os pontos do orçamento eram definidos para ele, entediado e indiferente. — Talvez eu tenha que te contar sobre meu passado para que você entenda... — pigarreou e bebeu um pouco d'água antes de acrescentar com mais convicção: — Para que você entenda porque preciso de um tempo longe de você, em um nível pessoal.

Pela primeira vez em muito tempo, Sean estava no controle rígido e com clareza sobre suas emoções. Ele que acreditava que poderia lidar com uma relação com aquela mulher, e o que aconteceu foi que, sem saber em que momento, acabou se apaixonando. “Muito bem, Winthrop. Desta vez, você fez bem. ”

Ele não queria ter um caso com Tracy. O que ele queria era o que não podia dar a ela: construir um relacionamento profundo e comprometido. Que infortúnio ter que conviver com as consequências de seus erros.

— Estou ouvindo — ele respondeu sem apetite. Queria ir para um bar, flertar com uma mulher sem rosto para se lembrar e esquecer tudo. Afogar-se em álcool e pare de ser o homem responsável de sempre. Deus, como ele invejava jovens de 21 anos. Mas aquela era a sua vida, e o show tinha que

continuar, mesmo que o personagem principal tivesse uma faca enfiada nas costas.

Embora Sean soubesse que, naquele preciso momento, podia passar a modelo mais sensual do mundo, a profissional mais sofisticada ou o corpo mais perfeito sobre o qual um homem pudesse fantasiar, mas nada lhe agradaria. Nenhuma dessas mulheres seria Tracy Goldstein.

— Anos atrás, quando eu morava em Boston, fundei — como você sabe — minha empresa, HaGo. Fiz uma sociedade na faculdade com meu namorado, Adrian Haunier, e pensei que tudo iria ficar bem. Os projetos eram incríveis, o crescimento da empresa era lento, mas constante, e enquanto ele estava encarregado de fechar os negócios, eu estava conseguindo clientes em várias cidades próximas, como Nova York e Filadélfia. Começamos como uma pequena empresa de publicidade, mas com o passar dos anos e à medida que ganhamos conhecimento e experiência, a HaGo começou a ganhar reputação. Com isso vieram mais clientes, clientes muito bons. — Ela respirou fundo. — Adrian propôs me casar com ele, eu concordei. Eu confiei cegamente em tudo o que ele me disse. Deixei todas as questões jurídicas nas mãos dele, porque seu padrinho era dono de um escritório de advocacia, e assinei tudo o que ele me pediu de olhos fechados.

— Eu vejo onde a história vai... — Disse Sean, sentindo raiva e querendo encontrar esse Adrian e enforcá-lo com as próprias mãos.

— Investi parte da minha herança na empresa. Pelo menos segui o conselho de Bethany e reservei uma boa parte para emergências. — Sean pensou que no dia em que conhecesse a amiga de Tracy, lhe daria um grande abraço. — Para manter a história curta, Adrian me roubou. Um dia encontrei nossas contas conjuntas vazias, porque ele havia transferido todo o dinheiro para sua conta pessoal.

— Vocês dois tiveram acesso à conta e o banco não informou que todo aquele valor estava sendo sacado de repente? Não chegou nenhum alerta, nada?

Ela abaixou a cabeça. Como tinha sido boba.

— Fui notificada, mas pensei que talvez fosse uma quantidade mínima.

Eu só li o título do e-mail e nada mais. Às vezes tirávamos, Adrian ou eu, para pagar um bônus ou um presente de agradecimento aos nossos clientes.

— E depois o que aconteceu...?

— Quando nesse mesmo dia voltei ao apartamento que compartilhávamos nenhuma das suas coisas estavam lá... Num só dia ele tirou todos os seus pertences... De manhã estava tudo bem, depois ele simplesmente me deixou... — Sean não percebeu que estava apertando a colher com força até que ela entortou. Ele a colocou de lado. — Esse foi o começo...

— Você não precisa me dizer se isso te causa dor, Tracy.

Ela o encarou.

— Eu só quero que você entenda. Que você me compreenda

— Sim, e você não precisa ir ao passado para isso.

— Eu não amo ou sinto nada por Adrian. — Ele sentiu um grande alívio. A ideia de que ela ainda estava apaixonada por aquele idiota o deixava de mau humor. — Mas não foi apenas a dor de sua traição. Ele roubou minha empresa. Meus clientes. Ele falava mal de mim como profissional na cidade e ninguém queria me contratar. Além disso, ele me traiu. Ele me traiu o tempo todo... Percebi que nunca o amei de verdade quando a dor que mais senti foi o vazio deixado pela perda de HaGo. Foi meu maior sonho...

Sean assentiu. Ele iria encontrar Haunier e afundá-lo. Estava na área de publicidade? Então aquele idiota devia ser grato por estar em dois países diferentes. Ele foi o culpado por ter semeado desconfiança e medo de se abrir para os outros. E já que fizera aquilo com Tracy, então Haunier tinha seus dias contados no mundo da publicidade corporativa.

— É por isso que você acabou em Toronto?

— Becky me jogou um colete salva-vidas e eu o peguei. Sinto falta de Boston, mas agora sinto que Toronto é minha casa. Quero criar raízes aqui com minha carreira. É um novo começo, por isso ter conquistado um cargo na sua empresa é importante para mim.

— Você tem talento, Tracy. Eu verifiquei seu portfólio. — Ela abriu e fechou a boca. — Eu pesquiso todos os meus funcionários, mas não me importo

com suas vidas pessoais. Eu sabia que sua empresa fechou, que havia um novo dono, mas com um nome diferente. Nunca pensei que havia essa lama por trás... sabe? Ouvi um dos diretores dizer que sua opinião a um de seus subordinados acertou no ponto exato para um conceito específico. — Ela corou. — Você tem carta branca para participar de qualquer projeto que desejar na empresa. Apenas me diga qual deles e conversaremos sobre isso.

De repente, ela franziu a testa.

— Você está dizendo isso por pena?

Sean olhou para ela com frieza. E ela entendeu que ele considerou isso um insulto pessoal.

— Digo isso porque sou inteligente e reconheço o talento quando vejo. Porque estou ciente do seu valor e se eu encontrar uma forma de beneficiar minha empresa, eu faço. Nesse caso, se eu tenho uma assistente pessoal competente e ela quer entrar em outra área da empresa, coloco-a à prova e, se der certo, procuro dar a ela a oportunidade de crescer e com ele o Grupo SW cresce. Você entende — perguntou com menos paciência.

— Não quis dizer que os teus critérios fossem guiados pelas tuas emoções... Só depois do que te disse e que te pedi um tempo e...

— Chega! — disse firme e ela ficou em silêncio. — Eu não dei a você nenhum motivo para desconfiar de mim. Nem da minha integridade profissional. Deixe tudo fluir e seguir o curso.

— Eu sei... — murmurou — Só que eu sinto que... Isso... — Sean queria que terminasse de falar para lhe dizer que o medo dela era porque estava começando a sentir algo profundo em relação a ele, mas ficou quieto. — O que fiz com o teu escritório, decorando-o e pagar com a minha criatividade a essa empresária, não tem nenhum significado especial — disse ela com firmeza desta vez, como se procurasse convencer-se de algo. — Faz parte do meu trabalho. Não quero que você leia um significado que não existe. Está bem?

Ele assentiu, não iria mais lutar por aquela noite. Tracy claramente tinha uma ideia em mente e não conseguia parar de se afastar para encontrar respostas ou clareza.

Quando o garçom se aproximou, interrompendo para servir os pedidos de cada um, Sean aproveitou para pedir um café. De repente, a cafeína parecia mais do que bem-vinda para manter seu cérebro acordado.

— Eu entendo.

— Agora você entende meu passado, e isso — apontou para si mesma e então para Sean — é um caso. Não pode ser outra coisa. Não é nada mais — disse nervosamente quando se sentiu mais calma. — Minha prioridade é minha carreira, e se você me der a oportunidade de encontrar uma forma de trabalhar em um projeto da empresa que não interrompa meu horário de assistente em seu escritório, sempre serei grata.

— Você coloca o talento na mesa e, com base em seus resultados, será recompensada. Como em qualquer lugar. Portanto, não me agradeça até ganhar essa chance — disse Sean.

— Eu gostaria de tirar o fim de semana...

— Os fins de semana são seus a menos que haja um projeto, e desta vez, não há. Jackson e Edinne estão coordenados pelo cliente francês e tenho tempo para ficar com minha filha. Seus serviços como assistente da presidência não são obrigatórios, mas acho que você já sabe. Está procurando minha reafirmação?

— Só queria deixar isso claro.

— Você acabou de fazer — respondeu ele passando a colher no café quente.

— Minha melhor amiga, Bethany, retorna de suas férias no domingo, então aproveito a oportunidade para dar uma volta por Boston amanhã. Eu quero ir visitá-la. Estarei no escritório na segunda-feira, como de costume.

— Aproveite.

O que ela esperava, que a impedisse? Ela queria que ele dissesse que estava se retificando e que na verdade estava apaixonado, para que pudesse confirmar sua teoria que justificava o medo seguido por sua tentativa de fugir do acordo que eles tinham, porque ela temia que Sean fosse outro Adrian? "Deus, precisava de terapia... Ou uma garrafa inteira de Don Julio." Ou talvez

chamar um hospício. Talvez pudesse até entrar em contato com o agente de Stephen King e servir de inspiração! "Cale a boca, Tracy."

— Concorda?

— Concordo — ele reiterou baixinho, porque não poderia dizer o contrário. Agora que conhecia a história de Adrian, conseguia entender os temores de Tracy. Ela olhou para ele como se não acreditasse, então Sean acrescentou: — Não estou lendo a mensagem errada. Continuamos mantendo o acordo inicial entre nós dois.

Ela parecia acreditar porque a carranca em sua testa desapareceu.

— Ok...

— E outra coisa, Tracy — disse pedindo a conta ao garçom. Quando Sean olhou para ela novamente, o fez sem sombra de dúvida: — Não me culpe pelas merdas de outras pessoas. Se um dia vai me julgar, não será comparando-me a um sujeito do feitio de Haunier. Estamos claros a esse respeito?

— Claro como água — ela respondeu.

— Bom.

Boston, Massachusetts.

Bethany seguiu as instruções ao pé da letra. Tinha que tirar todas as suas roupas quando chegasse à cabine de massagem. Era um ambiente criado no estilo do Oriente Médio. Lâmpadas de óleo penduradas nos cantos e o ar-condicionado estava na temperatura perfeita. Os aromas que permeavam o ar eram deliciosos.

Não conseguia se lembrar da última vez que tinha recebido uma massagem. Sua cabeça estava apoiada na concavidade da maca, seus braços estavam ao lado do corpo e seu corpo estava completamente exposto. Não houve cortesia de toalha, pois a temperatura não justificava cobri-la, e — devido à natureza do hotel — era uma massagem diferente da que estava acostumada. Estava ciente disso.

— Diga-me se a pressão está correta — o massagista disse em um tom suave. — Eu sou Kirk e cuidarei de você. No meio da massagem, minha parceira, Fergie, virá para completar a rotina.

— Você pode me dizer o que esperar? — perguntou em um sussurro.

— Desfrute o quanto se permitir e relaxe, pois essa é a nossa missão neste SPA — respondeu ele espalhando o óleo da base do pescoço, em um gotejar quente, pela coluna vertebral, continuando pelas nádegas, pelas coxas às solas dos pés. — Deve dizer-me, quando lhe avise que chegamos à metade, se deseja que eu ou Fergie terminemos a massagem.

As mãos dele começaram a percorrer seu corpo nu com um delicioso e quente óleo de alecrim. Logo Bethany deixou sua mente em branco. Sentia como cada músculo era cuidado. Os movimentos relaxantes e circulares começaram a fazê-la adormecer. Queria dizer que a massagem não o estava afetando em um nível erótico, mas seria uma mentira, especialmente porque depois que Kirk terminasse a fricção que estava aplicando com grande eficiência, outra massagista chegaria. Esperava prazer, sim. Claro.

O tempo passou rápido demais e nenhum toque de Kirk foi além de uma massagem relaxante. Por quatro vezes teve a impressão de que ia tocar os lábios dela, mas apenas passou os dedos muito rapidamente, sem nem mesmo tocá-los. Imaginou que estava molhada, que talvez pudesse sentir, mas não disse nada.

— Senhorita Carrington, chegou ao meio da sua massagem. Fergie está aqui comigo. — Em que ponto tinha entrado? Bethany pensou, porque seu nível de relaxamento era aparentemente extremo. — E começará a massagem. Avise-a se quiser que eu volte para terminar a massagem ou ela vai terminar. Foi um prazer.

Bethany sorriu, ainda com o rosto no oco da maca.

— Obrigada, isso foi ótimo, Kirk... — murmurou. Ouviu um clique quase imperceptível na porta e soube que estava sozinha com a massagista.

— Olá, Srta. Carrington, sou Fergie. Está confortável?

— Sim..., obrigada. O que você vai fazer de agora em diante, Fergie?

— Você sabe que essas cabines de spa são programadas para uma massagem erótica, isso consiste em *Massagem da Meia-Noite*, certo?

— Bem, sim... Sim, eu sei.

— Então, agora que seu corpo está relaxado, que Kirk colocou todos os nós e contraturas de lado, minha parte é mais suave e dedicada a dar prazer sexual com meus dedos. Posso fazer isso? Se a sua resposta for negativa, não tem com que se preocupar, terminarei a massagem com você virada, com uma toalha cobrindo suas partes mais íntimas, no mesmo estilo que Kirk fez durante toda esta meia hora.

Bethany queria dizer que preferia a massagem relaxante como o outro massagista fez até recentemente, mas estava curiosa e também bastante excitada. Uma massagem com final feliz? Em um hotel de luxo onde ninguém jamais a julgaria? Valia seu peso em ouro. Claro que aceitaria.

— Sim. Eu gostaria que terminasse com a massagem erótica.

— Ok. Por favor, levante-se levemente para que o pequeno travesseiro que tenho em mãos fique logo abaixo de seu abdômen. — Bethany obedeceu. — Agora pode relaxar novamente. Coloque o rosto nas mãos. Exatamente assim. Muito bem. Abra levemente as pernas. Isso mesmo.

— Fergie, nunca fiz isso...

— Espero que a experiência seja agradável — disse antes de pegar o óleo quente e esguichar na vulva de Bethany. — A temperatura está do seu agrado?

— Mmm, sim...

— Bom — respondeu a massagista, de cuja posição, aos pés de Bethany, ela podia ver claramente cada parte exposta, neste caso, brilhante pela umidade feminina e óleo de alecrim.

Lentamente, Fergie começou a massagear suas nádegas. Pressão suficiente para ser agradável e excitante também. A cada movimento deslizava, como se fosse accidental — embora as duas soubessem que não era — um de seus dedos umedecidos entre os lábios íntimos dela. Então, com os polegares, esfregou a parte inferior de suas nádegas, na junção precisa de sua coxa e traseiro, e a espalhou levemente.

— Oh... — Bethany sussurrou quando sentiu os polegares da mulher esfregando seus lábios com intenção. — Ah...

A massagem continuou no mesmo estilo. Quando Fergie percebeu que Bethany estava prestes a atingir o orgasmo, ela mudou sua técnica e moveu as mãos pelo resto do corpo. Costas, braços, pés. Então repetia a carícia íntima, e a cada vez fingia penetrá-la.

— Está me tentando muito — Bethany ofegou, abrindo mais as pernas, conscientemente, como se fosse o sinal ideal para Fergie saber que ela precisava gozar naquele momento. — Fergie...

— Calma, apenas aproveite — disse a voz suave e controlada da mulher.

Logo ela sentiu a penetração do dedo feminino em sua vagina. Esfregou suavemente, seu polegar pressionando o espaço estreito que separava seu sexo com o canal de sua parte traseira, o períneo. Moveu um dedo e inseriu outro. Quando Bethany estava prestes a se mexer de prazer, a mulher parou novamente.

— Mas... — começou a protestar.

— Vire-se, Bethany. — Ela não precisou repetir duas vezes.

Usava uma máscara para não poder ver quem eram seus massagistas. Uma ótima ideia sem dúvida. — Abra suas pernas. Posso tocar em seus seios?

— Sim... Sim... — disse ansiosamente. Deus, ela não se lembrava de ficar assim há muito tempo depois de uma massagem.

— Bom — respondeu com o mesmo tom doce e gentil. Então começou a acariciar seus mamilos. Ela os beliscou, apertou com força e depois os alisou com óleo quente.

Bethany moveu sua pélvis, e a massagista não a fez esperar mais. Massageou seus seios, percorreu sobre seu abdômen e começou a masturbá-la. Inseriu primeiro um e depois dois dedos. Começou um movimento que simulava penetração masculina, e seu polegar acariciou seu clitóris.

— Deseja algo mais? Lembre-se de que você pode se expressar livremente, não apenas naquilo que deseja, mas também no que sente. A cabine está protegida.

Bethany não entendia como a mulher podia estar tão calma.

— Toque meus seios até que eu alcance o orgasmo — disse ela em um tom exigente que a surpreendeu, mas a forma como sua vulva vibrou com a necessidade de atingir o êxtase superou a vergonha. É que no desejo não havia vergonha. Simples assim.

Fergie continuou a manipular habilmente o clitóris de Bethany e, ao mesmo tempo, começou a acariciar seus seios com a mão livre, beliscando seus mamilos de vez em quando também. Quinze segundos se passaram e Bethany soltou um grito de prazer incontrolável.

A massagista continuou acariciando-a, com um ritmo mais suave dessa vez, esperando que sua respiração diminuísse aos poucos. Exausta, porque ela não conseguia se lembrar da última vez que teve um orgasmo dessa magnitude, Bethany suspirou.

— Obrigada.

As mãos de Fergie se afastaram automaticamente do corpo de Bethany, e ela logo o cobriu com uma toalha quente.

— Foi um prazer. Quando se sentir pronta, pode se levantar, vestir o robe e continuar sua programação de atividades. Obrigada por confiar em nós.

Bethany só alargou o sorriso quando ficou sozinha.

O prazer experimentado pelo corpo não tinha gênero, nem raça, nem era medido pela quantia em dinheiro. Chegava e te invadia até te deixar louca. O clímax sexual simplesmente existia, e cabia a cada pessoa lidar com isso em seu benefício. Que lembrete primoroso, ela pensou, fechando os olhos e sorrindo. Poderia se sentir ainda mais livre?

Restava uma última atividade em suas férias. A festa de máscaras. E no dia seguinte estaria em Boston. Havia sido um tempo mais longo do que esperava. Até ligou para o hospital para pedir alguns dias extras.

As pessoas peculiares que ela conhecera todos os dias, a forma como a atenção dos funcionários do hotel a fazia se sentir bem-vinda o tempo todo, e o hotel era um luxo indescritível. Nunca poderia pagar Byron, em dinheiro, por aqueles dias em de sua vida.

Nos seus momentos de solidão, quando dava longos passeios, nadava na piscina ou tomava um café no salão francês do hotel, tinha aprendido a compreender-se, a enfrentar as suas contradições e a vencer o medo de aceitar o que gostava, o que ansiava. Deixou o medo absurdo daquela notícia que viu na televisão há tantos anos. Ninguém tinha o direito de ditar como viver, como amar ou a quem amar.

Ela percebeu que tinha o poder de desfrutar o prazer simplesmente porque podia, e não importava se ela gostava de homens ou mulheres, porque tinha que gostar de si mesma primeiro; o resto era secundário e irrelevante. Os confrontos diários com o seu reflexo no espelho, vestida — sem se esconder atrás do uniforme de enfermeira e das mil ocupações — com roupas que gostava, que a faziam sentir-se bem, e que a expunham — mais não as escondia — tinha sido difícil, embora libertador.

E faltava apenas a festa de máscaras. Talvez ela nunca mais visse nenhuma das pessoas que conheceu durante sua estada, mas todas elas — com uma frase, uma palavra ou uma história de sua vida — deixaram uma marca nela.

Agora entendia a metáfora por trás de todas as atividades de Byron no hotel. Não sabia como a engenharia funcionava para incentivar algumas pessoas e outras a se conhecerem, não sabia se estudavam os perfis e tentavam ajudá-los de alguma forma, em diferentes aspectos da vida. Talvez nunca soubesse os segredos por trás do seletor Hotel Cumbria. Mas uma coisa sabia, e era que — quando o baile de máscaras acabasse — a Bethany que voltaria para Boston seria aquela que nunca deveria ter se escondido de si mesma, muito menos dos outros.

CAPÍTULO 19

Milla sorriu com os dentes cheios de chocolate. Era domingo de manhã e, por causa de seu bom comportamento, Sean decidiu agradá-la com um Sunday com panquecas. Ele sabia que sua filha ficaria hiperativa pelo resto do dia devido aos níveis de açúcar que estava consumindo, mas ele tinha algumas atividades planejadas para ela na cidade para queimar suas energias.

O desejo de ligar para Tracy às vezes parecia vencer a batalha contra si mesmo. Ele não poderia pressioná-la, mesmo que quisesse fazê-la entender que ele não era como os outros homens - ou especialmente aquele idiota miserável - que a machucou. Na noite anterior, Sean decidiu fazer algumas ligações para seus contatos nos Estados Unidos. Um investigador particular e um escritório de advocacia estavam trabalhando no caso. Estava planejando fazer Adrian pagar pelo que ele roubou. E se seu crime não pudesse ser provado, então Sean tomaria outras providências.

— Papi — disse Milla tirando-o de seus pensamentos.

Ele estendeu a mão para limpar o queixo da filha com um guardanapo. Tinha geleia de morango no canto da boca.

— Diga-me, querida.

— Quando vou ter uma mãe?

E aí estava. Novamente o mesmo assunto. Todos os dias, a qualquer hora, Milla deixava um desses comentários. Doía e entendia que era inevitável porque ela era a única garota em sua classe que não tinha mãe.

— Não é tão fácil.

— Por quê?

Sim, também queria explicações para tudo. Para as menores coisas.

— Porque para isso eu teria que me casar e...

— Casar! — disse batendo palmas.

Sean riu alto. As opções que ele tinha na vida eram muito limitadas.

Casar-se não estava em suas intenções por enquanto.

— As pessoas não se casam só por querer. Primeiro, precisam ter um parceiro. Amarem-se. Mais tarde, se os dois estiverem dispostos, talvez possam se casar. Isso pode levar meses ou anos. Cada casal é diferente. Você entende? — Ela assentiu fervorosamente. — No meu caso, deveria ter uma namorada.

Milla coçou a cabecinha com a mão ainda suja de doce, e Sean sabia que levaria quarenta minutos para levá-la até a banheira e limpar o corpo grudento de seu corpinho rechonchudo. Ele não teve escolha a não ser sorrir.

— Ahhh... Tracy é sua namorada, pai? — perguntou recolocando a colher na tigela de sorvete com geleia de chocolate e morango.

— Ela é uma boa pessoa — respondeu com cautela.

— Ela sabe fazer cupcakes, me diz que tenho talento para jogar Lego, sabe nadar — contou com os dedinhos tudo o que falava —, e sempre cheira delicioso.

“Diz isso para mim, filha.”

— É verdade, sempre cheira bem — murmurou ele terminando seu próprio sorvete.

— Ah! E o Sr. Bruce disse que era sexy. — Sean quase cuspiu o sorvete. Bruce era um dos pais solteiros que frequentava aulas de penteados. O que diabos tinha dito a Tracy, e por que ela não contou a ele sobre isso? A onda de ciúme que o invadiu inesperadamente azedou seu humor. Aceitar que certamente outros homens estavam olhando para ela não era nenhuma novidade, porque vamos lá, a mulher era uma gostosa, mas isso não o impedia de saber que — de fato — havia acontecido, isso o deixaria de péssimo humor. Embora sua filha não fosse a culpada. — O que é sexy, papai? — perguntou, quando também terminou o sorvete. Colocou o dedo no recipiente para pegar a última gota de doce. Então lambeu o dedo. Foi uma brincadeira que o fez rir, mesmo naquele instante em que quis agarrar Bruce pelo pescoço e pedir-lhe que não voltasse a pensar em Tracy.

— Uma mulher linda.

— Ahhhh, então Tracy é sexy. Certo?

— Muito... Diga-me uma coisa, Milla, se você a visse com mais frequência, estaria tudo bem se passasse um tempo comigo e com ela?

Ela pareceu pensar sobre isso brevemente.

— Ela é sua namorada, papai?

— Ela é uma amiga muito especial, e sim, eu gostaria que ela fosse minha namorada... Poderia ficar mais tempo aqui. Sairmos para algum lugar, tomar sorvete, ir ao museu, ao cinema, ao zoológico. Muitas coisas. Você gostaria disso, Milla?

Os olhos amendoados tão cheios de inocência se iluminaram.

— Siiimmm! Quero que Tracy seja minha mãe — levantou-se da cadeira e começou a girar. Sean a parou porque não queria que ela vomitasse. — Pode, pode, pode, pode?

“Ahhh, o açúcar e seu efeito imediato”, pensou Sean.

— A decisão é dela, mas por enquanto será uma amiga especial. E é nosso segredo. Ok?

— Bate aqui, papi! — disse colocando seus cinco dedinhos como havia feito com Tracy. Rindo, Sean colocou sua mão grande e viril sobre aquela pequenininha.

Boston, Estados Unidos.

Tracy ainda não conseguia acreditar em toda a história que Bethany estava contando a ela.

Adorava a amiga, como se fosse sua própria irmã, mas saber o tempo todo que estivera se escondendo por medo de ser repreendida a magoava. Doeu que tanto tempo havia passado sem que ela tivesse a chance de falar com alguém. Também doeu que Bethany não confiasse nela para falar sobre suas preocupações. Como isso foi possível? Nunca deu a ela qualquer indicação de

que iria julgá-la mal.

Até ela, heterossexual em uma sociedade aparentemente livre, foi recriminada e discriminada. As pessoas tendiam a acreditar que tinham o direito de dizer o que os outros estavam fazendo era "certo" ou "errado". Porém, imaginou o calvário para alguém da comunidade LGBTI porque fora dos parâmetros socialmente aceitos tornou-se uma raridade, um ponto de discórdia, uma estatística para julgar, um ser humano enclausurado em uma categoria sem opções de viver em plenitude. Em que tipo de mundo viviam?

— Eu queria falar sobre isso antes, Tracy, mas nem eu fui capaz de aceitar... — Bethany murmurou com lágrimas nos olhos —, sinto muito. Eu gostaria de lhe dizer... não sabia como...

Tracy se levantou da cadeira da sala para se aproximar da amiga e a abraçou com força. Ficaram assim por muito tempo. Sem dizer nada. Pouco a pouco se separaram.

— Quando você planeja falar sobre isso com seu irmão? — Tracy perguntou.

— Ao longo da semana. Não adianta contar a mamãe sobre isso, porque ela provavelmente vai esquecer, e não quero repetir a mesma coisa indefinidamente.

— Mesmo se você fizer isso porque é uma confissão simbólica e importante — Tracy sugeriu —, e então eu quero que me apresente a esta Peyton. Estamos entendidas? Não é possível que essa mulher tenha uma confissão de você que eu não. Tenho que conhecê-la — disse rindo.

Bethany riu também.

Durante a festa de máscaras, cujo tema era vestir um traje de época — fornecido pela boutique do hotel a um preço razoável — ela não usava máscara; primeiro, porque não era um requisito; segundo, porque se sentia feliz e plena por ser quem era, quem redescobrira naquele hotel.

Cada vez que se lembrava de Peyton aparecendo, lindamente vestida, ela sorria. Ela era uma mulher bonita, mas acima de tudo conseguiu penetrar muito fundo nela com opiniões que ninguém se atreveu a dar-lhe de forma brutal e

direta.

Naquela noite dançaram. Riram e passaram a noite juntas. Foi uma sedução lenta que aos poucos foi ganhando intensidade. A noite juntas, até o amanhecer, foi um momento íntimo. Foi revelador, também especial. Importante.

Embora Bethany acreditasse que, ao deixar o hotel e suas máscaras de lado, tudo seria esquecido, não era assim. Peyton disse a ela que queria vê-la em Boston e que era melhor não demorar. Sempre tão direta, deu a ela seu número de telefone pessoal, o do escritório, para que trocassem informações de contato. Bethany estava nervosa, mas sentiu que queria explorar mais suas possibilidades.

Realmente queria se apaixonar, não sabia se isso iria acontecer ou não com Peyton, mas iria tentar. Ela também percebeu que, aos poucos, foi se aceitando mais, com suas nuances e seus medos, pois nunca deixou de temer, principalmente o que não sabia.

Agora, era hora de desfrutar de estar uma com a outra. Não sabia que destino a traria em seu plano sentimental, mas isso não importava mais, porque estava feliz por ser quem era, ponto final.

— Sempre estarei para você. Não me importo com o que você escolhe, vamos lá, às vezes invejo as lésbicas — Tracy disse com um largo sorriso —, entre as mulheres nos entendemos melhor. Mas que remédio? Eu não posso viver sem homens.

Bethany riu.

— Agora conte-me mais sobre a Festa de Máscaras no hotel. Ah, e sobre esse Byron.

— Só se você me prometer algo primeiro, Tracy.

— Oh-oh, quando você coloca essa expressão no rosto, eu me preocupo.

— Bethany riu. — Que remédio — suspirou — o que devo prometer a você?

— Tente esclarecer o que você acha de Sean em sua viagem de volta a Toronto esta noite. Não perca essa chance. Depois do que você me disse, por que ainda acha que vai ser outro Adrian? Ele não lhe deu nenhuma pista.

Sempre foi direto, até na forma como ele propôs que vocês fossem amantes.

— Às vezes sinto que ele quer mais... Tenho medo de confiar...

— Você merece menos, Tracy?

— Não. Eu não mereço menos. Eu não quero machucar Sean. Não quero me machucar. Há uma garota envolvida, e ela é divina e tem suas ocorrências, se eu continuar por aí ela pode ter ideias. Bethany, não estou procurando um relacionamento. Meu único objetivo quando saí de Boston era aproveitar o colete salva-vidas que Becky me deu. Ter ingressado no Grupo SW é muito importante, e eu só quero orientar minha carreira, não queria que nada se complicasse.

— Olhe para mim... Passei anos me escondendo de mim mesma. E então, sem pensar, arrisquei mais de três semanas em um luxuoso hotel clandestino. Um hotel que organiza eventos que ainda não consigo descobrir como o realizam perfeitamente, como se fossem à medida de cada pessoa. Existem cento e oitenta quartos! Cento e oitenta pessoas com diferentes experiências e necessidades culturais e pessoais, porém, conseguem fazer com que a estadia seja como se fosse pensada só para você... Não sabia o que esperar, e a vida me surpreendeu.

— Eu não quero me apaixonar.

— Você e eu sabemos que cruzou a linha há muito tempo com aquele homem. Você nunca se preocupou tanto com aquele idiota do Adrian, ou com outros caras, mas com o Sean, meu Deus, parece que você está me contando um melodrama.

— Costumo ser dramática — murmurou.

— Isso não é o suficiente para dizer...

— Que gentileza da sua parte — Tracy disse cruzando os braços, e Bethany riu.

— Ouça, você tem que aceitar seus sentimentos e sua verdade, já que assumi minha sexualidade. São duas coisas totalmente diferentes, sim, mas no final é isso: aceite, seja honesta consigo mesma. É aquilo Tracy, o amor não se busca. Ele encontra você.

— E se ele mentir para mim e me trair?

— Mas Tracy, você já está mentindo para ele primeiro, dizendo que quer desistir do que têm, e que sua ideia de ter apenas um caso é tudo o que você deseja. Além disso, tudo tem uma explicação. Lembre-se disso. Viemos de experiências pessoais tão diversas... Seja sincera. Diga a ele que você o quer. Diga a ele que você está apaixonada por ele. O que pode perder?

Ela baixou o olhar. Enterrou o rosto nas mãos.

— Que eu não entendi tudo e ele não sente o mesmo por mim.

— Ah... — Bethany disse encostada no encosto do sofá verde em seu apartamento no coração de Boston —, porque isso é outra coisa. Tudo na vida é um risco. Eu arrisquei me encarar. Por que você não deveria arriscar abrir seu coração?

— Acho que aquele hotel mexeu com a sua cabeça...

Bethany riu e agarrou a taça de vinho que estava sobre a mesinha de centro de sua sala.

— Basta dizer "Obrigada Bethany pelo seu conselho."

Tracy suspirou.

— Obrigada, Bethany, mas se eu estragar este, então será o seu carma e virá para assombrá-la para sempre.

— Sério, você está perdendo dinheiro com seu potencial para o drama. Poderia ser uma cantora de ópera.

— E arriscar ter tomates atirados em mim com minha voz feia?

— Pelo menos vão jogar tomates em você — Bethany disse rindo. — É bom para a pele, e você que gosta desses tratamentos de beleza de vez em quando, seria de graça.

— Haha. Tão engraçado. — Se levantou. — Eu tenho que ir para o aeroporto.

Bethany acenou com a cabeça.

— Eu quero que você me mantenha atualizada sobretudo. — Começaram a mover as malas de Tracy, ela carregava duas pequenas em direção à saída do apartamento. — Nada de negar como você se sente com Sean. Arrisque. Não

quero que leve anos, como eu, para superar as inseguranças. Embora sejam circunstâncias diferentes, acho que a mensagem aqui é clara. Certo?

— Sim, e você, da próxima vez que visitar o Canadá ou eu voltar a Boston, me apresentará a Peyton. Isso me causou muita curiosidade. É muito difícil para uma pessoa causar um impacto tão profundo em você. E, Bethany. — Sua amiga olhou para ela com atenção. — Você sempre pode confiar em mim. Não hesite novamente. Você é como uma irmã para mim. Então, nós temos um acordo?

— Sim, senhorita — sorriu. Selaram o acordo com um grande abraço de irmãs. Em seguida, se separaram e Bethany levou sua amiga ao Aeroporto Internacional Logan.

Seria uma longa viagem, porque Tracy tinha muito em que pensar.

CAPÍTULO 20

Toronto Canadá.

Sean marcou uma reunião de última hora na quarta-feira. Eles haviam perdido a conta DuMour para a agência concorrente. Estava muito zangado. Convocou toda a equipe de trabalho que havia preparado, desde o início, a proposta de campanha. Não havia tempo a perder. Depois de uma auditoria interna que já vinha acontecendo há semanas, finalmente encontrou a pessoa que estava passando as informações da empresa para a Ashton Brothers.

A pessoa responsável, Adam Wabbles, chefe do departamento de design criativo, foi imediatamente demitido e deveria ser responsabilizado por danos, informações privilegiadas e quebra de confiança. A equipe jurídica tinha muito trabalho pela frente. Mas eles iriam reunir todas as evidências necessárias.

Por outro lado, a vida com Milla ia às mil maravilhas. A criança estava feliz com as aulas particulares de natação que estava fazendo, e a escola estava indo muito bem. Sua filha era como uma esponja. Absorvia tudo e também questionava cada detalhe. O único ponto que ainda não combinava com Sean era a atitude de Tracy, que continuava cautelosa e, embora Milla perguntasse por ela, ele não tinha resposta, então foi sua vez de mudar de assunto.

Às vezes, pensava que Tracy iria pedir-lhe para conversarem depois do jantar na sexta-feira anterior, mas ela continuou a agir profissionalmente. Ele não sabia se talvez em Boston tivesse se encontrado com esse Adrian. Ele queria ligar para seu investigador particular, mas isso estaria invadindo sua privacidade, então não tinha escolha a não ser esperar até que pudesse perguntar a ela, uma vez que pudessem se sentar e conversarem direito. Sentia a falta dela. Suas risadas, seus beijos... Ela ainda era diligente no escritório,

além do mais, não podia reclamar de sua eficiência, e os demais funcionários a estimavam muito.

Sean só usava seus recursos informativos para um objetivo: calcular, avançar e vencer. No caso de Adrian, ele não queria ganhar nada, apenas destruí-lo pelo dano que havia causado a Tracy. E ele iria fazer isso. Os procedimentos, puxando os cordões daqui e dali, foram regulamentados.

Estava com uma terrível dor de cabeça e os Tylenols haviam acabado. Foi uma desculpa perfeita para ligar para Tracy. Eles poderiam finalmente ficar sozinhos, depois daquelas horríveis setenta e duas horas. A grife parisiense, após breve relato dos advogados do Grupo SW, decidiu cancelar o contrato com a Ashton Brothers em favor da empresa de Jackson e Sean; garantiram — em uma conferência privada com os advogados de ambas as agências de publicidade — que iriam processar por falsificação de dados, bem como por danos.

Sean não se lembrava de ter passado três dias de merda como aquele. Deus, quanto ele precisava descansar a cabeça.

Ele ergueu o alto-falante do telefone sem fio.

— Tracy, você pode me arranjar um Tylenol?

— Olá, Sean. Não há problema. Vou levá-lo para você em um momento.

— Comunicação encerrada.

Alguns minutos se passaram, quando a porta finalmente se abriu e a sensual figura de Tracy apareceu. Ele observou sua beleza e a maneira como seus lábios se moviam. Parecia que estava falando com ele... pigarreou.

— Me dizia? — perguntou como se estivesse muito ocupado com a tela do computador e por isso não percebeu o que ela havia dito.

Tracy revirou os olhos. Ela não sabia por que ele estava tão distraído, embora supusesse que aqueles três dias — desde que a perda do cliente para os Irmãos Ashton foi considerada culpa do designer-chefe de criação — haviam acabado com o bom humor de Sean. Ela tentou dar-lhe espaço, mas não queria nada mais do que esperar que o vendaval diminuísse para que ela pudesse falar com ele. Ainda não sabia o que dizer, quando ficou claro — vamos lá, Sean

tinha dito a ela à queima-roupa — que não estava apaixonado por ela, o mesmo acontecia com ela.

Aceitar que o amava, não só ele, mas também o pacote que formava com Milla, tinha lhe custado muito. Todo o voo de Boston foi com sua mente em uma análise perene dos prós e contras. O resultado da comparação foi que a única pessoa que mentiu naquele relacionamento, acordo ou como quisesse, foi ela. Nunca teve problemas em dizer o que pensava, na verdade, dizia o que pensava quando se metia em apuros, mas dizer o que sentia era outra história.

No entanto, decidiu ser corajosa. Dar uma chance como prometeu a Bethany que faria. Mas nenhum momento, desde que entrou no escritório na segunda-feira, parecia propício. Tudo virou um caos quando veio a notificação da grife parisiense dizendo quem era a agência escolhida para administrar sua conta. A partir daquele momento, o informante foi desmascarado. Rolou a cabeça de Adam Wabbles, seu assistente pessoal e contador da empresa. Sean e Jackson não tiveram misericórdia. Eles foram direto para a jugular, e agora tudo estava nas mãos dos advogados. Tracy não sentia pena dos traidores, mas não queria estar no lugar deles.

Ver Sean todos os dias, como sempre, a fazia se sentir diferente. Os nervos e as borboletas no estômago ainda estavam lá. E sim, já sabia que ninguém tinha borboletas de verdade, mas qual era o problema com a sua analogia?

Agora, quando seu coração estava batendo, com o cheiro caro de sua colônia ou a simples imagem de Sean no terno sob medida ou as memórias de suas horas juntos nas semanas anteriores, seus sentimentos também estavam envolvidos, não apenas desejo de arrancar suas roupas para tocá-lo, provar seu sexo e então senti-lo alargando-a com sua ereção firme da maneira mais carnal que a humanidade já conheceu. Não sabia como se aproximar e enfrentar a rejeição ou talvez a esperança de aceitação.

— Os suprimentos de Tylenol acabaram e normalmente não compramos outro tipo de remédio para dor de cabeça sob seu comando e, com a mudança para o outro andar, o departamento de criação pegou o kit extra. Terei que

pedir por eles. Então — disse olhando em seu celular para ter certeza do que estava para comentar — na segunda-feira toda a equipe regressará a este andar. As reformas foram concluídas. Jackson quer falar com você sobre um novo projeto de compra de uma pequena rede de hotéis e ele não me deu mais informações sobre isso.

— Diga a ele para coordenar sozinho. No momento não tenho espaço para nada. Preciso que você organize com os recursos humanos a contratação de seis novas pessoas no departamento de publicidade. Tem que trabalhar uma promoção para preencher a posição do idiota que estava nos vendendo para os irmãos Ashton. Mande-me os perfis atualizados de todos os colaboradores desse departamento da empresa, suas últimas conquistas e quero conversar com cada um a partir da próxima semana também. Estarei muito ocupado. Todos os novos contatos de clientes, encaminhe-os para Jackson.

— Anotado — respondeu. — Mais alguma coisa, Sean?

Ele olhou para ela. Podia sentir a maneira como os mamilos de Tracy de repente espetaram o tecido do vestido que ela estava usando. Sua respiração engatou imperceptivelmente, mas não para um homem que conhecia aquele corpo sensual com precisão. Como se soubesse disso, ela desviou o olhar.

— Tracy... — disse ele suavemente, em um tom completamente diferente, mais caloroso. Afastou as mãos do computador e deu a ela toda a atenção, apenas para ela. — Há algo que você queira me dizer, sobre algum assunto? — perguntou tentando deixar o campo aberto para ela escolher.

Ele não era homem para se expressar circuncidando, embora parecesse que teria que começar a fazê-lo pelo bem de sua sanidade e também para não assustar Tracy. A curiosidade sobre o que poderia ter acontecido em Boston o consumia por dentro. Ela voltou mais quieta e até parecia pensativa, ao contrário de sua falação habitual ou malícia quando sorria para ele. Ele não era machista e estava cuidando de educar Milla em uma ideia de igualdade entre homem e mulher para que ela sempre soubesse que tudo o que fizesse, poderia alcançá-lo independentemente de seu gênero, mas por experiência poderia dizer isso quando uma mulher meditasse demais sobre algo era porque era

importante. Só esperava que qualquer que fosse o resultado da reflexão de Tracy, não fosse contra a dele — agora — frágil situação dos dois.

“Não é a hora nem o lugar”, pensou Tracy. Além disso, ele parecia muito absorto em como as peças do escritório estavam se movendo. Poderiam ser interrompidos a qualquer momento, e não queria arriscar. Ela iria falar com ele sobre seus sentimentos, algo que ela nunca considerou fazer, mas que, graças a Bethany, sabia que era necessário. Ela ia ousar entrar na linha de fogo e não podia deixar isso acontecer no escritório.

Além disso, não podia deixar seus nervos assumirem um cenário que era tão importante para ela. Havia a possibilidade de uma rejeição e de que tudo acabasse quando confessasse que o amava; e o outro extremo, que ele dissesse que, embora não estivesse apaixonado por ela, queria continuar juntos e se permitir abrir o coração para que isso acontecesse em algum momento. Tracy podia viver com honestidade e trabalhar nisso, mas não conseguia lidar com mentiras. Sean nunca mentiu para ela em seu tempo juntos.

A única mentirosa era ela, porque tinha medo de se machucar. Ela, que exigia sinceridade, estava sendo a menos sincera das partes. “Bofetadas da vida. Muito obrigada, universo, gentil como sempre. “

Talvez pudessem conversar mais tarde. Isso seria bom, pensou Tracy. Na verdade, ia sugerir isso. Um lugar quieto. Nem a casa dele, nem a dela. Embora Becky já tivesse voltado da Austrália, sua amiga fazia ouvidos moucos e saía de casa sem problemas. Mas não, Tracy preferia um lugar neutro.

— Eu... — começou, mas naquele momento Jackson entrou.

A conexão visual que havia sido estabelecida entre Tracy e Sean foi automaticamente interrompida. Ambos, como se tivessem saído de um súbito transe, piscaram, ao olhar para o vice-presidente da empresa.

Jackson, que não era estúpido, percebeu que acabara de interromper algo.

— Desculpe — olhou de um para o outro —, não é uma emergência, então posso vir mais tarde sem problemas.

— Não precisa — Tracy respondeu, e saiu do escritório fechando a porta

atrás de si.

Sean soltou um longo suspiro. Esfregou as têmporas e abriu a garrafa d'água ao lado dele. Tomou vários goles longos até terminar. Então jogou a garrafa vazia direto na lata de lixo.

— O que está ocorrendo? — perguntou a Jackson sentando em frente a seu amigo.

— Uma longa história, mas para concluir, estou tentando esclarecer minha imagem pessoal. Isso é algo, sabe, que me diverte muito.

Jackson riu.

— Você lhe disse que está apaixonado por ela?

— Não sei como você sabe...

— Eu te conheço há anos, e nunca te vi em um plano tão confuso, estúpido e de negação com uma mulher. Portanto, um de dois. Ou você está perdidamente apaixonado ou... você a turvou dizendo algo estúpido, e agora se encontra em um período de penitência existencial.

— Parece que você se diverte às minhas custas.

Jackson riu.

— Você só me lembra de mim mesmo quando eu estava prestes a perder minha Lucy para um idiota. Não gostaria que o mesmo acontecesse com você se acha que Tracy é a mulher da sua vida. Acho que é hora de você encerrar o capítulo sobre Sandy e seguir em frente. Porque, suponho, você já contou a ela sobre a mãe de Milla, certo?

— Não.

— O que você está esperando, Sean?

Ele passou a mão pelo cabelo, despenteando-o.

— Não sei... Não sei...

— Por que Tracy parece estar em um tipo estranho de interação? O que diabos você fez dessa vez?

— Eu disse a ela que não estou apaixonado por ela, para que ela não fuja como o Bambi assustado diante dos caçadores na selva, talvez ela tenha me escapado. Você entenderia se soubesse sobre o passado dela, que não vou

revelar a você porque não é da sua conta, mas não é algo que podia reprimir lhe dizendo se quisesse que ficasse comigo.

— Ah, e ver como funcionou para você, hein, Sean? Quão sutil, realmente. Você tem o dom da fala.

— Idiota, se você não vai me ajudar a resolver...

— É só que tudo o que você precisava fazer era contar a ela sobre Sandy. Isso é tudo. A partir daí, Tracy pode tomar uma decisão.

— Ela quer terminar nosso acordo e eu não posso permitir. Contar a ela sobre Sandy lhe daria munição para isso. Preciso de um pouco de tempo... — expressou chateado consigo mesmo e com as circunstâncias que estava passando. — Até Milla me perguntou sobre Tracy, e ela perguntou se poderia ser sua mãe.

Jackson se levantou.

— Se você permitiu que Tracy se relacionasse com Milla a ponto de ela aprender a apreciá-la e amá-la ao seu lado como sua mãe não menos, então, meu bom amigo, você não tem motivo para voltar atrás. Sua única opção é convencê-la de que a ama e de que não há ninguém melhor do que você. Acho que você ainda está com a cabeça trabalhando para se abrir e sabe que, se não fosse você, qualquer outro homem daria qualquer coisa por uma mulher como Tracy.

— Não preciso dessas ideias na minha cabeça agora — rosnou ele.

— Bem, é isso que vai acabar acontecendo. Tenho certeza de que ela não dá a mínima para o seu dinheiro. Pode se defender e conseguir um emprego em qualquer lugar. Na concorrência, por exemplo — disse este último só para cutucá-lo, pois o mais velho dos irmãos Ashton era um conhecido mulherengo.

— Como você se tornou um especialista em Tracy Goldstein? Existe algo que eu deveria saber? — perguntou a ponto de dar um soco em Jackson.

Jackson, em troca, riu alto.

— Você é estúpido, Sean, e agradeça por ser meu melhor amigo, senão eu já teria dado um soco em você. Bem, não sei se você se lembra que sou o vice-presidente da empresa e que Tracy costuma visitar meu escritório com

frequência para entregar documentos para mim ou para minha assistente. Então, como sou um homem civilizado porque tenho uma esposa que me ensina a manter minhas boas maneiras, converso. — Sean murmurou algo baixinho sobre amigos idiotas que gostavam de torturar outros para que caíssem em suas armadilhas. — Aliás, o que venho comentando é que DeMour quer expandir seu espectro de ação, não só no Canadá, mas quer que o ajudemos em sinergia — com sua habitual agência de publicidade francesa — para ganhar mercado no Reino Unido e Alemanha.

— Ok, por mim tudo bem... — ele murmurou. — E sobre Tracy...

— O mínimo que você tem é tempo. Não perca tempo pensando. — Ele olhou para o relógio. — Tenho que ir. Convidei Lucy para sair.

— Ela é sua esposa, você não precisa...

— Tenho que soletrar tudo para você? — perguntou cansado. — Quando você se casa e tem sua esposa, o mínimo que deseja é que outra pessoa a cative. O casamento não é um escritório de segurança que impede o roubo. Então você tem que sempre fazer ela se apaixonar sempre.

— Eu sei...

— Então, pelo amor de Deus, pare de dizer tantas coisas estúpidas juntas e comece a falar e agir com coerência. Porra. Te chamo se tiver alguma novidade, Winthrop.

— Tudo bem — ele murmurou chateado consigo mesmo.

Estava fora de prática no âmbito sentimental, mas tinha que se preparar antes que tudo fosse para o inferno. A simples ideia de perder Tracy aumentava sua dor de cabeça. A pior parte era que ela literalmente tinha a solução para o problema dele.

Tracy terminou de beber o café. Estava exausta. Sean saíra do escritório há muito tempo, mas ela estava terminando de organizar tudo para uma reunião muito importante com um cliente que queria trabalhar com eles. Já eram oito da noite.

Considerando que Milla já estava na cama, talvez fosse hora de fazer

uma visita surpresa a Sean. Seria sua forma de amenizar a tensão que vinha se formando desde segunda-feira, quando voltou de Boston, e também porque sentia muita falta de se sentir protegida pelo calor daqueles braços que — tinha certeza — poderia conter sua tristeza ou solidão, sempre, e ser o seu refúgio. “Se ao menos ele sentisse o mesmo que eu sinto por ele.”

Ela desligou o computador e começou a sair, mas uma ligação recebida a parou antes que ela ativasse sua caixa o botão de mensagens.

— Escritório de Sean Winthrop, boa noite. Em que eu possa ajudar? — perguntou com a bolsa com todos os seus pertences no ombro e um sorriso no rosto.

“Uma última ligação”. Talvez pudesse levar comida do restaurante tailandês que Sean gostava. Uma oferta de paz por sua covardia. O que seria dela sem Bethany? As melhores amigas eram o bem mais precioso de uma pessoa.

— Boa noite — disse uma voz agitada de mulher. Estava chorando?, perguntou-se Tracy, mas ficou quieta para esperar que sua interlocutora falasse. — Preciso falar com o Sean com urgência.

Ah, se referia a ele pelo primeiro nome. Curioso.

— Ele não está mais no escritório, mas se me deixar um recado, enviarei sem problemas — expressou com seu tom sempre calmo e amigável.

— Eu sou Blanch Maynard, a mãe de Sandy Maynard.

Tracy não deu importância ao nome. Deveria? Tinha boa memória com os nomes dos clientes. Pelo menos isso sempre aprendeu e lhe serviu em várias de suas reuniões — quando existia a HaGo — para identificar e relacionar certas pessoas com outras. Mas o nome Maynard não a lembrava nada.

— Entendo, direi a ele que ligou e...

— Não! Eu preciso falar com ele agora! — exclamou a mulher aos soluços. “Sim, estava chorando”. — É uma emergência. Acho que, apesar de tudo, pode se interessar pelo que tenho a lhe dizer.

— Desculpe, não estou autorizada a...

— Diga àquele desgraçado que minha filha está morta por causa dele! Ele tirou tudo dela, tudo — disse com uma voz sufocada e chorosa — até minha neta... Milla é a única coisa que terei de Sandy e eu nem mesmo tenho acesso a ela...

O coração de Tracy começou a bater rapidamente. O que havia de errado com aquela senhora?

— Senhora, se puder se acalmar então...

— Diga a Sean Winthrop que a esposa dele acabou de morrer e se ele tiver um pouco de coração, deve entrar em contato comigo — interrompeu. Ditou um número, que Tracy anotou com a mão trêmula, e então a mulher cortou abruptamente a comunicação, deixando-a em pânico, confusa e magoada. Muita dor com a informação que acabara de receber do nada começou a ganhar força em seus pensamentos.

Uma série de perguntas começaram a se formar em sua cabeça, uma após a outra, mas não tinha respostas. A única pessoa que poderia respondê-las também era a única pessoa que acabara de fazer seu coração dilacerar.

Tracy estava feliz por sua língua, pela primeira vez, se conter para não expressar o que estava dentro dela. Deus, como Sean teria rido dela se confessasse que o amava. E o pior de tudo? Agora ela teria que ir dar a notícia pessoalmente de qualquer maneira, porque ele estava com o telefone desligado, como todas as noites depois das oito.

Sean era casado.

Sean mentiu descaradamente para ela.

Sean e Adrian, no final, não eram tão diferentes.

CAPÍTULO 21

Quando ouviu a campainha, Sean estava terminando uma cerveja. Ele a colocou de lado e saiu da cozinha. Ninguém batia na porta de sua casa aquelas horas. Franziu a testa enquanto caminhava descalço. Espiou pelo olho mágico e ficou surpreso ao ver Tracy. Havia tomado uma decisão positiva sobre eles? Se perguntou, esperançoso.

Com um grande sorriso, ele abriu a porta.

— Olá, linda, que sur... — Ele não conseguiu terminar a frase, porque mal estava em seu campo de visão cara a cara, Tracy puxou sua mão para trás e deu um tapa no rosto dele.

— Sua sogra ligou para o escritório para me dizer, antecipando minhas condolências, que sua esposa acabou de falecer. Então é melhor você se mexer para ver o que aconteceu e organizar o funeral.

Sean olhou para ela, com a mão na bochecha que ela acabara de lhe dar um tapa, e odiou a expressão de dor que viu em Tracy. Não se importou com o golpe. Ele mereceu por atrasar a oportunidade de contar a ela sobre Sandy. A ideia de associar o nome de sua esposa, se estava casado por um tecnicismo estúpido, com a morte era totalmente estranha para ele.

— Como é que Sandy faleceu? — perguntou sem ser capaz de processar totalmente as informações. E, claro, acabara de fazer uma pergunta que, de outra forma, era estúpida e a pessoa menos apropriada, porque o tapa o lembrou de que Tracy certamente o odiava no momento.

— *Sua esposa*, Sandy Maynard Winthrop, acabou de falecer — disse a ele como se ele fosse um idiota, e de certa forma era para ela. — Sua sogra ligou para você no escritório. Me deixou o recado, mas como você desliga o telefone depois das oito, tive que vir pessoalmente dar a você — e a bofetada

também, claro. — Não quero saber mais sobre você ou sua empresa. Me demito. Lamento profundamente ter dado a você a oportunidade de me machucar. Mas acima de tudo amar você.

— Também me ama...? — perguntou ele, boquiaberto. — Tracy, precisamos conversar, deveria ter contado a você sobre Sandy há muito tempo, mas a oportunidade não apareceu. Demorei muito, mas estava disposto a contar a você sobre ela. Não é o que parece, se me deixar explicar, então poderia entender que...

— Não estou interessada — disse interrompendo com os olhos cheios de lágrimas e garganta seca. Se sentia como se tivesse engolido um punhado de areia. Não tinha ideia de como estava exercitando sua habilidade de falar, mas sabia que não se importava mais com nada e todos os seus filtros e tentativas de manter suas emoções sob controle estavam entrando em colapso; um exemplo era que acabara de dizer àquele idiota que o amava. — Depois que eu contei sobre Adrian, você não conseguiu ser sincero — expressou com um tom inconfundível de ressentimento.

— Me ama? — perguntou ele, incrédulo.

— Dói, porque de verdade, eu pensei em arriscar te dar uma chance. Me dar uma chance. Como você deve ter zombado de mim... — Enxugou com as costas da mão as lágrimas que começaram a rolar por seu rosto, incapaz de contê-las. Ela fez isso com raiva, porque o mínimo que queria era que ele a visse chorar.

Incapaz de se conter, apesar de toda a merda que teria que limpar agora com sua pequena caixa de Pandora aberta, ele a pegou e a segurou contra seu peito. A abraçou com força. Ela lutou em seus braços, mas ele era mais forte. A abraçou até que conseguisse entrar na casa e fechar a porta atrás deles.

Tracy continuou a lutar contra ele, até que Sean sentiu que ela se cansava quando a força de seus movimentos diminuiu. Ouvir seus soluços partiu seu coração. Em nenhum momento ele a soltou, e ficaram nessa posição por muito tempo.

— Eu te odeio — disse em voz baixa e quebrada.

— Eu não posso deixar você ir — disse ele olhando para o rosto dela com uma resolução de ferro em seus profundos olhos negros, e segurando seu rosto com firmeza. Enxugou as lágrimas dela com os polegares. — Não posso te perder. Eu preciso que você me escute.

— Que remédio, Sean? É casado. Você mentiu para mim. E mesmo sabendo que agora você é viúvo, tive um caso com um homem casado, caramba...

— Não foi assim. Tecnicamente, sou casado, mas não vejo Sandy há quatro anos. Não temos uma relação de casal desde que um dia tentou matar Milla sufocando-a com um travesseiro e eu a encontrei bem a tempo de salvá-la — expressou em tom desesperado, porque precisava que ela acreditasse nele, para entender que ele não estava mentindo, que não estava brincando com seus sentimentos.

Tracy abriu e fechou a boca. Que diabos?, pensou. Mesmo para sua poderosa mente criativa, isso era informação demais para uma noite. Precisava colocar sua vida em perspectiva. “Como uma mãe tentava matar seu bebê? Deus...”

— Preciso ir, Sean... Isso é demais... — ela sussurrou, ciente de que seus olhos estavam inchados de tanto chorar, e sua voz estava rouca. Além disso, quando chorava, ficava muito feia. Não como aquelas atrizes de cinema que, quando choravam, ficavam adoráveis e os heróis do filme sentiam que eram lindas dessa forma. Claro que não. Os deuses do Olimpo não a dotaram dessa arte física. — Eu preciso... eu preciso ficar longe de você, porque dói muito — disse em um tom de partir o coração. — Achei que tudo ficaria melhor depois de Boston... — olhou para baixo, ciente de como seu coração martelava no peito como uma bomba-relógio.

Sua vida parecia mais cheia de adrenalina do que a montanha-russa do Hulk no Universal Studios Orlando. Quem disse que nos momentos mais trágicos da sua vida um pequeno drama extra não vinha a calhar?

— Você viu o homem que eu realmente sou — disse Sean —, você entrou em minha casa e conheceu minha filha. Não posso ser falso com você, nem a

afeição de Milla por você. Desde o início acreditei que poderia lidar com a situação, minhas emoções por você, por isso propus esse acordo. Um negócio estúpido, porque no final acabei me apaixonando por você. É por isso que você era tão perigosa para mim, mas nada disso importa mais. Eu não mudaria um minuto desde o primeiro momento em que te beijei. Você acha que eu permitiria que você interagisse com Milla e compartilhasse conosco, se não a amasse e confiasse em você, Tracy? — perguntou com veemência. — Eu te amo e não vai poder me impedir. Mesmo se você desejasse que fosse uma mentira, porque meus sentimentos por você são tão fortes que levará uma eternidade para desaparecer.

— E achei que eu fosse o drama da equação — murmurou baixinho, porque a confissão de Sean foi agri-doce, quando, do contrário, teria sido a melhor notícia da vida dela.

— Tracy, diga-me que acredita em mim — pediu.

A dor em seu peito era insuportável. Em outro período de sua vida, a tristeza e o desespero teriam sido remediados com álcool e até mesmo com outras mulheres; também se cercou de estranhos em um bar para não se desesperar, mas era assim que se sentia agora: desesperado, preocupado e com pena de como Tracy descobrira que ele era casado. Dane-se a sua sorte.

— Suponho que tenho o pior *momento* do mundo no amor e nos homens em geral... — murmurou. — O carinho de Milla, por outro lado, eu sei que é sincero. As crianças não mentem, mas também se esquecem facilmente. Com o tempo, nem se lembrará do meu nome. Claro, com seu grande nível de criatividade, você vai inventar uma boa história para quando te perguntar sobre minha ausência — disse esta última com decepção. — Eu não sei nada. O que menos tenho agora são certezas...

— Preciso te explicar tantas coisas — disse Sean olhando para ela desesperadamente porque sentia que a estava perdendo. — Prometa que vai pelo menos me dar uma chance de me explicar. Se depois de ouvir toda a história sobre Sandy você ainda quiser se afastar de mim, eu entenderei, mas não desistirei de minha tentativa de reconquistá-la. Porque agora que encontrei

a única pessoa capaz de me preencher completamente, não vou deixar você se afastar.

— A confiança não se reconquista, Sean. Uma vez danificada, está perdida para sempre...

— Esse é um pensamento derrotado — disse Sean apavorado, pela primeira vez, de perder a única mulher que tinha sido capaz de permitir que ele abrisse seu coração sem reservas e envolvesse a pessoa mais importante de sua vida na equação do processo, Milla. Não apenas por ele, mas porque Milla adorava Tracy, tinha que resolver toda essa bagunça o mais rápido possível.

— Você acredita? — perguntou sarcasticamente se afastando dele. — Bem, nesse ritmo, além de ser um publicitário, você pode competir com Deepak Chopra.

Sean suspirou controlando-se. Ele morria de vontade de beijá-la, de apagar com suas carícias a dor que via refletida em seus olhos. Odiava ter que se conter. Ele odiava machucá-la assim.

— Eu deveria ter contado tudo isso antes, mas...

— Você me disse que não estava apaixonado por mim na sexta-feira. E hoje você diz que me ama. Está usando alguma droga? Porque, se for esse o caso, posso ligar para sua mãe e dizer que é meio maluco. E se o que você está tentando fazer é me segurar, mentir para mim, então estaria me ofendendo ainda mais...

— Eu disse que não estava apaixonado por você, porque você estava com medo — interrompeu. — Porque você estava com medo de se envolver mais comigo. Não queria que você se sentisse pressionada e diria você a qualquer momento, mas em um ambiente mais propício. Com o tempo. E agora toda essa situação com os Maynards está saindo do controle e me colocando em uma grande desvantagem diante de você.

— Para tudo você tem uma explicação, certo?

— Tracy...

Ela fez um gesto de mão para que ele não se aproximasse. Ele estendeu a mão, mas o olhar duro de Tracy o incentivou a abaixá-la imediatamente. Ela

não queria que ele a tocasse mais e doía saber, embora não imaginasse tanto quanto o fato de que Tracy pensava que ele a tinha traído com outra mulher.

— Minha demissão da empresa é irrevogável.

— Tracy, não. Sua visão no Grupo SW é vasta e você pode obter a oportunidade de que precisa para expandir em Toronto. Eu disse desde o início que seu trabalho nunca estaria em perigo. Se você quiser, pode trabalhar com Jackson, ele admira sua sagacidade e profissionalismo.

— Ou você aceita minha demissão ou não nos falamos de novo — se acomodou, pois seu nível de autocontrole estava prestes a entrar em colapso.

Por outro lado, ela também tinha que admitir — para si mesma, porque não ia dar mais elogios a Sean por suas virtudes — que ele estava cumprindo sua palavra. Sua posição de trabalho nunca esteve em risco, nem mesmo quando eles tinham discussões bastante agitadas. E mesmo depois daquele escorregão fantástico sobre a mesa de Sean, ele se controlou para manter o horário de expediente estritamente para fins comerciais e não voltou a falar sobre isso até que estivessem sozinhos. As noites com ele eram simplesmente inesquecíveis... Ela nem queria se lembrar de detalhes sobre isso, ou de qualquer coisa que a fizesse sorrir e menos ainda corar.

Como ela poderia ter sido tão crédula de novo? Talvez sua capacidade de julgar os homens estivesse atrofiada. Pena que não vendiam peças de reposição por ingenuidade... Seria preciso um bom lote para consertá-la.

Além disso, ela tinha medo, de um momento para o outro, de vacilar e pedir-lhe que lhe contasse tudo naquele momento, para convencê-la de que tudo ia ficar bem e que ele a amava; estava com medo de pedir que ele a beijasse até que a fizesse esquecer, até que só sobrassem os dois. Precisava sair daquela casa, agora. Ela não queria correr o risco de Milla acordar também, porque não estavam exatamente falando em um tom baixo e tendo que ver aqueles olhinhos olhando para ela com curiosidade. Ela adorava aquela garota tanto quanto o mentiroso do Sean.

— Não posso perder o seu talento na empresa, querida, mas prefiro isso do que não poder falar com você de novo... — disse ele com os ombros caídos

e as mãos nos bolsos do pijama. — Fique. Sente-se. Escute-me.

Ela negou.

— Você deve ligar para Blanch Maynard. Conserte seu passado. Faça o que tiver que fazer... — fechou os olhos por um momento, porque a dor de cabeça começou a martelar com insistência. — E se em algum momento eu me sentir pronta para ouvi-lo, então o farei. Me deixa sozinha. Isso é tudo que estou pedindo a você.

— Seu trabalho...

— Sempre consegui me virar muito bem sozinha. Vou encontrar um novo emprego, bem como uma maneira de colocar minha cabeça de volta no lugar. Quando me sentir pronta para ouvi-lo, se algum dia o fizer, avisarei.

Sean segurou as mãos dela com firmeza. A certeza de que ele iria ficar mais tempo sem ela, sem poder ouvi-la rir, sem beijá-la, sem fazer amor com ela, e sem ouvi-la se expressar com seus modos espirituosos, era devastadora.

— Olhe para mim — ele pediu, e ela não pôde recusar, olhou para ele. — Tracy, eu te amo. E não há nada mais sincero do que isso entre nós. Deixe-me explicar tudo quando você se sentir pronta para ouvir... Por favor. Vou esperar o que for preciso. Diga que acredita em mim quando digo que meus sentimentos por você são verdadeiros.

Ela apenas fechou os olhos.

— Adeus, Sean... — murmurou antes de se soltar e caminhar até a saída.

Quando ela chegou em casa, Tallulah a saudou com um miado amoroso que a fez chorar novamente. Felizmente, Becky estava em um encontro com um de seus amigos de foda locais, então ela não teria que enfrentar sua amiga. Foi até a cozinha e tomou um longo gole de água gelada. Foi refrescante.

Uma vez em seu quarto, tirou os sapatos. Ela foi até o espelho do banheiro e removeu a pouca maquiagem que costumava usar. Tirou os brincos e o relógio. Em seguida, se despiu e colocou o pijama.

Se deitou no colchão da cama em posição fetal.

Ela era uma sobrevivente. Ninguém iria mudar isso. Não era prova suficiente de sua bravura que ela sobreviveu às primeiras duas horas com o coração partido em centenas de pequenos pedaços irreparáveis? Esse foi seu último pensamento antes que as lágrimas parassem de correr pelo seu rosto, e ela estivesse — exausta — e finalmente adormecida.

CAPÍTULO 22

Três semanas depois...

Os jornais se banquetearam com a vida pessoal de Sean Winthrop nas primeiras semanas. Descobriu-se que ele era casado e agora viúvo. Não apenas isso, mas as circunstâncias da morte de sua esposa foram o assunto nas colunas de tabloide do país.

A sogra de Sean deu várias entrevistas nas quais ela deixou o genro como um bastardo que impiedosamente separou uma filha recém-nascida de sua mãe porque ela tinha problemas mentais. Também falou sobre o contrato de confidencialidade que os fez assinar, o pagamento que receberam para ficar longe de Milla, enquanto Sandy existisse. Houve até especulação de que Sean poderia ter esperado a morte iminente de sua esposa de um momento para o outro.

A crueldade e a falta de sentido de muitas das notícias, o ressentimento dos pais de Sandy em sua forma de se explicar durante as entrevistas, doeram em Tracy. Especialmente por Milla. Algum dia ela cresceria e leria tudo o que estava sendo publicado no momento sobre seu pai e sua mãe.

Tracy tinha até visto que os paparazzi estavam rondando o bairro em que moravam. Imaginou que seria um inferno para Sean e que certamente teria aumentado a segurança em sua empresa e em casa.

Leu tudo com tristeza e pesar pela exposição a que ele, tão privado, estava sendo submetido. As mentiras que estavam sendo contadas eram hediondas. Sabia que eram mentiras, porque — apesar de ter escondido aquela parte de sua vida dela — conhecia Sean em profundidade e muito mais do que as outras pessoas; ela sabia com a mesma certeza com que o amava. O homem por quem ela estava apaixonada não podia prejudicar outra pessoa

intencionalmente.

Muitas vezes teve vontade de pegar o telefone e discar para um dos editores dessas publicações para mandá-los para o inferno. As fotos do funeral foram eloquentes. Milla não compareceu e Tracy ficou feliz por não ter sido exposta aos holofotes das câmeras. A única pessoa ao lado de Sean era Jackson. “Então ele sabia da situação também”, ela não pôde deixar de pensar quando os viu nas fotos. Ela não se sentiu traída, mas experimentou uma grande onda de empatia. No entanto, tinha consciência de que aquelas seriam as piores circunstâncias para abordar, falar, tentar organizar o quebra-cabeça de emoções que entre os dois havia se espalhado e precisava se unir novamente para formar um todo novamente.

Suas emoções e ressentimentos empalideceram em comparação com o que Sean devia estar sentindo naquele momento. Se os papéis fossem invertidos, ela também teria escondido dele a existência de um passado como o que ele carregava. A história foi tão triste quanto trágica, mas acima de tudo, injusta.

"Por que você foi a primeira mulher com quem estive em muito tempo", confessou Sean. Ele não mentiu para ela. E ela, em troca de sua sinceridade, o havia condenado sem mais delongas... Ela ligava os fios entre os fatos que lia — falsos e outros verdadeiros — e aqueles que conhecia de primeira mão, e cada vez se sentia pior.

Apesar de tudo, Tracy não se sentia culpada. Isso não.

Ela agiu de acordo com suas próprias circunstâncias, impulsionada por seu passado e suas emoções. Como qualquer mulher que descobrisse que o homem com quem ela tinha um relacionamento era casado e ignorou as circunstâncias subjacentes à história. Quem poderia imaginar que a depressão pós-parto causaria tantos estragos em uma mulher? Onde estava a mídia, que gosta tanto de objetivar o gênero feminino e esquecer questões importantes, ao educar sobre os infernos que se abriam para uma mulher dar à luz e passar por aquela fase que, para muitos — como no caso de Sandy — não foi superada e — em vez disso — se transformou em um poço do qual não havia saída?

Ela não podia voltar no tempo, não, mas no momento em que decidiu se afastar de Sean para colocar sua vida em perspectiva, soube que era a melhor decisão. Quando ele confessou que não estava preparado para falar sobre seu passado e que esperava um momento melhor para contar a ela sobre sua esposa, ela não acreditou nele. Era impossível — considerando sua personalidade — ter a mente clara para ouvir e usar a empatia que — agora que estava longe dele — fluía em abundância.

Cada parte dela ansiava por estar ao lado dele.

A falta de fotos de Sandy — já tinha um nome para xingar à vontade, e sim, que a mulher descanse em paz — na casa de Sean, e o fato de Milla nunca ter ouvido seu nome, agora fazia todo o sentido. Ela não sabia que histórias ele teria contado para a menina, mas Tracy estava feliz por não ter que sofrer a perda de uma mãe que tentou matá-la quando bebê. Aquela parte da história — corroborada por um médico, que pediu anonimato, do centro psiquiátrico onde Sandy foi internada — tinha muitas cores, porque a fonte principal, Sean, não deu entrevistas. O pano de fundo, independentemente do que um ou outro pudesse dizer, era assustador.

Sim. Saber que ele era casado, que manteve isso longe dela por muito tempo, quase a destruiu. Compreender o contexto, a realidade de Sean, a desarmou. No entanto, nada disso apagou o fato de que ele havia ocultado informações dela.

Deus, ela estava morrendo de vontade de estar com ele e deixá-lo saber que tinha seu apoio. Foi horrível. Exigiu confiança e quando questionado em troca, o que fez? Se afastava. Porque ela também esperou muito tempo para se abrir com ele sobre Adrian. Mais uma vez, caiu na política de ter dois pesos e duas medidas. Ela tinha vergonha de si mesma nesse sentido.

Ela odiava saber que todo esse infortúnio teve que acontecer para ela acreditar em Sean. Não era decepcionante? Talvez ela não merecesse aquele homem. Seus sentimentos, comparados à dor de um pai ao ver o nome da filha nos tabloides, careciam de relevância.

Tracy imaginou que Eugenia preferia ficar aos cuidados de sua neta a se

reunir com os Maynards, especialmente depois do dano que eles estavam causando publicamente. Mais chocante de tudo? Não houve entrevista com Sean.

Em todos os comunicados de imprensa, ao final, foi referido que o escritório do Grupo SW foi contatado, mas apenas receberam recusas ao pedido de falar com o CEO da empresa. Quem seria a nova assistente de Sean?, perguntou-se Tracy.

Ele não se defendia na frente da imprensa, e o tempo todo — nas fotos — usava óculos escuros, então Tracy também não conseguia interpretar o que ele podia sentir ou não. Durante o tempo em que estiveram juntos, aprendeu a ler muito bem; os olhos de Sean eram expressivos quando vulneráveis, mas também podiam ser protegidos quando ele preferia manter os outros longe de seus pensamentos ou emoções.

— Ouch! — exclamou Becky, tirando o jornal de suas mãos. — Você parece uma velha fofoqueira lendo jornais e não fazendo nada a respeito. Está planejando ficar de pijama o dia todo?

— Não, *mamãe Becky*, o que acontece é que estou parando um pouco para pensar sobre a situação.

Tallulah aproveitou o momento para sair do sofá e sair andando pela casa em busca de algum entretenimento ou feromônios menos perturbados.

— Bem, então deixe a meditação para os monges tibetanos e vá encontrar Sean. Ou você espera que ele rasteje para pedir seu perdão, depois de todo o inferno que estourou ao seu redor?

— Acho que preferia não ter contado o que aconteceu — disse fazendo uma careta e se levantando. Sim, começou a delinear as diretrizes para uma nova agência de publicidade, mas não estava com vontade de fazer nada por enquanto, então estava indo em um ritmo de tartaruga. Era normal? Provavelmente.

Becky balançou a cabeça e entregou-lhe uma xícara de café fumegante.

— Ele precisa de você. E você precisa ouvir a história toda também. Pare de ler besteiras e mergulhar em reflexão constante. Faça algo. Quantas

semanas mais você planeja esperar?

— E se ele não quiser mais me ver? — perguntou.

— Sério, Tracy — disse Becky com as mãos na cintura —, você está perdendo seu tempo como publicitária quando pode ir a Hollywood tentar ser atriz. Seria melhor para você. Deixe de bobagem.

— Tão engraçada...

— Saia daqui, mocinha! Vá se vestir e encontre aquele homem para lhe dizer que você lamenta ter sido uma covarde e que deseja ouvir o lado dele da história. Acima de tudo, diga a ele que você o ama. Estamos entendidos?

— Sim, *mãe Becky* — respondeu com um sorriso quando sua amiga lhe deu um abraço, e ela retribuiu.

Foi para o quarto tomar banho. Ela tinha uma missão a cumprir pelo bem de sua sanidade, mas especialmente seu coração e o de Sean. "Se ele ainda estiver interessado."

Sean observou a filha dormir. Faria e daria tudo por ela. Graças à sua mãe, ele conseguiu manter Milla protegida do circo que a mídia que estava armado com a morte de sua esposa. Maldita Sandy, mesmo depois de morta, continuou a causar estragos em sua vida pessoal.

Chegar ao hospital psiquiátrico para assinar todos os papéis foi um caos. A imprensa o seguiu, mas ele decidiu se proteger completamente, e em todos os momentos teve o apoio de Jackson e Lucy, assim como de seus outros amigos que sabiam dos antecedentes de seu casamento e da existência de Sandy.

Ele que esperou anos por um telefonema dos médicos indicando que Sandy estava com a cabeça bem para assinar o divórcio. Ele que havia esperado o telefonema de seus advogados dizendo que tinham tudo pronto e assim finalmente poderia se livrar para sempre daquela mulher. Nada disso aconteceu.

Sandy, tão apegada a tentar fazê-lo se sentir um idiota, optou pela única saída que o tornava um péssimo marido e um péssimo pai de família. No geral,

um péssimo ser humano. Havia se matado com uma faca que roubou, ninguém no maldito hospital psiquiátrico sabia como diabos, cortando seus pulsos. Quando a encontraram, ela estava sangrando e inconsciente, e faleceu antes que pudessem transportá-la na ambulância.

O único motivo pelo qual Sean se casou com Sandy foi porque ela estava grávida de Milla. Ele acreditava que esse vínculo os aproximaria e a tornaria uma mulher mais feliz, pois havia percebido, em raras ocasiões durante o namoro, que ela costumava ter episódios depressivos. *Estou bem. São só momentos tristes, Sean, não veja problema onde não tem*, ela dizia quando ele se preocupava. Tão atordoado pela paixão e desejo que Sandy despertou nele, deixou passar.

Depois que se casaram, uma noite tiveram uma discussão. Milla tinha um mês de idade e era um bebê muito inquieto que dormia pouco. Sandy insistiu que queria sair de férias por um mês em um cruzeiro pelo Mediterrâneo, porque precisava de uma folga da maternidade. Sean disse-lhe que era melhor cuidar da filha, porque ela era a coisa mais preciosa que ambos tinham e que a Europa podia esperar mais um ano e o mar não ia dar um passeio. A discussão foi resolvida como de costume, na cama.

Quando Sean voltou do escritório no dia seguinte, a casa estava silenciosa. Foi uma coisa muito estranha, porque às oito horas da noite Milla acordava para mamar. Talvez o instinto paterno ou não sabia o quê, o que interessa é que subiu correndo a escada e o que viu lhe gelou o sangue.

Sandy estava em cima do bebê com um travesseiro, sufocando-o.

Sean a pegou pelo braço e a empurrou, jogando-a sem cerimônia contra a parede, enquanto agarrava o pequeno pacote que começou a chorar histericamente. Ele se virou para Sandy e disse a ela para sair de casa. Que nunca mais veria sua filha. Sandy enlouqueceu, tentou bater nele e arrancar Milla de seus braços, mas Sean não deixou. Ele se trancou em seu quarto e fez algumas ligações.

Quando ele desceu, ouvindo as sirenes do carro da polícia, sua esposa havia sumido. O que houve foi uma destruição completa dos ornamentos da

casa. Tudo quebrado e espalhado pelo chão. Ele tentou rastrear o paradeiro dela, mas nenhum dos amigos com os quais costumavam sair parecia tê-la visto.

Horas depois, foi relatado um acidente de trânsito no qual ele foi informado de que Sandy havia ficado inconsciente e estava internada.

Ele teve uma grande briga com os sogros, porque eles queriam ficar com Milla para que Sean pudesse cuidar de sua esposa. *Para que servem os médicos?* perguntou a eles, tomando sua filha em seus braços. A pouca estima que ele já tinha por sua esposa se extinguiu em um piscar de olhos.

Ele explicou aos Maynards que Sandy estava prestes a matar o bebê, mas eles estavam em constante estado de negação. Então Sean teve que tomar outras providências, porque a única coisa que realmente importava era a vida de sua filha. Ele não poderia colocá-la em risco sob os cuidados de sua esposa. Foi então que ele percebeu que se casar com Sandy pelos motivos errados, luxúria e gravidez, foi a pior decisão de sua vida.

Ele acertou tudo com seus advogados para exigir o divórcio e obter a custódia total de Milla quando Sandy tivesse alta. Foram a julgamento, e a psiquiatra que atendia Sandy — porque ela teve depressão pós-parto — declarou que sua paciente era maníaco-depressiva. Com base no fato de que Sandy ocultou essa informação vital dele antes de se casar, e na tentativa de homicídio, exigiu a custódia de sua filha, e o juiz concordou. Sandy foi confinada a um sanatório em troca de não ter sido enviada para a prisão por negligência e tentativa de homicídio.

Poderia chamá-lo de sem coração, porque sua esposa — depois do acidente — como resultado do impacto dos golpes na cabeça teve desmaios. Esse argumento foi usado pelo advogado dos Maynards para evitar o divórcio de Sandy. Os pais argumentaram que se ele se divorciasse, naquelas condições, destruiria sua única filha. Sean não conseguia acreditar no nível de egoísmo estúpido daquela família que, ele havia descoberto tardiamente, só se importava com o que a sociedade poderia dizer. Quando Sean realmente se importava com a segurança de sua filha e longe de uma mãe com problemas

mentais que queria matá-la. Porque um dia podia ser Milla, e outro, ele.

No entanto, embora ele tenha lutado, o juiz negou a Sean a anulação até que Sandy — sob avaliação médica — estivesse em todos os seus cinco sentidos para assiná-lo. Ele não teve escolha senão aceitar, mas sabia que seria sua condenação não poder se casar novamente se encontrasse uma mulher que pudesse restaurar sua confiança no gênero feminino e que, além disso, também amasse sua filha. Eles eram e sempre seriam um pacote. Nenhum ia sem o outro.

Irritado, após o longo julgamento em que Sandy ficou chocada com todas as suas acusações e pedidos, Sean precisava encontrar outra saída, porque ele não queria ter nada a ver com seus sogros. Os Maynards se permitiram ser comprados em troca de não se intrometerem na vida da neta e deixá-lo sozinho; eles concordaram em assinar um documento de confidencialidade. E assim foi até que, por causa da morte de Sandy, não estavam mais vinculados a nenhuma cláusula.

A bruxa de Blanch estava dando munição para todos os jornais, e eles eram impiedosos. Ele odiava a ideia de que algum dia essa informação estaria disponível para Milla. Com o passar dos anos, ele teria que contar a verdade amarga para a garota, mas enquanto pudesse protegê-la, faria isso sem hesitação.

— Papai...

Ele abriu os olhos ao perceber que estava adormecendo com a cabeça apoiada na cama da filha, enquanto se lembrava de seu passado amargo. Seu passado tinha sido sua corrente. Aquela decisão errada que o arrastou para baixo e impediu a possibilidade de oferecer tudo a outra mulher.

— Minha princesa — ele disse com amor acariciando seus cabelos macios —, o que há de errado com você, não consegue dormir?

— Por que esses senhores foram na minha escola, papai?

Ele franziu a testa.

— Eu não sei do que você está falando, minha doçura. Me diga mais.

— Alguns senhores que queriam tirar fotos minhas e me perguntar

coisas, papai. Mas aqueles homens grandões que você fala para me proteger não me deixaram falar nada... — comentou olhando para ele com seus grandes olhos expressivos.

Sean reprimiu uma maldição. Para esses casos, o nível de perseguição já deveria ter diminuído. Ele não era egoísta, nem era mal, mas esperava que logo houvesse uma fofoca mais apimentada do que ele no meio da tempestade. Ele contratou guarda-costas para Milla, e agora que a garota fez esses comentários, ele estava feliz por ter tomado a decisão de protegê-la.

— Oh, esses são fotógrafos e jornalistas, são buscadores de informação. Mas você é muito pequena, então eles não precisam perguntar nada. Ignore-os na próxima vez que os vir. Ok?

— Ok, papai — disse com um bocejo e se acomodou ao seu lado.

Sean sorriu.

Quando pensou que ela estava adormecendo, ela falou novamente.

— Papai...

— Sim, princesa?

— Eu quero que a Tracy volte, ela me ama, papai... — ela murmurou antes de adormecer novamente, deixando Sean triste.

Ele imaginou que, depois de toda a confusão que havia estourado, Tracy não iria querer nada com ele. Mas Sean iria manter sua promessa. Ele ia dar-lhe tempo até que ela decidisse que podia ouvi-lo. Por três semanas infernais, apagou os incêndios que Sandy iniciou com seu suicídio, e os que Blanch e seu marido, Oleg, criaram com a ambição de vender suas mentiras para os tabloides e programas de rádio.

Com a quantidade de mentiras que saíram nos jornais, e que certamente Tracy teria lido, ele não a culparia se ela decidisse fazê-lo esperar mais. Ele era paciente, mas cada dia que passava sem ela afetava seu coração.

Dois dias depois, Tracy sentiu seu coração batendo mil por segundo.

Estava parada do lado de fora da porta de Sean, segurando um lote de

quatro cupcakes grandes. Todos decorados com motivos do filme Valente. Uma oferta de paz para Milla que — certamente — sentia falta de doces que não foram queimados por um cozinheiro ruim como seu pai. Como era sábado de manhã às nove da manhã, o mais provável era que os dois estivessem em casa.

Tracy escolheu com cuidado suas roupas. Ela estava usando um vestido roxo que parecia inocente, mas as costas estavam nuas. Demorou muito para descobrir como usar sutiãs especiais para os seios. Mas o resultado valeu a pena. Seu cabelo estava solto e ondulado. Sabia que Sean ficava enlouquecido com seu sabonete de amêndoa de coco, então também aplicou um óleo de coco muito sutil em seus pulsos e pescoço. Como maquiagem, aplicou apenas um pouco de corretivo para olheiras, e o delineador preto que emoldurava seus olhos azuis criando um impacto sutil.

O mais difícil era não se sentir confiante em sua aparência, mas nas palavras que ela diria a Sean. E ainda mais difícil para ele acreditar nela. Com tudo que ele obviamente tinha em seu panorama, o mínimo que desejaria seria um relacionamento com uma mulher incapaz de lidar com seus medos e culpá-lo por ter os seus próprios.

No dia anterior, um escândalo de corrupção estourou envolvendo dois economistas famosos e uma das maiores corporações esportivas do Canadá. Então o assunto Sean e Sandy foi esquecido. Não havia mais nem mesmo pequenas fotos com comentários, e os programas de rádio pareciam ter incorporado a amnésia em seus noticiários.

Agora, não é como se Sean fosse uma estrela de cinema ou televisão, mas ele era bem conhecido por seu trabalho. Aquele ar de mistério e segredo que ele sempre manteve foi quebrado por um escândalo, e foi como o mel para as abelhas quando o suicídio de Sandy veio à tona.

Tudo parecia ter voltado ao curso normal.

Não poderia haver lugar melhor, disse a si mesma na noite anterior, para ir ver Sean. Também não havia medo de encontrar jornalistas por perto, e se eles tivessem aparecido naquele momento, teriam enfrentado um de dois: ou um soco dela ou uma série de insultos — não femininos. — Este último teria

rendido a ela uma categoria inferior em seu nível de atriz principal de papéis dramáticos, e a teria enviado ao degrau da atriz coadjuvante ofendida que o roteirista acabava assassinando. Bem, certo então?

Respirou fundo. Teve um acesso de tosse e derrubou os cupcakes no chão. "Merda." Ela se preparou mentalmente antes de bater na porta, mas o barulho da bandeja de doces caindo no chão alertou os proprietários. A próxima coisa que ela soube, a porta foi aberta, e dois lindos olhinhos a encararam com espanto.

— Papai! Papai! Venha rápido! — gritou a garota, olhando incrédula para Tracy, como se o palhaço de IT do romance de Stephen King tivesse aparecido. Então percebeu o que havia caído ao lado das botas pretas baixas e fez beicinho para Tracy.

— Sinto muito... — murmurou ao ver o rosto da garota prestes a chorar —, vou fazer outros cupcakes para você. Eu prometo. Oi, Milla — sorriu timidamente. — Você fica muito fofa com seu pijama da Patrulha Canina. Esse desenho é o melhor.

— Senti sua falta — disse Milla do nada. E os olhos de Tracy se encheram de lágrimas enquanto ela mantinha o olhar fixo na garota. — Você não vai de novo, não é?

— Eu...

— Bom dia — disse a voz inconfundível de Sean, fazendo Tracy se endireitar para olhar para ele.

Sua voz profunda sempre parecia alcançá-la no nível físico, e depois de tantas semanas sem vê-lo, o efeito foi devastador.

— Sean... — murmurou absorvendo o rosto dele.

Houve um momento de silêncio absoluto, quando os olhos azuis brilhantes de Tracy colidiram com os olhos negros de Sean. O fogo ardente fez a pele de ambos arrepiar, e as batidas fortes em seus corações não eram uma sensação unilateral.

Milla quebrou o feitiço pegando a mão de Tracy e instando-a a entrar. Antes de prosseguir, se voltou para o pai.

— Pai, a Tracy trouxe cupcakes mas deixou cair, disse que vai fazer mais!

— Já limpo, princesa, não se esqueça que tem que terminar o teu copo de leite. — Ele olhou para Tracy, que o observava com uma pitada de insegurança e um pouco de esperança. Ele disse: — Estávamos terminando o café da manhã, você quer se juntar a nós?

— Sim, obrigada — Tracy murmurou e imediatamente se deixou guiar por uma inquieta Milla que já começara a lhe contar o novo capítulo de sua série de desenhos animados favorita.

O choque de vê-la novamente o deixou atordoado. Seu tom abrupto ao cumprimentá-la pode ter dado a impressão de que ele não estava feliz por tê-la por perto novamente, mas ela não poderia estar mais errada se estivesse considerando isso. E ela parecia tão bonita e sensual que ele não queria nada mais do que abraçá-la e nunca mais deixá-la ir.

Se Tracy estivesse lá, ele poderia esperar que juntos pudessem funcionar. Era imperativo que ela tivesse certeza de que podia confiar nele, porque sem isso o caminho seria ainda mais íngreme para os dois; sem isso, não poderia haver amor duradouro, e ele ansiava por tê-la com ele e Milla para sempre.

— Papai, você limpou tudo? — perguntou Milla quando Sean voltou para a cozinha e lavou as mãos na pia.

— Desculpe pela bagunça na entrada — Tracy murmurou sem olhar para ele.

A garota sorriu.

— Tracy prometeu me fazer novos! — exclamou.

Sean olhou para elas e seu coração se encheu de amor. Eram as duas pessoas mais importantes de sua vida.

— Que bom — disse ele sorrindo cautelosamente para sua filha. — Senhorita, você tem que escovar os dentes, trocar de roupa, porque a vovó virá buscá-la em breve.

Milla olhou para Tracy enquanto bebia uma xícara de leite.

— Você vai ficar quando eu voltar? — ela perguntou esperançosa. Confiante de que Sean não a expulsaria de casa, Tracy assentiu, sem olhar para o homem que estava causando um curto-circuito em seu cérebro e seu sangue fervendo de alegria.

— Claro que sim, garotinha — ela disse, enquanto a garota pulava de dois em dois e saiu da cozinha. — Aqui estarei. — Este último não era apenas para a filha, mas também para o pai.

— Você já sabe que é bem-vinda nesta casa, então pode comer o que quiser. — Tracy assentiu, murmurando 'obrigada'. — Não demoro muito para arrumar Milla. Hoje irá com minha mãe e meu padrasto passar o fim de semana nas Cataratas do Niágara.

— Oh, e você não vai...?

— É um passeio de avó e neta. Elas estão adiando, mas acho que é a hora certa para eles saírem da cidade e se divertir longe de toda a agitação. Volto num instante.

CAPÍTULO 23

Assim que se despediram de Milla, o silêncio se instalou na casa. Os dois ficaram no sofá. Um na frente do outro. O tique-taque do relógio de parede de repente parecia mais alto do que se lembrava.

Ele pigarreou.

— Estou feliz que veio — disse Sean quebrando o gelo. — E você está tão bonita hoje...

Tracy riu baixinho.

— Obrigada.

— Vai se sentar aí ou talvez queira me dar a chance de ficar mais perto? — perguntou.

— Prefiro a distância, porque acho que não vou conseguir me manter firme e dizer o que estou pensando.

— Eu sou tão irresistível? — perguntou ele brincando com ela. Deus, o quanto ele tinha sentido falta dela.

— Até queria, mas não — disse rindo. Isso ajudou a reduzir não só a tensão emocional, mas também a tensão sexual que foi forjada com uma força que parecia crescer mais e mais às vezes. — Tem mais a ver com tentar mantê-lo afastado e fazer com que meu cérebro se comunique por meio de minhas cordas vocais tudo o que é importante — acrescentou isso seriamente.

— Eu sei, você não tem ideia de como é difícil não poder tocar em você... Pelo menos você está aqui — disse ele docemente, olhando para ela com seus olhos negros profundos —, e para mim é um grande avanço... Obrigado por ter vindo...

Ela assentiu e respirou fundo. Iria precisar de todas as suas forças para aceitar seus erros e expressar suas emoções. Não entendia como, para o ser

humano, era sempre tão difícil verbalizar o amor.

— Eu deveria ter estado lá por você — respondeu, e percebeu como os olhos de Sean escureceram —, mas preferi me isolar por um tempo para tentar entender como tudo que eu sentia me afetava e poderia afetar você também. Eu precisava lamber minhas feridas sozinha, porque quando recebi aquele telefonema e descobri que você era casado, me senti traída, ainda mais, quando te contei sobre Adrian e você não conseguiu tocar no assunto de Sandy.

— Um erro muito sério da minha parte. E eu assumo a responsabilidade pela dor que causei a você, Tracy — murmurou Sean.

— Quando tantas mentiras sobre você saíram na mídia, me senti impotente — confessou —, porque não queria nada mais do que vir aqui e te abraçar. Mas o circo da mídia que havia sido montado, a maneira como seus ex-sogros falavam, parecia-me pressão suficiente para tolerar acrescentar a isso uma amante furiosa com uma necessidade urgente de exigir respostas.

— Tracy...

— Não, me escute, por favor, antes que eu perca a coragem de fazê-lo. Ok? — perguntou olhando para ele com sinceridade.

— Ok — disse ele, e encostou-se no encosto macio do sofá da sala —, temos tempo. Ninguém vai nos interromper.

— Eu não deveria ter culpado você por mentir para mim, quando eu também fiz isso, embora sua mentira tenha me magoado muito. Fiquei desapontada porque acreditava que podia confiar em você e que, a longo prazo, talvez nosso relacionamento pudesse mudar de apenas um caso para algo mais... digamos, sólido. Levei muito tempo para contar a você sobre Adrian e meus medos, mas eu o julguei pelas dúvidas que tinha sobre os seus. Isso não foi justo. Também menti quando disse que queria manter uma relação estritamente física com você, porque em algum momento comecei a me apaixonar por você e queria que você me amasse... — apertou os dedos juntos, olhou para baixo. — O dia em que você me disse que não estava apaixonado por mim foi como um balde de água fria e serviu de desculpa para justificar minha necessidade de me afastar e não me expor.

Sean odiou ver a expressão de dor que ela tentou esconder naquele dia. Claro que percebeu, mas não era o chamado para fazê-la abrir o coração, menos quando ele não tinha contado a ela sobre seu casamento com outra mulher. Ele se arrependeu de não ter suportado a pressão que queria exercer, para que ela não fugisse dele naquela noite de sexta-feira, de outra forma. Mas não importava mais porque, no final, Tracy havia decidido se afastar de qualquer maneira, e então sua maldita Caixa de Pandora explodiu em seu rosto.

— Lamento ter magoado você...

— Não estou dizendo para recriminá-lo, só quero que saiba como me senti, porque é importante para mim.

— Eu sei. Por favor, continue...

Ela assentiu.

— Eu li os jornais. Você sabe que sempre leio a imprensa e gosto de ser informada de tudo. — Ele assentiu suavemente. — Ver você, de óculos escuros, tentar parecer forte quando sabia que você estava preocupado com Milla, partiu meu coração. Lamento a morte de sua esposa nessas condições, mas não lamento que sua sombra finalmente o tenha abandonado para que possa ser livre. Foi por causa dela, por estar ligado a esse casamento, que você me ofereceu para ser sua amante e não outra coisa, estou errada? Foi por causa dela que você não esteve com outra mulher, a nível mais pessoal, durante esses anos, certo?

Sean carregou aquela mulher sob sua pele. Muitas mulheres transformavam os homens em um nível primitivo, mas aquelas que eram como Tracy faziam o homem esquecer as dificuldades e abraçar a esperança.

— Sim, Tracy. Talvez no começo eu pensei que poderia eliminar a necessidade de ter você se nos envolvêssemos em um breve caso, mas aos poucos fui a conhecendo, e cada vez sentia a necessidade de ter cada vez mais de você. Acho que essa necessidade não vai mudar — disse ele com a mesma sinceridade com que ela falava. — Fiquei frustrado por não poder entrar em um

relacionamento com alguém, porque não sabia quando receberia um telefonema do meu advogado ou dos médicos de Sandy dizendo que eles finalmente me diriam que ela poderia ter garantia legal de assinar os papéis do divórcio. Fiquei ainda mais frustrado quando percebi que estava apaixonado por você e não poderia lhe dar mais do que você merecia. Doeu-me quando você saiu, e do jeito que você descobriu sobre o meu passado — olhou para baixo —, apesar do dinheiro que tenho e que pode me comprar coisas inimagináveis, a única coisa que eu realmente queria, não podia comprar, nem sequer minhas influências pareciam suficientes. Minha liberdade emocional foi proibida para mim com outra mulher. Por muitos anos me senti culpado e acreditei que o acidente de Sandy foi minha culpa. Eu estava fazendo terapia, estava retraído em mim mesmo, em meu próprio mundo profissional e como um homem de família, até que entendi que o que eu realmente fazia era proteger minha filha, e as ações de Sandy eram o resultado de suas próprias decisões, coerentes ou parte de seu problema mental. No dia em que você apareceu no meu caminho, Tracy, eu estava em um momento em que não apenas me sentia roubado, mas também furioso com o destino.

— Oh, Sean... — disse dessa vez sem conter as lágrimas —, quanto tempo foi perdido. Quantas possibilidades foram tiradas de você.

— Minha única recompensa é que você entrou na minha vida — sorriu. — E vou continuar esperando por você até que decida que pode me perdoar.

Ela soltou um suspiro.

— Não, Sean, acho que você tem vivido injustamente em penitência emocional, quem sou eu para julgá-lo se não puder ser sincera primeiro? — disse com tristeza. — Lamento muito que sua esposa tenha sido a causa de uma situação tão difícil.

Ele grunhiu e correu os dedos pelos cabelos enquanto se lembrava de todo o inferno que seu casamento tinha sido. As brigas, os insultos, as coisas que voavam de um lugar para outro batendo nas paredes toda vez que Sandy estava tendo uma de suas crises.

— Tentou matar Milla, Tracy... Uma noite eu a encontrei tentando

sufocá-la com um travesseiro. Ela era maníaco-depressiva e eu não sabia — disse dando detalhes que raras pessoas sabiam. — O parto a mergulhou em uma depressão brutal e ela não conseguiu se recuperar. Teve um acidente de trânsito que acabou gerando apagões devido ao impacto da pancada na cabeça... Tomei uma decisão com base na minha juventude, nos meus sonhos utópicos, e não via mais nada. Sandy engravidou e achei melhor me casar. Foi um erro terrível, mas a única coisa que me restou e do que nunca vou me arrepender é minha filha.

— Sean... Sinto muito por tudo que você passou... Lembrar é reviver a dor do passado, e não quero que isso aconteça com você de novo. Quero esquecer o que aconteceu, para o bem de nós dois. Por você e por Milla.

— Não poderei esquecer, porque sou a pessoa que me tornei devido a muitas das circunstâncias que me marcaram. No entanto, posso garantir que a liberdade que tenho é a melhor compensação depois de todo esse desastre. Nem posso esquecer, porque então não poderia valorizar a única mulher que realmente tenho interesse em ter ao meu lado.

Ela baixou o olhar e ergueu o rosto para ele novamente.

— Sean — disse —, desculpe por ter deixado você... Se você ainda quiser tentar, só quero que saiba que te amo de uma maneira que não posso explicar. Você está em cada pensamento, e sua dor é minha... Nada mais quero do que sorrir de novo sabendo que sou emocionalmente recompensada. Não estava nos meus planos me apaixonar, mas não vou fugir de novo se me quiser de volta... — Ela sorriu com certa insegurança, pois ele a observava com intensidade. — Embora se não, então... Não sei o que mais eu poderia lhe dizer ... e... Eu só preciso de você comigo.

Logo, ele devolveu o sorriso, e ela podia sentir o calor se expandindo em seu corpo e preenchendo os cantos que estavam frios por sua ausência. Em vez de se aproximar dela, Sean se afastou, deixando-a confusa. Ele não disse nada.

— Sean? Está tudo bem? — perguntou em voz alta, mas ninguém respondeu.

Começou a tremer. Ele estava se sentindo mal e precisava de um tempo

para si mesmo? Deveria ir atrás dele? Suas perguntas foram respondidas quando Sean voltou, descendo as escadas rapidamente, e desta vez ele se aproximou sentando ao lado dela. Sua proximidade enviou ondas de calor ao seu corpo, cada canto que permanecera sob o frio do ressentimento e da tristeza, começou a experimentar o conforto da proximidade do homem que tanto amava.

— Você me ama, Tracy? — ele perguntou, acariciando sua bochecha suavemente.

Ela sorriu, iluminando o mundo de Sean.

— Mais do que tudo no mundo, e adoro Milla.

— Não sei como tive tanta sorte, mas não vou decepcioná-la de novo. Chega de segredos — disse ele com intensidade e ela assentiu. — Estou louco por você, e essas semanas têm sido um inferno longe de você. Eu te amo tão intensamente que deveria ser proibido. Me faz sentir e querer viver tudo contigo ao meu lado. Adoro fazer amor contigo e estarmos tão intimamente unidos que somos um; nunca senti por ninguém a sensação de pertencer verdadeiramente um ao outro.

Ela riu em meio às lágrimas e o abraçou.

— Eu preciso te beijar — disse ele, apertando-a com força em seus braços, e então se afastou aos poucos até que suas bocas estivessem bem perto —, e se você não quiser me beijar porque ainda tem coisas a dizer para mim, então vai ter que me afastar ou então...

Ela não queria mais palavras, e fechou a distância entre os dois. Um gemido baixo escapou de sua garganta quando Sean tocou seus lábios. Aos poucos, ele varreu sua boca suavemente, e pressionou para que a deixasse entrar. Ela suspirou e aceitou a invasão sensual da língua masculina. Ela o agarrou pela camisa de tecido macio, cerrando o punho em seu peito com tanta força e firmeza, e quase podia dizer que o tremor de seus músculos era palpável, assim como as batidas daquele coração que pertencia a ela.

Sean resmungou algo sobre paixão e a mulher de sua vida, enquanto saboreava aquela boca que tanto sentiu falta com desejo febril. Ele absorveu o

aroma dela, aquele que era capaz de trazer consolo, amêndoas e coco. Tão ela, tão dele. Beijá-la foi como voltar para casa. Um lugar que sempre o recebeu com uma recepção calorosa e doce. O gosto de Tracy era luxúria, entrega, doçura e muito dela. Sempre dele. Ele não iria deixá-la escapar. Iria persegui-la aonde quer que fosse até que conseguisse tê-la ao seu lado. Aos poucos, abriu os punhos e deslizou as mãos sobre os peitorais até chegar à nuca e emaranhar os dedos.

Ela brincou com o cabelo de Sean e perdeu a noção de qualquer coisa que não envolvesse o perfume masculino e o toque de seu corpo. Gostava de senti-lo ao lado dela, e a vibrante dureza masculina. Ela começou a tirar as mãos da nuca dele e começou uma descida sensual até chegar à virilha de Sean, e ele ofegou.

— Espere... — Sean murmurou relutantemente se afastando. Ele encostou a testa na de Tracy. — Espere, boneca. Não quero que saia do controle antes de fazer algo sobre o qual tenho meditado por muitos dias.

— O que foi? — perguntou confusa e ofegante.

Sean enfiou a mão no bolso direito da calça e se ajoelhou na frente de Tracy. Ela olhou para ele com olhos arregalados.

— Sean... — cobriu a boca com a mão. — Em que momento...?

— Comprei o anel um dia depois que você partiu para Boston. Não sabia se você voltaria logo, e mesmo não sabendo quando poderia ser livre, sempre soube que não queria ficar com outra mulher que não fosse você e que iria lutar por você, sempre lutarei por você. Eu só queria te dar um tempo, mas então tudo deu errado...

Ela soltou um soluço.

— Oh, Deus... Sean...

— Tracy, não posso viver mais um dia sem você. Minha filha a adora, e para mim isso é inestimável. Quero que seja a companheira da minha vida, a mãe dos filhos que possamos ter, um exemplo para Milla, minha cúmplice e minha amante, mas, acima de tudo, quero que me dê a honra de concordar em ser minha esposa, você casaria comigo?

Com lágrimas nos olhos, ela se jogou nos braços de Sean e os dois caíram no tapete. Tracy beijou-o no rosto, abraçou-o, disse-lhe que era a mulher mais sortuda por tê-lo, mas que não tirasse outro trapo sujo do armário porque o estrangularia. Ele riu.

— Minha vida — disse ofegante, posicionando-se sobre ela —, você não me respondeu. — Tentava não deixar o anel cair de sua mão. — E não tenho o poder de adivinhar seus pensamentos.

— Acho bom... — respondeu rindo. — Estou tão feliz, Sean. Tão, tão feliz. Ele pigarreou.

— E estarei mais quando você decidir me responder — murmurou ele, mordiscando seu lábio inferior. — Vamos, tire-me da minha miséria e diga que concorda em ser minha esposa.

Ela deu a ele o sorriso mais amplo, sincero e amoroso que pôde.

— Sim, claro que aceito. Eu te amo muito, Sean!

— E eu a você.

Quando a noite caiu, nus e aninhados na cama de Sean, se entreolharam. Fizeram amor várias vezes e depois conversaram sobre tudo. Houve risos e lágrimas, mas principalmente de amor.

— Você sabe quem ficará feliz quando chegar em casa amanhã? — perguntou ele, acariciando seu peito nu suavemente. Ele gostava de tê-la ao seu lado, suave e quente e dele. Se sentia muito possessivo com Tracy e não achava que isso iria mudar.

Ela sorriu para ele.

— Milla... Porém, uma coisa é me ver com mais frequência, e outra você dizer que vou me casar com você — comentou com um leve tom de dúvida.

— Sempre me perguntava sobre você, até que fiquei sem desculpas e tive que começar a mudar de assunto. — Ela abriu e fechou a boca com pesar. — Acho que agora será sua parceira — sorriu.

— Senti muito a falta dela e estava muito preocupada com a maneira como a situação com os Maynards poderia afetá-la — confessou —, mas a

certeza de que você é um ótimo pai para ela me deixou tranquila. Notei como você a isolou, e assim nenhum meio poderia especular com sua fotografia. Ninguém tem o direito de invadir como os jornais o fizeram, a vida de uma pessoa, menos quando há menor de idade. Suas qualidades humanas e sua ética como pai é uma das coisas que amo em você.

— Obrigado, minha vida.

— Só estou dizendo a verdade — ela respondeu beijando-o por longos segundos.

— Minha filha a adora, Tracy, e ela não é uma garota muito dada a se apegar às pessoas. Você deixou uma marca em Milla e outra mais profunda em mim.

Ela sorriu docemente para ele.

— Seria uma honra para mim guiá-la, mas veja, não acho que será de muita ajuda para você porque eu mesmo sou um desastre — disse rindo. — Já te disse que a minha empresa ainda está no papel porque não tive cabeça para a abrir. Espero que eu possa fazer isso em breve. Viva a independência feminina no trabalho! Yeiii.

Sean riu.

— Você vai. Você é muito talentosa. Então pode até ser minha concorrente. Agora, vamos falar sobre algo que segue as linhas do que é importante.

Ela franziu o cenho.

— Vamos ver... — O que mais você ama em mim, Srta. Goldstein? — perguntou ele em um tom sensual, muito ciente de que ela estava acariciando seu membro com a mão, de forma muito sutil, mas consistente.

— Oh, bem, um pouco disso e outro daquilo — disse de brincadeira.

— A propósito, quero deixar claro que minha empresa será sua. Será nossa. Venha trabalhar comigo. Você pode abrir um novo departamento e gerenciá-lo. Não vou interferir em nada, vamos colocar por escrito.

Ela torceu o nariz.

— E ter que acordar com um telefonema de um chefe valentão e mandão

às seis da manhã? — ela perguntou rindo, enquanto Sean se acomodava nela, e espalhava suas coxas com os joelhos para abrir espaço. — Não, obrigado, prefiro ser minha própria chefe.

Ele deu uma risada rouca.

— O que você acha se eu lhe der uma amostra de como seria acordar ao meu lado todos os dias, meu amor? — ele perguntou, deslizando suavemente em seu canal úmido, centímetro por centímetro, alargando-a.

Ela agarrou seus ombros masculinos enquanto suas pernas envolveram a cintura de Sean para senti-lo mais profundamente dentro dela. Ele começou a empurrar com suavidade firme.

— Eu gostaria... gostaria que clareasse minha mente... — ela ofegou, mas ele acelerou o ritmo das investidas. — Sim, oh... Sean! — ofegou antes de absorver seus gemidos com a boca, transformando a risada em pulsos de prazer que duraram o resto da noite em que continuaram a se amar.

EPÍLOGO

Três anos depois.

Aos sábados, os Winthrop tentavam ficar em casa. Gostavam de cozinhar juntos, brincar com os filhos e claro, fazer amor, porque apesar do passar dos anos, a paixão que existia em vez de se esvaír aos poucos foi crescendo.

— Mãe! — exclamou Milla do sofá de vime que ficava no quintal da casa, que seus pais compraram depois de se casar. Ela colocou todos os seus cadernos na mesa de centro e aproveitou a natureza ao seu redor. — Charles arruinou meu dever de casa de desenho. Veja.

Tracy olhou para Sean, e ele apenas riu enquanto terminava de bater o creme para o bolo que estavam fazendo. Não tinha aprendido a fazer cupcakes ainda, e todos os doces que assou continuavam queimando. Tracy suspeitava que ele gostava do processo de interação na cozinha com sua Milla, e desfrutava vendo-a irritada e depois rindo e correndo pela casa tentando fazer Sean comer o cupcake mais queimado e que tinha a pior aparência.

Eles estavam casados há três anos. Tiveram brigas terríveis, mas reconciliações maravilhosas. Discutiram e também criaram memórias que enchiam seus corações com uma alegria que nunca pensaram ser possível, especialmente depois de seus relacionamentos românticos caóticos.

Sean confessou a Tracy que quando a empresa de Adrian Haunier afundou na bolsa de valores e logo depois fechou, não foi por falta de uma estrutura criativa, mas sim porque ele moveu céus e terras para expor a roupa suja de manobras corruptas que Haunier havia feito.

O homem manteve um registro fraudulento de golpes de alguns clientes de pequenas empresas, sem que eles fossem vinculados a contratos de

confidencialidade, podendo fazer qualquer coisa, e ele também tinha negócios duvidosos que, graças ao investigador particular de Sean, foram descobertos e as evidências enviadas para a polícia anonimamente.

— Por que você fez isso? — ela perguntou a ele. — Adrian deixou de fazer parte da minha vida há muitos, muitos anos, antes mesmo de eu conhecer você.

— Porque eu te amo, e se eu pudesse fazer aquele bastardo pagar pelo dano que ele fez a você antes de eu entrar em sua vida, então eu não ficaria de braços cruzados.

Ela não discutiu, e o nome de Haunier nunca foi mencionado novamente.

— Estou indo, Milla! — exclamou Tracy caminhando em direção ao pátio arborizado que eles tinham. Havia construído uma grande piscina com várias alturas para que Milla pudesse aproveitá-la, e eles também nas horas vagas.

A casa tinha estantes com fotos dos momentos mais importantes de suas vidas. Com amigos e especialmente com Milla e seu filho de um ano, Charles. O menino era um amor, sim, mas tinha mãozinhas muito travessas que faziam o que faziam quando sua irmã mais velha era descuidada por um momento.

Tracy não aceitou a ideia de trabalhar no Grupo SW novamente e, em quatro meses, começou a trabalhar em sua própria marca. T-Designs. Para não ficar tanto tempo longe do Sean, pois os horários deles os estavam consumindo, ela decidiu alugar um escritório no mesmo andar corporativo onde o Grupo SW estava localizado.

Embora seu marido não fosse mais seu chefe, ele continuou a acordá-la às seis da manhã para aproveitar antes de começar um longo dia. Dormir em seus braços era a melhor parte do dia quando ela chegava exausta, e acordando entre eles, sua alegria constante.

Eles ainda não haviam discutido o que um dia diriam a Milla sobre Sandy, mas ainda havia tempo para pensar em algo coerente. Os Maynards estavam fora de suas vidas, e a vida que levavam foi finalmente preenchida

com tranquilidade. Exceto em situações familiares típicas, estresse no trabalho ou discussões.

Com o passar do tempo, Tracy passou a conhecer melhor Jackson e Lucy, assim como o resto do grupo que formava o círculo pessoal mais próximo de seu marido. Ela sabia que tinha sorte de ter um grupo de pessoas com quem, ela sabia, sempre poderia contar.

Até mesmo sua melhor amiga, Bethany, com seus altos e baixos, conseguiu seguir em frente depois que seu relacionamento com Peyton Baranski não deu os frutos que ela esperava. Tracy, quando apresentada, gostou de Peyton e lamentou que a relação entre sua melhor amiga e a advogada não tivesse funcionado. No dia em que Sean e Milla conheceram Bethany, porque ela era a dama de honra, gostaram dela imediatamente. Sua amiga continuou em sua tentativa de encontrar sua alma gêmea, e sempre que podia, viajava para Toronto.

Lucas, irmão de Bethany, após uma conversa franca sobre sua descoberta para se reencontrar, apoiou-a sem julgamento. A mãe deles havia falecido há dois anos, não antes de ter ouvido a verdade por trás da realidade da filha. Ela apenas deu amor, como sempre fazia.

Becky havia se mudado para a Austrália cinco meses depois que Sean e Tracy ficaram noivos e, devido a seus horários de trabalho, ela não pôde comparecer à cerimônia de casamento. Tracy sentia sua falta, mas sempre havia a maravilhosa tecnologia de comunicação.

— Vamos ver, pequenina, o que aconteceu? — Tracy perguntou acariciando os cabelos da filha. Ela havia lhe dado o melhor presente quando, ao final da dança dos noivos durante o casamento, perguntou se poderia chamá-la de 'mãe', Tracy só precisava abraçá-la com força e tentar não chorar. Não teve sucesso no segundo.

— Charles danificou meu dever de casa, agora o que eu faço? — fez um beicinho, enquanto Tallulah vagava por aí, presunçosa e mais mimada do que nunca.

Tracy viu o filho dar passos curtos e estava prestes a jogar o vaso no

chão. Correu e o ergueu. Ela deu-lhe vários beijos nas bochechas rechonchudas e depois o abraçou com amor. O menino tinha seus olhos, mas seu cabelo era encaracolado e escuro como o de seu pai.

Sean apareceu naquele momento e inspecionou a cena. Ele sorriu e sentiu seu coração se encher de amor. Depois de tantas adversidades, a vida o recompensou, não apenas com uma mulher sensual, inteligente e cheia de recursos, mas com um filho saudável e uma filha corajosa e generosa. *Sua família.*

— Bem, você tem que fazer isso de novo, princesa — disse Sean sentando-se ao lado de sua filha no amplo sofá no jardim. — Às vezes temos que começar tudo do zero, por isso valorizamos o esforço que fizemos da primeira vez, principalmente se não deu certo.

— Funcionou, pai, mas Charles estragou!

Tracy não conseguiu evitar o riso. Com Charles nos braços, ela se sentou ao lado de Sean. Ele colocou o braço em volta da cintura dela, antes de beijá-la suavemente, mas com firmeza, nos lábios.

— Obrigada por me dar essa linda família, Tracy — sussurrou em seu ouvido. — Te amo.

— Fizemos juntos — murmurou ela enquanto a filha relutantemente começava tudo de novo e Charles adormecia em seus braços —, e é isso que conta.

FIM

*Lembre-se de deixar sua opinião na Amazon!
Como autor independente, seu apoio é importante para mim. Obrigado por
escolher esta história!*

AGRADECIMIENTOS

A edição deste romance foi concluída poucos dias depois que um grande escritor e amigo espanhol generoso, Enrique Laso Fuentes, falecer. Ele não apenas deixa vazio o coração dos membros de sua família, mas também o do mundo da auto publicação e do qual ele foi um dos pioneiros. Sempre serei grata a você por seus conselhos, tempo e sugestões valiosas que me ajudaram a tomar decisões nas águas turbulentas do marketing digital.

Para pessoas como Enrique, a ideia de fazer parte de uma comunidade de escritores parecia mais real, e sua partida me deixa muito triste. Obrigada Enrique por tudo, descanse em paz e que a viagem seja leve para você.

Quero agradecer a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, sempre me procuraram neste caminho íngreme da literatura, principalmente no mundo independente, um mundo que não é nada simples. "Um homem de família" é meu romance vinte em três em cinco anos, e não quero que esse número pare de aumentar. Escrever é minha paixão e meu prazer. A certeza de que pelo menos uma pessoa sorrirá ao virar a última página de um dos meus romances faz valer a pena todo o esforço, tempo e entusiasmo que invisto para escrever cada livro.

A você, leitor, por me permitir viver a atividade que mais gosto: escrever, ler e viajar. OBRIGADA. Você é o motor desta aventura. Nada seria possível sem o apoio que sempre me dá. Obrigada, sempre, obrigada!

SOBRE A AUTORA



Escritora equatoriana de romances e ávida leitora do gênero, Kristel Ralston é apaixonada pelas histórias que acontecem entre palácios e castelos na Europa. Embora gostasse de sua profissão de jornalista, decidiu fazer outra abordagem em sua carreira e ir para o velho continente fazer um mestrado em Relações Públicas. Foi durante sua estada na Europa que leu vários romances que a cativaram e a levaram a escrever seu primeiro manuscrito. Desde então, nem sua variada biblioteca pessoal nem sua agenda semanal carecem de livros desse gênero literário.

Em 2014, Kristel deixou seu trabalho de escritório com horário regular em uma grande empresa do Equador, onde atuou como diretora de comunicação e relações públicas, para se dedicar inteiramente à escrita. Desde então, já publicou dezenove títulos, e esse número promete continuar aumentando. A autora equatoriana não só trabalha de forma independente na plataforma da Amazon KDP, mas tem também contratos com editoras, tais como o Grupo Editorial Planeta (Espanha e Equador), Harper Collins Ibérica

(com o seu selo romântico, HQN), e Nova Casa Editorial.

Seu romance "Lazos de Cristal" foi um dos cinco manuscritos finalistas anunciados no II Concurso Literário de Autores Indies (2015), promovido pela Amazon, Diario El Mundo, Audible e Esfera de Libros. Este concurso recebeu mais de 1.200 manuscritos de diferentes gêneros literários de 37 países de língua espanhola. Kristel foi a única latino-americana e a única escritora de romances entre os finalistas. A autora também foi finalista do concurso de romances Leer y Leer 2013, organizado pela Editoria Vestales da Argentina, e do blog literário Escrib Romántica.

Kristel Ralston publicou vários romances como: Estava Escrito nas Estrelas, Entre as Areias do Tempo, Brilho da lua, Enquanto não estava, Ponto de Partida, Vingança Errada, O Preço do Passado, Um Acordo Inconveniente, Laços de Cristal, Sob Suas Condições, O último risco, Voltar para você, Um capricho do destino, Desafiando o coração, Além do pôr do sol, entre outros. Os romances da autora também podem ser encontrados em várias línguas, como inglês, francês, italiano, alemão e português.

A autora foi indicada pela conceituada publicação equatoriana, a Revista Hogar, como uma das mulheres do ano de 2015 por sua notável obra literária. No mesmo ano, participou da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no estande da Amazon, como uma das escritoras de romances mais vendidas da plataforma e como finalista do II Concurso Literário de Autores Indies. Ela repetiu a experiência, compartilhando seu testemunho como uma bem-sucedida redatora do Amazon KDP em espanhol, em março de 2016, visitando várias universidades na Cidade do México e em Monterrey.

Kristel é a primeira escritora equatoriana de romances reconhecidas nacional e internacionalmente. Ela fez sua residência temporária em Guayaquil, Equador, e acredita firmemente que os sonhos se realizam. A autora gosta de viajar pelo mundo e escrever romances que convidam os leitores a nunca parar de sonhar com finais felizes.

Instagram: @KristelRalston

Web: www.kristel-ralston.com
kristelralstonwriter@gmail.com